U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

A Cidade, o Espelho e a Memória

Joana Torgal Pinheiro

M

2017

A CIDADE, O ESPELHO E A MEMÓRIA

Joana Torgal Pinheiro

Orientador: Prof. José Manuel Soares

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

FAUP

2017

O corpo de texto da presente Dissertação
foi escrito de acordo com o antigo Acordo Ortográfico.

AGRADECIMENTOS /

Aos meus pais,
às avós,
ao meu padrinho,
à Paulinha.

À Sílvia, com saudade.

Ao professor José Manuel Soares, pela paciência,
pelas palavras, pelas lições.

Aos meus amigos,
às 'peixinhas' Alexandra, Bicas, Mafalda e Adriana,
à casa do Rosário, Salsa, André e Miguel.
aos de cá, Tomás, Gui, Zezé, Paulo, Zé e Kiki.
às de sempre, Adriana e Mariana.

À Casa da Juventude.

À comunidade,

A Calvino, e às cidades

terminando, com uma das frases mais belas que ouvi,
pela Lourdes Castro no documentário
'Pelas Sombras' - "agradeço ao avô por ter deixado o seu olhar na beleza deste sítio e grato ao céu e à terra em ter
começado a respirar aqui."

RESUMO /

A presente dissertação encerra nas suas páginas um processo de incursão e pensamento sobre Amarante, incidindo particularmente no Centro Histórico. Organiza-se em quatro capítulos - As Sombras, a Cidade, o Espelho e a Memória - que se cruzam e completam.

Em 'As sombras' procura-se o método, a construção de um modo de ver a cidade, como se de literatura se tratasse, constrói-se um atlas de referências constantes do discurso, que se transfiguram no decorrer do texto.

'A Cidade' é a aproximação ao caso de estudo, numa estratégia de contacto e permanência. É Amarante, a cidade-casa, ponto inicial e de regresso, de enraizamento e de distância. Serão também tantas outras, as que se escrevem e as que se lêem. Está fortemente vinculada ao Compêndio Fotográfico, um caderno exterior ao texto, composto por um ensaio fotográfico do lugar. Deseja-se que este elemento seja transversal à leitura de todo o texto, funcionando como um auxiliar de memória, que associado ao texto ajuda à construção de uma imagem da cidade e do lugar.

Conta-se a cidade.

Em 'O Espelho' escreve-se a transformação do que é descrito em 'A Cidade', procura não só, continuá-lo mas também, enunciar um olhar crítico, o levantamento de dúvidas e a procura de estratégias. É na analogia principal rio e imagem especular da Cidade e do indivíduo. Funciona como um eixo, entre o discurso que escreve a cidade, e o que a irá desejar.

Vê-se a cidade.

'A memória' será a condição de ser pessoa ou ser cidade, acreditando na construção "das coisas a partir das coisas", do futuro pelo passado e presente, a memória será espelho do que se foi e é. Apresenta-se como um álbum, uma colagem de fragmentos do processo de pensamento. Termina com a materialização das intenções, numa produção projectual que ainda que seja o último elemento que se apresenta, não visa que se compreenda a produção anterior como um caminho unidireccional para a sua concretização, uma vez que se considera o objectivo da dissertação o acto de pensar a cidade.

Deseja-se a cidade.

ABSTRACT /

The present dissertation contains in its pages a process of incursion and thought about Amarante, focusing particularly on the Historical Center. It is organized into four chapters - The Shadows, the City, the Mirror and the Memory - that intersect and complete.

In 'The Shadows' , the search for the method, the construction of a way to see the city, as if was literature, it is constructed an atlas of constant references of the speech, that is transfigured in the course of the text.

'The City' is the approach to the case study, in a strategy of contact and permanence. It is Amarante, the city-home, starting and return point, of rooting and distance. There will also be many others, those that are written and those that are read. It is strongly linked to the Photographic Compendium, a notebook outside the text, composed by a photographic essay of the place. It is hoped that this element is transversal to the reading of the entire text, functioning as a memory aid, which associated with the text helps the construction of an image of the city and the place.

The city is told.

In 'The Mirror' is written the transformation of what is described in 'The City', it seeks not only to continue but also to enunciate a critical view, the raising of doubts and the search for strategies. It is in the principal analogy river and mirror image of the City and the individual. It functions as an axis, between the discourse that writes the city, and the one that will desire it.

The city is seen.

'Memory' will be the condition of being a person or being a city, believing in the construction of 'things from things', of the future by the past and present, memory will be a mirror of what was and is. It presents itself as an album, a collage of fragments of the process of thought. It ends with the materialization of the intentions, in a projectual production that although is the last element presented, does not aim to understand the previous production as a unidirectional way to its concretization, once the objective of the dissertation is considered to be the act of thinking the city.

The city is desired.

A CIDADE, O ESPELHO E A MEMÓRIA /

OBJECTO /11
OBJECTIVO /12

I. AS SOMBRAS /13
Livro de pedra, livro de papel /15
Cidade(s) /21

II. A CIDADE /25
A cidade e o território /28
A memória da Cidade /29
A cidade e o espelho /41
A cidade e a memória /44
Percurso /46
I. Quelha das Garridas /46
II. Rua da Pedra d'Era /49
III. Rua do Amieiro /51
IV. Rua Manuel de Barros /54
V. Rua Cândido dos Reis /58
VI. Rua Francisco Sá Carneiro /60
VII. Rua Teixeira de Vasconcelos /62
VIII. Rua 5 de Outubro /64
À margem /66

III. O ESPELHO /72
Sombra de um lugar /76
A inevitabilidade de nascer das coisas /79
Decompor / para unir /86
A cidade já não mora ali /105

IV. A MEMÓRIA /111
Álbum /115
Sobre a escrita, a fotografia e o desenho /115
Da memória ao espelho fazer cidade. /119
Processo /121
A Cidade, o Espelho e a Memória /132

BIBLIOGRAFIA /162
ICONOGRAFIA /166
ANEXOS /170

A CIDADE, O ESPELHO E A MEMÓRIA /
COMPÊNDIO FOTOGRÁFICO

1. A Cidade e o Território */4*
2. A Cidade e o Espelho */9*
3. Um percurso */17*
    I. Quelha das Garridas */18*
    II. Rua da Pedra d'Era */29*
    III. Rua do Amieiro */40*
    IV. Rua Manuel de Barros */51*
    V. Rua Cândido dos Reis */73*
    VI. Rua Francisco Sá Carneiro */84*
    VII. Rua Teixeira de Vasconcelos */96*
    VIII. Rua 5 de Outubro */104*

4. À Margem */112*
5. A sombra de um lugar */131*
6. Eudóxia */148*

OBJECTO /

"Sem esta terra funda e fundo rio
que ergue as asas e sobe em claro voo,
sem estes ermos montes e arvoredos,
eu não era o que sou" [1]

A escolha do objecto de estudo surge do retorno à cidade-casa, à paisagem da memória de sempre, num regresso às raízes, uma aproximação que se construiu a partir do distanciamento, de um apego que surge do desapego, de uma viagem à memória no presente, em busca de uma identidade que se impõe.

"A minha identidade mais profunda está aqui" [2]

A área de estudo situa-se em Amarante, no centro histórico, estendendo-se ao longo da margem direita do rio Tâmega, do Rossio à Casa dos Morleiros, e é delimitada pelo quarteirão da Rua Cândido dos Reis, pela Rua Francisco Sá Carneiro e pelo Tâmega.

Esta zona representa o que não se deseja na fotografia, aquela que consciente ou inconscientemente se ignora, que se mascara e que a própria natureza parece desejar esconder. Actualmente, este lugar encontra-se esquecido, abandonado e descaracterizado, na sua articulação com um rio que ora é encaminhado pelas margens, ora as devassa, com a sua continuação a este, com a margem oposta e com a cidade. É o lugar para onde se voltam as fachadas tardoz dos edifícios da Rua Cândido dos Reis, é zona de estacionamento temporário e terrenos baldios, onde se organiza um longo percurso em direcção a Oeste com um contacto com a cidade a Norte (a margem direita) quase nulo, presente apenas no reflexo na água.

É evidente o binómio amor/medo ao rio, se na margem esquerda se desenham espaços e equipamentos públicos, na margem direita, há um claro afastamento, acentuado pela topografia, em relação ao Tâmega que desenha cidade e por ela é desenhado.

É um sítio que deseja ser mais, numa área de fronteira entre natureza e cidade consolidada, em dissonância.

"Assim o viajante ao chegar vê duas cidades:
uma direita sobre o lago e uma reflectida de pernas para o ar. Não existe nem acontece uma coisa numa Valdrada que a outra Valdrada não repita [...] As duas cidades gémeas não são iguais, porque nada do que existe ou acontece em Valdrada é simétrico [...] vivem uma para a outra, olhando-se continuamente nos olhos, mas não se amam." [3]

1 PASCOAES, Teixeira de, a canção das sombras

2 CASTRO, Lourdes, Documentário Pelas Sombras de Catarina Mourão

3 CALVINO, Italo, As cidades invisíveis, Editorial Teorema, Lisboa, 2008 p.55

OBJECTIVO /

Propõe-se o estudo do lugar, a sua compreensão, analisando a relação das formas urbanas com o natural, o diálogo da esfera privada com o que é público e com o espelho que é rio e, ainda, perceber as condições que este rio impõe para conseguir impor.

Pretende-se entender as razões que levaram à progressiva descaracterização desta zona ribeirinha e intervir, testando e reorganizando de forma a construir um discurso capaz de completar, dialogar, potenciar e relacionar, de um modo não invasivo, uma nova articulação de continuação de construção da paisagem.

Pretende-se, também, a criação de novos percursos de relação com o rio e entre a cota alta da cidade com a frente fluvial, com escalas distintas, assim como ordenar e qualificar os espaços de estar e limites, visando a implantação de novos contextos em harmonia com a pré-existência, de modo a encontrar uma nova urbanidade capaz de resolver conflitos actualmente evidentes na cidade.

E, num processo que terá muito de experimentação, de procura, aproximação e pesquisa, deseja-se alargar o conhecimento da cidade que é casa e do espelho que é rio e é memória.

I. AS SOMBRAS

"A arquitectura começou como qualquer escrito. Em primeiro lugar foi alfabeto. Colava-se uma pedra e isso era uma letra, e cada letra era um hieróglifo e sobre cada hieróglifo repousava um grupo de ideias(....)Mais tarde fizeram-se as palavras. Puseram pedra sobre pedra, juntaram-se essas sílabas de granito, o verbo tentou fazer algumas combinações. (...)Finalmente fizeram-se livros." [4]

4. CHOAY, Françoise, O Urbanismo, Editora Perspectiva, São Paulo, 1992, p.324

FIG[01] Lourdes Castro, sombra



"LIVRO DE PEDRA, LIVRO DE PAPEL" /

Na metáfora de Vitor Hugo encontra-se o método, ler a cidade, como se de um escrito se tratasse, o *"o livro da humanidade"*[5]. Constrói um modo de a ver, de a pensar, um olhar crítico que percorre as ruas com a mesma atenção com que se lê um parágrafo; como a mente do leitor se infiltra na narrativa, tornando-se também em personagem, não só enquanto voyeur, mas também no que resulta da metamorfose da relação emissor-receptor - tornando-se parte.

Esta aproximação à arquitectura, à cidade, pressupõe contrariar aquela que João dos Santos (psicanalista) aponta como missão da escola primária *"instituição destinada a corrigir nas crianças o vício impertinente de lerem na Natureza, nas Pessoas e nas Coisas"*[6] visando mesmo fortalecer a relação que se estabelece entre o espaço e a pessoa, transpondo para o papel não só as questões geométricas e físicas, mas também a atmosfera, a 'sombra' da cidade. Torna-se esta aproximação, quase obsessiva, num vício de ler a cidade pelo contacto, numa lógica não só racional mas emotiva, encadeada.

Um olhar que *"percorre as ruas como páginas escritas"* porque *"a cidade diz tudo o que deves pensar"* [7].

"Todos nós, seres físicos, espirituais e sobretudo humanos, vivemos os espaços com uma adesão integral e orgânica"[8], será portanto sempre redutor um pensamento construído apenas de relações mecânicas, planimétricas, sem contacto, porque *"quem voa, vê apenas como a estrada atravessa a paisagem, para ele, ela desenrola-se segundo as mesmas leis que regem toda a topografia envolvente."*[9] Concorda-se que *"só quem percorre a estrada a pé sente o seu poder e o modo como ela, a cada curva faz saltar do terreno plano (que para o aviador é apenas a extensão da planície) objectos distantes, miradouros, clareiras, perspectivas, como a voz do comandante, que faz avançar soldados na frente da batalha."* [10]

Kevin Lynch (em *'A imagem da cidade'*) constrói um método para a compreensão e posterior intervenção arquitectónica nas cidades, baseada na imagem mental que os seus habitantes dela têm, com a convicção de que a análise da forma existente e os seus efeitos sobre os cidadãos é uma das pedras angulares da cidade. Apresenta o conceito de legibilidade – *"a facilidade com a qual as partes (da cidade) podem ser reconhecidas e organizadas"*[11], a uma boa imagem de cidade corresponderia uma imagem nítida no imaginário dos habitantes. Uma cidade legível será então aquela em que os elementos que a constituem (parafraseando): as vias que podem ser passeios, ruas, canais, ao longo dos quais o observador se move; os limites, fronteiras entre duas partes, interrupções; os bairros, regiões médias ou grandes, com traços recognoscíveis ou características comuns; os cruzamentos, junções, locais de interrupções de transportes, lugares estratégicos; e os pontos marcantes, que podem situar-se dentro da cidade ou a uma tal distância que desempenham a função de símbolo de direcção. Ao conceito de legibilidade está fortemente articulada a ideia de imaginabilidade, o nome que se dá *"àquela qualidade de um objecto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador"* [12].

Imagens fortes, ou seja, a capacidade de um objecto físico funcionar enquanto referência para o observador (este que também poderá ser treinado, como relatam as experiências a sujeitos vendados que andando por um labirinto, ao fim de um número

5 idem p.324

6 idem p.324

7 SANTOS, João dos, Ensinaram-me a Ler o Mundo à Minha Volta. Assírio & Alvim, Lisboa, 2007

8 SANTOS, Carlos Nelson F. dos, A cidade como um jogo de cartas, Projeto Editores, São Paulo, 1988 p.5

9 ZEVI, Bruno, Saber ver a arquitectura, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 2009 p.52

10 BENJAMIN, Walter, Imagens de Pensamento, Assírio e Alvim, Lisboa, 2004 p.14

11 LYNCH, Kevin, A imagem da Cidade, Edições 70, Lisboa, 1999 p.13

de repetições conseguiam reconhecer parte da estrutura espacial, principalmente o início e o fim, num conhecimento que advém da repetição) contribuirão para uma visão clara e estruturada da cidade. *"Aumentar a imaginabilidade do ambiente urbano significa facilitar a sua identificação e estruturação visual"* [13] num processo que decorre num determinado tempo, já que *"o design da cidade é uma arte temporal"* [14] tendo sempre por base a memória da cidade, que não poderá ser desvirtuada e esquecida. Assim, nada é isolado, e será sempre vivenciado na sua totalidade.

"A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição, ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, À recordação de experiências passadas."[15]

Calvino, em 'As Cidades Invisíveis', 'ensina' a ler nas cidades as múltiplas questões da arquitectura e do urbanismo. Escondem-se nas suas páginas laivos de memória do leitor, as cidades são (d)escritas pela sua voz, mas quem o ouve *"só fixa as pérolas que deseja"*[16], num discurso que quem comanda *"é não a voz: é o ouvido".*[17] Esta percepção de que a leitura será quase sempre subjectiva, lida a obra em continuidade ou aberta página ao calhas e de modo intermitente. Seja pela escrita e intencionalidade do autor de indução à reflexão das cidades da memória -as cidades invisíveis de cada um, seja pelo quase efeito placebo, de sobre um elemento poder pensar outro, como na ideia do 'espelho em negativo' ou mesmo só de espelho no sentido de uma nova percepção-imagem de outra imagem, o livro tornou-se no presente caso, num objecto-museu, ao qual se recorre inúmeras vezes, em busca de respostas e inspiração.

Escreve cidades imperfeitas (porque todas o são) apresentando-as sempre numa visão dual, antagónica. Conta-as numa perspectiva de presença, de contacto, num discurso que descreve as experiências à voz de Marco Polo, (não necessariamente reais) contadas a Kublai Kan que, condicionado pelo seu próprio conhecimento, as irá compreender. O mesmo se passa com o leitor. Calvino 'percorre', descreve, Kublai ouve, e o leitor lê e, em nenhum caso, o entendimento será o mesmo. Sem nunca falar de Veneza, a cidade-casa, Calvino conta-a num acto de prestidigitação, metamorfoseada em todas as outras.

Calvino descreve a questão da 'legibilidade' e 'imaginabilidade' nos apólogos da *cidade e os sinais*, - *"os olhos não vêem coisas mas sim figuras de coisas que significam outras coisas"* [18]

Em *Tamara*, a compreensão da cidade pelas coisas que a significam, pelo significado que o indivíduo lhe atribui, pelos sinais e seus significados. A cidade é lida como um encadeamento de símbolos direccionais - a linguagem da cidade – que, como qualquer linguagem, é profundamente subjectiva, por conseguinte, não pode ser tida como realidade absoluta, já que a apreensão que fazemos da cidade depende da nossa interpretação destes mesmos signos e do modo como descodificamos os seus códigos para a sua compreensão.

Em *Hipácia*, retrata-se a subversão da significação, um esquecimento que possa permitir uma nova aprendizagem, a apreensão de que a linguagem dos signos não é universal e intransponível *"os sinais formam uma língua, mas não a que julgas conhecer. Compreendi que devia libertar-me das imagens que até aqui me haviam anunciado as coisas que procurava"*

12 idem p.20

13 idem p.11

14 idem p.11

15 CALVINO, Italo, As cidades invisíveis, Editorial Teorema, Lisboa, 2008 p.17

16 idem p.139

17 idem p.139

18 idem p. 50

já que *"não há linguagem sem engano."*[19]

Zirma, tal como a memória, *"é redundante: repete-se para que haja qualquer coisa que se fixe na mente"*[20] escreve-se aqui sobre as movimentações da memória (que notoriamente será variável ente elementos), e a construção de significado pela repetição, assimilação e perpetuação.

Zoé é uma cidade onde não há símbolos porque todas as coisas têm a mesma forma e função, assim *"o viajante anda anda e só tem dúvidas: não conseguindo distinguir os pontos da cidade, até os pontos que ele tem distintos na mente se misturam"*[21] *Zoé* é portanto uma cidade ininteligível.

Olívia é escrita com um discurso que parte não da cidade mas do seu significado, da atribuição de significados, *"cidade rica cheia de produtos e de lucros, para significar a sua prosperidade não tenho outro meio que não seja falar de palácios de filigrana"*[22] caminha-se para a desconstrução, ainda que a mentira não esteja no discurso que descreve a cidade, mas nas coisas, diz. Compreende-se que a mentira não está nas coisas ou no signo, mas na sua significação, no que ela representa ao indivíduo, portanto o discurso será enganador (ainda que não mentiroso) já que a interpretação dos signos depende da memória do indivíduo.

Em *as cidades e a memória,* escreve cidades voltadas para o passado que se crê mais glorioso que o presente ou o futuro, são cidades que não assumem uma postura crítica e que, com passividade, deixam que o tempo as torne as ruínas de uma cidade que em tempos fora ilustre *"Na praça há o paredão dos velhos que vêem passar a juventude [...] os desejos são já recordações"*[23].

Zora é uma cidade inteligível, da qual se cria uma espécie de mnemónica, obrigada a manter-se igual para melhor ser recordada, *"estagnou, desfez-se e desapareceu."*[24]

Ou, o caso de *Maurília*, que se crê ser fulcral. Desta cidade eram apresentados ao viajante, enquanto a percorria, postais ilustrados de como era antes com o objectivo de que estes fossem enaltecidos e a cidade de hoje preterida. No entanto, com tanta vivência na memória, *Maurília* não evolui e nunca será a cidade que poderia ter sido, nem tampouco será a cidade que em tempos foi.

As cidades e o desejo remetem para visões duais, apresentando o conhecimento que das cidades se constrói, com a base na perspectiva do observador, *"todos os habitantes que o visitam, escolhem a cidade que corresponde aos seus desejos... não por serem todas reais mas por serem todas presumíveis"*[25]

As cidades subtis, evocam um certo desenraizamento, um levantar do chão. Lançam sempre a ideia de uma plano geral que lhes dá a forma, em descrições etéreas e surreais, sonhadas, imaginadas.

As cidades e as trocas, remetem para a ideia de circulação, de fluxos, de ligações entre os elementos da cidade, movimentos, rotações - *"teias de relações intricadas que procuram uma forma"*[26]

As cidades e os olhos, reproduzem, de novo, a dualidade da perspectiva do ob-

19 idem p.23

20 idem p.36

21 idem p.63

22 idem p.12

23 idem p. 20

24 idem p. 35

25 idem p. 78

26 idem p.78

servador, em *Valdrada* a cidade é reflectida pela água como um espelho, revelando dois modos de ver, crê-se que pretende demonstrar a multiplicidade de perspectivas que aos olhos de cada um a cidade se pode apresentar. A ideia do real e da imagem, ou ainda dos subterfúgios do real, poderá ser também entendida no encadeamento com as restantes cidades, como a cidade e o discurso que dela se produz, o imaginado e o real, o passado e o presente, o olhar do indivíduo e o colectivo, a valorização e desvalorização, da apresentação de um novo ponto de vista. Parece análogo à memória, que se forma por camadas sobrepostas, não lineares, que nos permite assumir algo mas compreender o seu oposto, a ideia de transfiguração aquando da apreensão.

27 idem p. 112

28 idem p. 147

29 idem p. 130

Nas *cidades e os mortos* lê-se a ideia de fim de ciclo, interrupção e recomeço, numa analogia ao tempo que é cíclico - o presente é a interrupção – mais cedo ou mais tarde virá a morte, o fim, para que o ciclo possa recomeçar. A cidade jamais pode estagnar. A ideia de inter-relação entre o presente, passado e futuro, de novo lembra as associações que formamos na memória, que nos permitem reconhecer símbolos e perpetuá-los enquanto linguagem. Uma noção de encadeamento, repetição ainda que não por inteiro *"os mortos trazem inovações à sua cidade"*[27]

As cidades e o céu relembram a ideia de perfeição, plano (projecto, regra, malha, cálculo) e as falhas que, pensado voltado para si, o projecto tem *"os seus números não conseguem descrever o céu"*[28]. A busca da plenitude, da perfeição, do ideal, resulta numa cidade infernal, *"Que sentido tem o vosso construir? Qual é o fim de uma cidade em construção se não uma cidade?"*[29] Relembra a questão da espectacularidade da arquitectura, de modo antagónico à ideia de que a boa arquitectura deve ser capaz de resistir à inserção da máquina de tabaco.

As *cidades contínuas* parecem relacionar-se com o ignorar da história, a ideia de apagar o dia de ontem para que o de hoje seja diferente, a negação de que as coisas nascem das coisas, a ideia da tábula rasa. Da negação do passado acaba por construir um acervo de memórias que um dia 'se derrubará sobre a cidade'. Um caos, causado pela a falta de identidade e desenraizamento, de uma procura de antecipação dos acontecimentos, tão grande, porém pouco contextualizada ao real, a ideia de cidade-genérica, uma cidade conformada pela regra e esquecimento, 'não-cidade'.

As *cidades ocultas* apresentam a ideia da dualidade, o antagonismo
parece evocar uma ideia de observação minuciosa, de ciclo, de continuidade, da leitura do presente e do futuro pelo passado, mas não só, não num sentido linear, mas num sentido de aculturação, apropriação e reconstrução, uma postura crítica fundamentada. Da felicidade e tristeza que dia-a-dia se relacionam, a leitura de algo pelo seu oposto, ou a multiplicidade de leituras que algo poderá ter. O entendimento da cidade nas suas múltiplas interpretações, por adição ou por oposição, para impor uma nova circunstância *"Mas se vasculhar ainda mais dentro deste novo germe do justo descobre-se uma pequena manchinha que se dilata como a crescente inclinação para impor o que é justo através do que é injusto, e talvez seja o germe de uma imensa metrópole [...] De minha conversa retirarás a conclusão de que a verdadeira Berenice é uma sucessão no tempo de cidades diferentes, alternadamente justas e injustas.*

30 idem p. 163

31 ROSSI, Aldo,
A arquitectura da Cidade,
Edições Cosmos, Lisboa, 2001
p.151

32 idem p. 162

33 idem p. 152

34 idem p.152

Mas a coisa de que pretendia avisar-te é outra: que todas as Berenice futuras já estão presentes neste instante." [30]

Em as *cidades ocultas* parece falar-se sobre todas as cidades actuais, e do passado, um resumo de todas as cidades invisíveis, um método para a leitura/crítica da cidade como arquitectura. As *cidades ocultas* são todas as cidades que habitamos, estudamos, percorremos, é o somatório, a memória que constantemente espelhamos enquanto indivíduos ou colectividade, no exercício da vida comum e na arquitectura.

A questão da Cidade-Casa revela-se fulcral no correr da dissertação, compreende-se não só a casa como um prolongamento da cidade, mas a cidade como um prolongamento da casa, a existência do espaço privado na sua correlação com o espaço público, já que um só existe se o outro existir. Também no sentido da cidade-sombra/cidade-espelho/cidade-implícita, a cidade que habitamos e nos abriga, a raiz, enquanto ponto de partida na formação do indivíduo no exercício da disciplina. Lemos cidades, e essas cidades lêem-se em nós.

Apresenta-se a cidade como uma casa onde o corredor são as ruas, fio condutor que distribui o morador pelos diversos quartos ou salas, porque a cidade é colectiva, é um espaço de relação e de partilha e a sala é, por convenção, o espaço de convívio da casa.

As *cidade e o nome* relacionam-se com identidade e sentido de lugar. Por se considerar a questão da identidade um pilar do pensamento que se pretende evidenciar no decorrer da dissertação, altera-se-lhe a ordem de apresentação em relação ao índice da obra de Calvino, apresentando-as em paralelo ao pensamento de Rossi de que o sentido do lugar emana do acontecimento e do signo que o fixou, a *"relação singular e no entanto universal, que existe entre uma certa situação local e as construções aí localizadas"* [31]

É a cidade - *"coisa humana por excelência"*[32] - o locus da matéria colectiva, enquanto resultado de todas as imagens que a 'desenham', da memória e do indivíduo, as imagens que nos surgem aquando do pensamento do nome de uma cidade, imagens que o nosso subconsciente cria e associa, multiplicando. Relaciona-se ainda com a questão da legibilidade que Kevin Lynch, na ideia de identidade- estrutura – significado.

Em *Leandra* é apresentada a ideia de que os deuses lhe conferem a identidade, numa referência ao pensamento clássico, onde a escolha do lugar para fundar uma cidade, ou mesmo um novo edifício era de grande importância, uma vez que se considerava o sítio governado pelo genius loci, divindade que *"presidia a tudo quanto acontecia nesse mesmo lugar"*. [33] Já que pela possibilidade de permanência *"os lugares são mais fortes que as pessoas, o cenário mais que o acontecimento"*[34], a ideia de que os 'deuses' de cada um são móveis e acompanham a pessoa, mas os do lugar permanecem, multiplicam-se e juntando-se aos pré-existentes deslocam-se com o habitante nas suas mudanças, como uma sombra.

Rossi define a morfologia urbana como a descrição dos factos urbanos e a 'alma da cidade' como a qualidade do espaço urbano, que a arquitectura não pode ser transportada, e ainda em concordância com Vitor Hugo que afirma que a história da cidade é também a história da arquitectura- as cidades são o texto da história - *"Ao falar de arquitectura não entendo referir-me apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto das suas*

arquitecturas, mas, de preferência, à arquitectura como construção. Refiro-me à construção da cidade no tempo."[35]

Do conceito do locus, facilmente se transita para o conceito de Marc-Augè, de não-lugar, ou, de novo, a ideia que Calvino apresenta em *as cidades contínuas.*

Ignorando a importância que a memória adquire na relação que o indivíduo cria com o espaço, desenham-se espaços sem carácter, impessoais, que rapidamente caem no esquecimento - os não-lugares.

"Se um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico, um espaço que não possa definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar."[36]

35 idem p 32

36 AUGÈ, Marc,
Não-Lugares Introdução a uma antropologia da sobremodernidade,
Bertrand Editora, 1994 p.83

CIDADE(S) /

Transportado pelo vento, o grão deposita-se sobre as cidades, dá-lhes forma, ressaltando-lhe partes e ocultando-lhes outras. É o mesmo pó fino que vai contando histórias, ainda que não lhas perguntem, às pessoas que por lá se movem, às vezes, alheias ao facto de também elas se encontrarem cobertas pelo mesmo pó e que a cada percurso o emanam.

Sedimenta-se.

Encha-se um punhado de areia e comece-se o processo de separação, grão a grão, aqui os minerais, o zircão e a magnetita, e além a mica. Faltariam ainda uns quantos quando o cansaço fosse declarado vencedor e a relevância da separação perder-se-ia neste minucioso trabalho, já que o que se visava era o conhecimento da areia e não cada um dos seus compósitos isolados.

Com as cidades a situação é semelhante, há casas, há ruas, praças, pessoas e tantas outras coisas. Dividi-la e procurar compreendê-la apenas através da sectorização das suas partes seria um exercício inglório, uma acção que retira significado muito mais do que significa, tal como a areia deixa de ser areia se separada, a cidade, enquanto compósito não deve ser parcelada, e compreendida como se não fora um todo, esquecendo o grão que tudo cobre e conta. Como na anatomia, pode focar-se em um órgão/elemento, no entanto, não se poderá esquecer a relação com os restantes num equilíbrio em constante balanço.

Para pensar uma cidade, acredita-se que é sempre necessário conhecê-la, algo que tem que ver com uma incursão à mesma. Com sentir a calçada, conhecer o cheiro das ruas e reconhecer sons! Fazer-se parte dela, conhecer-lhe as memórias e os movimentos, reconhecê-la; compreender o enraizamento das pessoas e dos acontecimentos à cidade, como as pessoas se relacionam com o espaço - o jogo do duplo condicionamento.

Lê-se a arquitectura não só no invólucro, mas também no negativo das formas, no espaço que as paredes produzem para que a vida dos homens possa acontecer. E se a casa é abrigo, o espaço que os muros contêm abrigando uma esfera privada de acontecimentos, a cidade é um complexo de espaços de relação do privado com o público, de relação do individual com o social. Logo, conhecer o espaço arquitectónico será conhecer o espaço social e vice-versa - será conhecer a cidade.

As cidades, o palco do mais diverso rol de acontecimentos, têm que ser capazes de responder às necessidades de quem as habita ou visita. A rede de água, a rede eléctrica, a internet, o saneamento, as redes que são também as ruas, as praças, os transportes, as pessoas, encontram-se num espaço que tem tanto de diverso, como de unitário. Não existindo esta pluralidade de redes em funcionamento e relação, a cidade enquanto estrutura urbana, será uma máquina desligada.

Não sendo o arquitecto capaz de resolver todos os problemas da cidade, deverá no exercício da sua disciplina, e no papel de homem que habita as cidades, potenciar a experiência do Homem, potenciar a Natureza, a Vida. Procurará, dentro das limitações da sua memória, revelar ao outro aspectos esquecidos, apontar novos pontos de vista, sugerir novos espaços, o descanso ou a contemplação. No resultado da sua pos-

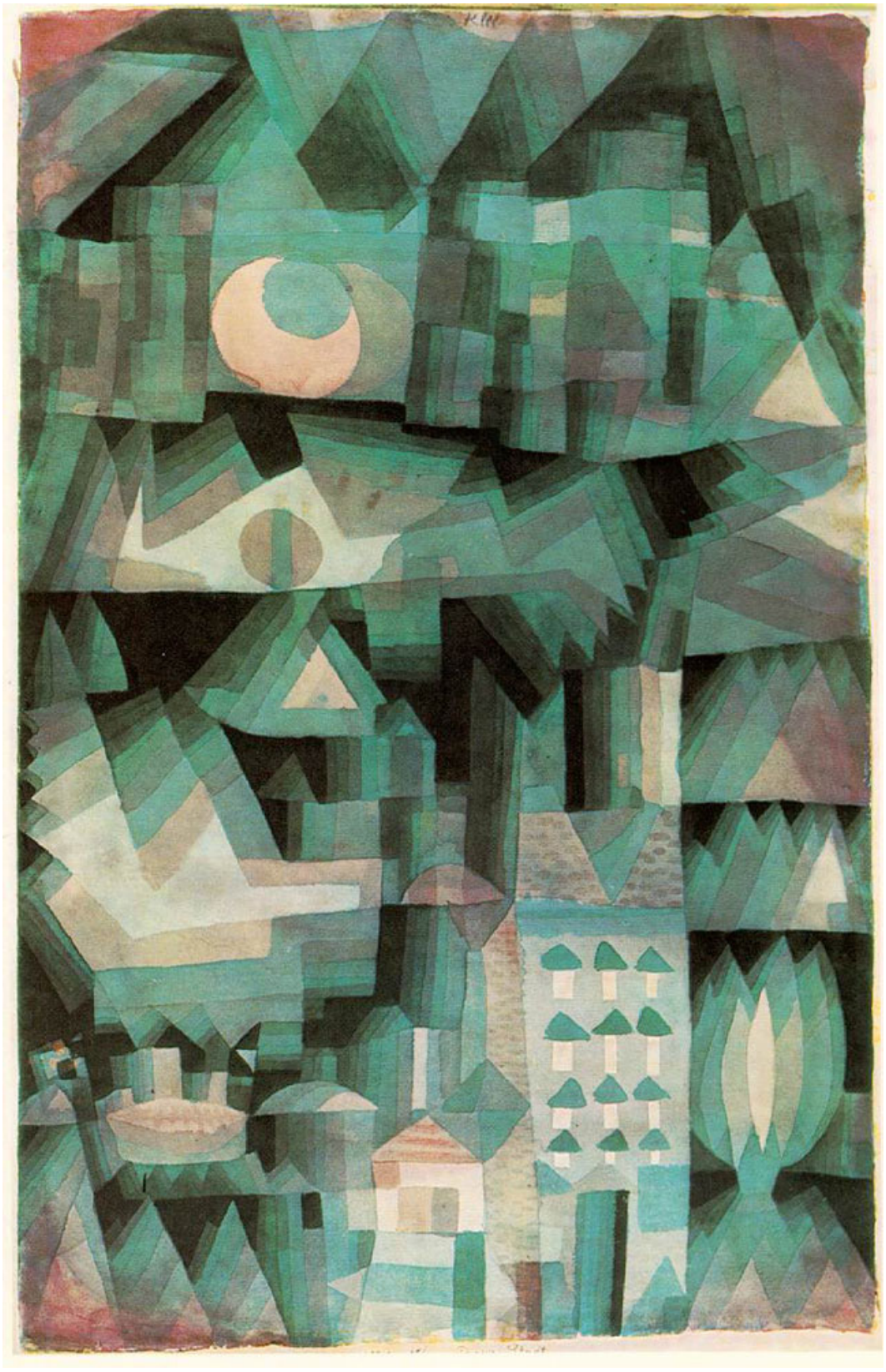
tura crítica deverá apontar as necessidades da cidade e do indivíduo (casa) enquanto ser social (em relação) e sob princípios reguladores definir uma estratégia de intervenção.

A cidade é o espaço da casa, da matéria, que é o habitáculo do homem, é, portanto, lugar das memórias, do imaterial, é por conseguinte um palco da vida, da multiplicidade das coisas, e é a cidade palco de outras cidades, porque se lêem umas em outras, por semelhança ou disparidade.

"As cidades como os sonhos são construídas de desejos e de medos, embora o fio do seu discurso seja secreto, as suas regras absurdas, as perspectivas enganosas, e todas as coisas escondam outra."[37]

37 CALVINO, Italo, As cidades invisíveis, Editorial Teorema, Lisboa, 2008 p. 42

FIG[02] Dream City- Paul Klee



Organiza-se a presente dissertação em dois blocos, o caderno - onde se insere a produção textual , e o compêndio - a parte visual. Pretende-se que os dois funcionem como um complemento imediato - os escritos ajudantes das imagens e as imagens orientadoras do texto.

II. A CIDADE

"Ninguém sabe melhor que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. E contudo entre eles há uma relação." [38]

38 CALVINO, Italo, As cidades invisíveis, Editorial Teorema, Lisboa, 2008 p. 63

FIG [03] Ortofoto de Amarante



Amarante, sub-região do Tâmega, Porto, Portugal
56 264 habitantes - 6 540 habitantes no centro -11 840 no centro alargado
301,33 km2
rio Tâmega, Serra do Marão e Aboboreira
agricultura, pecuária, metalomecânica, construção civil, transformação
de madeiras, turismo

A CIDADE E O TERRITÓRIO /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 4-8

Chegando à Cidade ser-se-á recebido pelas Serras, o Marão e a Aboboreira, que abrigam os vales por onde a cidade de Amarante se estende, e o rio que condiciona o seu desenho e a organiza. Serão presenças constantes em todo o percurso, não haverá um passo dado sem o seu consentimento, poderão não olhar directamente, surgindo como sombras, que mesmo não estando se fazem sentir.

O Tâmega corre ao fundo do vale, onde se implanta o centro histórico, por vezes mais sereno, outras forte e impetuoso. É o espelho da cidade e funcionará, para quem por momento se alhear da presença das serras, como um evocador desta presença.

A sensação de quem chega é de estar em casa, não será um edifício, a casa será a cidade e a cidade será a casa. Se por casa se entende abrigo, esta cidade também o será. As árvores, como representantes da memória das Serras serão paredes, o chão será o vale e o rio. O espaço interior, para viver, será todo aquele, entre a terra e o céu.

O viajante ou o habitante serão parte deste espaço, pertencendo-lhe e construindo-o a cada passo.

FIG [04] o Marão, fotografia de Guilherme Basto



A MEMÓRIA DA CIDADE /

FIG [05] Litografia de Gregório Francisco Assis de Queiros



É sabido que a cidade encerra na sua definição mais do que a mera representação geométrica, tanto quanto espaços e edifícios, a cidade são as pessoas e as vivências, os percursos e os usos – o quotidiano construído e construtor de cidade. A sua memória será, então, um retrato dessas mesmas vivências e mesmas pessoas no tempo, da evolução de pensamento e da adequação da geometria às necessidades do passado, do presente e do futuro.

Procura-se, através do estudo do passado da cidade, entender a cidade de hoje, reflectindo a possibilidade de reavivar memórias apagadas que constituam uma mais-valia no desenho da cidade futura.

Pretende-se escrever esta memória do caso de estudo sem pretensões historicistas, focando nas condicionantes que impuseram a evolução dos espaços e que levaram à actual morfologia da cidade.

A cidade terá sido fundada pelos Turdetanos 360 antes de Cristo, nomeada de Amarante por estar situada 'Ante Maranus', antes do Marão, ou tomando o nome do regente romano da província, Amaranto. Terá crescido com os Celtas e tomado foros de vila com os Romanos, que aí erguem em 106 a.C., a primeira ponte sobre o Tâmega, pela ordem de Trajano, como elo de ligação entre o Minho e Trás-os-Montes, assegurando a continuidade das estradas militares do império romano.

De Amarante, a cartografia mais antiga que se sabe existir, data das invasões francesas, relatando a estratégia militar das tropas. No entanto, procura-se imaginar a anterior imagem da cidade tendo em conta a data de construção dos edifícios religiosos e da ponte, dos quais a informação será mais abundante.

Partindo deste pressuposto faz-se uma descrição relativa à edificação dos mesmos elementos arquitectónicos.

-Sobre a Ponte: Sabe-se ter sido erguida pelos Romanos, para em 1250 ser reconstruída por S. Gonçalo. Terá desmoronado em 1763, na sequência de umas fortes cheias, e em 1782 Carlos Amarante projecta a ponte actual, acrescentando o desenho dos varandins em meia lua sobre o rio.

- Mosteiro de S. Gonçalo: Existiria uma Ermida erguida em honra de S. Gonçalo, no século XIII, que terá sido reconstruída dando lugar ao novo Templo e Convento, cuja construção se terá prolongado de 1548 ao século XVIII, que será intervencionado de novo, já no século XX

-Junto ao Mosteiro, a Igreja de S Domingos, concluída em 1725

-A Igreja de S. Pedro, localizada hoje entre na Rua Cândido dos Reis e a Rua Teixeira de Vasconcelos, terá sido implantada no lugar da Igreja de S. Martinho, e a sua construção terá sido concluída em 1727.

-Sobre o convento de Santa Clara, hoje em ruínas, resultado das invasões francesas, sabe-se que terá sido fundado no século XIII, e ampliado em 1560.

-A Oeste, a igreja de S. Veríssimo, construída em 1756.

Desta análise não resultaram resultados significativos para a compreensão da formação do núcleo urbano face ao que será possível compreender através das planimetrias, porém, retém-se a existência de um centro religioso na proximidade da Ponte no século XIII, consistindo na Ermida de S. Gonçalo e o Convento de Santa Clara, e a probabilidade de posteriormente haver uma articulação entre esta e a Igreja de S. Martinho, implantada no local onde depois se edificou a Igreja de S. Pedro, que provavelmente seria a actual Rua Teixeira de Vasconcelos.

Conhece-se pelas 'estórias' populares, a existência de um burgo nas margens do rio Ovelha, afluente do Tâmega; conta o mito que muitas eram as mulheres que vinham 'do Ovelha' pedir a São Gonçalo que lhes encontrasse maridos, assim, contado de voz a voz, a vogal perde-se, passando ovelha a velha e São Gonçalo ganha fama de ser o santo casamenteiro das velhas. Serve isto para constatar que possivelmente dada topografia acentuada da cidade, e pela existência de diversas linhas de água, a ocupação do território amarantino já seria uma ocupação difusa.

DA PLANIMETRIA:

A cartografia mais antiga data das invasões francesas, representando a estratégia de defesa da Ponte de Amarante, em 1809. Não parecendo um desenho rigoroso é possível verificar que a Rua Cândido dos Reis ainda não existiria, sendo assim a Rua da Cadeia – nesta planta denominada por Estrada do Porto –a Rua mais próxima da margem do Tâmega, sendo que o primeiro sector da mesma deverá corresponder à actual Rua 5 de Outubro.

Vê-se no desenho da rua, uma praça adjacente a uma Igreja, que poderá ser a Igreja de S. Martinho ou S. Pedro, que já teria sido edificada, assim compreende-se que o desenho, de parco rigor, poderá ser meramente representativo do objectivo a que se dedica e não a representação fiel do desenho da cidade.

Esta rua, juntamente com a Rua 31 de Janeiro ou Rua do 'Covelo' – a Estrada para Vila Real e Régua, seriam as vias comerciais e habitacionais principais. A representação revela ainda a existência das Azenhas, estando desenhadas duas, num acto que se crê ser meramente representativo.

Aparece uma representação da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, construída em 1758, posteriormente demolida, implantada no hoje chamado Campo da Feira.

Apesar de as conclusões não serem representativas, consegue-se compreender a existência de alargamentos, praças, junto aos edifícios religiosos.

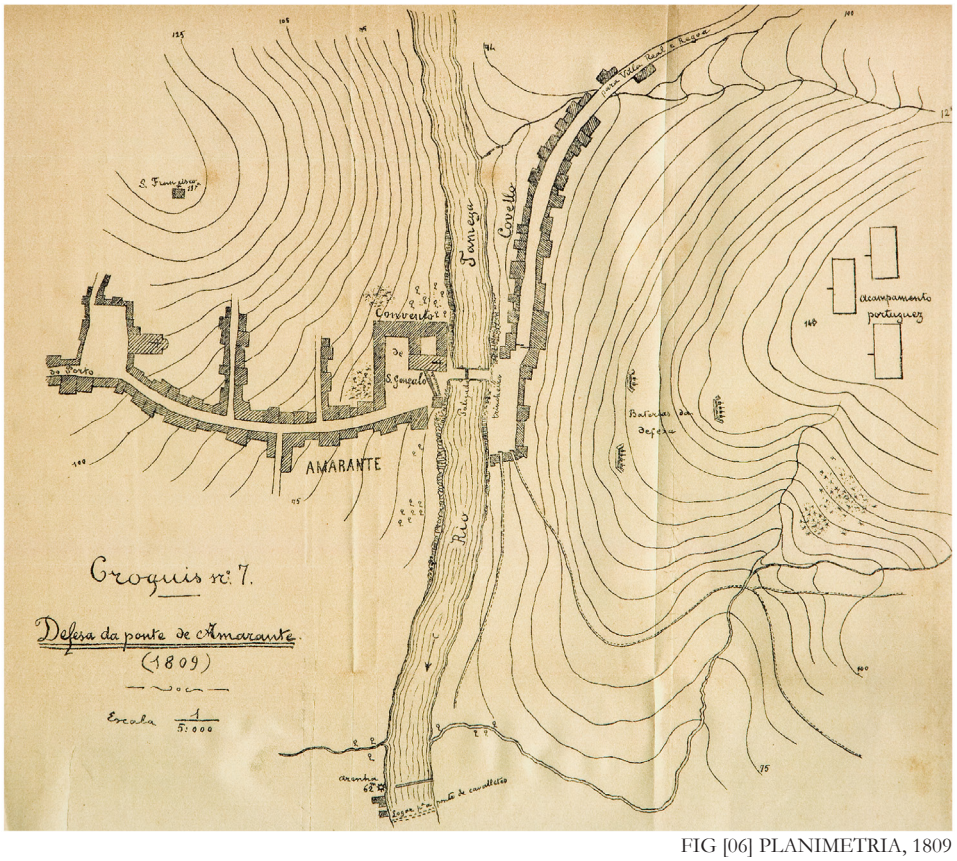
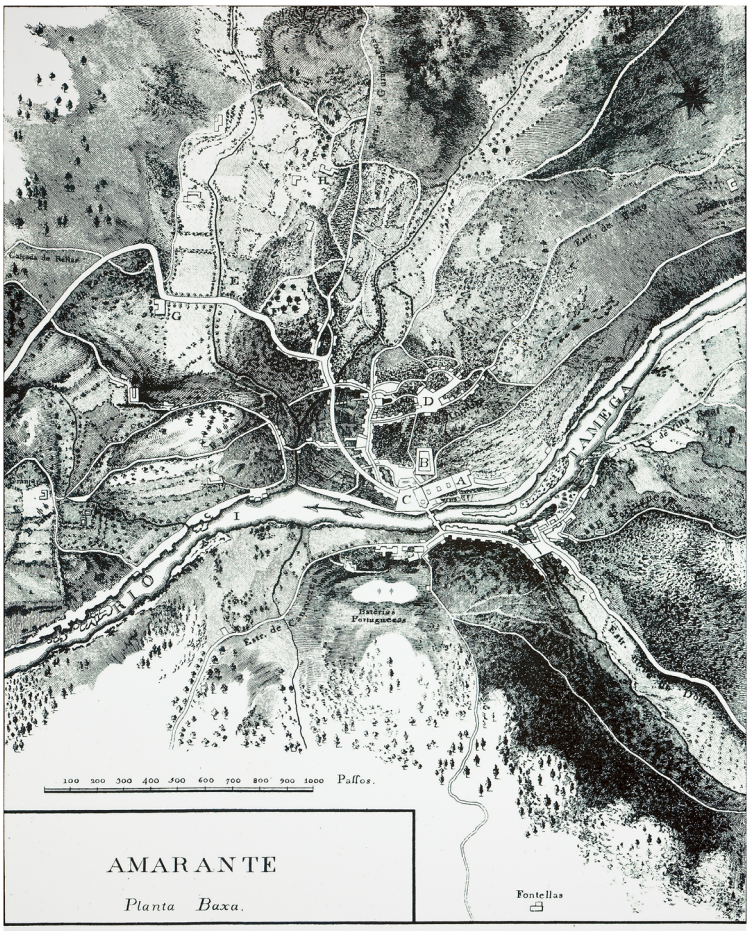


FIG [06] PLANIMETRIA, 1809

De uma planimetria que se crê ser de um tempo semelhante, porém mais rigorosa, consegue fazer-se uma leitura mais conclusiva daquilo que seria a cidade aquando as invasões.

Lêem-se indícios da que será a Rua Cândido dos Reis, parcamente construída, apenas surgindo o desenho da rua, ligando o largo do Mosteiro de S. Gonçalo a Santa Luzia. De novo, reforça a evidência de que os espaços públicos de maior relevância, se implantam na proximidade de centros religiosos, junto ao mosteiro de S. Gonçalo, Convento de Santa Clara, no Campo da Feira, e no Arquinho, que não sendo um centro religioso, se situa em posição estratégica na chegada à cidade, pela 'Estrada Nova do Doiro", imaginando-se-lhe um carácter mais comercial.

Aparece já no desenho a Quelha das Garridas, e a Rua da Pedra d'Era que vem unir o burgo da Torre, à igreja de S. Pedro/ S, Martinho, já com uma ponte sob a ribeiro de S. Lázaro e Santa Luzia, que poucos metros antes se transformam na mesma linha de água.



A. *Convento de S.ᵗ Gonçalo.* **B.** *Convento de S.ᵗᵃ Clara.* **C.** *Nova Praça de S. Gonçallo formada sobre ruinas.* **D.** *Campo da Villa, onde o inimigo se acampou, e junto do qual estabeleceu suas principais baterias.* **E.** *Oival de S. Lazaro donde os Portugueses emboscados fizerão retroceder a Cavallaria inimiga na Calçada designada de Rellas.* **F.** *Emboscada igualm.ᵗᵉ terrivel ao inimigo.* **G.** *Q.ᵈ G.ᵃˡ de Loison.* **H.** *Q.ᵈ G.ᵃˡ de Delaborde.* **I.** *Vão tentado pelo inimigo.*

Ant.ᵒ Joaq.ᵐ del.

FIG [07] PLANIMETRIA, 200 ANOS DA DEFESA DA PONTE DE AMARANTE

Associa-se a esta planta (que se crê ser posterior às invasões francesas, devido à referência da construção de uma nova Praça de S. Gonçalo) a planta para a reedificação da Vila de Amarante de 1816, que permite perceber vários aspectos da evolução da cidade. Pelas diferenças evidenciadas entre as duas, nomeadamente a representação da Igreja de S. Pedro, que não se lê na primeira, acredita-se que a primeira represente uma colagem entre elementos pré-invasões e pós-invasões.

A Rua Cândido dos Reis, ladeada por pouca construção, representando o início do desenho da rua, unindo a Praça de S. Gonçalo à Igreja de S. Pedro, e posteriormente a Santa Luzia, já com alguns edifícios,

De novo, é visível uma via já com algum casario, a demarcação da actual Rua da Pedra D'Era, que faria a articulação da Igreja de S. Pedro, com a margem do rio, porém, aqui não se encontra representada a ligação com o Bairro da Torre.

A Quelha das Garridas que já existiria, assim como a Rua 5 de Outubro que se apresenta totalmente desenhada, densamente construída.

A Rua das Bucas ou Rua Francisco Sá Carneiro, aparece delineada com o edificado a condicionar o seu início.

Neste desenho avista-se ainda a existência de um edifício ao longo da Travessa das Garridas, que se acredita tratar-se da ruína que hoje ali existe.

Vê-se um grande areal junto às Azenhas, sendo que o restante espaço já será pertença da família dos Morleiros.

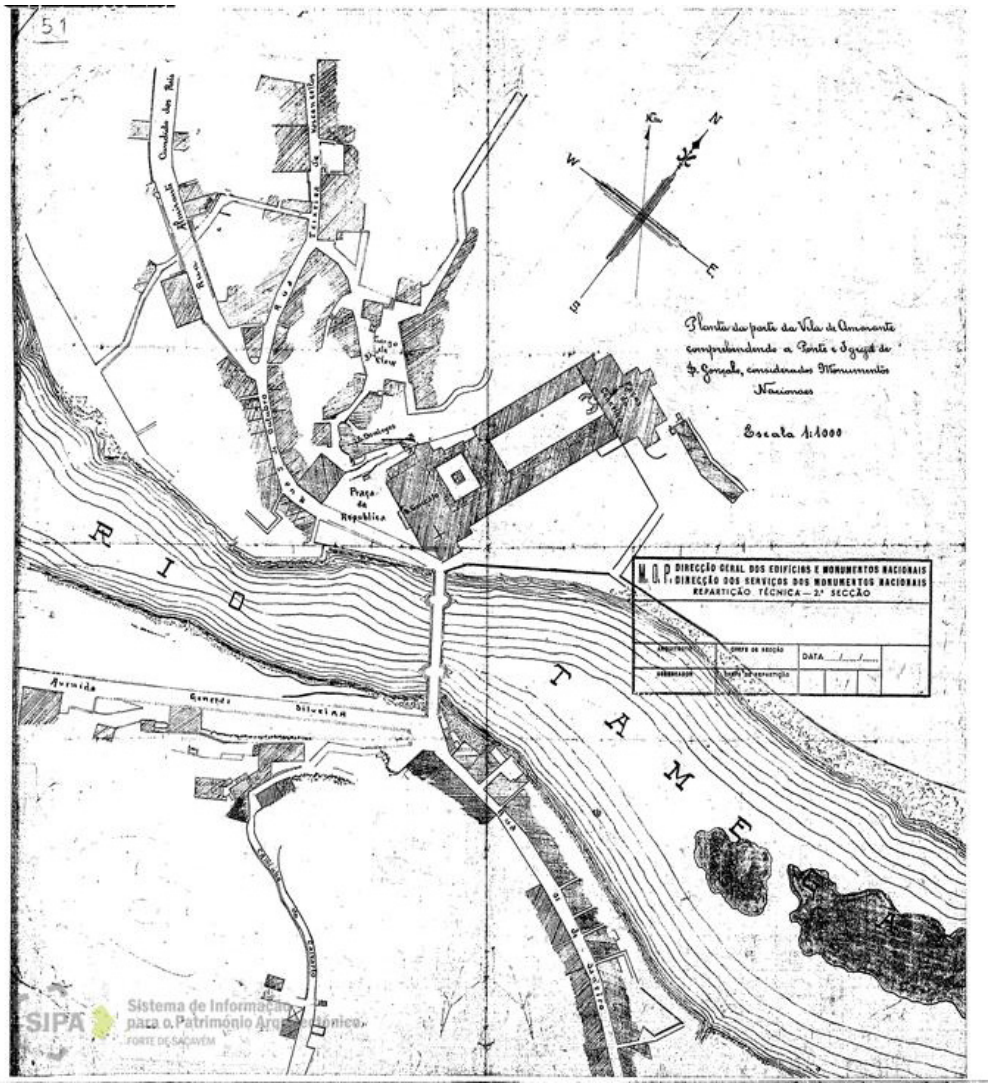
A Oeste, os terrenos junto à margem funcionam como espaços agrícolas, ou jardins.



FIG[08]PLANIMETRIA, REEDIFICAÇÃO DE AMARANTE

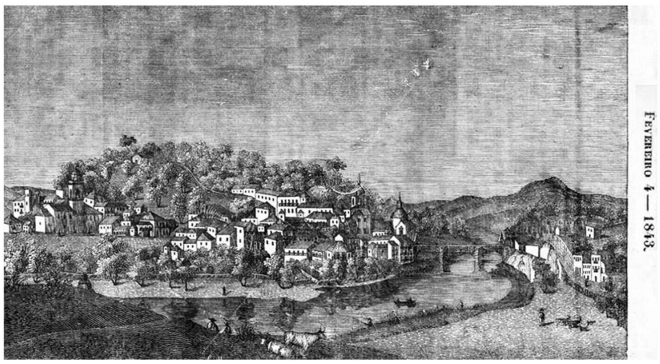
A seguinte planimetria, de um passado mais recente, obriga a que se faça um grande salto temporal. A denominação de Avenida General Silveira, herói da defesa da Vila de Amarante, à zona das trincheiras, anteriormente chamada de Estrada de Canavezes, e de Praça da República à Praça de S. Gonçalo; revela o desenho da Rua 5 de Outubro já com o acesso à frente Ribeirinha, bem como a sua continuação / ligação à Rua 'Almirante' Cândido dos Reis, surgindo já um edifício com a morfologia semelhante ao actual edifício dos Correios - sabe-se que terá sido demolido para a construção do mesmo - que faz a articulação e origina o início da Cândido dos Reis, onde já se vê o Hotel Silva e mais dois edifícios.

O desenho do espaço junto às margens aparenta a existência de dois planos a cotas diferentes, sendo o maior, o mais alto e afastado do rio, espaço destinado à agricultura, possivelmente já espaços privados das habitações e outro mais pequeno a conformar a margem.

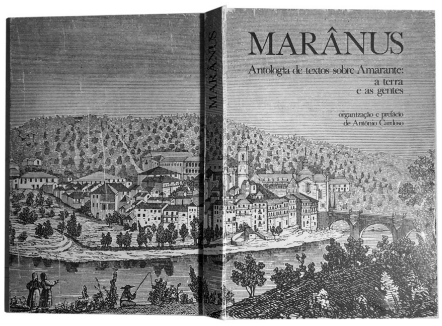


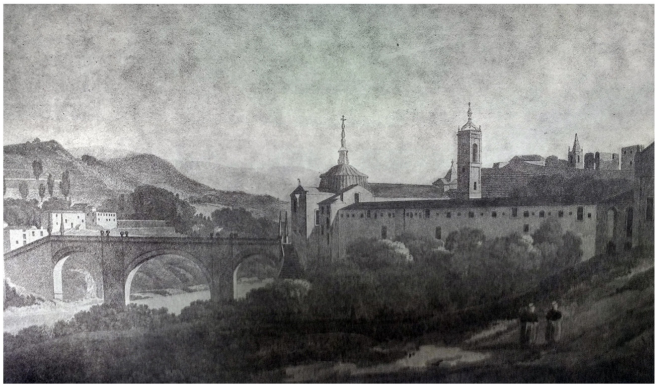
FIG[09]PLANIMETRIA, PONTE E VILA DE AMARANTE

FIG[11] GRAVURA 1843



FIG[10] CAPA DO LIVRO MARANUS





FIG[12] GRAVURA DE BAILY



FIG [13] LITOGRAFIA POR T. CADELL E W. DAVIS

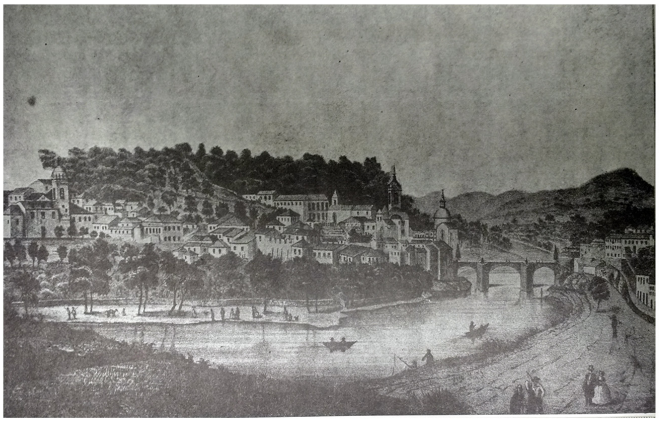


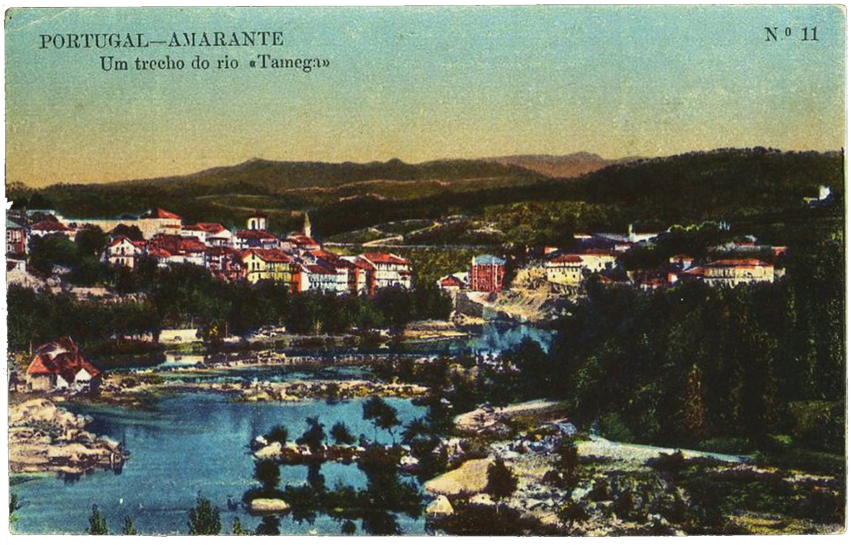
FIG [14] LITOGRAFIA DE MENESES



FIG [15] FOTOGRAFIA ANTIGA HOMENS



FIG[16] POSTAL ANTIGO DE AMARANTE



FIG[17] POSTAL ANTIGO DE AMARANTE

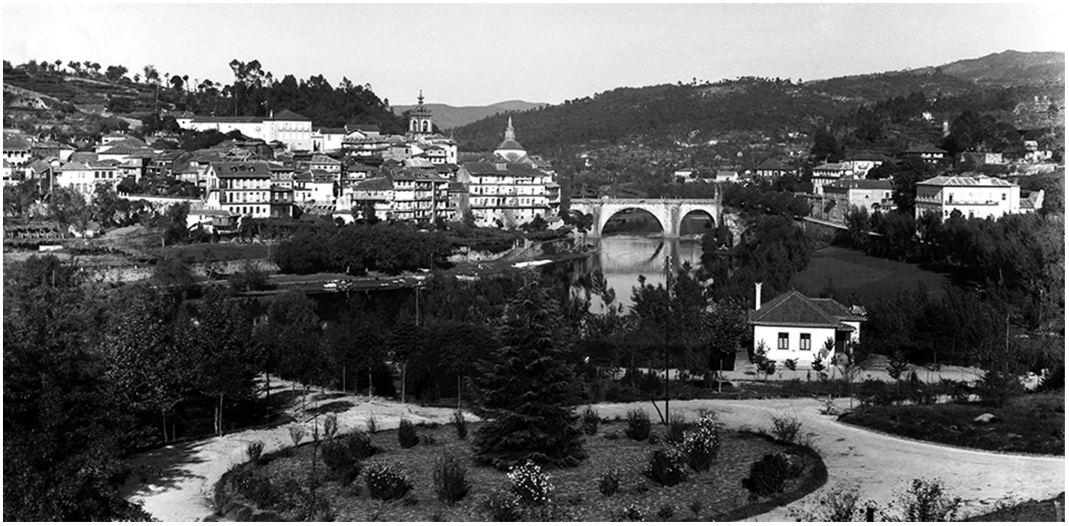
DAS IMAGENS:

Da visualização de desenhos, postais antigos e fotografias, compreende-se que o leito do rio seria mais baixo que o actual e que, evidenciado pela maior incidência do olhar, na margem direita do Tâmega, esta seria em tempos um símbolo da cidade, mais desenvolvida e mais impactante. Porém, são inúmeras as imagens representativas da outra margem, com os amarantinos a passear no rio nas suas barcas, as guigas -a embarcação típica, com a Ilha dos Amores e a Ínsua dos Frades como espaços acessíveis de lazer. Hoje, a vegetação tomou conta do espaço, e o seu percurso, ainda que acessível, durante o Verão, é acidentado.

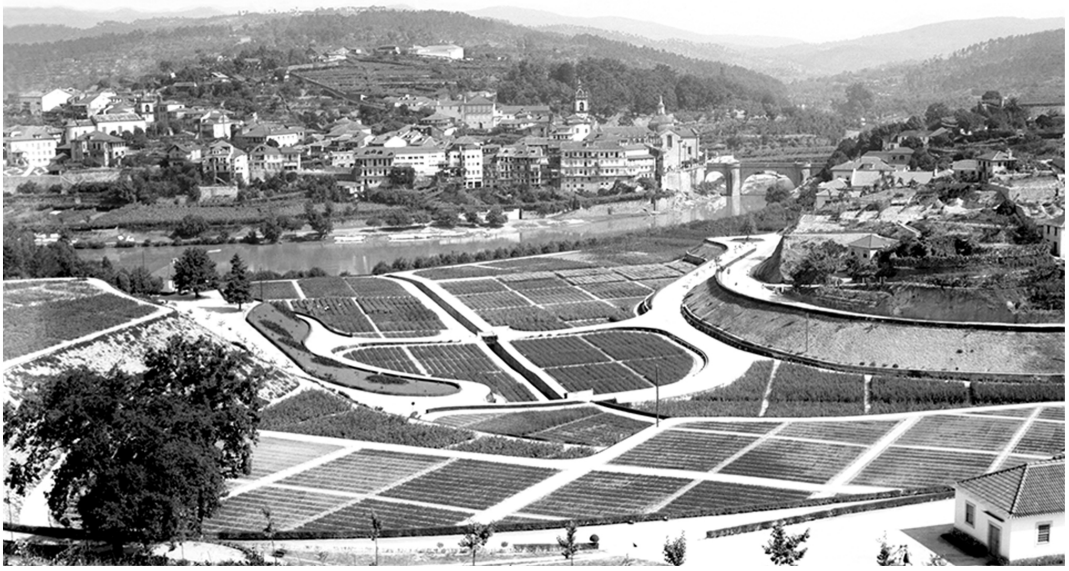
Compreende-se que o percurso da margem direita, à cota baixa, não seria contínuo, mas interrompido na proximidade da ponte, para formar o areal, onde se lavavam e estendiam lençóis e toalhas, com uma arborização contida e baixa. Os jardins das habitações, voltados para o rio apresentam-se desenhados e cuidados, num espaço que, ainda que privado, contribui para uma imagem de cidade clara e ordenada.

Há elementos que facilmente se adivinham. Em todas as imagens se lê uma cidade marcada pelos espaços verdes e por uma forte ligação ao Tâmega, uma cidade onde as praças são espaços de troca e convívio. Lê-se um núcleo urbano que organizado em volta de um grande eixo -que une o Arquinho a Santa Luzia - não parece um espaço de passagem, mas de paragem, de estadia demorada em busca de recantos, de uma bucólica ligação à paisagem.

Pela associação dos dados encontrados, assume-se que Amarante nunca terá sido uma cidade concêntrica na sua morfologia, mas de uma ocupação extensiva que se desloca ao longo de pequenos núcleos por toda a extensão da cidade. Porém o centro da vida pública, enquanto espaço de relação, comércio, serviços, culto e também lazer ter-se-á consolidado nesta área do centro histórico, até aos dias de hoje.



FIG[18] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DE JOAQUIM TEIXEIRA PINTO

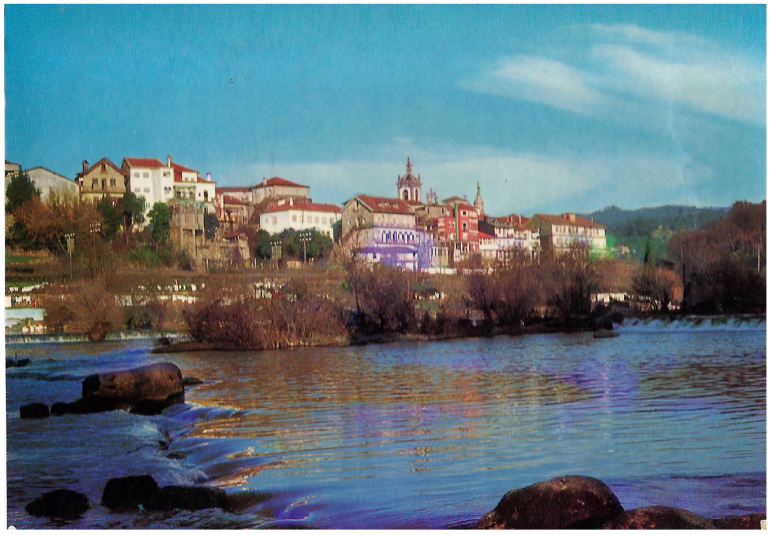


FIG[19] DO PASSADO, FOTOGRAFIAS DE EDUARDO TEIXEIRA PINTO



FIG [20] POSTAIS ILUSTRADOS DE AMARANTE CIRCA 1974





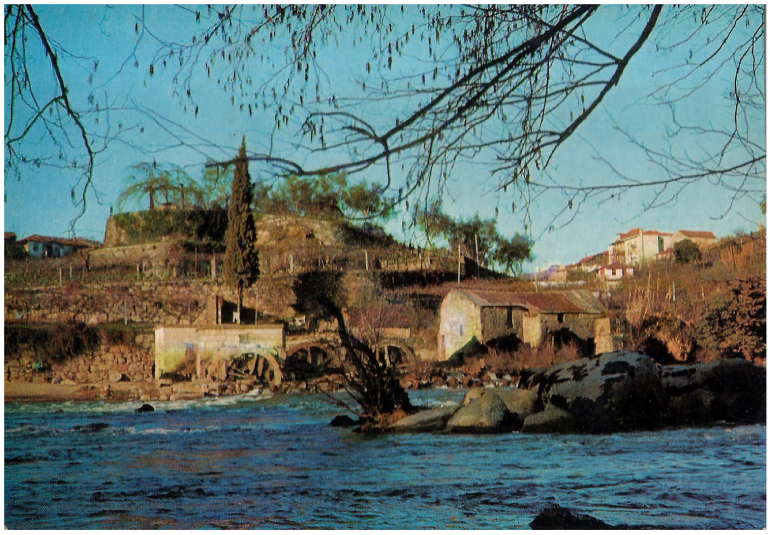
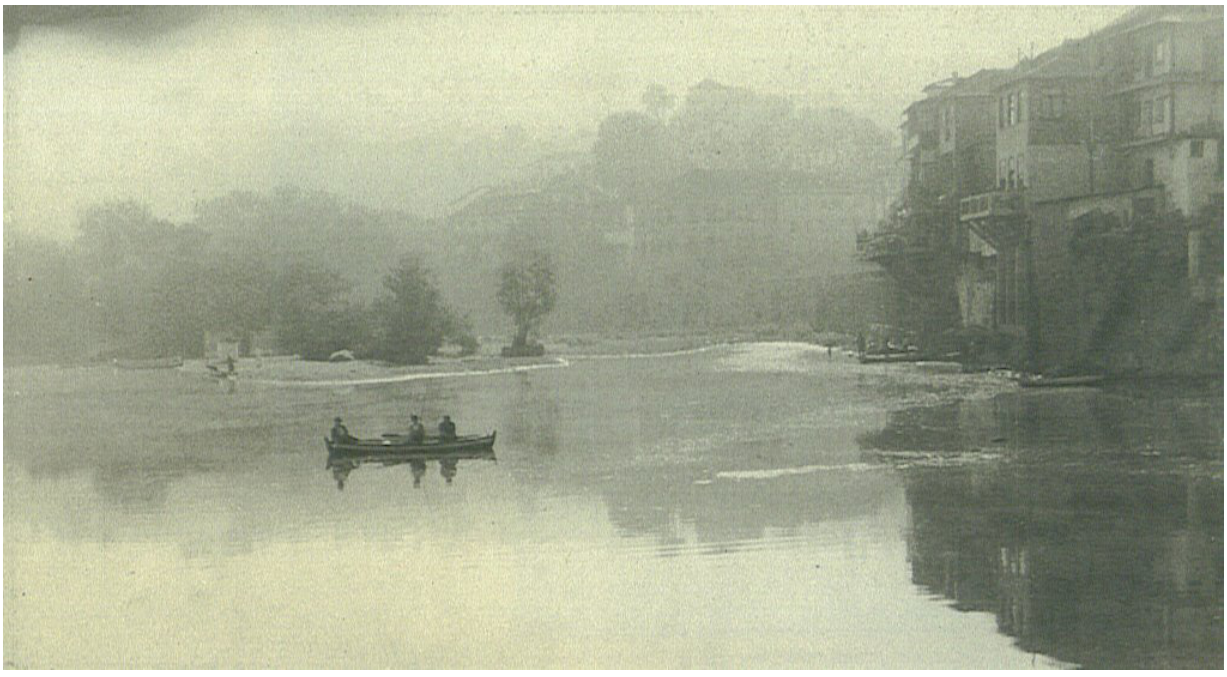


FIG [21] DO PASSADO, NÉVOA E ESPELHO, JOAQUIM TEIXEIRA PINTO



A CIDADE E O ESPELHO /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 9-16

"Fica escrito: ao princípio eram os rios! Pelas clareiras o Homem primitivo vislumbrava o Sol e a Lua e nisso se deslumbrava.
[...] o rio reflecte-se nos traços fundamentais dos povos e das terras por onde milenarmente vai passando: no seu temperamento, arte e literatura, na sua religião, na sua geografia física e humana, na sua história nos seus usos e nos costumes. Processa-se uma lenta modelação fluvial da alma dos povos ribeirinhos que se exprime num diferente dinamismo que as águas transmitem ao longo dos tempos, na certeza de que nunca se banham nas mesmas."[39]

39 COELHO, Manuel Ferreira "Em Louvor do rio", Cadernos do Tâmega, Junho 1990, p.25

Se lhe fosse atribuído o poder de falar, o rio poderia contar todas as memórias da cidade e das pessoas, falaria de quem nas suas margens lavava a roupa e de quem as cultivava, poderia também falar de quem o navegava e contar tantas outras histórias que só ele saberá. Não sendo literalmente dotado desta capacidade, olhando-o, analisando-o e ao que o comporta, será possível compreender a evolução, já que os espaços contam o tempo e o tempo constrói o espaço.

Não será necessário ficcionar uma narrativa na totalidade. À ficção poder-se-ão adicionar laivos de realidade, conseguidos pelos retratos figurativos e literários existentes, que deverão ser condutores do discurso.

O rio terá sido a causa da implantação da cidade, portanto será correto afirmar a sua importância como desenhador dos espaços, tarefa que, condicionada pela topografia, concederá à cidade a morfologia actual.

As casas protegem-se da força do rio, ora afastando-se, ora assumindo formas capazes de proteger os habitantes, por exemplo, em situações de cota inferior, as casas – que funcionam por pisos, serão compostas por um ou dois pisos de cave, com capacidade para escoar água em situação de cheias. Noutros casos, as casas distanciam-se e aproximam os seus logradouros do rio.

Sabendo-se da qualidade do solo em territórios junto à água, não será de estranhar que as margens tenham sido utilizadas como campos de cultivo, utilizados pela população. Assim, as margens seriam palco da vida agrícola, de cultivo e pecuária materializadas sob forma de campos reticulados que desenhavam a paisagem. Era também o espaço de lavagem de roupa, de coradouro, e estendal.

O quotidiano dos habitantes seria então comportado pelo rio. Eram homens, mulheres e crianças que por aqui pescavam, nadavam, passeavam de guiga, ou trabalhavam. O rio funcionaria como cenário, espectador e espelho da cidade. Se as casas e as ruas se encontravam a uma cota mais alta, a real vivência encontrar-se-ia aqui.

Se hoje percorrermos as margens, vemos ainda os barcos, os pescadores e passeantes, porém, as necessidades da população já não são respondidas por este espaço. Hoje, a função será a da contemplação e do lazer, haverá até mais habitantes que não se deslocam a este espaço, do que os que o fazem.

O Tâmega organiza no seu curso diversos edifícios públicos e zonas de estar, evocando uma recordação do tempo em que do rio quase tudo provinha.
Corre livremente ao longo do centro da cidade, atravessado pelas duas pontes, a Velha e a Nova, e pelo açude, e à cota mais próxima do seu leito, organizam-se maioritariamente

espaços de estar, de percurso, jardins públicos, parques, logradouros e praias fluviais. Os edifícios afastam-se. Dir-se-á que devido às fortes cheias, porém, a afirmação perde veracidade quando a memória recorda que na mesma Cidade, a edificação que mais se aproxima do rio é a que se encontra a uma cota menor, mais próxima da cota do rio, na zona do Arquinho e Covelo.

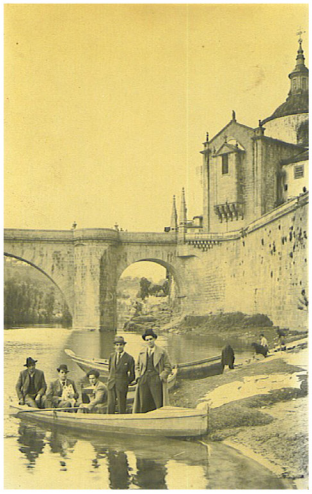
Na cidade fala-se do rio, olha-se, mas não se vê. E o rio reflecte e evidencia o desinteresse, mas ninguém o ouve. Já não tem a relevância de outrora, funcionando como acessório, como algo que se sabe ser belo, e que por isso se mostra aos visitantes, mas que feita a despedida, continuará inerte.

A um espelho inerte corresponderá, portanto, uma arquitectura estagnada, uma cidade meramente contemplativa.

FIG [22]



FIG [23]



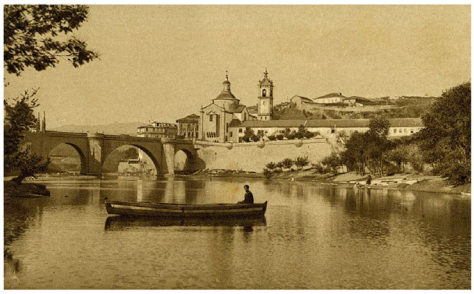


FIG [24]





FIG [25]

FIG [26]

FIG [22] DO PASSADO, POSTAL DE AMARANTE

FIG [23] DO PASSADO, RETRATOS DE FAMÍLIA, ANABELA MAGALHÃES

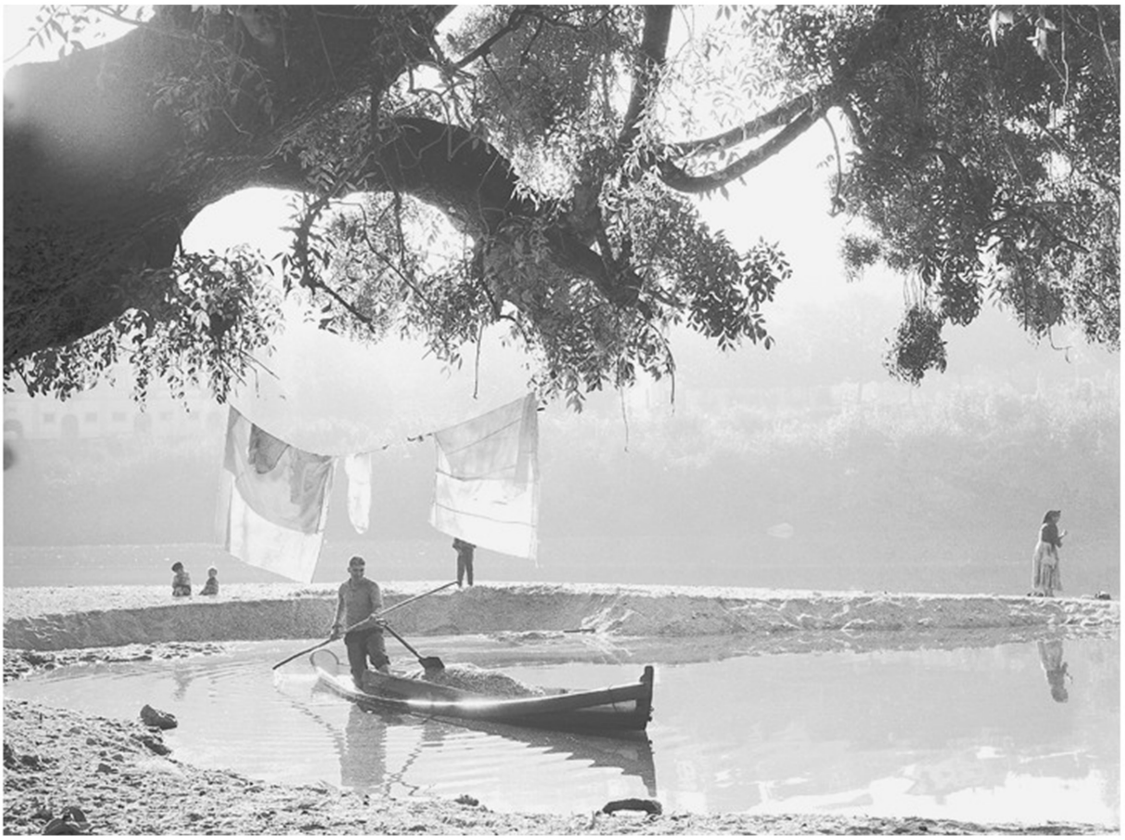
FIG [24] DO PASSADO ,FOTOGRAFIA DE JOAQUIM TEIXEIRA PINTO (1903-1986)

FIG [25] DO PASSADO, ÁLBUM DE FAMILA

FIG [26] DO PASSADO, ÁLBUM DE FAMILA

FIG[27][28] DO PASSADO, FOTOGRAFIAS DE EDUARDO TEIXEIRA PINTO (1933-2009)





A CIDADE E A MEMÓRIA /

Será importante percorrer as ruas, vivê-las, para conhecer e pensar, numa aproximação ao lugar através do uso, da emoção e do desenho. A crença na geometria (em si encerrada) já se sabe não ser acertada, percebendo-se então a necessidade de uma aproximação que viverá de uma procura constante, com busca a um total entendimento do lugar e das condicionantes do mesmo, de um conhecimento que advém do contacto, da apropriação.

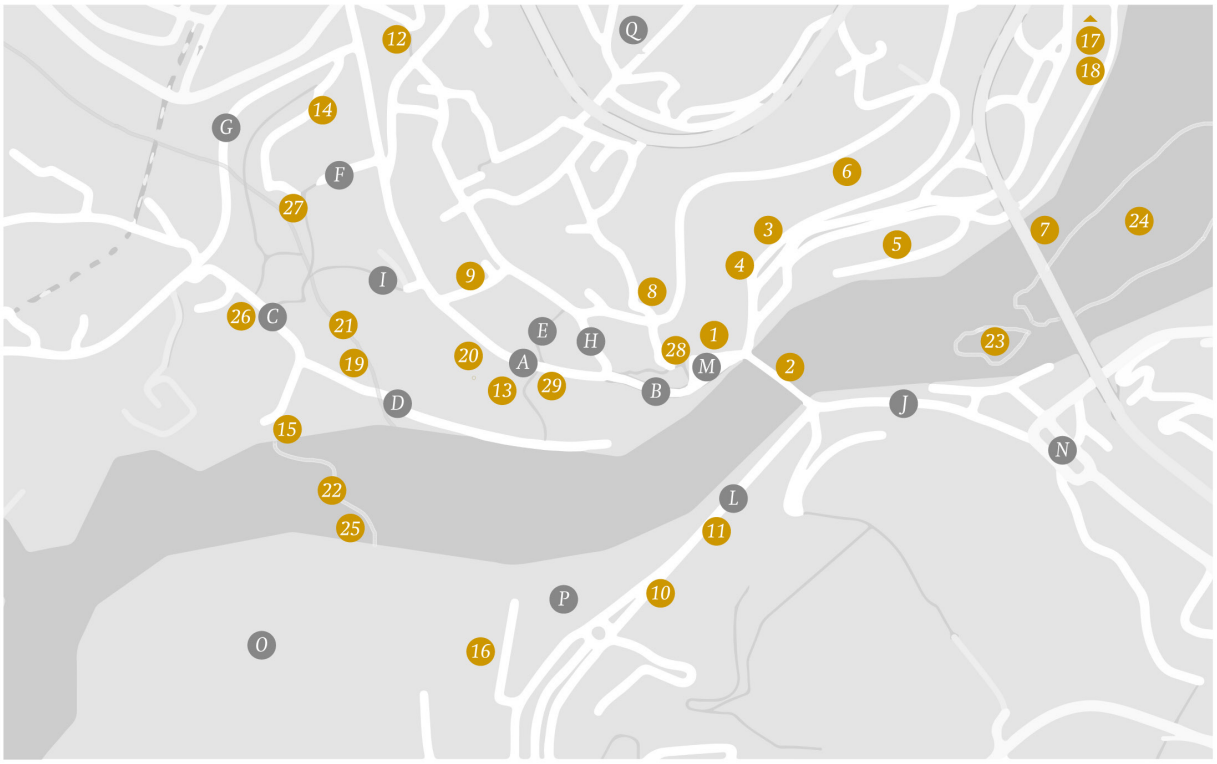
Percebendo que um percurso poderá ser feito inúmeras vezes e que de todas elas resultará um novo conhecimento, na impossibilidade de narrar vários percursos, do mesmo trajecto, exaustivamente, e na impossibilidade de encerrar o pensamento do mundo em uma só pessoa, procura-se um equilíbrio, narrando uma memória de um percurso, que já não se sabe quando foi, composto por todos os que já foram feitos, no mesmo lugar e em todos os outros.

Procura-se a transmissão de uma experiência inevitavelmente pessoal, porém num exercício racional da emoção.

A memória é parte integrante neste percurso, fala-se de memória pessoal, do lugar, de recordações, fala-se, portanto, do acto de viver.

Será então a cristalização do momento em que alguém percorre o espaço e com ele se funde.

Centro Histórico de Amarante



1. Mosteiro de São Gonçalo
2. Ponte de S. Gonçalo - Ponte Velha
3. Câmara Municipal
4. Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso
5. Mercado Municipal
6. Tribunal
7. Ponte Nova
8. Biblioteca Municipal Albano Sardoeira
9. Igreja de S. Pedro
10. Cineteatro
11. Casa da Juventude
12. Solar dos Magalhães
13. Parque de Estacionamento do Rossio
14. Parque de Estacionamento de Santa Luzia
15. Azenhas dos Morleiros
16. Piscinas Municipais
17. Praia Aurora
18. Parque de Campismo
19. Casa do Artista
20. Fonte da Quelha
21. Ribeira de São Lázaro
22. Açude
23. Ínsua
24. Ínsua dos Frades
25. Ilha dos Amores
26. Bairro da Torre
27. Bairro do Amieiro
28. Igreja de Nosso Senhor dos Aflitos
29. Hostel des Arts - Antigo Hotel Silva

A. Rua Cândido dos Reis
B. Rua 5 de Outubro
C. Rua Manuel de Barros
D. Ponte e Calçada Eduardo Teixeira Pinto
E. Quelha das Garridas
F. Rua do Amieiro
G. Rua Francisco Sá Carneiro - Rua das Bucas
H. Rua Teixeira de Vasconcelos - Rua da Cadeia
I. Rua da Pedra d'Era
J. Rua 31 de Janeiro - Rua do Covelo
L. Avenida General Silveira - Avenida das Tílias
M. Praça da República - Largo de São Gonçalo
N. Arquinho
O. Parque Florestal de Amarante
P. Parque Ribeirinho
Q. Largo do Sertório de Carvalho - Campo da Feira

FIG [29] MAPA, DA AUTORA

UM PERCURSO /

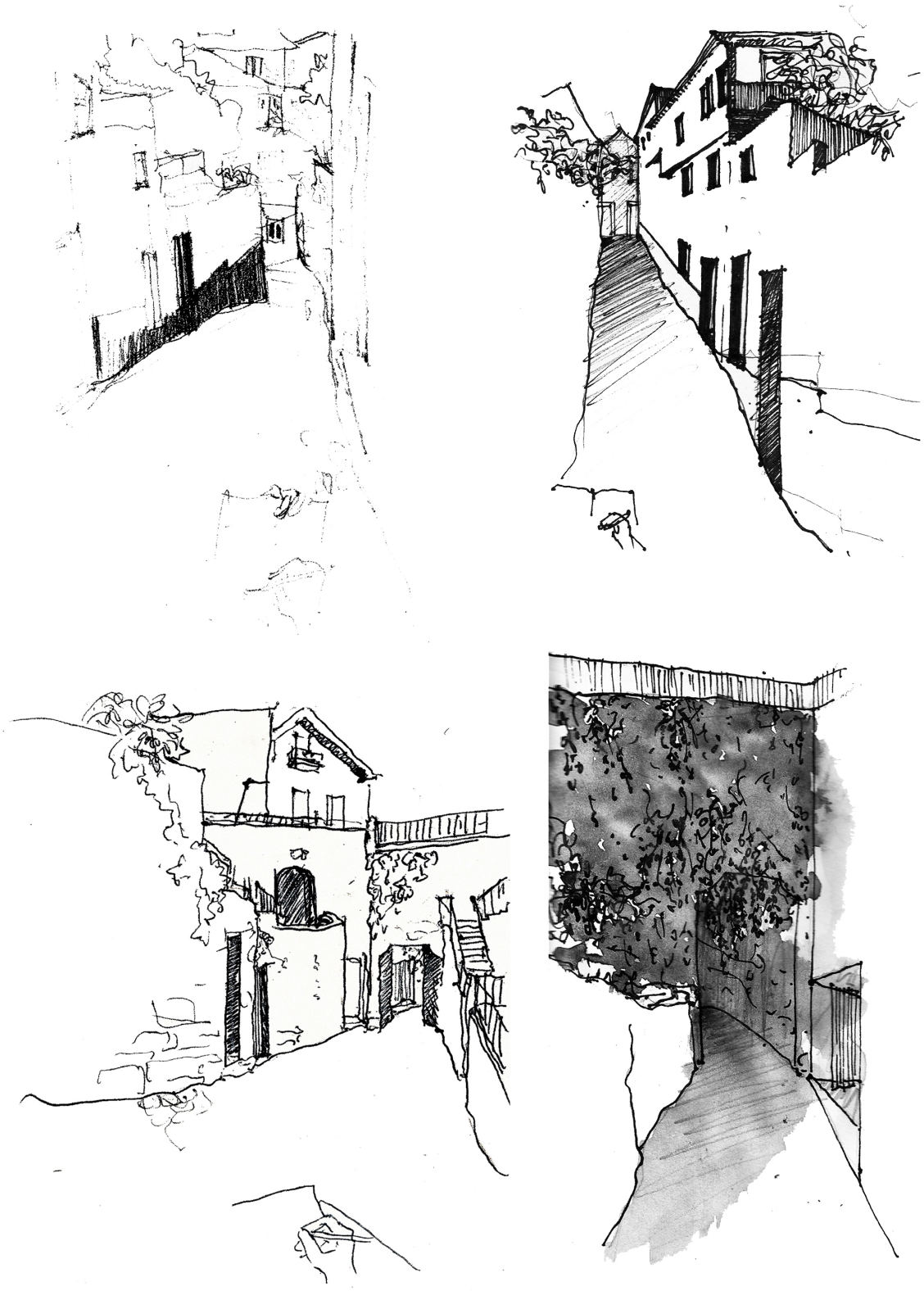


FIG [30] DESENHOS DA AUTORA

QUELHA DAS GARRIDAS /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 18-28

O trajecto inicia-se na Rua da Cadeia - Rua Miguel Pinto Martins - próximo à casa onde nasceu Teixeira de Pascoaes, entre duas habitações desabitadas, uma abertura que será, então, o ponto onde se iniciará o percurso.

Daqui, por entre as casas, avista-se uma rampa acentuada, de paralelo, colocado irregularmente, e ao fundo edifícios que se sabe pertencerem à Rua Cândido dos Reis. Estes, apresentam-se desde a cota inicial da Quelha (a mais alta), empoleirados, uns sobre os outros, partes vermelhas, partes amarelas, pedra, mais rugosa e mais lisa, caixilhos brancos de desenhos diferentes. Parecem fazer parte de um conjunto, mas à hora não se adivinha se pertencerão ao mesmo edifício, se serão dois, quiçá mais, que se juntam aos outros a espreitar quem passa.

Se o olhar se mantiver ao nível do horizonte, sentem-se janelas gradeadas e portas, que se repetem sem algum critério rigoroso, que partilham esta sensação de 'olhos postos' em quem percorre a única. Porém, sabe-se que estão desabitadas as casas, os jardins, e que os muros são apenas muros. Se se é olhado, só poderão ser ou as plantas ou as casas amarelas e vermelhas antes da curva, ou passará alguém na Rua da Cadeia? Porque aqui não há vida, e não serão muitas as pessoas fazem este caminho, só os curiosos, ou talvez, os desorientados.

Feita a curva, acentua-se o sentimento de estar a ser observado, porém é profundamente diferente o carácter da travessa aqui. São muitos os elementos novos, o mais evidente será, ao fundo, a presença da Rua Cândido dos Reis, como uma varanda, o que resulta neste trajecto, no aparecimento de um pequeno túnel, sem luz, que contrasta pela sua sombra, com os edifícios brancos e luminosos da rua superior, e pela luz ao fundo, que indica o caminho a seguir.

Mas, antes de alcançar este ponto, estão as casas amarelas, vermelhas, e agora brancas, que espreitam, sobre uma parede de pedra, e um espaço exterior que terá sido a esplanada de um café, actualmente, também ele desocupado. Umas escadas que deslizam ao longo do grande muro de suporte que sustém a R. Cândido do Reis, levando, se se quiser, à cota superior, de onde olha quem passa. Do outro lado, um muro que se rasga em várias portas, fazem o acesso aos logradouros das casas da Rua da Cadeia, de uso aparentemente raro ou pontual.

Haverá outro ponto de transição: a passagem do túnel. Se até este ponto, a pessoa sentir-se-ia pequena, dada a escala dos edifícios, acentuada pela cota irregular da travessa, a escala do túnel será uma escala mais aproximada com a do homem, mais baixo, porém mais 'pesado' do que qualquer coisa até aí. A aproximação à luz que celebra o seu fim, tão breve quanto a duração desta sensação.

'Do outro lado' apesar de ainda acompanhar, à esquerda, a alta parede branca do Hotel Silva, o espaço sente-se mais amplo, ainda que fisicamente não seja maior que antes. As casas afastam-se, abrindo um grande espaço entre elas, comportado por um muro de suporte da Rua Cândido dos Reis, que se cobre de verde.

No sentido oposto já se vê o rio e as árvores que lhe compõe a margem. É dada a hipótese de tornar à direita, seguindo um leve som de água que cai. Escolhendo segui-lo, seria acesso a um espaço que em tempos fora um jardim, mas que hoje configura um estacionamento ao ar livre, aleatório em desenho e localização.

Mas o interesse terá sido ir frente, em direcção a uma ruína que se mostra a quem passa, construída em pedra grossa, que remontará às invasões francesas, mas não será importante.

O percurso segue em direcção ao rio, indicado, de novo, pelas árvores e conduzido por muros de pedra de suporte, um deles comporta o logradouro da Casa das Lérias que, aliada às casas do lado, também espreita quem vem.



FIG [31] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DE EDUARDO

RUA DA PEDRA D'ERA /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 29-39

Aqui chega-se pela Rua Cândido dos Reis, no sentido oposto à Igreja de S. Pedro, num espaço cuja escala não deixa adivinhar o que se segue. O espaço é largo, entre duas casas, integrado na regularidade da Rua mas, quando atravessado, aquilo com que se depara é uma pequena rua profundamente inclinada, pavimentada por pequenas pedras irregulares.

Este percurso transporta, quem o percorre, para o passado, um caminho rural que se imagina ser percorrido por mulheres que por perto viviam, todos os dias , com cestos de roupa à cabeça, para lavar no rio, ou pelos agricultores, com cultivos à margem fluvial, uma terra que se sabe boa, que por ali passariam com os animais.

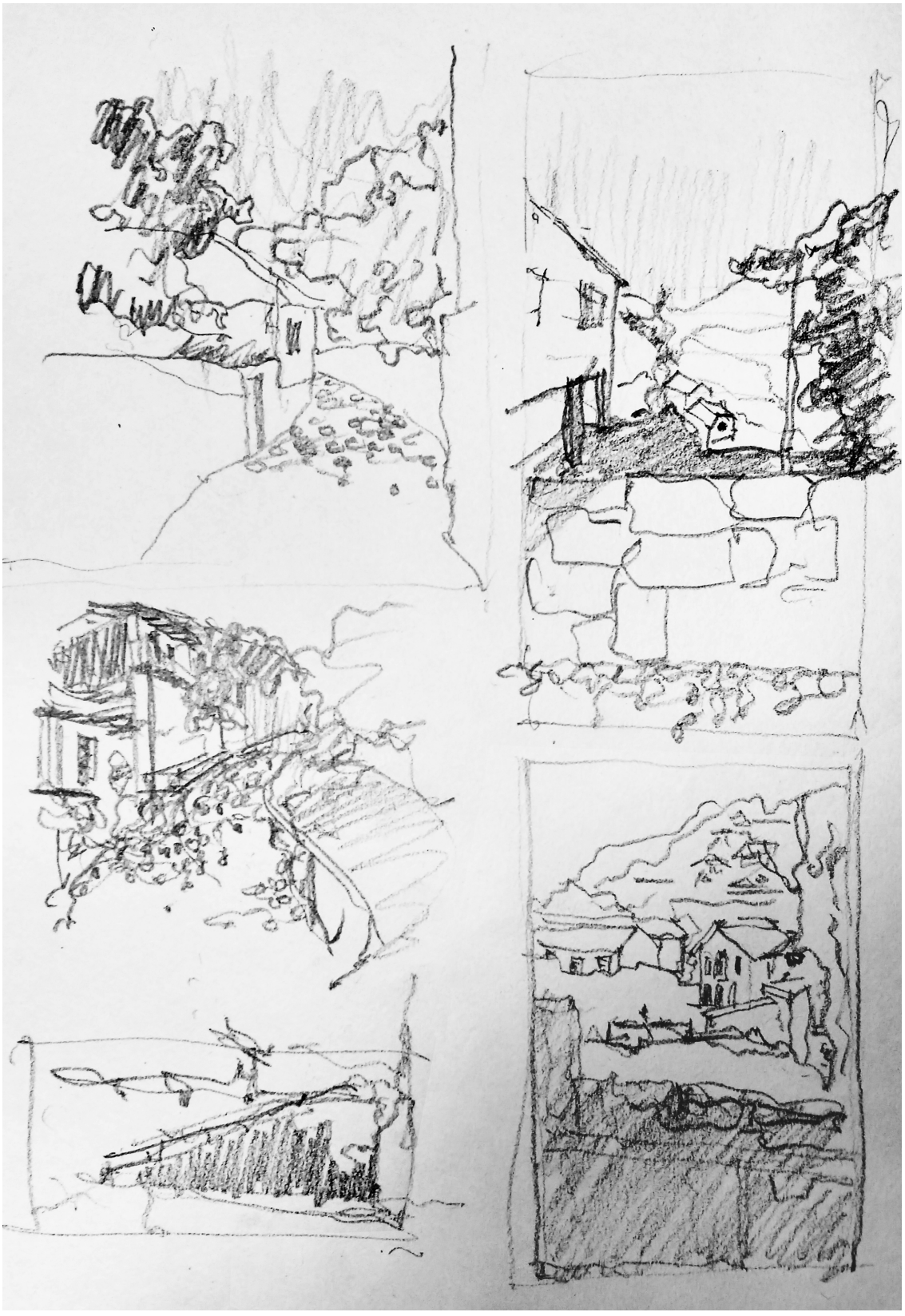
Se numa primeira fase, eram as casas que desenhavam a rua, nos passos seguintes será ladeada por muros de granito, cortados grosseiramente, comportando jardins e quintais abandonados, pelo menos assim se pensará, dada a quantidade mato que os atravessam. Estando-se sozinho, o percurso é evocador de memória, havendo um progressivo desenraizamento da cidade actual, controlado por entre curvas, na sinuosa descida, pelo retirar da visão os elementos contemporâneos. Numa evidente vitória do natural, sobre o construído, que só será desfeita passos à frente, com o avistamento do Bairro da Torre.

Se alienado, por momentos, poder-se-ia manter a nostalgia, mas, não será mais possível; voltando-se o olhar à direita, forma-se uma barreira de betão, composta por edifícios de habitação plurifamiliar que, contando-lhe os pisos serão sete e oito, da Rua Francisco Sá Carneiro que com as marquises, estendais e antenas, de imediato localizam o tempo real.

Vê-se o Bairro do Amieiro, a ribeiro de São Lázaro – ouve-se, porque não se soubesse já da sua existência, manter-se-ia camuflada – o Bairro da Torre – como o Amieiro, composto por pequenas casas de uma família só – os campos de cultivo, porém, a sombra do que já se viu, persiste e entra em confronto com o que agora se vê. Dada a dimensão do oponente, já se sabe qual visão sairá vitoriosa.

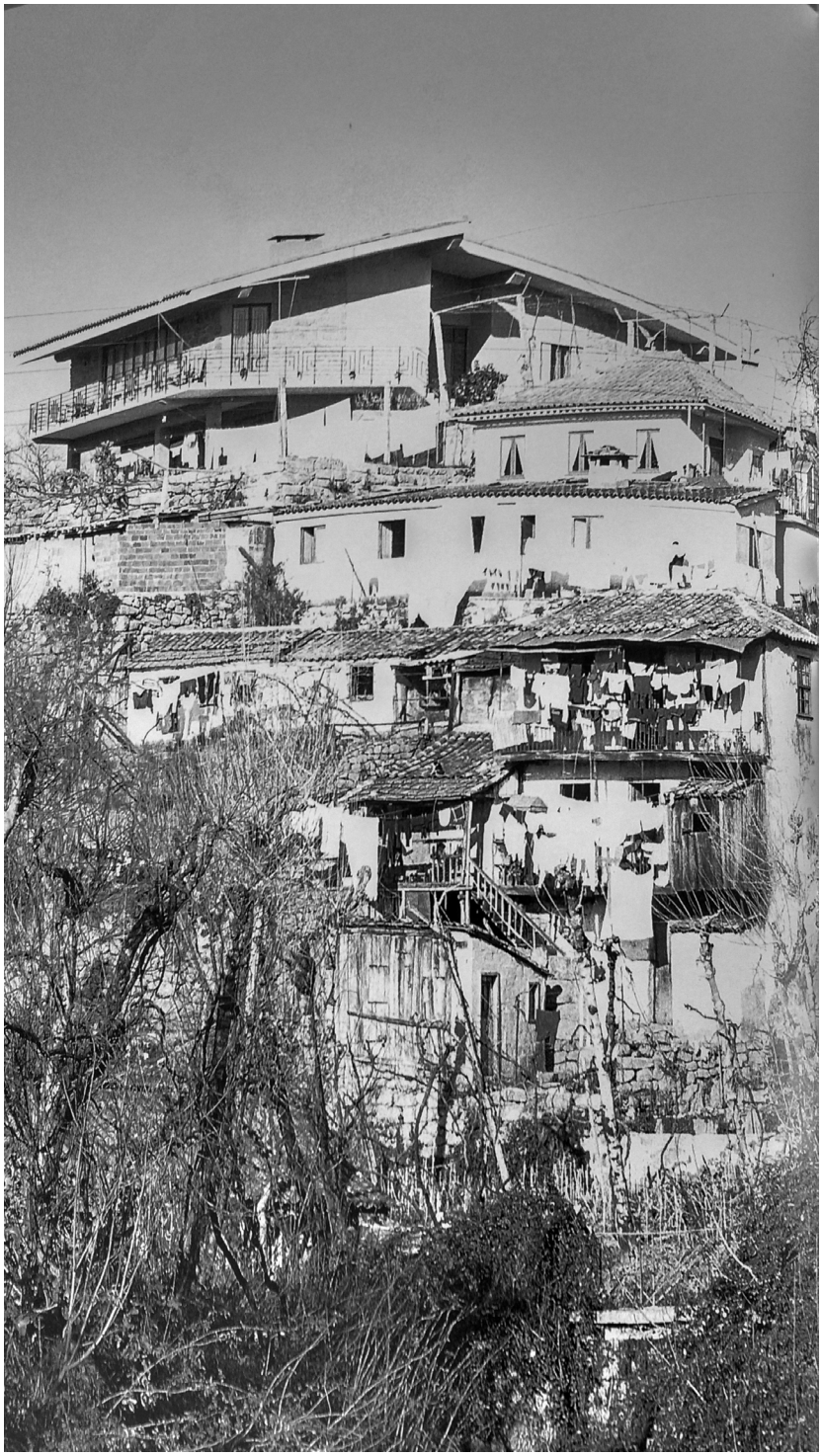
A Rua será ainda continuada para lá da ribeiro, na direcção da Torre, mas será a mesma apenas em nome. Transformando-se numa pequena ponte continuando, primeiro em betão e depois já em paralelo regular, desenhada pelos quintais murados de duas pequenas casas, até se fundir com outro percurso que não se sabe ser Rua, Travessa, ou Lugar, desenha-se e desloca-se para onde lhe parece relevante, não se sabe sequer se será pública ou de alguém.

FIG [32] DESENHOS DA AUTORA



RUA DO AMIEIRO /
associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 40-50

FIG[33] DO PASSADO, FOTOGRAFIA AO BAIRRO DO AMIEIRO



Se, à saída da Rua Pedra D'Era, se mudar de direcção à direita, encontra-se a Rua do Amieiro. Neste ponto desenhada por quem a percorre, calcando as ervas daninhas, tornando-a num percurso de terra batida, com não mais do que um metro de largura, contando já algum do mato rasteiro a ladeia.

Se à direita se é acompanhado por um muro que comporta restos de um milheiral, à esquerda a companhia será feita pela ribeiro, e pelos pequenos anexos que ladeiam as casas do Bairro da Torre, as pequenas casas do Bairro da Torre, que serão desde galinheiros a abrigos de materiais de uso agrícola. Há aqui um certo caos visual, um esgotamento, que acentuado pelos edifícios de sete pisos, não permite apreender a paisagem facilmente, sem ruído. Sabe-se também que seria utópico pedir a ausência de ruído, que também ele é cidade, e que só ele permite perceber a existência do seu oposto.

Esta Rua terá como função primordial o acesso ao Bairro do Amieiro, organizado em altura, com as casas empilhadas, umas sobre as outras, numa construção que não tendo nada que ver, nem no processo construtivo, nem na ocupação, muito menos na escala será visualmente semelhante a uma favela.

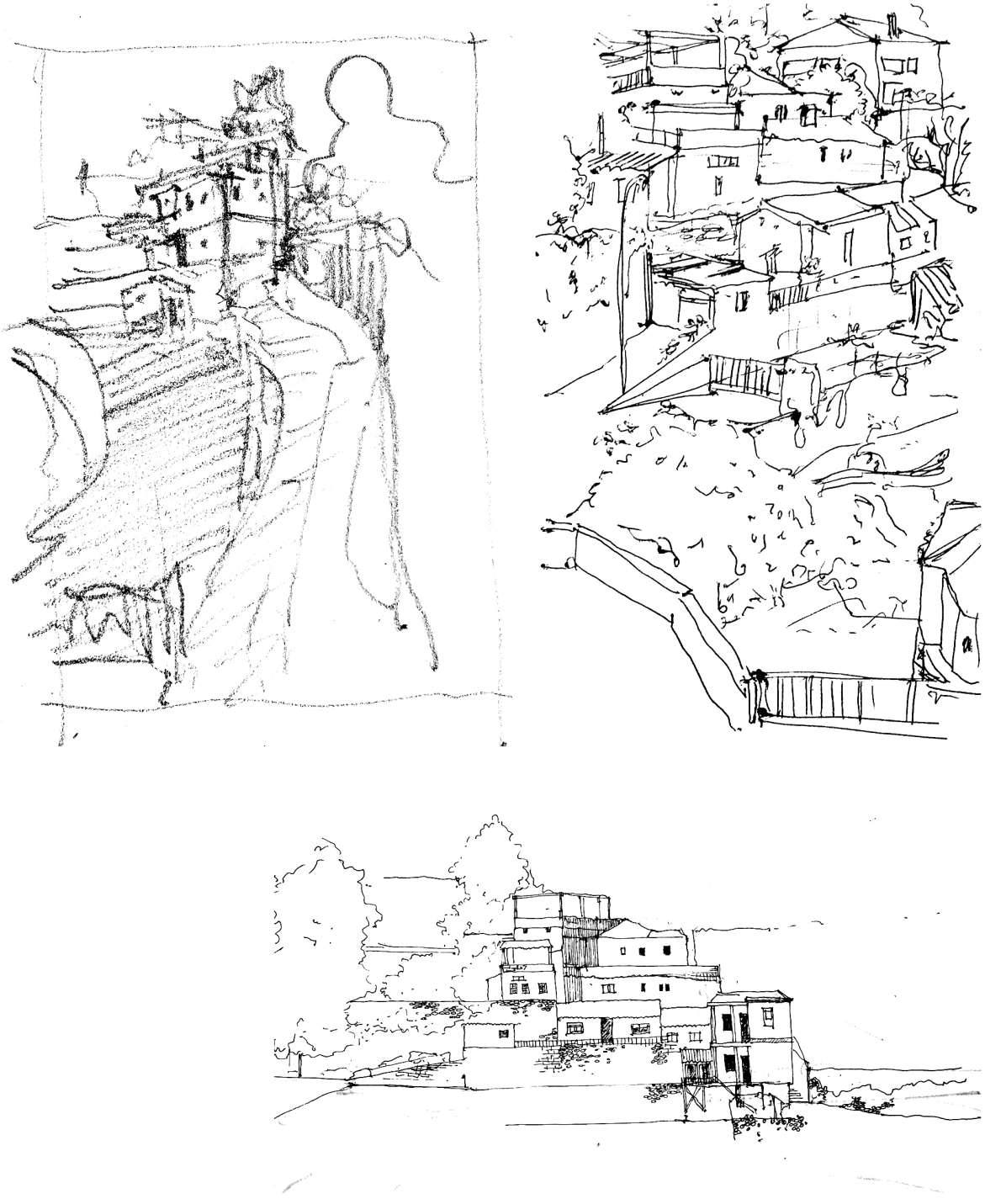
Estas casas parecem contar-nos a sua história e a das necessidades de quem as habita, o edifício-casa terá deixado de responder, então, ter-se-á revelado necessária a construção de edifícios de apoio - que serão também casa - denotando alguns indicam preocupação com a escolha de materiais, outros talvez construídos com estatuto efémero, construídos com o que à altura se terá arranjado, mas que terão perdurado.

Olhando todo o bairro, apesar das diferenças entre as habitações e os restantes edifícios, muros e espaços verdes, a sensação que se obtém é a de um todo, havendo cinco planos diferentes, sabendo-se cada um corresponder a uma casa, a uma família, percebe-se a existência de algo uno.

O acesso às habitações será feito através da Rua, uma escadaria que se deslocará, como uma serpente, e suprimirá a diferença de cota entre as habitações e, futuramente, a rua Cândido dos Reis, de cerca de vinte metros a olho nú. Esta escadaria que é rua é dos casos mais evidentes na comparação da cidade com a casa, da rua como corredor. Aqui, as escadas organizam-se numa dimensão que seria facilmente aplicável a um interior, não terão mais de 90 cm de largura, e sendo ao ar livre, a sensação, dada a altura do muro, é a de se estar num espaço fechado. Vão avançando, ladeadas pelas casas e o muro e à medida que se aproximam da cota de entrada das habitações – aqui como as diferentes divisórias de uma casa – formam-se patamares de acesso directo às entradas. Percebe-se um sentido de união, de família, com algumas entradas comuns. Para quem passa e lá não vive, a sensação será quase a de um visitante-intruso, que se desloca num espaço que não lhe pertence. Será assim uma divisão ténue entre o que é privado e o que é público, facilmente extravasada, bastará espreitar uma janela e o privado deixará de o ser.

Percorridas as escadas, o percurso terminará à cota da Rua Cândido dos Reis, num resto de rua - largo e profundamente diferente do que anteriormente se percorreu, onde já não se estará em casa, ou a estar, será uma sala de estar cheia de visitas, onde convive o Bairro, os armazéns das lojas da rua principal e ainda de costas o outro bairro, os prédios de que já se falou, e uma paisagem que vai além do rio alcançando a ponte que a quilómetros une o Oeste ao este da cidade.

FIG[34] DESENHOS DA AUTORA



RUA MANUEL DE BARROS /
associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 51-72

De facto, neste lugar, não seria de esperar encontrar um espaço com esta atmosfera. É verdade que, não muito longe se passou por uns tanques públicos, reavivando memórias já revividas anteriormente, do quotidiano feminino, do deslocar ao rio para a lavagem das roupas, também é verdade que às costas se tem a ponte de ferro da automotora, relembrando uma mobilidade que não mais existe, antecedida por velhos edifícios abandonados e uma natureza selvagem que parece ter força para controlar todo o espaço, porém, pouco antes se terá passado por grandes edifícios de habitação, numa rua onde os automóveis são em maior número que as janelas nos edifícios. Será difícil crer na existência do espaço em que se está, em conjugação com o resto.

A recepção é feita por uma ruína, e a rua, que desce quase até à cota da água, revela todas as casas que configuram o Bairro da Torre, e articula as suas entradas. Aqui passarão lado a lado dois carros, ainda que não o seja possível em toda a extensão que daqui se vê.

As casas olham-se, e parecem comunicar, como os vizinhos, que da janela, poderão conversar com o vizinho da frente ou do lado, sem qualquer problema, este corredor será também um espaço de estar e, não só de passagem, vê-se o rio e a cidade.

O Bairro fica para trás e a Rua move-se por entre campos de cultivo, maioritariamente vinhas, umas visivelmente melhor cuidadas que outras, até chegar ao ponto de transição, anunciado por um edifício abandonado e celebrado por uma ponte, curva e de ferro. A ponte marcará o encontro da ribeiro com o rio e a passagem da Rua Manuel de Barros para a Calçada Eduardo Teixeira Pinto.

O Tâmega, que acompanha à direita, corre no sentido oposto ao percurso que se faz, com a margem desenhada por variadíssimas árvores suportadas, do outro lado, por uma via de cerca de 3, 5 metros de largura, pavimentada a paralelo e ladeada à esquerda por uma mancha verde que desce de uma cota superior, até à que se percorre, e se estenderá quase até ao final do percurso.

À medida que as árvores vão adensando, sabe-se que o percurso se aproxima do fim. Anunciado pelas casas da Rua Cândido dos Reis, progressivamente mais presentes que por entre o verde olham tímidas o rio, não num olhar pouco assumido, às escondidas, ao contrário de outras, na Rua do Covelo que se sabe abraçarem o rio.

As árvores são um elemento importantíssimo deste percurso, dominando-o em conjunto com o rio, que as reflecte, tornando-as ainda mais presentes, porém, haverá uma que se destacará. Esta deita-se sobre a água e avança sobre o rio, ao contrário das demais que crescem normalmente em direcção ao céu, esta cresce em direcção à outra margem num momento que marcará a atmosfera da Rua. Agora, as grandes árvores, unem as suas copas, criando um acolhedor percurso coberto.

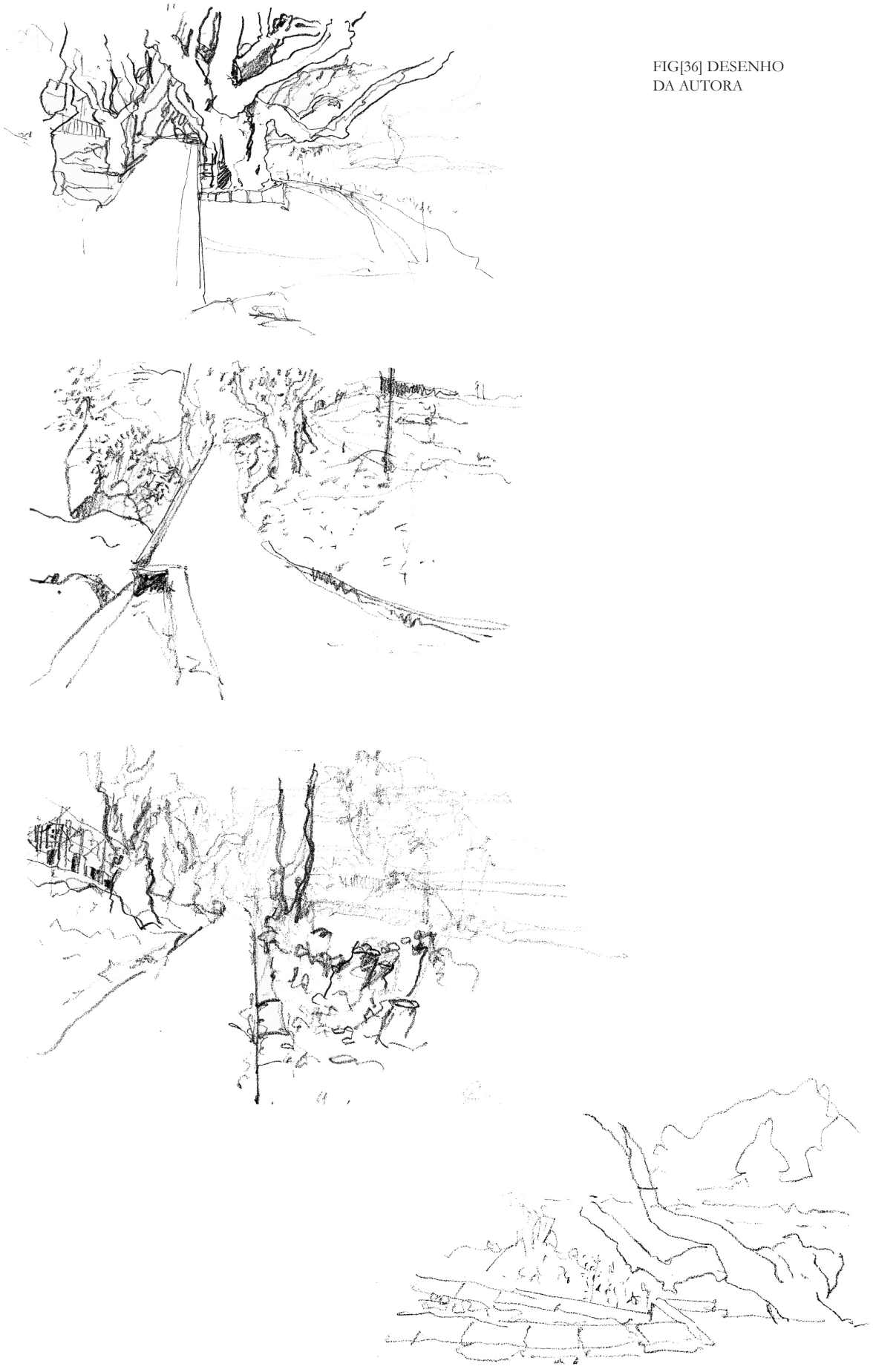
Surge uma rampa que fará o acesso ao um parque de estacionamento ao ar livre, do lado esquerdo, e chega-se ao local onde se intersectará a Quelha das Garridas. Os edifícios são agora mais próximos da Rua, mas ainda não estarão à face, daqui far-se-á o acesso aos logradouros para de seguida, a Rua, sentindo-se comprometida com a forma que se lhe deu, se transfigurar de novo.

É agora um percurso pedonal, de contacto apenas com o rio e de novo as árvores. A água está agora mais próxima e o mesmo acontece com as casas já da Rua 5 de Outubro. Será possível o aceder-lhe, através de uma pequena escadaria de pedra que se desenha, por entre os edifícios, e colmata a diferença de planos.

Daqui vê-se a ponte e a outra margem com uma presença arrebatadora e sente-se, não se sabe se por já se lhe saber a existência, a presença do Mosteiro de S. Gonçalo, localizado metros acima.



FIG[35] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DA MARGEM, EDUARDO TEIXEIRA PINTO



FIG[36] DESENHO
DA AUTORA



FIG [37 DESENHO
DA AUTORA

RUA CÂNDIDO DOS REIS /
associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 73-83

Está-se perante a rua que articula toda a sucessão de ruas por onde já se esteve, será o corredor principal da casa, ao longo do qual se fará a transição para toda a diversidade de espaços de passagem e de estar.

O acesso a este percurso será feito percorrida a Rua 5 de Outubro, a rua que se estende desde o largo do Mosteiro de S. Gonçalo à Casa das Lérias, num percurso construído pelas casas que, dos dois lados, foram edificadas, uma das ruas mais antigas da cidade. E, será a Casa das Lérias, a marcar o rumo a tomar, indicando o sentido do percurso na sua continuação, e não para a Rua da Cadeia.

O trajecto desenha-se com uma vista sobre a paisagem, o rio e o verde, interrompido apenas pelo edifício do Hotel Silva, e será continuado até metros à frente se anunciar um corte a esta visão, celebrado por um espaço de estar público coberto, se antes se estaria como que numa varanda em corredor, este espaço terá escala de terraço ou uma reinterpretação de uma pérgula, como a da casa das Lérias, a do Hotel, ou ainda as outras que caracteristicamente fazem parte de edifícios desta rua e não terão sido vistos nas outras ruas da cidade. É um espaço-moldura, enquadrando a paisagem. Vê-se a Quelha das Garridas e o que a conforma, será ainda possível ver os logradouros que estão para lá dos muros e que, até agora, só se adivinhavam.

Daqui em diante não haverá mais espaços de paragem ou varandas, poder-se-á parar em plena rua já se sabe, mas esta será densamente construída de ambos os lados, apenas será possível avistar qualquer coisa de paisagem, por entre pequenas frechas entre edifícios, ou então aquando do encontro da rua com as suas transversais.

Quem percorre este excerto da rua, desconhecendo o que a antecede, não fará ideia da proximidade do rio, não saberá que aquelas são as casas que lhe são mais próximas, não adivinhará o número de árvores, ou espaços verdes, não ouvirá a água a correr ou as árvores a dançar com o vento. O percurso será marcado pelo som dos automóveis e do comércio, pelas pessoas nos cafés e as que passeiam. O que se sabe esconder-se para lá das paredes continuará desconhecido, a menos que a curiosidade leve à procura das transversais que tanto se escondem.

FIG [38] DO PASSADO, POSTAL, RUA CANDIDO DOS REIS



FIG [39] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DE EDUARDO TEIXEIRA PINTO



FIG [40] DO PASSADO, EDUARDO TEIXEIRA PINTO



RUA FRANCISCO SÁ CARNEIRO - RUA DAS BUCAS /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 84-95

Terminada a Cândido dos Reis, com o Solar dos Magalhães à direita, a viragem será à esquerda, para a rua que acompanha os altos edifícios de habitação plurifamiliar.

Avista-se um grande parque de estacionamento alcatroado, ao ar livre, cujo acesso se fará a partir de uma inclinada rampa que progressiva e impetuosamente desce, até encontrar a cota do telhado da mais próxima casa do Bairro da Torre. À direita, um edifício contemporâneo que sem grande motivo para tal, serpenteia pela Rua, até ser dominado por um selvagem verde que o ladeia, trata-se de vegetação rasteira que nasce no pendente entre a cota da Rua, e da superior, com uma altura variável que irá aumentar à medida que se avança no percurso.

À mancha de verde desorganizada, opõem-se edifícios de comércio e habitação, que já foram e são aqui também barreira, ainda que agora só se vejam quatro dos sete pisos que já se contaram. Apercebe-se quem percorre o espaço, que os pisos inferiores são consultórios e escritórios, no rés do chão será comércio, organizado em galeria e, nos pisos superiores, será habitação.

Tivesse que se atribuir um objecto que caracterizasse a Rua, escolher-se-ia o automóvel, já que além dos que circulam nas duas faixas que lhes foram destinadas, há ainda mais duas ocupadíssimas faixas de estacionamento. Numa área que se sabe ser densamente habitada seria normal, não fosse o parque de estacionamento estar também cheio, assim como as garagens privadas dos prédios, e não fosse a rua estar vazia ao som do motor dos veículos.

Não haverá grande vontade de parar nesta rua, até o banquinho que lhe colocaram logo no início, que até tem uma bela árvore que dá o abrigo a quem quer parar, não é aproveitado por não ser confortável (o espaço, não o banco).

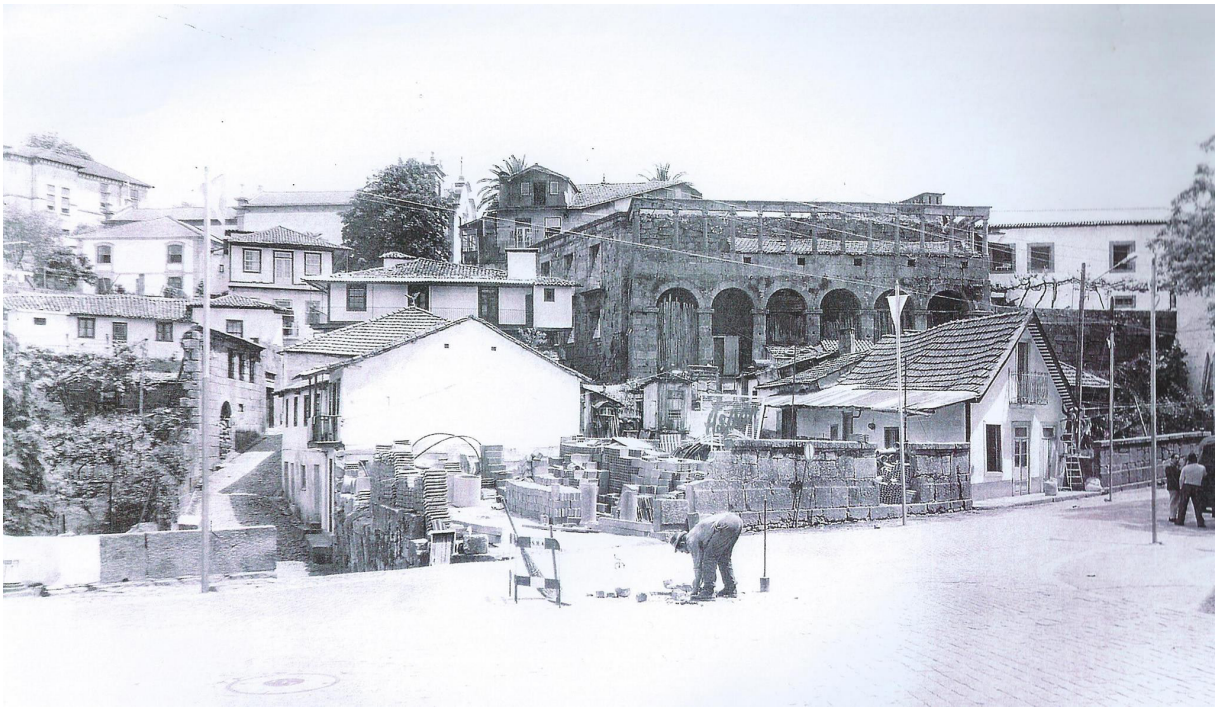
De vez em quando surge um rasgo no edifício que permite avistar ora o bairro do Amieiro, ora as casas da rua Cândido dos Reis.

Ao fundo, de um lado um edifício amarelo de oito pisos, do outro, uma pequena casa, num percurso que foi maioritariamente fechado, surge uma vista inesperada, por entre uma vegetação que, descontroladamente, cresce, da cota alta à cota da ribeiro, avista-se, por entre o nevoeiro, a também abandonada ponte dos caminhos de ferro.

O momento já não parece muito real e adensa o misticismo pelo aparecimento de um lavadouro público, construído abaixo da cota da Rua, do qual se vê apenas o telhado e que passaria facilmente despercebido por entre as árvores que o ladeiam.

Avança-se um pouco, para lá da Rua Manuel de Barros e, de novo a Rua volta-se à cidade, numa encosta que deixa à vista a Casa dos Morleiros com todo o espaço verde que lhe é adjacente, o rio, a cidade e o território.

FIG [41] DO PASSADO, SOLAR DOS MAGALHÃES



RUA TEIXEIRA DE VASCONCELOS - RUA DA CADEIA /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 96-103

Inicia-se o percurso com os antigos Correios à esquerda, o edifício é hoje um espaço de armazenamento de arquivos de uma empresa de telecomunicações, os habitantes utilizam as escadas de acesso à entrada como espaço de abrigo da chuva, do vento, ou de simples paragem, já que é o único espaço exterior coberto da rua. Prevê-se uma caminhada pautada por um passo lento dada a pendente acentuada. Nesta rua que se desenha estreita pelo edificado, os carros movimentam-se apenas num sentido, o descendente, contrário ao que agora se faz. O passeio, pouco largo, é alto, conferindo segurança a quem por aqui se move.

A atmosfera é familiar. Nos pisos superiores sabe-se que o programa é habitacional e no rés do chão dos edifícios há comércio e restauração, expõe-se os artigos de venda no passeio, onde se também se fazem negócios e conversas. Talvez pelo recolhimento da escala, da sombra que a altura dos edifícios permite, estas conversas parecem convidar qualquer pessoa que passe a parar a e conversar também, dos automóveis ouvem-se buzinas em tom de saudação, todos se conhecem ou assim parece.

Vêem-se uns quantos edifícios devolutos, no entanto sabe-se que há um grande interesse de compra, estando muitos já vendidos e preparados para a reabilitação necessária há anos, sabe-se que este interesse advém de uma série de iniciativas da associação de moradores que, incansáveis, divulgam a rua com orgulho e brio intensos.

Sobe-se toda a parte da rua que se via do ponto onde se iniciou o percurso, e com a Quelha das Garridas à esquerda, repara-se numa transformação no movimento, na circulação quer pedonal, quer automóvel, é incomparável, o comércio de rés do chão começa a ver-se fechado e os andares superiores abandonados, no entanto o carácter da rua mantém-se, a unidade do edificado é incontestável.

Já se terá subido certamente metade da rua e só agora a luz consegue surgir por entre o edificado, é junto à Igreja de São Pedro e a praça que lhe é adjacente, sabe-se que, num movimento paralelo à nave maior, encontrar-se-á a Rua Cândido dos Reis e de seguida a Rua de Pedra D'Era.

Vê-se uma fachada em pedra, parece convocar a atenção de quem por aqui deambula, os vãos sugerem um programa diferente dos restantes. Este edifício em questão é o que dá origem ao nome da rua, é a antiga cadeia, de onde se conta terem conseguido fugir alguns condenados. A rua continua, compreende-se que o carácter unitário da rua será continuado, até ao ponto em que esta finaliza, junto à escola primária e à Igreja da Misericórdia, mas o percurso parece ter atingido o seu propósito.



FIG[42] TEIXEIRA DE PASCOAES NA RUA DA CADEIA

RUA 5 DE OUTUBRO /
associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 104-111

Será a via menos extensa da cidade, porém tudo o que lhe falta em extensão tem em unidade. Inicia-se o percurso junto ao Mosteiro de São Gonçalo, no largo do mesmo nome, o espaço público com mais importância histórica e social na cidade. Toca o sino da Igreja de S. Domingos, num largo cheio de gente, se em dia de mercado, ou fim-de-semana. As esplanadas e os cafés estarão cheios, e o percurso não se fará sem interrupções para cumprimentar este ou aquele, ou com curiosidade, olhar para trás e ver o trânsito interrompido na Ponte, pelos peões que da Alameda (Teixeira de Vasconcelos) pretendem chegar ao largo, os condutores impacientes contrariam-se, não querendo estragar o automóvel, num acesso que já de si é complicado, ou sem magoar alguém, esperam.

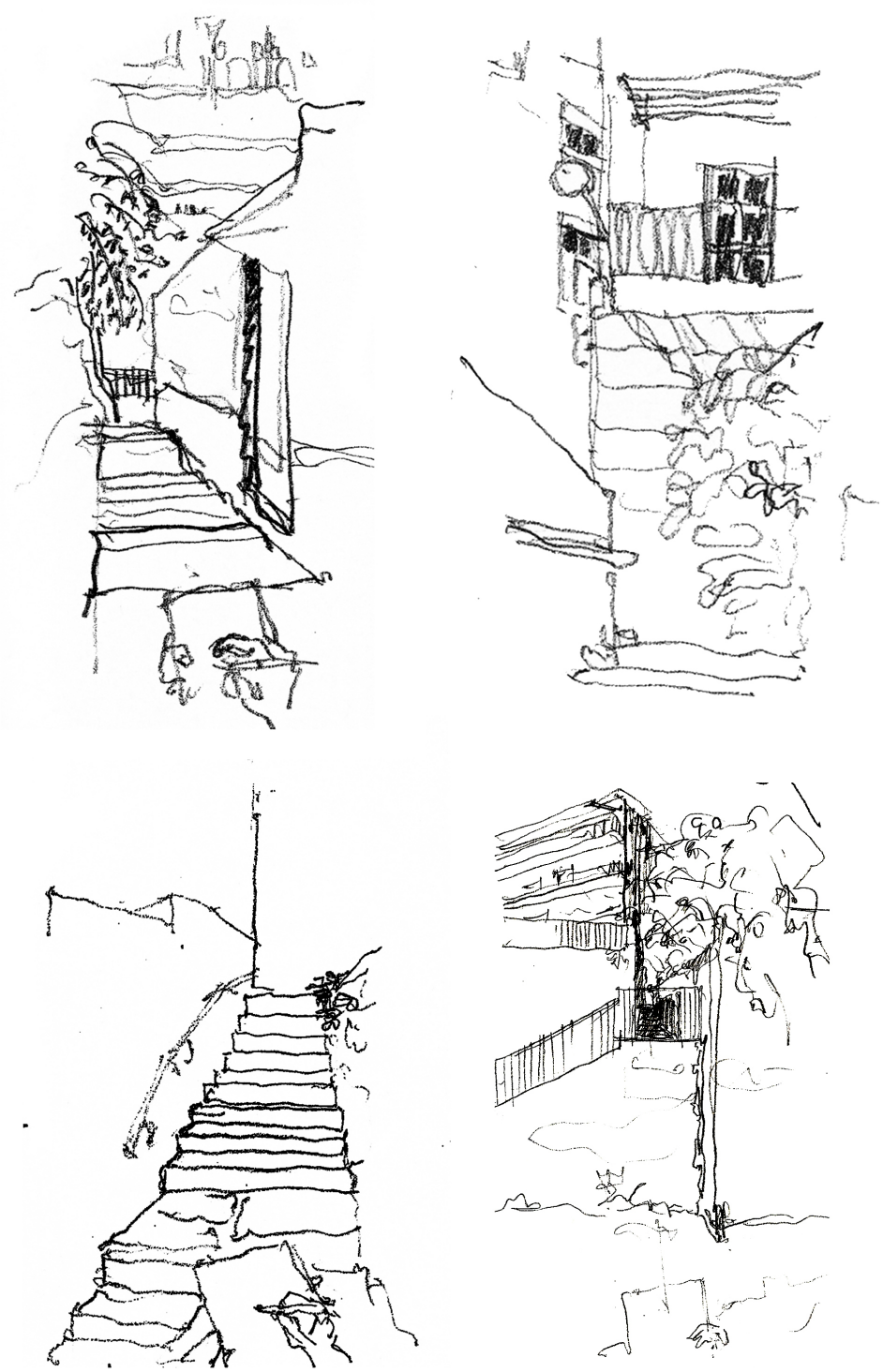
À sombra, segue-se em direcção à rua que, como todas as outras do centro histórico abriga o comércio tradicional no rés-do-chão, e habitação e escritórios nos superiores, pelo que se vê nas diversas placas à entrada. Entre dois edifícios escondem-se umas escadarias, não se veriam, não fosse o cheiro nauseabundo que emanam, 'ao menos serviu para algo!'. As escadas levar-nos-iam ao Tâmega, do qual já se vê a imagem, imediatamente acima de umas glicínias que de um jardim caem. Não será esse o percurso escolhido! Segue-se o em frente, com o imponente edifício, o dos antigos Correios, a observar. Olha-se a Cândido dos Reis, na sua calma inclinação, e a luz que perfurando por entre os edifícios, lhe dá vida, e do outro lado a Teixeira de Vasconcelos, a pique, envolvida no silêncio da canção da sombra. À noite, por vezes, os papéis invertem-se.

Umas escadas à esquerda, ao fundo da rua, conduzir-nos-iam por estreitos e íngremes percursos que revelam pequenos edifícios encavalitados, escondidos no interior do quarteirão. É por aí que se segue, e envolvidos no labiríntico percurso só se 'volta à cidade' já em frente à Igreja de S. Domingos, num percurso inclinado, difícil, rugoso, de pedras de múltiplos tamanhos e altimetrias, que nos leva ao ponto inicial.



FIG [43] DO PASSADO, EDUARDO TEIXEIRA PINTO (1933-2009)

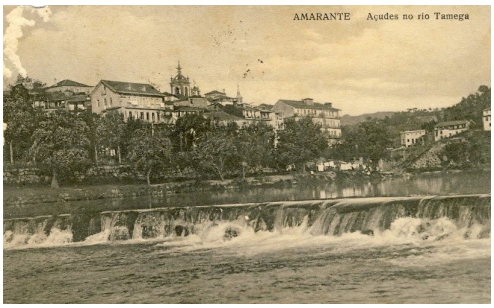
FIG [44] DESENHOS DA AUTORA



À MARGEM /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 112-130





FIG[45][46] DO PASSADO, POSTAIS DE AMARANTE

Finalmente a margem, a relação imediata ao rio, o lugar de fronteira entre cidade e espelho.

No presente escrito propõe-se um percurso de um sector da margem direita do Tâmega, sem nunca deixar no esquecimento a margem que se lhe opõe, e que a completa. Não fora o canal de água passar estariam unidas e, ainda assim o estão. Espelham-se na água, separadas por um pedaço de céu, no mesmo plano. Só na abstracção uma existe sem a outra, quem uma calca a outra vê, e ainda que não veja, sente-lhe a existência.

Numa nota geral, caracteriza-se a margem direita por uma maior quantidade de serviços, comércio, indústria, de equipamentos culturais e habitação; na margem esquerda compreende-se um decréscimo habitacional sendo, no entanto, a função que mais a caracteriza, de novo a indústria e a hotelaria.

Na área de estudo, à pequena escala, a escala de quem se desloca a pé na cidade, lêem-se pequenas diferenças. Não havendo grande disparidade no que remete à habitação e ao comércio, caracterizando-se de um modo geral uma tipologia de comércio no rés-do-chão, voltado para a rua e de forte contacto com a mesma e habitação nos pisos superiores, generalizando num esquema de pisos (1+3) à face da rua. Naturalmente, haverá casos excepcionais, alterando-se o número de pisos ou com a introdução de escritórios nos pisos intermédios. Se na margem direita se situam todos os equipamentos público, câmara municipal, correios, tribunal, mercado... na margem esquerda os equipamentos de lazer, o complexo desportivo, o parque florestal, a casa da juventude e as piscinas municipais.

O percurso da Margem é acompanhado em quase toda a sua extensão pela existência de espaços verdes, na sua maioria de carácter privado, encerrados por muros de granito que ora delimitam, ora são derrubados pela força da vegetação. Ao passo que o mesmo tipo de programa na margem esquerda se caracteriza pela implantação de espaços verdes públicos em relação com o rio.

*

Chega-se à praia Aurora, com o intuito de a pé calcorrear a margem até à outra praia, a das Azenhas dos Morleiros, compreendendo-a na sua totalidade e na relação com a que se lhe opõe. Aqui situa-se a maior praia fluvial da cidade, no Verão, repleta de gente que se aventura cruzando o rio de uma margem à outra quantas vezes

quanto o corpo lhes permita. O areal está vazio, e as sombras das árvores assombram o silêncio, o vento forte faz-lhe os ramos dançar e a água corre com tamanha força que apenas os canoístas têm coragem de enfrentar. Na outra margem pessoas exercitam-se e ouve-se no contraste com os sons naturais, as bolas que batem no chão, e os gritos de quem as pontapeia, no Complexo Desportivo da Costa Grande.

MACEDO, Luís van Zeller, Movimento Cidadania para o desenvolvimento no Tâmega

Leu-se sobre o nome da praia, "*meu pai resolveu mandar-nos com uma funcionária sua, chamada Aurora, [...] para a zona da captação das águas da câmara, também conhecida por poços, e que a partir daí ficou a ser conhecida por praia Aurora"*

Um Tâmega forte e vigoroso, em corrente rápida e remoinhos, desenha a margem, rapidamente se passam os balneários da canoagem, o pequeno bar improvisado, e na outra margem, a Rua da Feitoria ao nível dos olhos parece acarretar o peso das casas e monte que imediatamente acima se revelam. A Ínsua dos Frades depressa se apresenta a dividir o leito do rio, aproximando-lhe a dimensão do leito que se lhe vê à rua em cubo que desenha o chão que se calca.

A vegetação, em quase toda a extensão do percurso que se faz, cresce desgovernada pela força da irrigação diária que o Tâmega lhe proporciona.

E um ápice, os muros que condicionam uma curva no eixo, forçam a perspectiva e apresentam a Ponte Nova e o Mercado Municipal.

É evidente a disparidade entre o que aqui se calca e vê, com o que antes se pisava. Se antes a mesma rua compreendia o percurso do Homem e da máquina, não será já verdade repeti-lo. Aqui a circulação automóvel será interdita, obrigada a funcionar à cota superior. Sente-se um regresso à escala do Homem, com espaços de paragem, contenção de zonas verdes, a existência de muros e escadarias que propiciam e recordam a proximidade ao rio. Nas imediações do Mercado, parece ter havido um pensamento regenerador de associação entre cidade e rio.

Do outro lado, a Rua 31 de Janeiro, a protagonista, com o seu edificado multicolor a servir de margem, com fachadas que evidenciam com clarividência o desenho dos espaços, revelando os pisos de cave, que protegem das fúrias ocasionais do rio, e umas escadinhas que descem até ao rio, recordando tempos em que ali se formava um pequeno areal onde se aparcavam as guigas e gamelas (embarcações de pequeno porte tradicionais do Tâmega) e ainda a Ilha dos Amores onde se coravam os lençóis.

Com o mercado à direita, já a ficar para trás, sente-se o peso do Mosteiro de São Gonçalo sobre o forte muro que desde a marginal se eleva à cota da Ponte Velha e do chão do Mosteiro. O piso, de granito converter-se-á, perto da ponte, numa pequena plataforma em ferro sobre a água, paralela à varanda de onde gente espreita, no Largo de S. Gonçalo ou Praça da República. Numa gradação, pedras de dimensão quase excessiva galgam do rio em direcção ao topo, funcionando como base das mais pequenas, ainda rugosas e toscas que se fundem com as de dimensão regular, cuidadosamente talhadas, onde se irá encaixar a guia de ferro que protege "a gente que espreita" à cota alta.

Caminha-se sobre a água, será tão rápido que, deixando-se abstrair pela presença do Convento metros acima, passará num ápice! Passos à frente, junto à escadaria que se reconhece ter visto da 5 de Outubro, vê-se todo o Parque Ribeirinho,

as piscinas municipais e a massa de árvores do Parque Florestal. Com a largura reduzida a metade, o percurso que se faz é acompanhado pelas grandes árvores que filtram a visibilidade a quem o percorre e espreita. Parece até que as densas e grandes árvores, e os muros do outro lado conformam um espaço interior, um corredor sem ventilação.

Avança-se, não será este um espaço de paragem, antes parar junto ao rio, no areal que se forma pela areia que o rio transporta, onde homens pescam alheios ao resto, num silêncio que não se pensa no centro de uma cidade.

O trajecto, que agora se faz, é um caminho conhecido num sentido inverso ao que já se fez, percorre-se a Calçada Eduardo Teixeira Pinto, a extensão do eixo da Rua Manuel de Barros. Ladeado por árvores e rio, a paisagem do outro lado e sentindo dos muros o peso da cidade acima, já se avista ao fundo o açude que não se pode atravessar em dias como este, em que o rio corre alto, e as azenhas, o destino final.

A Quelha das Garridas encontra-se com a margem, no "Rossio, das lavadeiras" e a cidade espreita, mas não vê, curiosa, sobre a varanda da Cândido dos Reis, ou da outra margem. Segue-se pela Rua, sem espaço para peões, esperando que não apareça um carro mais descontrolado, acompanhado pela acalmia do rio, o som da água que cai do açude e os ruídos da cidade.

Com Bairro da Torre em frente, a proximidade às Azenhas dos Morleiros é maior, mas nem por isso a chegada será imediata. Ainda se vê a cortina edificada das Bucas, e compreende-se o contraste entre esta escala e as que lhe são vizinhas. Terá que se atravessar a Ponte Eduardo Teixeira Pinto, o fotógrafo amarantino, que retrata este rio, coberto pela névoa da memória, como ninguém. Uma ponte metálica, partilhada por carros e pessoas, alternadamente, já que a sua largura não lhe permite a partilha, olha-se o ribeiro que agora conduz a água da de S. Lázaro e da encanada ribeiro de Santa Luzia, porém não se lhe vê água a correr, encoberta pela vegetação e o lixo trazido pelas enchentes.

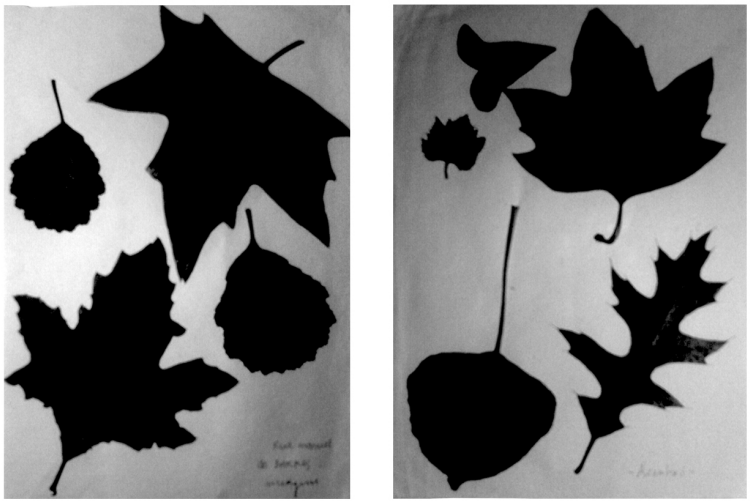
Avançando por uma rua, sem ares de rua, ladeada por muros de pedra e redes, de onde espreitam folhas e caem ervas, numa mistura de terra e cubo de granito, aleatoriamente disposto, um edifício grafitado dita o seu abandono, um semáforo, que parece ligeiramente deslocado controla o ritmo do trânsito, - se é que se pode chamar de trânsito ao carro que espera por um outro carro, vindo do sentido inverso, que não mostra sinais de aparecer, dez minutos depois o vermelho dá lugar ao verde e o carro avança sem nunca ter encontrado o outro que imaginou existir.

Vira-se à esquerda num percurso, descuidado, desatento e introvertido que, no entanto, cumpre a sua missão, leva quem o calca às Azenhas dos Morleiros.

De súbito já se desce a rampa que conduz ao areal, mas ainda se vê junto às azenhas um espaço de estar, coberto por uma fina camada de água, que deixa que se lhe leia o desenho. Muros grossos ou estouvadas guias de ferro, pequenas mesas circulares cujo tabuleiro são antigas mós – estranha-se a escala, as mesas não têm bancos, exactamente porque não poderiam ter, pois a desproporção que as desenha é a mesma que lhes altera a função ao nome e as torna bancos, como às escadas de espelho, irregular e sempre alto, que desenham o espaço, enquanto as pessoas fitam o rio. Na praia, toalhas estendidas, no areal ou nas rochas, à sombra ou não, seria a imagem deste espaço no

Verão. O que agora se vê remete mais para o abandono que para a pertença, parecem até estas árvores do areal fora de escala e de disposição aleatória, principalmente quando comparadas às que por entre as azenhas mostram forte ligação ao espaço, muito mais que mesas/bancos e guias metálicas tombadas. A praia é extensa num movimento longitudinal, mas estreita, com a areia a cair para o rio, ou as rochas a invadirem a areia. Olhando para trás, vê-se, na mesma margem, a torre da Igreja de São Pedro que se impõe no *skyline* da cidade. A ponte, o edificado, os grandes terrenos, cujos muros nos conduziram, há anos sem cultivo, há anos sem desenharem os bonitos jardins que por imagens se conheceram, há anos sem conformarem um espaço de uso e de fácil transição entre o edificado à cota de cima, e o rio.







FIG[47] HERABARIUM, *SALGUEIROS, AMIEIROS, PLÁTANOS, ÁCER, TILIAS*, RECOLHIDAS NA ÁREA DE ESTUDO, DA AUTORA

"Portanto, há um sentido em dizer, no plano de uma filosofia da literatura e da poesia em que nos colocamos, que se "escreve um quarto", que se "lê um quarto", que se "lê uma casa". Assim, rapidamente, desde as primeiras palavras, à primeira abertura poética, o leitor que "leu um quarto" suspende sua leitura e começa a pensar em qualquer antiga morada. Você quereria dizer tudo sobre o seu quarto. Quereria interessar o leitor em você mesmo no momento em que você entreabre a porta do devaneio. Os valores de intimidade são tão absorventes que o leitor não lê mais seu quarto: revê o quarto dele. O próprio leitor já foi ouvir as lembranças de um pai, de um ancestral, de uma mãe, de uma empregada, uma empregada de coração grande"[40]

40 BACHELARD, Gaston, A poética do espaço, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p. 206

III. O ESPELHO



FIG [48] DO PASSADO, EDUARDO TEIXEIRA PINTO (1933-2009)

"Ora, se prestares atenção, Kitty, e te calares um bocadinho, conto-te todas as minhas ideias sobre a Casa do Espelho. Primeiro, há a sala que vês através do vidro: parece igual à nossa sala de estar, só que as coisas estão ao contrário. Se subir uma cadeira posso ver quase toda a sala do lado... toda menos o bocadinho da lareira! Queria tanto saber se eles têm lume no Inverno, não há maneira de descobrir, sabes a não ser quando a nossa lareira deita fumo e o fumo aparece também naquela sala... mas isso pode ser só a fingir, só para nos fazer acreditar que eles também têm um fogo. Bom e depois os livros parecem-se com os nossos livros, só que as palavras estão ao contrário, isso eu sei, porque já abri um dos nossos livros contra o vidro, e nessa altura abriram outro na outra sala ao lado." [41]

41 CARROL, Lewis, Alice do outro lado do espelho, Relógio d'Água Editores, Lisboa, 2007 p.17

FIG [49][50] DO PASSADO, CHEIAS DO TÂMEGA





"O espelho ora aumenta o valor às coisas, ora o nega. Nem tudo o que parece valer muito por cima do espelho consegue resistir quando espelhado" [42]

*

"O algures é um espelho em negativo. O viajante reconhece pouco do que é seu, descobrindo o muito que não teve nem terá." [43]

*

"O uso e a interpretação são certamente dois modelos abstractos. Todas as leituras resultam sempre de uma mistura destes dois comportamentos. Por vezes acontece que um jogo, iniciado como sendo uso, acabe por produzir uma criativa e lúcida interpretação- ou vice versa." [44]

O ESPELHO /

Por espelho entende-se, na analogia principal, rio, que reflecte a imagem da cidade, e como um reflexo de quem escreve; visa este capítulo a transformação de tudo o que se apreendeu no precedente, resultando numa imagem especular da cidade.

É momento de uma nova perspectiva. A imagem da cidade não é o que nestas páginas se escreve, mas uma visão de cidade, marcadamente individual e opinativa.

O rio que funciona como uma espécie de panóptico, tudo vê e tudo espelha, será o ponto de partida para, por entre a névoa de significados, por entre as 'águas turvas', construir uma imagem que devolva uma nitidez que se crê perdida. Um reflexo que não será narcísico, apaixonado pela sua imagem, mas crítico e indicioso.

O espelho será sempre sinónimo de identidade, daí que se construa de um discurso fortemente condicionado por experiências e referências de quem o escreve, naturalmente associadas à memória da cidade. Assim, ao 'espelho' ver-se-á, não só cidade, mas também memória.

O 'outro lado do espelho', revelador de um novo ponto de vista, é a imagem reflectida que só surge pela posição em frente ao espelho da imagem real. Então o 'Espelho' funciona como eixo de simetria entre 'a Cidade', e 'a Memória' .

O discurso de Alice, que indica duas perspectivas, a vista da sala e a vista da sala do outro lado, é análogo à função do 'Espelho', um eixo que cruza relações - que em 'a Cidade' se leia um reflexo da 'Memória', e na 'Memória' se encontrem reflexos da 'Cidade'. Que 'ao espelho' se leiam os dois.

Pensa-se ainda a ideia de metamorfose, como um livro se transforma em outro livro quando lido, ainda seja o mesmo, numa segunda leitura o ponto de partida será inevitavelmente diferente. Por analogia, a leitura da cidade não estará cristalizada e o discurso que a descreve não será mais o mesmo.

42 CALVINO, Italo, As cidades Invisíveis, Editorial Teorema, Lisboa, 2008 p.55

43 idem, p.31

44 LOPES, Diogo Seixas, cita Umberto Eco, Melancolia e Arquitectura, Orfeu Negro, Lisboa p.29

A SOMBRA DE UM LUGAR /

associar à leitura o compêndio fotográfico pág. 131-147

Já lhe foram percorridas as ruas, já se conhece o desenho, compreendeu-se a história, os usos, os percursos e os hábitos.

Fala-se agora sobre o lugar.

Convivem as ruas novas com as antigas, os edifícios novos com os históricos, igrejas e ruínas, numa topografia marcada pelas subidas íngremes e descidas acentuadas.

As margens abandonadas, onde param turistas e pescadores, percorrem-se em linha recta até às Azenhas, que sendo Verão, estarão cheias de gente, na água, na areia, à sombra das árvores ou no espaço entre as Azenhas, usado, sempre que as condições meteorológicas o permitam, por homens que conversam e jogam cartas ao som da corrente e da água que cai pelo açude. Este permite, três meses por ano, quando o caudal vai mais baixo, atravessar de uma margem à outra, das Azenhas, ao Parque Florestal.

O percurso da margem é um percurso introvertido, mais interessado na deslocação automóvel do que pedonal. Será o suficiente para caminhar ou parar, porém, a simples vontade de tomar um café, não será realizada, ter-se-á que subir à Rua Cândido dos Reis.

Os espaços verdes, descuidados, encerrados por muros, relembram o esquecimento, esquecendo-se também eles da sua pertença a um conjunto urbano.

Generalizando, dir-se-ia que a Cidade vive numa imagem postal de um momento ideal que se cristalizou e se acredita ser capaz de lhe ocultar todas as lacunas. Perde-se nas memórias que a desenham e esquece-se de no agora as construir, as desejar.

*

Ao passo que a existência da Torre remonta ao fim do século XVII, funcionando já como habitação, poucos edifícios da Cândido dos Reis datarão da mesma data, outros foram construídos já no século XIX e XX, quando a Rua se tornará mais importante na dinâmica da cidade do que a Rua da Cadeia, configurando uma via de grande importância no sector comercial. Tendo sido construída posteriormente, potenciará a deslocação da população que viveria em pontos mais distanciados do centro, para aí habitar.

Já nos finais do século XX terão sido edificados os edifícios da Rua Francisco Sá Carneiro, substituindo os que já se previam em 1878, na planta de Reedificação de Amarante, pós incêndio da Vila.

Abrigando cerca de 50 famílias, e ainda escritórios e lojas, estes edifícios encerram-se em si próprios. Não haverá uma preocupação com a criação de zonas de lazer, ou zonas de estar comuns exteriores. Se as casas da Rua Cândido dos Reis, possuem, na sua maioria, logradouros que não funcionando para todos, pelo menos poderão ser utilizados por uma família, aqui isto não acontece. O espaço exterior que estas famílias terão encerrar-se-á nas varandas pequenas que os apartamentos oferecem. Tudo isto, associado ao parque de estacionamento, construído na frente Este dos edifícios e a ocupação a Oeste pelos automóveis, resulta na clausura do

mesmo face à cidade, tornando-se até numa área marginal, onde não se quer viver.

As crianças não terão onde brincar e os pais e os avós também não terão onde passear ou descontrair, o que poderia fazer sentido numa grande cidade, ou numa área densamente construída – que não é a realidade deste lugar. Na proximidade, são muitos os terrenos baldios, sem aproveitamento, havendo ainda a proximidade ao ribeiro de São Lázaro, que articulando estes edifícios com o Bairro do Amieiro e o Bairro da Torre, resulta na absorção deste canal de água, pelo edificado e pela vegetação, em vez de ser aproveitado pela população.

Sendo uma cidade cuja população durante anos se dedicava maioritariamente à agricultura, com muitos habitantes de freguesias longe do centro, que hoje vivem na cidade em edifícios partilhados, denota-se uma falta de jardins exteriores que as pessoas possam utilizar. Numa cidade marcadamente verde, onde a cada passo se vê uma árvore, a existência de um verdadeiro espaço verde onde se possa estar é nula, já que o que existe - o Parque Florestal – revela falta de cuidado e abandono, assim como quase todas as zonas verdes públicas da área de estudo.

A questão do estacionamento é dramática, ainda que a cidade seja pequena o número de carros que se vê todos os dias na cidade é elevado. Os transportes públicos não são já usados como noutros tempos, porque não correspondem às necessidades de uma população com horário de trabalho fixo e em zonas, por vezes, opostas à sua habitação. A bicicleta, ainda que seja bastante utilizada é, no centro da cidade, usada no sentido desportivo e não no sentido da deslocação, devido à topografia, porém, sente-se uma vontade de alterar este pensamento. Portanto, o meio de transporte que prevalece será o automóvel e o espaço para o estacionamento dos mesmos não poderá ser ignorado.

Actualmente, as soluções de estacionamento em maior número encontradas são a Norte do rio, em Santa Luzia, no espaço já referido, e junto à margem, ladeando a Quelha das Garridas, no Parque de estacionamento do Rossio. Estas seriam soluções que se previam efémeras, mas dada a necessidade e o contínuo crescimento do número de carros, se mantiveram e hoje estão fortemente estabelecidas.

A questão da acessibilidade é um ponto fraco muito evidente na cidade, os passeios apresentam-se pequenos e instáveis, as rampas muito inclinadas, e as diferenças de cota, por norma, são colmatadas por escadas, condicionando fortemente a população com mobilidade reduzida a deslocar-se em veículos motorizados, para os quais não há um grande número de lugares de estacionamento.

É ainda de notar a inexistência de equipamentos sanitários acessíveis públicos.

A Norte existem duas praias fluviais, a Aurora a Este, mais distanciada do centro histórico, numa zona em que o caudal do Tâmega é maior e a das Azenhas, junto ao açude, localizada no centro histórico da cidade, num espaço onde o natural convive com a história e a imagem actual da cidade. Este espaço terá sido intervencionado já neste século, porém a intervenção terá deixado de fora o desenho dos espaços de estar, dirigindo-se apenas às azenhas, num arranjo que se crê pouco reflectido.

Depois da Quinta dos Morleiros há ainda uma Estação de Tratamento de Águas Residuais, abandonada, palavra que adjectivará também todo o espaço de margem que daqui segue para Oeste. Seria, no entanto, um espaço bastante interessante

de percorrer.

Acredita-se que o facto da Rua da Cadeia ter sido, durante séculos, a via principal da cidade, ligando-a ao Porto, e o uso agrícola dos terrenos que daí se estenderiam até à margem, terá condicionado a distância do edificado em relação ao rio. Esta memória sentir-se-á ainda, olhando o abandono que se faz sentir à margem, com zonas verdes de grande dimensão, profundamente descaracterizadas.

Numa generalização falar-se-ia desta zona da cidade enquanto espaço de abandono, e desinteresse.

À cota alta, nesta margem, o rio só se ouve e poucas vezes se vê, numa imagem que reflecte a dissonância entre rio e cidade.

FIG [51] DO PASSADO, CAMPOS AGRÍCOLAS DA MARGEM, EDUARDO TEIXEIRA PINTO



A INEVITABILIDADE DE NASCER DAS COISAS /

"A gente não nasce só do ventre da mulher: nasce do ventre de todas as coisas" [45]

45 PASCOAES, Teixeira de,

Compreende-se que nada será completamente novo ou original, o novo de hoje nasce do novo de ontem, como uma resposta análoga ou como uma oposição. São estas 'coisas' referências e influências, que mascarando-se no subconsciente actuam com e sem premeditação, tornando-se também memória.

As 'coisas', que não são só matéria, são excertos de livros, de músicas, são experiências que se vivem, cheiros e emoções, podem ser determinados espaços e sítios, edifícios, paisagens ou pinturas, são todas as referências que se adquiriram.

São elementos que se misturam formando outros, que ajudam à construção das interrogações que formularão respostas. São bagagem e espelho.

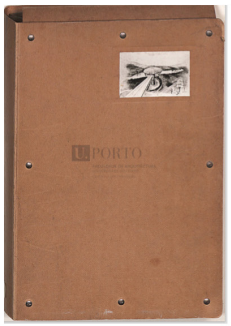
É segundo este pressuposto que se parte para uma fase de investigação que se relaciona não só com o uso da cidade, mas também com projectos/ideias para o lugar que não terão sido materializados (não deixando por isso de ser uma boa base de estudo). A ideia de que as reflexões, que outras vozes fazem, enriquecem não só a bagagem pessoal mas também a estratégia que se irá definir e por consequência, a cidade.

*

A primeira proposta de intervenção que se encontra não se refere a toda a área de estudo, no entanto, caso se tivesse materializado seria um elemento capaz de transfigurar a paisagem ribeirinha. Trata-se da CODA de Mário Morais Soares, que propunha a ampliação da Casa das Lérias, associando-lhe um novo edifício onde funcionaria um restaurante. Considera-se a relevância deste projecto na medida em que na sua memória descritiva e fotografias apontam elementos importantes para o estudo desta área da cidade, e a intervenção pouco espectável que apresenta seduz o observador.

Porém, num paralelo às cidades de Calvino, este projecto parece querer assumir uma realidade genérica, fortemente associado aos ideais modernistas, o edifício, desvinculado do lugar, pretende destacar-se pelo seu desenho, numa ideia que assegura o ponto de vista de Nuno Portas quando afirma que a procura do arquitecto pela individualidade se transfigura em problemas na paisagem urbana. Tivesse sido edificado possivelmente resultaria num real problema à cidade. A Casa das Lérias está encerrada há anos, abandonada, e num estado de conservação lamentável. Tendo-lhe acrescido este volume, seria mais um dos quantos edifícios ao abandono no centro da cidade, e se hoje já se caminha para a sua reabilitação e reabertura, seria a situação pior com a inclusão do edifício proposto, a sua reabilitação ou manutenção seria economicamente difícil.

FIG [53] CODA MARIO MORAIS SOARES



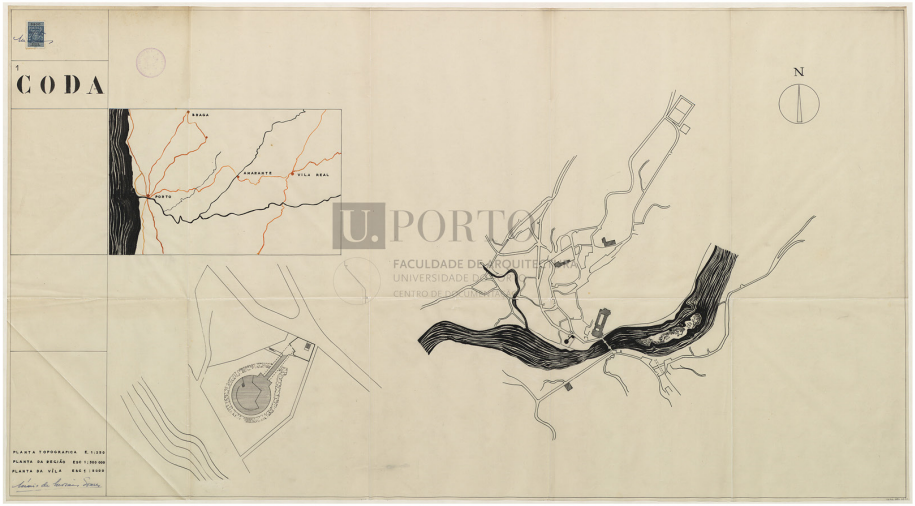
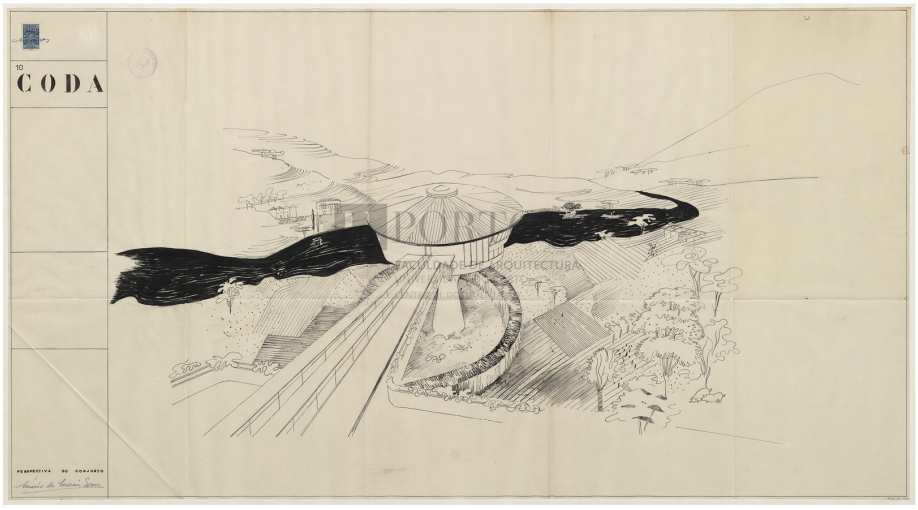
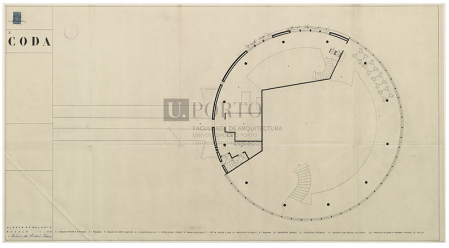


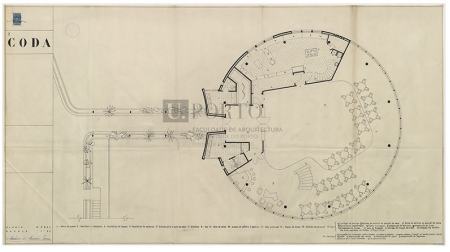


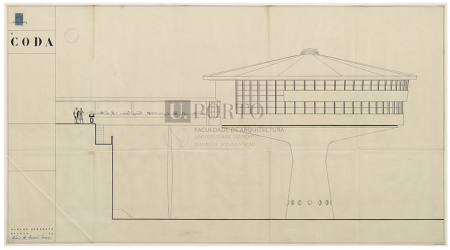


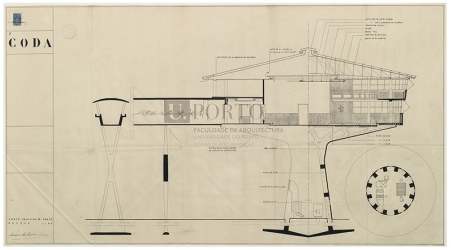
fig. [52]











MEMÓRIA DESCRITIVA

"Não raras vezes a Casa das Lérias tem sido procurada para ali se realizarem grandes banquetes de confraternização, de reuniões de curso ou de congressistas, o que tem rejeitado dada a pequenez actual das suas instalações; além de que o movimento aos domingos e feriados, as excursões turísticas ou de estudo, as consagradas festas Amarantinas e as outras pelo ano adiante, mostram também, o quanto é necessário pensar-se no alargamento que agora se projecta [...]Em local privilegiado, Amarante desempenha, no xadrez turístico, papel de invejável relevo. Cortada a meio pelo Tâmega, rio de águas tranquilas recheado de pitorescas ínsuas com sugestivos nomes, inspirou, esta terra, poetas e oradores. Servida por caminho de ferro e atravessada pela principal estrada de penetração em Trás-os-Montes, dificilmente o viajante a esquece tão característica ela é, e tamanho o seu encanto. Perto do jardim Minhoto (quase lhe bate às portas), e em plena região duriense, não fica longe daqueles socalcos onde desabrocha em cachos doces o nacionalíssimo néctar que é, também, o internacional OPORTO WINE. Aninhada à sombra tutelar do portentoso Marão, Amarante deve-lhe muito da sua importância turística. Com a sua esplêndida estrada de caprichosos recortes agarrada aos seus flancos como adesivo à carne, cheia de maravilhosos longes para lá dos quais outros se avistam, nesta serra de contrastes há sempre novas coisas a ver, ainda que muitas sejam as vezes que por lá se passe. Poderoso imã, com pequeninos vales de sonho e de verdura agachados no fundo das suas vertentes, o Marão deixa de si, em qualquer época do ano, agradável e saudosa lembrança: esteja ele coberto de neves imaculadas e com o sopro agreste dos seus ventos, ou repleto da policromada beleza primaveril. [...]Situado à margem da estrada principal, a dois passos do majestoso Convento de S. Gonçalo e da magnífica ponte que Carlos Amarante concebeu, desdobra-se-lhe à vista o maravilhoso cenário dos ajardinamentos da Florestal, banhado pelas tranquilas águas do Tâmega Em frente, o reflexo do casario pitoresco e das verdejantes margens, vê-se até aos açudes que o quebram num precipitar de águas, belo aos olhos e de melodiosa queixa agradável de se ouvir. Mais ao longe, as lombadas dos montes arborizados, cheias de cor e de beleza. A Norte, porque as descuidadas traseiras dos prédios marginais que, embora pitorescas, podem, pela sua proximidade, impressionar desagradavelmente o turista, escondem-se com a construção da cozinha e anexos. A característica principal do edifício é a sua inscrição num círculo com 20 metros de diâmetro, apoiado num pilar central e elevado acima do solo cerca de 10 metros. Aqui se procurou abrigar todo o serviço e dispor o público de forma a que este pudesse gozar amplamente o panorama ribeirinho que, de nascente a poente, se desdobra quase em semicírculo. Foi ainda em obediência a este critério de máximo aproveitamento paisagístico que, do lado panorâmico, se imaginou, também, a galeria sobranceira à sala principal, para duplicar o número de pessoas que queiram gozar as vistas. Não parecia lógico que, onde a Natureza caprichou juntando tantas prendas, o homem lhe sabotasse o capricho, obstinando-se em escondê-las. Por isso se optou por largos envidraçados de caixilharias simples e delgadas, que a técnica actual permite.

Mário Morais Soares, Repositório Temático da Universidade do Porto, Arquivo Digital da U. Porto, Faculdade de Arquitectura, Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983]

Em conversa no Gabinete de Urbanismo da Câmara Municipal, aproveitando um momento em que se pensava a reformulação do PDM, e se declarava a inserção da área de estudo na ARU (Área de Reabilitação Urbana) soube existir a vontade de, no parque de estacionamento do Rossio, suprimir os lugares de estacionamento e de ali implantar um café, sem alterar substancialmente a morfologia do parque e a pretensão de suprimir a acentuada diferença de cotas com a implantação de um elevador público de exterior. Este projecto não terá avançado, mas afirmam ser uma ambição ainda presente.

Hoje, sabe-se da vontade camarária de associar ao parque de estacionamento mais lugares de estacionamento, tendo já sido comprados os terrenos que lhe são adjacentes – os campos agrícolas abandonados que já se referiram. Toma-se este conhecimento pelo Jornal de Amarante que apresenta a proposta ainda que não lhe apresente o projecto.

Encontrou-se um caderno referente à acção Amarante no Centro, denominado "Amarante de novo o Centro" onde se encontra a materialização desta vontade, onde se associa o desenho de uma ponte pedonal capaz de unir o Rossio e o Parque Ribeirinho. Não se revelava o projecto na totalidade, nem a sua autoria, sendo apresentado por partes, porém no processo de investigação, por cruzamento de dados, conclui-se que o projecto seria da autoria do arquitecto Ilídio Ramos, à data de um concurso público em 2004.

MEMÓRIA DESCRITIVA

"Este 'plano de pormenor' reflecte sobre uma área de intervenção de 14 hectares com uma topografia de encosta, prado e vinha, entre o centro histórico da cidade na cota alta e a margem Norte do rio Tâmega, inclui o lugar da Torre e todo o edificado do lado sul da rua de Cândido dos Reis.

A área em causa inscreve-se em áreas eco-culturais sensíveis e expressa circunstâncias, hesitações, erros e dificuldades diversas de urbanização em terrenos declivosos e com estruturas fundiárias/cadastrais progressivamente 'estilhaçadas'. Estes problemas em conjunto com os de carácter socioeconómico e cultural, densificados ao longo do tempo, não contribuíram para a construção da desejada 'boa forma da cidade' (KL1981). Contudo, a paisagem – natural e artificial - existente possui um elevado e consensual valor de conjunto, o qual deve ser preservado e qualificado. Este objectivo global está em linha com o que propusemos em fase concurso – aproximar, com urbanidade, a cidade (centro histórico) do seu rio. Neste contexto relevamos a atenção a dar ao frágil espaço público existente, aos alçados de tardoz dos edifícios existentes à cota alta (estes foram, ao tempo e na sua maioria, designados para constituir interiores de quarteirão), ao casario com moinhos de água do lugar da Torre, ao prado e á quinta dos Morleiros.

Após um reconhecimento multidisciplinar mais detalhado do território, pareceu-nos que as propostas de intervenção deveriam redesenhar e/ou desenhar: _um sistema de espaços públicos com base na circulação pedonal (partilhado quando necessário com velocípedes e/ou viaturas motorizadas de apoio) articulada com os espaços de estadia/recreio em diversas escalas e para diversas apropriações ao longo do ano; _pontes com a margem sul (com o parque florestal e o futuro teatro) de modo aproximar e tornar aprazíveis as duas margens e intensificar a urbanidade em volta do rio potenciando os magníficos valores naturais disponíveis; _as normativas estritamente necessárias para desenvolver a

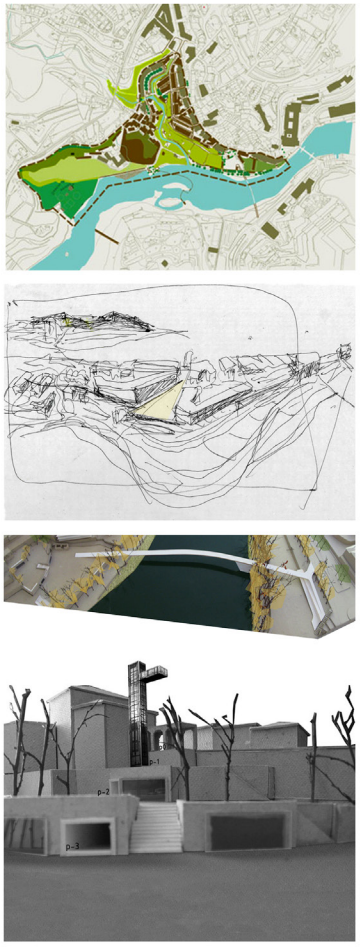
reabilitação e/ou construção nova de edifícios com o objectivo de, na medida do possível, compor com o apoio dos logradouros existentes e do espaço público proposto, a 'frente urbana' sul da cidade; _os contributos para dinamizar as funções urbanas clássicas – habitação/comercio/serviços, actualmente em perda e uma vez que estas trazem as outras e mais pessoas, o que é bom para a cidade.

O estudo procura estimular o aproveitamento/manutenção/reabilitação do que neste momento se considera com valor cultural - paisagístico/arquitectónico. Destacamos ainda o esforço realizado para a 'conquista' de um espaço predominantemente de carácter vegetal que, física e paisagisticamente poderemos afirmar já existir e que venha a constituir o Parque Ribeirinho da cidade. Às propostas apresentadas correspondem resoluções diferenciadas em função suas circunstâncias e em articulação com as oportunidades e dinâmicas económicas/culturais que ao longo do tempo se manifestarem.

Este plano é desde o seu início um trabalho colectivo, condição que, em nosso entender, deverá continuar a desenvolver-se ao longo da sua vigência na procura de equilíbrios entre os interesses públicos e privados."

Arquitecto Ilídio Ramos, o Plano de Pormenor do Rossio, concurso público, 1º lugar , 2004

FIG [54] O PLANO DE PORMENOR DO ROSSIO



Ainda no mesmo diálogo conheceu-se a existência de um projecto para a margem esquerda, o Interceptor do Tâmega – Sector Amarante - da arquitecta paisagista Laura Roldão Costa, vencedor do Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista 2011, que articula um interceptor com o desenho de um percurso, junto ao rio, associado a um "corredor verde", que se estende do Complexo desportivo da Costa Grande ao Parque Florestal. Este é um projecto que se vê com grande relevância nas dinâmicas da cidade, uma mais valia para a relação cidade – rio.

MEMÓRIA DESCRITIVA

"O projecto foi elaborado no âmbito do estudo do Interceptor que acompanha o rio Tâmega centrando-se na zona ribeirinha da cidade de Amarante.

Na abordagem projectual vários aspectos foram tidos em consideração, deste a mitigação dos impactos na fase de execução da obra e de exploração, à mitigação da implantação do Interceptor que ora se encontra enterrado, ora submerso, ora em superfície.

As áreas nas quais se vai intervir são muito utilizadas pela população de Amarante e são visitadas quer por turistas nacionais quer internacionais, uma vez que se trata de uma das cidades mais representativas da região do Minho/Trás-os-Montes e possui um vasto e significativo património. Na realização do projecto foram tidos em consideração a mitigação dos impactos, como referido, o mosaico da paisagem local, a garantia das acessibilidades à zona histórica de Amarante e a implantação do verde continuum.

Sendo um projecto que teve por premissas iniciais/encomenda questões de ordem técnica e de preservação do património construído e natural, revelou-se à medida que foi sendo desenvolvido que as questões de ordem estética/sensoriais/ecológicas foram as que moveram as soluções finais, tendo-se definido um projecto de espaços verdes associado a um passeio público ribeirinho. Projectos como o do Interceptor do Tâmega demonstram como o projecto de Arquitectura Paisagista é um elemento relevante e obrigatório em todas as intervenções na paisagem mesmo quando se pode considerar (erradamente) serem intervenções pontuais e quase imperceptíveis no espaço e no tempo e das áreas meramente técnicas das engenharias."

Interceptor do Tâmega –Sector Amarante- da arquitecta paisagista Laura Roldão Costa

Conversou-se sobre a vontade de requalificação do Parque Florestal, para o qual se apresentou uma solução aquando da campanha eleitoral em 2013, cujas imagens não se conseguiram encontrar, porém importa referir que a ideia se caracterizava pela desvirtuação do espaço, na construção de um parque altamente tecnológico e descontextualizado, um parque que, possivelmente, requeria um horário de abertura e fecho, ao contrário do que hoje acontece. Nem tudo será mau, deste gesto fica a intenção. Já não se ignora o espaço, é reconhecido o seu estado de degradação, portanto uma revitalização do espaço estará latente. No entanto, foi referida a existência de um projecto para um edifício, um bar, que associado às piscinas municipais, configuraria um novo acesso ao parque, em contraponto com o actual terreno ermo, de onde ser retirou há pouco um campo de basquetebol e um pequeno bar improvisado (talvez indício da mudança).

* Será ainda importante referir o projecto de reabilitação do Cineteatro e do Solar dos Magalhães.

FIG[55] INTERCEPTOR DO TÂMEGA



DECOMPOR PARA UNIR /

DECOMPOR

Tendo em consideração a dimensão da área de estudo, considera-se importante decompor o espaço em fragmentos específicos que se pretendem analisar, numa sectorização que visa a compreensão destes espaços na sua inserção com o todo, como se de um momento de paragem num percurso maior se tratasse.



FIG [56] PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO ROSSIOS E CAMPOS AGRÍCOLAS, DA AUTORA

O Parque de Estacionamento do Rossio e os campos agrícolas adjacentes

O parque de estacionamento situa-se na zona corresponde ao ponto em que o espaço entre os edifícios da Rua Cândido dos Reis se separam e formam uma "varanda", com vista para o rio e a outra Margem - onde a paisagem constrói rua. É o único sector da Rua que não está densamente construído, consistindo no espaço entre o Hotel Silva e a Fonte da Quelha.

Daqui nasce uma tosca escadaria que une a cota alta à cota baixa, onde terá sido anteriormente um jardim. É um espaço de localização privilegiada no centro histórico, de forte ligação quer com o rio quer com a Cidade, conclui-se que a função que se lhe atribuiu não será a ideal, dado que oferece um mar de potencialidades desaproveitadas com a materialização deste uso. Parece importante devolver este espaço à cidade e aos seus habitantes, possivelmente pela adaptação de um programa de uso público. Será este o ponto, pela localização e pelas possibilidades que aponta, crucial para o acesso à margem, na suplantação das diferenças de cota quer no que respeita a escadarias quer à imposição de elementos mecanizados.

Os campos agrícolas que lhe são adjacentes encontram-se há anos sem cultivo, encerrados para lá de muros que ainda assim permitem à cidade compreender o seu abandono. Sendo o município, hoje, o proprietário, será inevitável que o seu uso seja público.

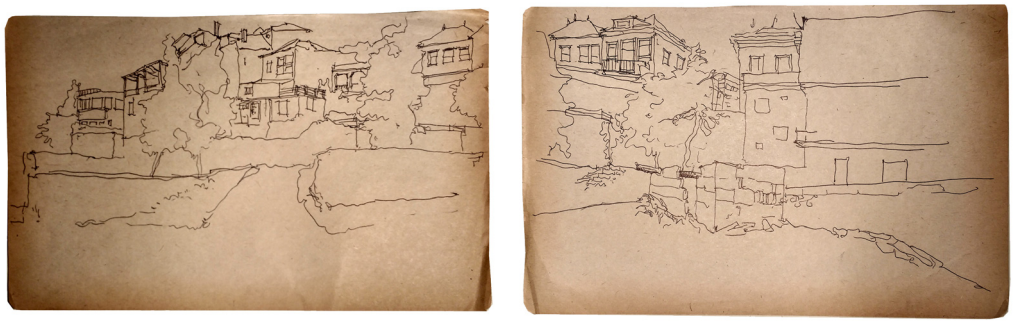
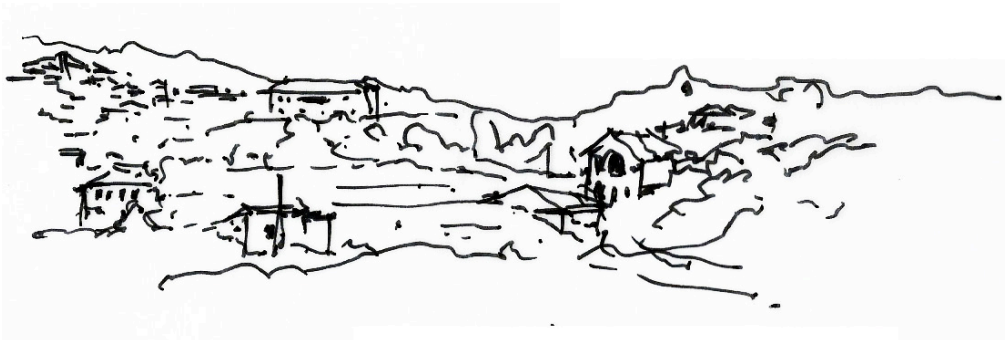


FIG [57]
DESENHOS DA
AUTORA

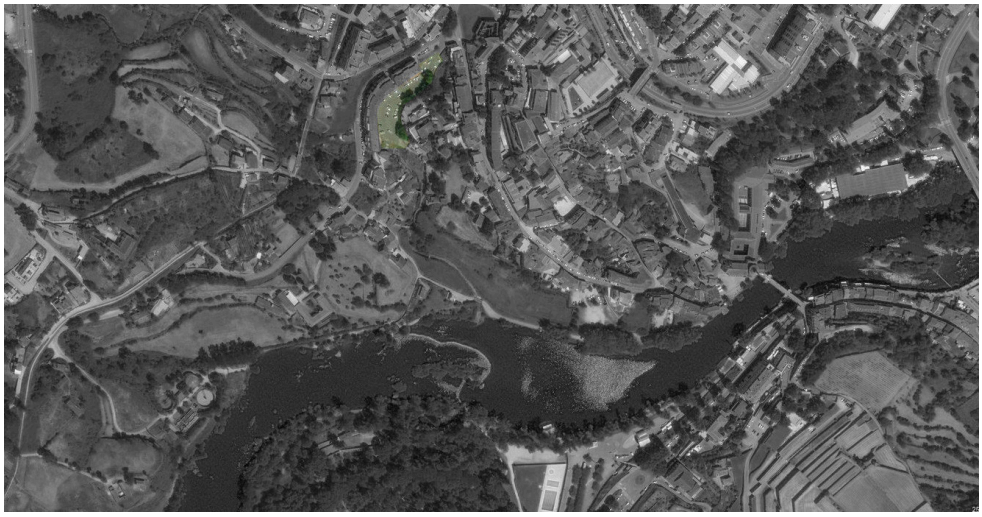


FIG [58]
FOTOGRAFIAS
DO ROSSIO, DA
AUTORA



FIG[59]
VISTA OESTE
DO PARQUE DO
ROSSIO, DESENHO
DA AUTORA

FIG [60] O PARQUE DE ESTACIONAMENTO DAS BUCAS, DA AUTORA



O Parque de estacionamento das Bucas

O parque aparenta ser um espaço sobrante onde coexistem edifícios de todos os tipos, resultando num caos visual que este uso não parece ajudar a resolver.

É configurado por edifícios de habitação colectiva (7 pisos), o Bairro da Torre e Amieiro (casas unifamiliares 1/2/3 pisos) e ainda as últimas casas da Rua Cândido dos Reis, que para aqui voltam as suas traseiras e logradouros.

A Norte um muro altíssimo faz a contenção de um terreno onde se localiza um restaurante., acompanhado à cota baixa por uma linha de árvores, também estas muito altas, com o ponto mais alto da sua copa a cerca de 5 metros do ponto de maior cota do muro.

O muro termina com o aparecimento do Bairro do Amieiro, um 'bairro' de cerca de 5 habitações organizadas em altura a partir de uma escada exterior que conforma a Rua do Amieiro.

Compreende-se que repensar o uso deste espaço será demasiado ambicioso, no entanto, as questões que este levanta poderão ser transpostas para as áreas que lhe são próximas.

O ribeiro de S. Lázaro e Santa Luzia *encanado nas áreas adjacentes o ribeiro de Santa Luzia une-se na área de estudo, ao de S. Lázaro, formando uma única linha de água

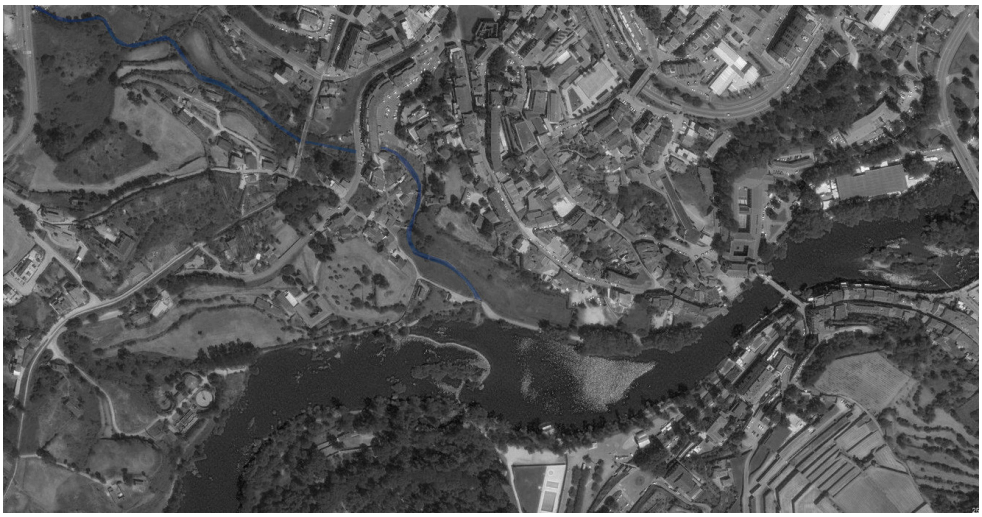
Por entre a vegetação, que cresce descontrolada, encontra-se o ribeiro de São Lázaro. É conformado a Oeste pelos quintais e anexos das habitações do Bairro da Torre e a Este por um espaço de cultivo, na proximidade do Bairro do Amieiro, para de seguida ser acompanhada por terrenos abandonados, tornando impossível a aproximação, uso e a percepção do seu desenvolvimento até ao seu encontro com o Tâmega.

A Norte, o parque de estacionamento das Bucas, com tudo o que o configura,

e a Travessa da Torre conformam uma zona de transição no curso de água, onde se forma uma queda de água. A visão do ribeiro, será interrompida, sendo neste ponto canalizada e ocultada pela Rua Francisco Sá Carneiro, que a ela se sobrepõe. Circula a Oeste da mesma rua, numa área em que, a vegetação, como em quase todas as áreas verdes da zona de estudo, cresce em total desordem.

Será imperativa a revitalização desta área, conformando percursos e áreas de estar que a acompanhem e que permitam o seu aproveitamento, e que promovam uma maior abertura ao lugar, relacionando todas as escalas e elementos da paisagem que aqui convergem.

FIG [61] O RIBEIRO DE S. LÁZARO, DA AUTORA



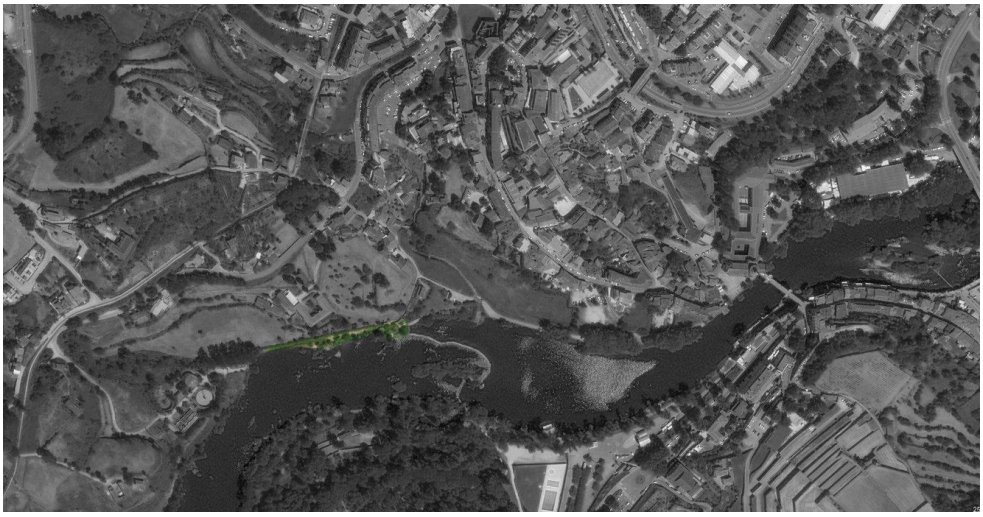


FIG [62] AS AZENHAS DOS MORLEIROS, DA AUTORA

As Azenhas dos Morleiros

Atravessando a ponte que divide a Rua Manuel de Barros, sobre o ribeiro, e seguindo o percurso a Oeste encontrar-se-ão as Azenhas onde será igualmente possível

chegar, a partir da margem esquerda, no Verão, atravessando o açude. É um espaço utilizado maioritariamente nesta estação, ao qual está agregada uma zona de areal que se estende ao longo do muro da Casa dos Morleiros. Como já se mencionou, terá sido intervencionado, sem atenção ao espaço exterior, ao areal e aos acessos, acidentados e marginais.

Da zona de estar entre as azenhas caracteriza-se o desenho do chão pelo uso do granito, em corte bruto, que parece existir desde sempre, considerando-se que a requalificação se terá focado na materialização de coberturas para as duas azenhas (em tempos seriam oito) a Oeste, e na implantação de umas pequenas mesas inúteis e fora de escala.

Enquanto espaço de convívio é fortemente utilizado e tem um grande impacto turístico (no Verão), já que se encontram no seguimento do açude, que de longe convida a ser percorrido.

O lugar não faz jus ao desejo, a sua degradação revela o desencanto, a perda do espírito do lugar.

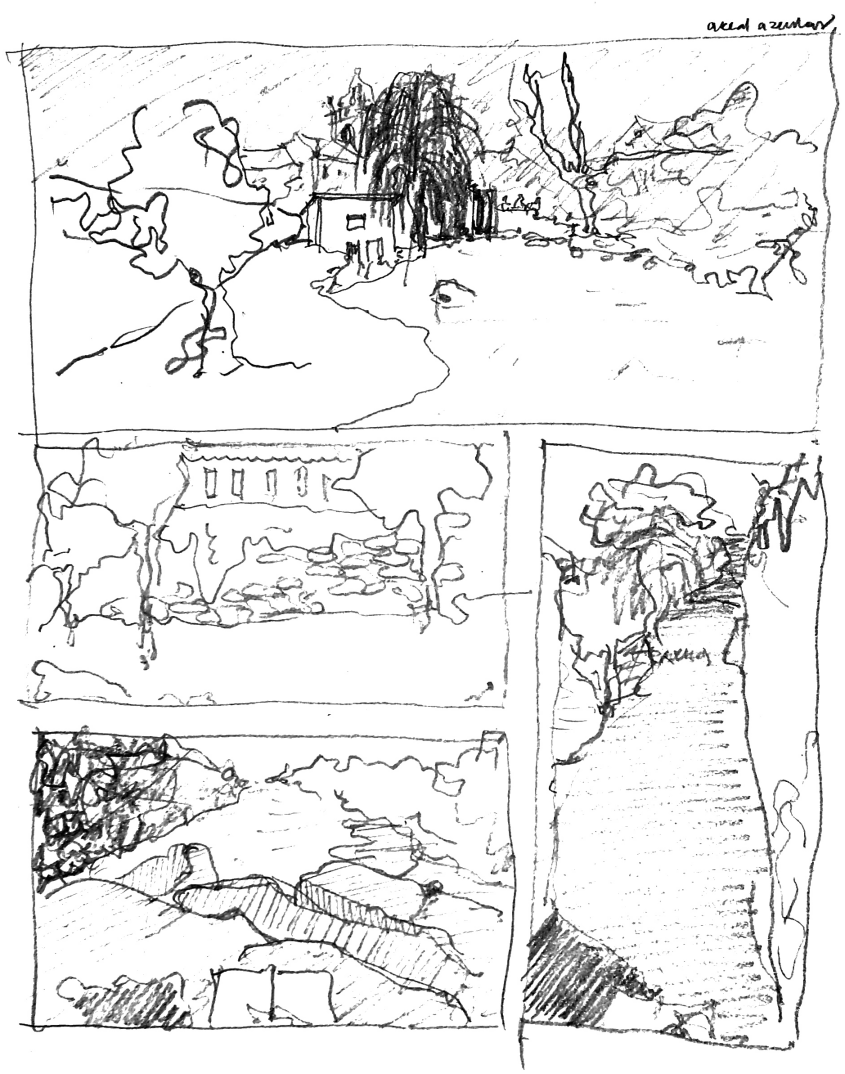


FIG [63] AZENHAS, DESENHO DA AUTORA

FIG [64][65][66]
DO PASSADO,
AZENHAS,
EDUARDO
TEIXEIRA PINTO

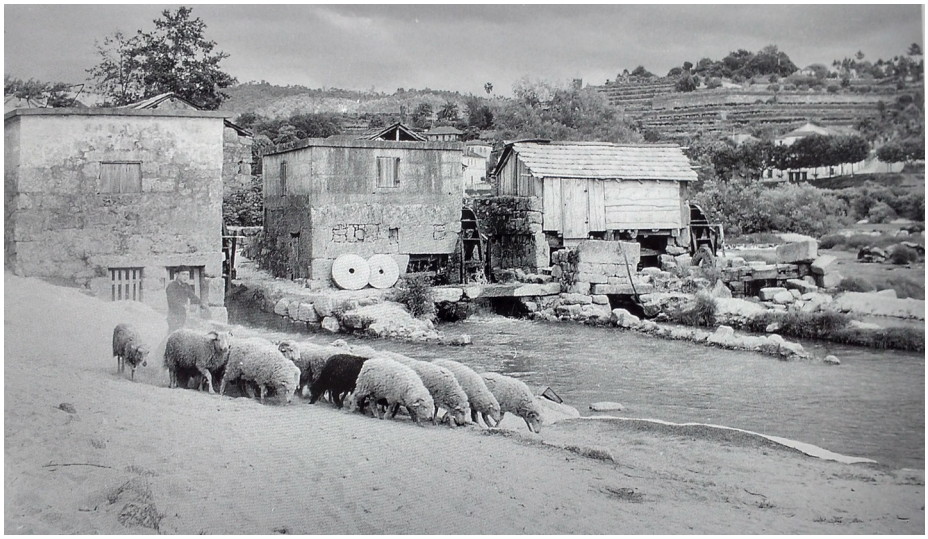






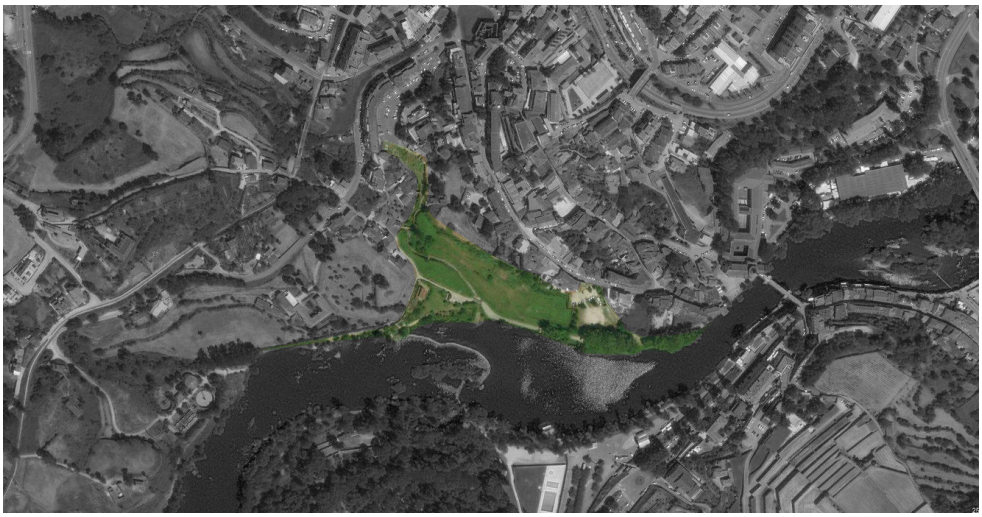
FIG [67][68] FOTOGRAFIA AÉREA, DE GUILHERME BASTO





...PARA UNIR

FIG [69] ÁREA DE ESTUDO, DA AUTORA



Feito este parênteses regressa-se agora à totalidade da área, continuando o processo de reflexão e de lançamento de dúvidas. Fala-se agora em bruto dos pensamentos que se retiram da estadia.

A procura de conexão com o rio é algo que se sabe desde início, no entanto, será vago assumir um desenho sem primeiro compreender o lugar nas suas especificidades.

Na tentativa de criar um pensamento único e uno, visita-se o lugar, fazem-se leituras desenhos e esquemas e compreende-se a pré-existência.

Elencar-se-ão uma série de acções formuladas pela associação do conhecimento retirado da área, sobre as quais se pretende reflectir, ao longo deste capítulo, de modo a configurar um pensamento estruturado, capaz de colmatar as falhas que se apontaram e apontarão.

Assim, pretende-se, ao longo das seguintes páginas, pensar:

1 - A possibilidade de encerrar os Quarteirões da Cândido dos Reis, implantando novos edifícios habitacionais e de comércio.

2 - Sobre o desinteresse em intervir nesta zona de margem, na confrontação entre a margem que se lhe opõe, e o excerto que a antecede a Este.

3 - A necessidade de recuperar a relação com o rio, a análise da linha de cheia, e reflexão sobre programas que poderiam funcionar como dinamizadores. Pôr em perspectiva a necessidade de desenho de espaços verdes, espaços de estar e percursos acessíveis, observatórios de paisagem, espaços desportivos, instalações sanitárias, bares, parques infantis. O confronto de escalas, a devolução da visibilidade, no sentido de controle da vegetação; o estacionamento, a relação entre público e privado e a consequente introdução de novas dinâmicas à cidade.

4 - A relação entre os espaços públicos de estar do Centro Histórico de Amarante.

FIG [70] SOBRE A POSSIBILIDADE DE ENCERRAR QUARTEIRÕES, DA AUTORA



1 - Sobre a possibilidade de encerrar os quarteirões da zona Oeste da Rua Cândido dos Reis, desde a Fonte da Quelha a Santa Luzia, ensaiando a alterações que seriam impostas à cidade.:

Compreende-se que o eixo desenhado pela Rua Cândido dos Reis seria posterior à Rua da Cadeia, portanto, um eixo secundário. Hoje, essa relevância inverte-se.

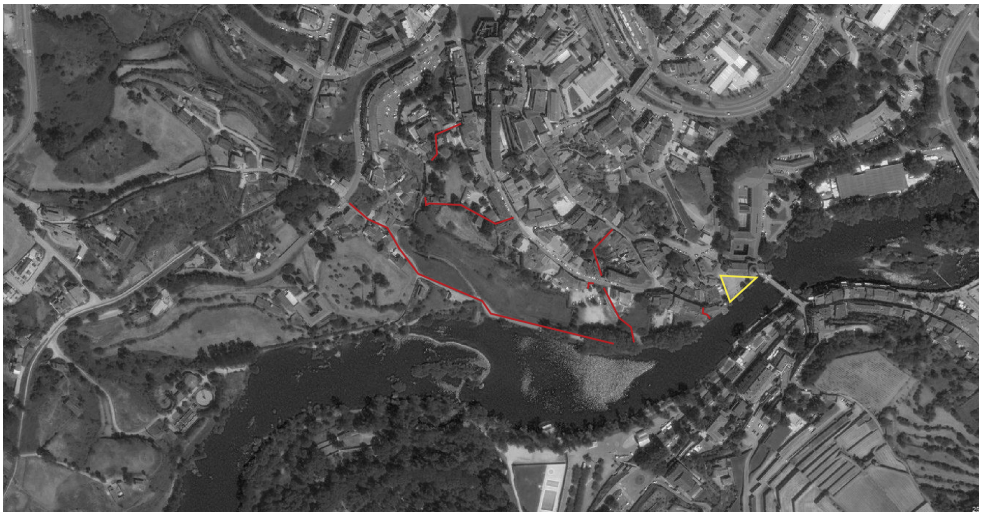
A implantação dos edifícios fez-se progressivamente, fiel ao desenho da rua que em 1872 se apontava, conformando no seu 'tardoz' um espaço de logradouro. Se antes estes espaços conformavam bonitos jardins, ou ainda uma manta de retalhos formada pelo reticular das hortas, hoje conformam um espaço, ainda que verde, descaracterizado e desconfigurado, apresentando-se enquanto área restante, residual.

Considera-se que o interesse a retirar deste ensaio seria maioritariamente 'teórico' já que a sua implantação acarretaria diversas demolições, a compra de muitos terrenos privados divididos por vários proprietários e uma posterior edificação de edifícios cuja realidade ocupacional seria desconhecida, podendo ainda acentuar este desvirtuamento da área. Do mapa de usos que se produziu, compreende-se que muitos são os edifícios habitacionais vazios, em médio estado de conservação, na área de estudo e que nos limites da mesma a oferta habitacional é também elevada sendo, portanto, desnecessária a introdução de um novo programa habitacional na área.

Acrescenta-se ainda que se crê que tão profunda alteração no centro histórico poderia causar uma adulteração irrecuperável no tecido da cidade e um aumento do ruído e caos visual que se sente nas imediações do ribeiro de Santa Luzia e São Lázaro.

2 -Num dos pontos anteriormente apresentados, propunha-se a reflexão sobre o desinteresse em intervir nesta área repleta de potencialidades, responde-se agora negando-o. Acredita-se que é um interesse que sempre terá existido, comprovado pelo plano de pormenor do arquitecto Ilídio Ramos. Nunca se terá formalizado por se tratarem de terrenos privados.

FIG [71]ACESSOS À MARGEM, DA AUTORA



3 - Os acessos mecânicos à zona Ribeirinha são uma questão a rever, tratando-se de uma grande diferença de cota, de mais de 15 metros, será um acesso difícil a pessoas com dificuldade de mobilidade.

Os acessos existentes consistem nas escadas junto à Fonte da Quelha e na pequena escadaria que nasce da Rua 5 de Outubro, cujos degraus são irregulares e altos, mas que não seriam possíveis de outro modo, na Quelha das Garridas para a qual se considera relevante a repavimentação e a Rua da Pedra d'Era, também de piso irregular, mas que constitui um marco na memória da cidade e pela sua localização recôndita, não será um dos acessos principais e na Rua do Amieiro, também um acesso secundário, cujos degraus não poderão ser resolvidos de outro modo, já que estão fortemente ligados ao acesso às habitações. Ainda a Rua Manuel de Barros, junto ao bairro da Torre e que posteriormente desenha a margem ribeirinha.

É tida em consideração a vontade revelada em conversa com o arquitecto Jorge Mesquita do Gabinete de Urbanismo da CMA da existência de um elevador de exterior capaz de suprimir a diferença de cotas, e que permita o acesso de pessoas com mobilidade reduzida à cota baixa da cidade.

Sendo o Largo de S. Gonçalo ou Praça da República, em frente ao Mosteiro, a praça mais importante da cidade, limitada a sul pelo rio Tâmega, metros abaixo, questiona-se a possibilidade de a partir do Largo avançar com o desenho de um acesso capaz de resolver a diferença de cota e a inexistente relação física com a água. Porém, analisando os pós e contras desta opção crê-se ser desnecessária a sua implantação, dada a proximidade ao acesso já existente na Rua 5 de Outubro. Acredita-se que a imposição destes novos acessos deverá ser estratégica e criadora de novas dinâmicas, de novos fluxos de pessoas, assim esta opção retiraria movimento às ruas adjacentes e evidenciaria a supremacia que esta praça tem na cidade. Crê-se que a centralidade deve ser distribuída por novos focos de interesse e é no seguimento desse modo de ver que se assume a 'varanda' entre o Hotel Silva e a Fonte da Quelha como o ponto fulcral para a implantação dos novos acessos.

Seria vantajosa uma atitude mais atenta em relação aos edifícios da Rua

Cândido dos Reis, nas fachadas tardoz, como políticas capazes de impedir intervenções que descaracterizam profundamente a área, principalmente após a Fonte da Telha onde se encontra um maior número de logradouros em más condições, muros por terminar e construções espontâneas, quase como se o afastamento em relação ao rio, e a existência de vegetação muito alta capaz de ocultar à distância estes acontecimentos, permitissem este tipo de ocupação.

No entanto, não se pretende pensar em demolições, sendo esta apenas uma nota para intervenções futuras e uma chamada de atenção aos moradores que parecem importar-se apenas com o seu interesse pessoal. A unidade que se lê à face da rua, deveria ser mantida quando se faz a leitura à distância, da outra margem, sendo que não se justifica a existência de fachadas, com uma leitura clara de traseira de edifício num sector tão relevante na cidade. De novo, muitas destas intervenções são potenciadas pela existência de vegetação capaz de ocultar muito do que se faz. Será, portanto, relevante uma maior atenção ao seu crescimento desmedido, preocupação que aliás já se tem vindo a notar.

A situação actual será a circunstância com que se reflectirá o estudo que se pretende fazer, promovendo então uma atitude capaz de prever acções semelhantes.

Amarante é uma cidade marcadamente verde e é, portanto, difícil compreender a quase inexistência de espaços verdes de estar, com espaços de paragem dedicados à contemplação da paisagem e aproveitamento da cidade. Pensa-se no caso do miradouro das Virtudes ou nos jardins do Palácio de Cristal, que todos os dias se enchem de pessoas com vontade de aproveitar a proximidade com a natureza.

Este facto será parcialmente justificado por a maioria da população da cidade habitar em freguesias afastadas do centro, onde os espaços verdes (privados) se multiplicam e possuírem um jardim próprio ou campos de cultivo. No entanto, conclui-se que a oportunidade deve ser igual para os habitantes do centro histórico e visitantes da cidade, já que as duas zonas verdes existentes, o Parque Desportivo da Costa Grande, dedicado maioritariamente ao desporto, e o Parque Florestal, em decadência, não serão suficientes.



FIG [72]PARQUE FLORESTAL E COSTA GRANDE, DA AUTORA

Considerando indispensável a criação de espaços verdes para os adultos, será de igual importância considerar o espaço da criança na cidade. As memórias da infância são bagagem que sempre acompanharão o nosso desenvolvimento pessoal, por conseguinte considera-se de maior importância o desenho de uma zona infantil, um *playground* capaz de criar um vínculo entre a criança e o lugar, para que se consiga perpetuar em quem aqui cresce a ideia de que a cidade é abrigo, casa e oportunidade.

A 'varanda' da Rua Cândido dos Reis é um espaço impar na morfologia da rua e da cidade, com características irrepetíveis, como tal deveria ser fulcral na articulação com outros elementos de cidade. Do uso que se lhe faz, não é aproveitada a potencialidade do lugar. Aí se desenha o Parque do Rossio, para estacionamento de automóveis, numa solução que advém apenas da necessidade, e sem plano. Os habitantes dependem do automóvel próprio para a sua deslocação, uma vez que o serviço de transporte público oferecido é deficiente, por razões que se prendem à extensão da cidade e uma ocupação do território inconstante e muito distribuída. O estacionamento é um claro problema da cidade, no entanto, durante anos foram perpetuados vícios na deslocação automóvel. A topografia acidentada, associada a um certo comodismo, levou a que os habitantes perdessem o hábito de em pequenas distâncias circularem a pé, assim como a aceitação da impossibilidade de estacionar 'à porta' ou ainda pagar pelo estacionamento. Estes são hábitos que não se pretendem perpetuar, no entanto, não se acredita numa mudança imediata. No Arquinho foi construído um parque de estacionamento privado, que possivelmente pelos preços elevados que pratica, tem 80 % da sua capacidade inutilizada, os habitantes preferem parar os automóveis na via pública em segunda fila, e seguir depois o seu caminho, é assim no Arquinho, mas o mesmo se passa em qualquer parte do Centro Histórico de Amarante. Acredita-se que se o parque pertencesse a uma administração pública e os valores mais aproximados às possibilidades da população, possivelmente, estaria resolvido o problema do estacionamento no centro.



FIG [73] PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO ARQUINHO, DA AUTORA

Ainda sobre a circulação, o projecto do Arq. Ilídio Ramos, lança a ideia de uma ponte pedonal, unindo as duas margens, uma ideia que se rejeita. Na estratégia que se pretende construir, acredita-se numa dinamização da cidade e das suas ruas, de modo a potenciar o uso do comércio de rés-do-chão, e a vontade de habitar o centro. A cidade é cidade nas ruas e praças, e a imposição de uma nova ponte potenciaria a propagação de hábitos de comodismo e alienação da cidade, e ainda implicaria alterações morfológicas numa margem esquerda arquitectonicamente bem resolvida. A menos que desenhada à cota alta, o que desvirtuaria a paisagem, seria necessária a implantação de acessos mecanizados para que o uso da ponte não fosse apenas esporádico, ou de contacto apenas com a cota baixa da cidade, mas também um marco importante na circulação. Acredita-se, no entanto, que à medida que o pensamento evolui e se transforma o pensamento individual numa ideia social, a ponte poderá ser pensada. O seu uso seria sempre maior nas Estações quentes e o açude (ligação à cota baixa) e as duas pontes existentes (ligação à cota alta) serão capazes de cumprir essa função num futuro próximo.

Não se conheciam os limites exactos da área de estudo à priori, pelo contrário, eles são configurados segundo uma atitude de contacto, de aproximação ao lugar, numa investigação que irá ditar a sua extensão.

Definiu-se o interesse em intervir na zona Ribeirinha, na margem Norte do Tâmega. Seriam então conhecidos à partida dois limites, a sul, o rio Tâmega, a Este a ponte de S. Gonçalo. Ficaria em falta delimitar a Oeste e a Norte. Numa primeira fase pretende-se avançar até Santa Luzia, até à Rua Francisco Sá Carneiro – Rua das Bucas, intervindo quer na Rua, quer no parque de estacionamento. Numa zona profundamente marcada pela desordem na circulação automóvel, causada por estacionamentos em segunda fila, em passeios e passadeiras, motivados pelo cómodo pensamento de "parar à porta", uma vez que nesta zona, não haverá falta de lugares de estacionamento. Compreende-se, no entanto, que deveria haver uma melhor demarcação e distribuição dos lugares, um maior cuidado no desenho de passadeiras e um novo desenho dos passeios, de modo a oferecer aos peões uma estabilidade e segurança que não se sente. O parque de estacionamento será necessário e a intervenção que, numa primeira fase se lhe pretendia dedicar, compreendia uma maior atenção aos acessos à Rua Cândido dos Reis e à circulação de peões. Procurava-se uma devolução de carácter ao lugar, já que é evidente a apropriação apressada e descuidada de que foi alvo, descaracterizando-o ao máximo. Acredita-se que a pavimentação em muito contribui para a velocidade automóvel e que a inexistência de passeios advoga grande perigo à circulação pedonal e à possibilidade das crianças brincarem no exterior.

Decidiu-se não estender a intervenção a esta área, já que será possível dar resposta às necessidades dos habitantes, como a falta de espaços públicos de qualidade, e de relação entre as diferentes escalas que aqui se encontram, nas proximidades.

Delimita-se a Oeste na Praia das Azenhas, compreendendo que continuar o percurso seria, não desnecessário, mas uma tarefa para mais que uma pessoa.

Se estes são os limites geográficos efectivos, a extensão do que se vê e se

pressente aqui, será bem maior, com uma cidade que espreita sobre o vale, os montes que contornam e desenham o céu e o rio que tudo espelha e revela.

Retornando à zona do Rossio, que se prolonga até ao encontro com o Tâmega desde a varanda da Rua Cândido dos Reis, ladeado pela Travessa/Quelha das Garridas, acredita-se que esta área conforma um espaço expectante, desvinculado, um não-lugar.

Será um ponto fulcral na relação cidade | rio, na nova dinâmica que se pretende introduzir. Com a implantação de novos acessos, considera-se a implantação de um bar, capaz de, como primeiro contacto, potenciar o uso de toda a área de estudo. A implantação do bar e do elevador de exterior estará fortemente condicionada pela linha de cheia, que ainda que esporádica, poderá causar estragos custosos de reparar. Assim define-se-lhe a base à cota 71, 5, uma cota próxima ao limite máximo que a água já atingiu, em 2001, um acontecimento que se crê irrepetível.

A proposta que se pretende fazer, reside numa nova apropriação do lugar, na devolução do espaço à cidade do Homem e não do automóvel, e do aproveitamento das potencialidades que o conformam. Assim, pretende-se reorganizar este espaço tornando-o público, um espaço essencial à cidade, no encontro com o rio, e na passagem da cota alta de cidade para a cota de margem. Associado a novos acessos, (elevador e escadas) e ao bar, o desenho de patamares ajardinados, que possam ser utilizados livremente, que articulem espaços de paragem e percurso e que fundamentalmente contribuam para a conciliação entre as várias escalas da preexistência.

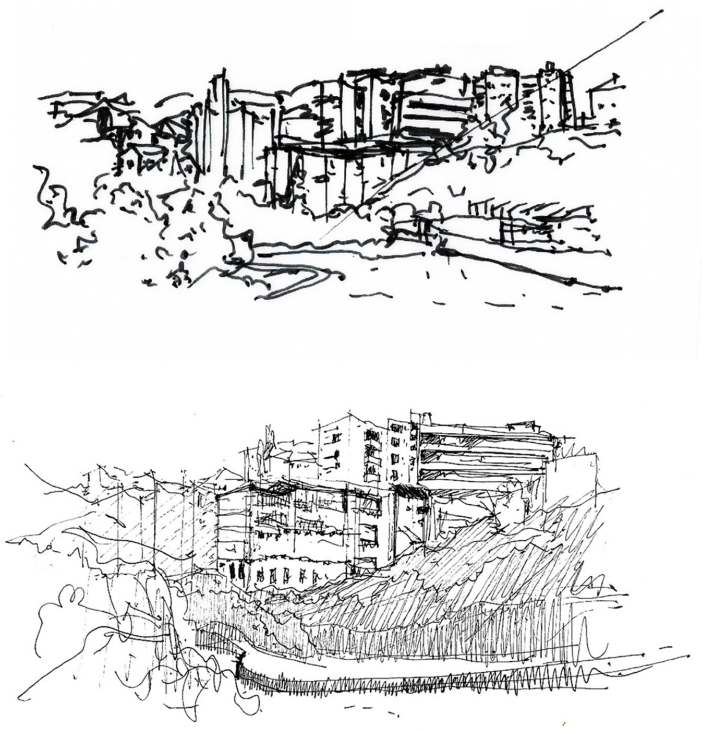


FIG [74] CONTRASTE DE ESCALAS, DESENHO DA AUTORA

Propõe-se o desenho de novos percursos à cota baixa, de relação com o rio, semelhantes ao passadiço metálico que se encontra na cota imediatamente inferior ao Largo de S. Gonçalo e uma revisão da circulação automóvel na Rua Manuel de Barros. Acredita-se que o seu desenho poderá, sem excessiva manipulação, ser capaz de desde o Bairro da Torre oferecer a possibilidade de uma circulação pedonal segura e ainda, o desenho de duas vias, com dois sentidos de circulação automóvel, e espaço de estacionamento. A questão do estacionamento, poderá ser resolvida sem ser à superfície, já que esta se destinará aos peões, numa solução subterrânea, abaixo dos patamares ajardinados. Para que esta solução seja viável, e para que se reduza a circulação automóvel na margem, será importante um redesenho da Ponte Eduardo Teixeira Pinto, para uma solução com duas vias de circulação, e passeio pedonal, que faça um acesso quase imediato ao parque de estacionamento que se indiciou. A solução implica manter o semáforo que hoje existe, alternando o sentido de circulação da Rua Manuel de Barros, no sector que por impossibilidade não se intervenciona, e a decisão de fecho da rua, no sector que compreende a Calçada Eduardo Teixeira Pinto, ao público, funcionando apenas para moradores.

O prolongamento do percurso de margem até à zona da praia das Azenhas é também importante, dado o desvio que tem que se fazer para lá chegar, numa solução semelhante aos percursos metálicos já referidos.

Tendo em conta o uso desta praia fluvial e a inexistência de balneários, revela-se importante a implantação destes espaços de apoio, nas proximidades. Será relevante um redesenho deste espaço, intervencionando-o de modo a que se torne num real e estável espaço de paragem.

Na área de estudo relacionam-se os pequenos bairros do Amieiro e Torre, com os complexos habitacionais das Bucas e Santa-Luzia e o edificado da Cândido dos Reis, uma escala que se lê de um modo mais lento, se essência rural e uma que aspira ao movimento. Crê-se que a solução poderá residir no desenho dos patamares ajardinados, que conformando um afastamento entre os vários elementos lhe possa oferecer o 'espaço de respiro' que necessitam, assim como a construção de muros de suporte, controlo da vegetação e uma posterior reflorestação.



FIG [75] CONTRASTE DE ESCALAS, DESENHO DA AUTORA



FIG [76] FRAGMENTOS, DESENHO DA AUTORA

FIG [77] ESPAÇOS PÚBLICOS, DA AUTORA



4 – Da igreja de S. Gonçalo se desenha o espaço público de permanência de maior centralidade da cidade. Situado num ponto fulcral a nível de fluxos movimentos pedonais, ou motorizados, junto à 'ponte velha', de ligação entre as duas margens, é uma praça cujo desenho advém de fins religiosos e hoje assume múltiplos significados. Não esquecendo o fundamento original, abriga esplanadas, feiras e espectáculos.

Na mesma margem, aponta-se o largo de S. Pedro, com uma ocupação da população muito pontual, assume-se-lhe generalizando a função religiosa.

Ainda o largo de Santa-Luzia, um espaço de permanência não pelo desenho que se oferece enquanto espaço de estacionamento e caos organizado. É um ponto nodal da circulação automóvel e a estadia faz-se na galeria dos edifícios ou esplanadas.

O largo do Campo da Feira, não conforma a ocupação que lhe dá nome, e hoje descaracterizado, não é mais um espaço de permanência.

Na margem direita, o Arquinho, que a par com o Largo de São Gonçalo, será um verdadeiro espaço de estar, numa escala maior e, portanto, polarizada, não param as pessoas na praça central, onde se implantou o Posto de turismo, mas nos passeios largos que oferece. O Arquinho funciona também como um espaço de chegada à cidade, recepção. Situado na proximidade do Terminal dos autocarros imediatamente acima (antes era no Arquinho), da saída da Ponte Nova, sendo um dos primeiros pontos na chegada pela A4, é portanto, um ponto estratégico para a chegada de turistas, e na mobilidade geral da cidade.

Do Arquinho parte-se para a Costa Grande, um complexo desportivo público, nas margens do Tâmega, de grande afluência, e ainda na mesma margem, mas no sentido oposto, o Parque Ribeirinho, um espaço de grande dimensão, o palco do Verão, abrigando concertos, festivais, feiras e bares temporários. Nas imediações o Parque Florestal.

FIG[78] EQUIPAMENTOS PÚBLICOS, DA AUTORA



Será importante referenciar também os equipamentos públicos.

Junto ao Parque Ribeirinho as piscinas municipais, o antigo cineteatro que será reabilitado e a Casa da Juventude, um espaço central e de grande importância na imposição de novas dinâmicas à cidade. A CJ não só oferece um espaço de estar aos jovens da cidade, mas promove também, hábitos de cultura e interacção. Funciona como um espaço de inclusão, trabalhando directamente com instituições da cidade, como o orfanato Terra dos Homens e a CERCIMARANTE, escolas, associações, e instituições europeias, com programas de voluntariado que permitem aos jovens locais a deslocação pela Europa, e a jovens europeus a estadia em Amarante no âmbito de projectos fulcrais no desenvolvimento pessoal e comunitário.

Na outra margem, a Casa do Artista, uma casa reabilitada no bairro da Torre, que visa ocupação por artistas que farão uma residência na cidade, uma ideia interessante, porém nunca terá funcionado. Ainda o Museu Municipal, o Mercado Municipal e a Casa das Artes.



FIG[79] RUA TEIXEIRA DE VASCONCELOS, DA AUTORA

Relata-se ainda a ainda muito prematura vontade social (não política) de estabelecer a Rua Teixeira de Vasconcelos enquanto foco de cultura na cidade, um movimento que surge de dentro para fora, de uma acção dos moradores que, inconformados pela decadência da Rua, se unem com o objectivo comum de oferecer a rua à cidade. Uma vez por ano (contam-se quatro edições) na Festa Amarantina abrem-se as portas, revelam-se-lhe os segredos. Nesse dia a rua estará cheia e as pessoas em festa, porém os hábitos formam-se com o tempo e ainda não terá passado o tempo que os dita, ou as acções não serão suficientes. Se por um lado, em quatro anos de festa resulta a venda de vários edifícios a reabilitar e abertura de três novos espaços comerciais, o oásis que se viu com a abertura de dois ou três bares, e uma galeria de acesso ao público, parece desvanecer com a confrontação do fecho gradual de cada um. Se se acreditava que estava formada uma nova dinâmica significativa no circuito amarantino, sabe-se agora que levará tempo.

Surge a pergunta, quase como uma afirmação, em Amarante, terá a cultura, que apresentar-se às pessoas, de modo impositivo? Os grandes cafés da cidade (cafés históricos) o Café-Bar e a Confeitaria Mário convidam os artistas para que lá exponham as suas obras, um conceito de café-galeria, que se crê advir das tertúlias passadas à mesa dos mesmos. São muitos os habitantes que nunca entraram no Museu, ou na Casa das Artes, porém se lhes for oferecida uma exposição no café, ou um concerto no largo de São Gonçalo ficarão maravilhados. É um facto que o poder local começa a compreender estes acontecimentos, o que muito deriva da Festa Amarantina. Hoje Amarante é palco do Festival Mimo, de uma Bienal de Ilustração, organizam-se concertos no Mercado Municipal, nas "meias-laranjas" da Ponte de S. Gonçalo, em múltiplos cafés da cidade, numa procura de descentralização da arte, e de criação de hábitos de cultura, numa cidade que viveu durante anos num total abismo cultural.

Então o pensamento que se procura deverá ser permeável e potenciar esta dinâmica de utilização do espaço público, não só como espaço de lazer, mas também enquanto transmissor de valores culturais.



FIG [80] FACHADAS DA 31 DE JANEIRO, DESENHO DA AUTORA

FIG [81] AXONOMETRIA, DESENHO DA AUTORA

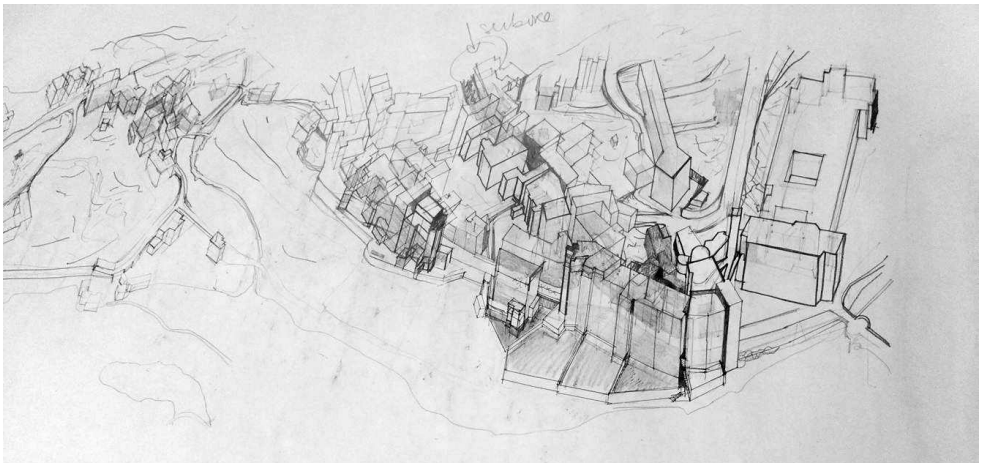


FIG [82] MAQUETE, CURVAS DE NÍVEL DO TERRENO

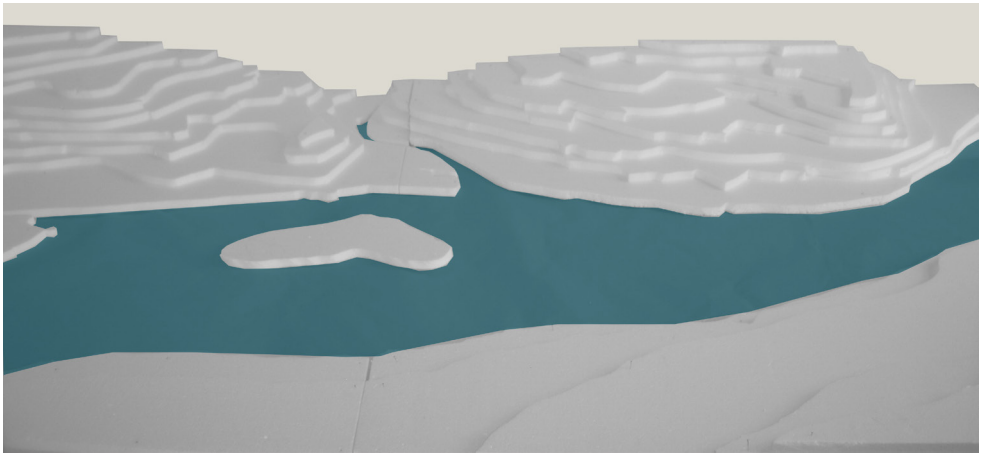
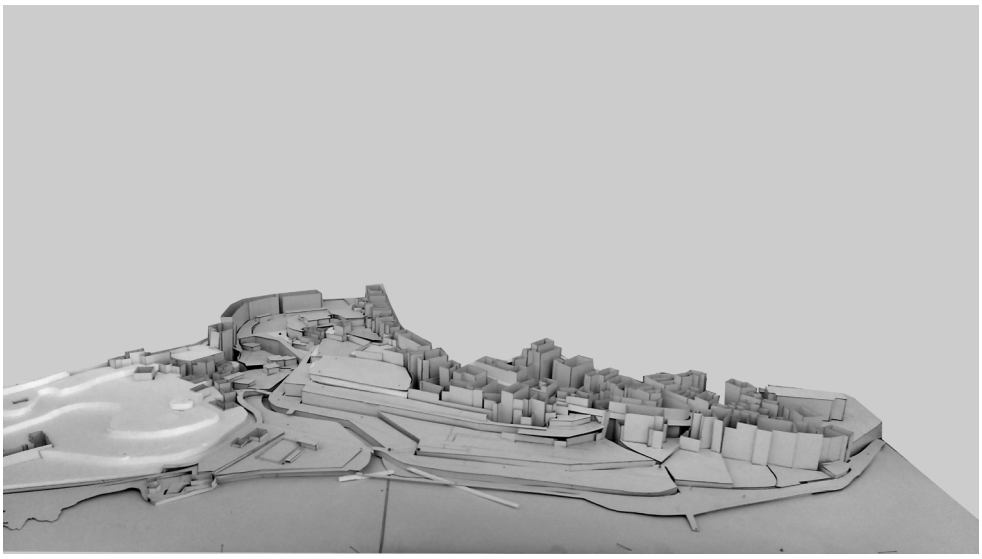


FIG [83] MAQUETE



A análise faz-se de um modo sistemático na procura da formação de uma base de dados sobre o território, analisando as suas dinâmicas, usos, movimentos, a rede que conforma a cidade e a rede que poderá ser cidade, compreendendo que para que uma intervenção funcione deverá, na sua base, ser construída a partir de 'dentro', da cidade para a cidade.

Sente-se um novo vibrar nesta margem do Tâmega, há poucos anos, passando a hora de fecho do comércio, as ruas ficariam desertas até ao novo dia, sendo a Praça da República, o único ponto da margem direita onde alguém parava, hoje já não se passará o mesmo, estendendo-se até ao sector inicial da Teixeira de Vasconcelos, que não sendo geograficamente distante implica uma mudança na circulação de pessoas, e de automóveis.

A cidade alastra o seu domínio ao longo de vales e montes, num território de limites dúbios, caracterizada por uma ocupação em extensão, policêntrica, que conserva memórias de um passado rural ainda muito presente, não poderá ser lida com unanimidade, mas, uma imagem da Ponte de S. Gonçalo, do Mosteiro, ou do núcleo urbano da Rua 31 de Janeiro na sua relação com o rio Tâmega, seriam suficientes para a evocar.

A potência de toda a área, associada à beleza ímpar das condições naturais, relevância na paisagem amarantina e posição geográfica central legitima a importância de a repensar.

O centro histórico não será obviamente o ponto central que foi em tempos, porém a sua importância social é irrefutável, conformando uma relevante área de lazer e de encontro na cidade e, um ponto turístico fulcral.

Aqui, a topografia acolhe e afaga, revela e oculta, é, portanto, a montra ideal, ou o esconderijo perfeito de uma imagem de cidade entendida aos olhos de quem a vê quase como um postal, uma imagem conservada, inalterável, e um veículo de memória tão forte que não se põe nunca em questão. O centro histórico, símbolo da identidade da cidade, colector das suas memórias, enquanto ícone parece ainda ser capaz de suportar uma falta de unidade (de cidade) que prolifera para lá dos seus limites, os problemas do conjunto urbano não só periférico, mas ainda no nó central da cidade. Se a postura não se mantiver crítica e não se fizer uma verdadeira incursão ao lugar, será fácil ignorá-los.

É evidente a supremacia do natural face ao construído, havendo jardins, quintais, logradouros, conjuntos de árvores um pouco por toda a parte, na sua maioria crescem sem grande regra, numa analogia ao edificado que para lá dos limites do centro histórico se propaga e através da topografia para ele converge enquanto elementos da paisagem.

O regresso ao centro histórico, como em tantos outros casos, começa a ser uma realidade e a procura da sua reabilitação pela entidade poder local é evidente. No entanto, ainda são muitas as habitações desabitadas, ou devolutas e os espaços descaracterizados. Se nas décadas anteriores o avanço da cidade para lá dos limites do centro foi expansivo, é natural que grande parte da população amarantina que estabeleceu as suas raízes nessas freguesias periféricas, aí se mantenha. Justificando que a importância do crescimento do centro histórico, e que a construção de um novo

pensar do centro tem mais que ver com questões do aproveitamento da área enquanto espaço público ou de equipamentos, como foco de cultura, lazer e turismo, do que habitacional.

Nesta incursão ao lugar que pauta a dissertação, sente-se o passar dos dias, o peso das estações e as mudanças que estas implicam. Uma transformação quase total, de uma cidade quase fantasmagórica para uma azáfama total. Ouve-se o que na rua é comentado, o borburinho de quem há anos a habita, lêem-se os jornais, os escritores que noutra altura a escreveram, procura-se qualquer coisa que parece perdida na cidade. Num constante desfasamento entre passado e presente, numa crença de que às vidas passadas a cidade ofereceria condições que hoje não é capaz de oferecer, numa visão romanceada que quase não lhe vê nunca as melhorias, ignorando-as em prol de uma vivência na memória, desta visão naturalmente resultará um desinteresse no presente e no futuro, residindo numa profunda estagnação e conformismo.

Compreende-se, com esta aproximação, a necessidade da população intervir e assumir uma postura que possa contrariar este sentir que durante anos e anos, de encastra nos amarantinos, uma ideia de que a cidade nada oferece. Assim, a solução que se procura visa, mais do que estabelecer-se, possibilitar a discussão, ser um espelho para que se veja uma outra imagem, para que se compreenda que o reflexo não é só a imagem em simetria, mas o acto de a pensar.

A CIDADE JÁ NÃO MORA ALI /

"São lugares aparentemente esquecidos em que parece predominar o passado sobre o presente, São lugares obsoletos em que apenas certos valores residuais parecem manter-se apesar da completa desafectação da actividade da cidade... São definitivamente lugares externos, estranhos, fora dos circuitos habitacionais, das estruturas produtiva,. De um ponto de vista económico são áreas industriais, caminhos-de-ferro, portos, áreas residenciais inseguras que se converteram em áreas das quais se pode dizer que a cidade já não se encontra ali.

Da expressão francesa terrain vague - é uma extensão de terreno edificável, expectante e potencialmente aproveitável (terrain), cuja falta de uso remete para uma promessa, que carrega uma conotação de liberdade e vagabundagem, porque impreciso e indeterminado, e que remete ainda para a ideia de 'oscilação instabilidade e flutuação' (vague)"[46]

De facto, a cidade não mora na área de estudo, Há muito que o seu programa inicial, enquanto espaço de uso agrícola, se perdeu, tornando-o num espaço marginal, fora das estruturas produtivas da cidade. A compra dos terrenos pela CMA oferece-se como uma oportunidade para que se repense o seu uso com uma intervenção, com base na memória do lugar e na dinâmica da cidade, de regeneração urbana que articule as heterogeneidades que compõe a cidade, recuperando a consistência e o significado urbano. Nas palavras de Solá Morales *"vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, da expectativa"*[47] ou ainda nas de Álvaro Siza *"um sítio vale pelo que pode ou deseja ser"*[48].

A cidade já não mora ali, não terá que ser declarada como afirmação intemporal, não mora 'já' – agora, mas poderá morar. Esta possibilidade basta para que a cidade do desejo comece a ser imaginada e ponderada.

Tratando-se de uma zona ribeirinha, de características ambientais ímpares, com uma importância significativa na paisagem, próxima de áreas habitacionais, e de um núcleo urbano coeso, torna-se pertinente reflecti-la e repensá-la enquanto espaço do colectivo, significante, um espaço de integração e potência das diversas componentes urbanas. Entende-se o espaço público como fundamental elemento estruturador da cidade, o espaço por excelência da vivência colectiva, como aliás, já se definia na Grécia Antiga, acreditando no espaço público como o espaço onde o Homem se concretizava em pleno. Acredita-se que não só o espaço da casa (indivíduo) como também o espaço público são fortemente indutores do bem-estar da população.

De um lugar que perdeu a significação pretende-se fazer cidade. Compreendendo que esta não é um palimpsesto, já que a sua escrita não se elimina para que outra se escreva por cima, mas pensando-a como um museu de memórias, um arquivo em constante actualização. A cidade não é imediata e o tempo é um laboratório de metamorfoses, sendo função do arquitecto pensar o espaço, prevendo-o.

Defina-se, em poucas palavras, a estratégia para o planeamento.

Visa-se um modelo de intervenção assente na reabilitação, na revitalização e requalificação do lugar numa perspectiva que o integre no circuito funcional da cidade,

46 adaptação do escrito de SOLÁ-MORALES, Ignasi, , Teoria e Crítica de Arquitectura – Século XX, Ordem dos arquitectos – Secção Regional sul e Caleidoscópio, Lisboa, 2010 p.949 - 953

47 SOLÁ-MORALES, Ignasi, , Teoria e Crítica de Arquitectura – Século XX, Ordem dos arquitectos – Secção Regional sul e Caleidoscópio, Lisboa, 2010 p. 950

48 SIZA, Álvaro, 01 textos, Civilização Editora, Porto, 2009 p.27

enquanto espaço de lazer e permanência. Focando em pontos que se consideram fulcrais, como o desenho dos acessos, fundamentais na relação entre cota alta e baixa de cidade, a definição de um espaço verde de grande escala de acesso ao público, a reabilitação de percursos antigos assim como a instalação de novos percursos e a reflorestação da área.

Pretende-se com o vazio ser capaz de desenhar o cheio, definindo normas capazes de impedir a desvirtuação do Centro histórico de Amarante, como a proibição de alterações significativas no edificado e a proibição da construção de estruturas espontâneas, lembrando a importância que este conjunto urbano tem na paisagem amarantina.

IV. A MEMÓRIA

"A memória não era um simples armazém de coisas antigas de que ele tivesse a chave." [49]

49 TAVARES, Gonçalo M., O Senhor Calvino, Editorial Caminho, Lisboa, 2005 p.57



FIG [84]
DO PASSADO,
NÉVOA SOBRE
O TÂMEGA,
EDUARDO
TEIXEIRA PINTO
(1933-2009)

"Falamos sempre de nós mesmos (de que mais poderíamos falar?), olhamos em volta e vemo-nos a nós. A casa, mais do que o lugar da infância [...] é antes o lugar da memória. Mas também a memória é construção, paisagem construída [...] Não surpreende, pois, que memória e espaço coincidam aqui como lugares de possibilidade e de realização." [50]

50 *António Manuel Pina - Memória, silêncio, tempo, paisagem, corpo www.joanarego.com*

'Memória' surge do somatório de 'Cidade' e 'Espelho' enquanto o resultado que se produz do frente-a-frente entre a imagem e o eixo, da relação imagem – espelho - outra imagem.

Este capítulo procura abarcar todas as reflexões que se fizeram sobre o lugar, conciliadas com o pensamento estratégico que se construiu. Conforma a materialização de uma ideia para lugar.

Por memória entendam-se todas as memórias 'da cidade', 'do espelho', do 'eu'. É inevitável neste escrito evitar a questão da identidade - memória, de quem o escreve, enquanto habitante da cidade. A convicção de que a perspectiva que se tem do lugar (e de cada lugar futuro) está fortemente vinculada com as raízes, com um modo de ver condicionado pela relação cidade-casa / indivíduo, já que, utilizando as palavras de Lourdes Castro, *"a minha identidade mais profunda está aqui"* [51].

Lembrando Pascoaes que tanto sentia a natureza em si, que com ela se confundia, ou Saramago que ao recordar as águas de um rio da infância com ele se funde, será impossível a libertação da 'arte de ser amarantino'.

Naturalmente, a memória individual não advém apenas da relação do indivíduo com o lugar, advém de 'todas as coisas' que contribuem para a formação do 'eu' (as relações interpessoais, o que se leu, conheceu, ouviu, aprendeu, viveu, onde e quando) o que se esqueceu, o que se recorda e o que no subconsciente se inscreveu, e neste encadeamento a sua transmissão para os 'objectos' que se constroem é total.

Não só na condição de estudante de arquitectura mas nela especificamente falando, relaciona-se a memória com os instrumentos que a Escola apresenta para que se forme um modo de ver, pela construção de referências e sua interpretação e na criação de métodos, os veículos que ajudam não só à criação da ideia, mas também à sua apresentação. Nas palavras de Álvaro Siza *"O arquitecto trabalha manipulando a memória (...) consciente, mas a maioria das vezes subconscientemente. O conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e a história da arquitectura tendem ou devem tender a ser assimilados até se perderem no inconsciente ou subconsciente de cada um"* [52] já que *"imaginar significa recordar aquilo que a memória escreveu dentro de nós e pô-la em confronto com as exigências e as condições"*.[53]

Pensa-se no arquitecto como um maestro de memórias, desenha o espaço, ordena-o, condiciona-o. Fá-lo com base no lugar - evocador de memórias - evocando as que são suas. O espaço é habitado, o tempo age e as memórias de outros abrigam-se no mesmo espaço que influenciam e que as condiciona.

Compreenda-se este capítulo como um álbum, como os 'Álbuns de Família' de Lourdes, sobre os quais o curador da mostra Lourdes Castro - 'Os meus álbuns de família um a um', Miguel Wandschneider diz : "*Isto é construído à imagem dos álbuns de família que todos nós conhecemos, com as fotografias dos filhos, dos tios, um casamento, a criancinha a brincar na praia... Mas há aqui uma construção que não é a dos álbuns de família. Qual é a família a que a Lourdes está a aludir ao chamar a estes livros Álbuns de Família? São as sombras. É a sua família electiva, de eleição"* [54]

Este álbum, transmissor de um processo de projecto, revelará sombras / pensamentos / ideias, porque o processo não se crê linear e decidido à partida, mas construído de dúvidas, indicioso, por vezes nítido, outras difuso.

A solução que dele resulta já não deverá ser sombra, mas luz, clarificação.

51 CASTRO, Lourdes, Documentário Pelas Sombras de Catarina Mourão

52 SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência, Edições 70, Lisboa, 2013 p. 37

53 GREGOTTI, Vittorio, prefácio ,SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência, Edições 70, Lisboa, 2013 p.10

54 http://www.dn.pt/artes/interior/todos-os-albuns-da-familia-que-lourdes-castro-escolheu-5474901.html

Nega-se que seja de maior interesse o projecto enquanto solução efectiva, mas o lançamento de ideias.

A materialização do acto de *pensar sobre* será o objecto que conforma este capítulo.

*

"Já de tanto sentir a natureza,\ de tanto a amar, com ela me confundo! \ E agora, quem sou eu? Nesta incerteza, chamo por mim. \ Quem me responde? O mundo." [55]

*

"Tudo é memória: um fumo leve, em mil viagens animadas, ou denso em formas inertes ou sombrias, e, ao longe, a grande fogueira invisível que os demónios e os anjos alimentam." [56]

*

" o meu pensamento sou eu próprio" [57]

*

"Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto. / É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos, e tem a macieza quente do lodo vivo./ É um rio./ Corre-me nas mãos, agora molhadas./Toda a água me passa entre as palmas abertas , e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem." [58]

*

"Há uma relação estrita dos homens com os espaços que habitam, não apenas no sentido de que esses espaços seriam construídos por eles, mas também e, principalmente o contrário, de que os homens são em grande medida produzidos por esses espaços."[59]

*

"Dentro de nós há uma paisagem. Uma casa, um sol, árvores e água. Somos feitos de imagens que progressivamente se juntam, agregam e organizam, com a passagem do tempo, tomam diferente coloridos, permitem a criação de vários ambientes e por formas constantemente renovadas enquadram o mundo que nos cerca, dão--lhe sentido, um princípio e um fim."[60]

*

"Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí 'alojados'. Nosso inconsciente está alojado, Nossa alma é uma morada, E quando nos lembramos das 'casas' dos 'aposentos' aprendemos a morar em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem em dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas." [61]

55 *PASCOAES, Teixeira de, A sombra do Homem,* As Sombras, Circulo de Leitores, Lisboa 1973

56 PASCOAES, Teixeira, O pobre tolo, Assírio e Alvim, Lisboa, 2000 p.15

57 ELLYS, Cântico da Alma - Teixeira de Pascoaes, Editora Fonte da Palavra, Fevereiro, 2001, p.30

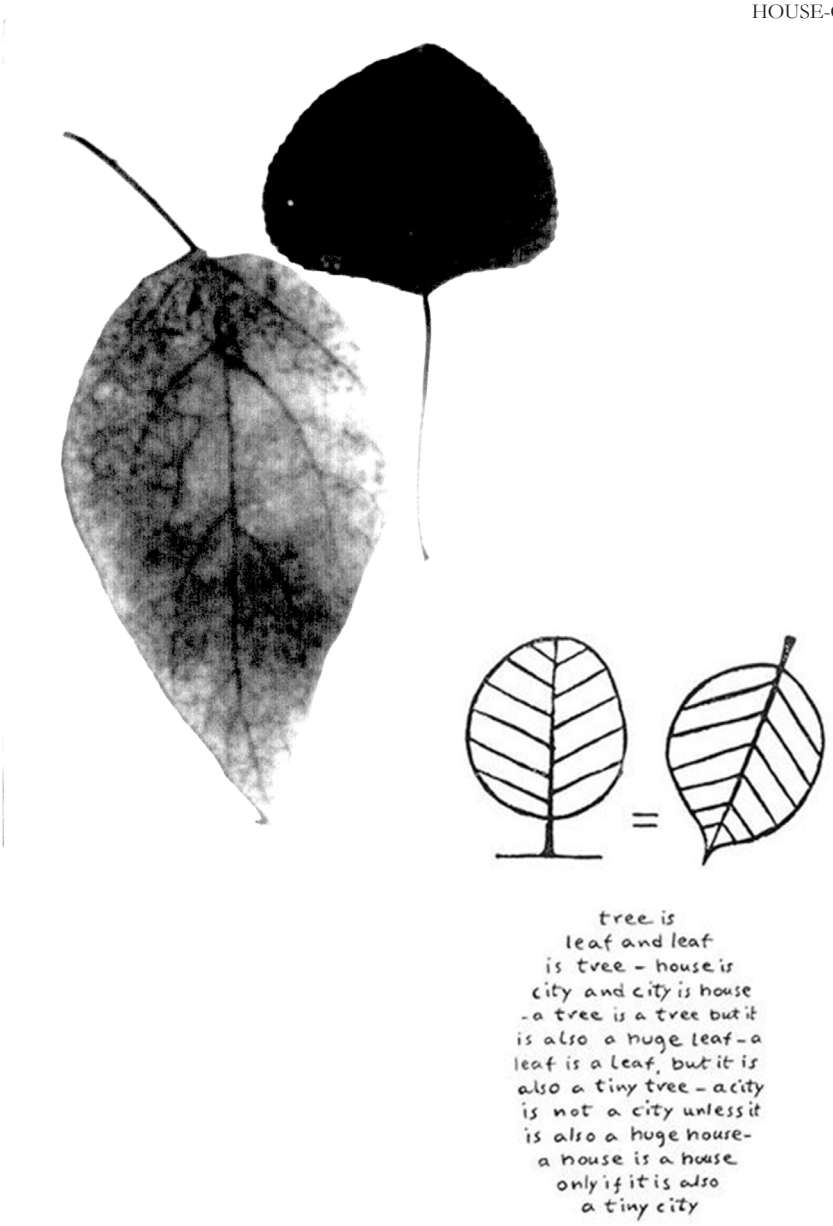
58 *SARAMAGO, José,* As pequenas memórias, Porto Editora, Lisboa, 2014 p.8

59 *BRANDÃO, Ludmila http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2013/10/19/ludmila-brandao-fala-sobre-a-subjetividade-dos-espacos-101978.php*

60 *STRECHT, Pedro*, Uma certa harmonia, Assírio e Alvim, Lisboa, 2011 p.20

61 BACHELARD, Gaston, A poética do espaço, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p. 197

FIG [85] COLAGEM DIGITAL DO AUTOR, HERBARIUM (RECOLHA DA ÁREA DE ESTUDO) + "LEAF-TREE, HOUSE-CITY", ALDO VAN EYCK



"Mas, além das lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita em nós [...] Em suma, a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa e todas as outras não são mais que variações de um tema fundamental. A palavra hábito é uma palavra usada demais para explicar essa ligação apaixonada de nosso corpo que não esquece a casa inolvidável." [62]

62 BACHELARD, Gaston, A poética do espaço, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p.207

Como a casa, a cidade natal escreve-se em nós.

ÁLBUM /

"Mas – como dizer? – O processo de criação arquitectónica não é fruto de um pensamento linear, que partindo de uma ideia, iria de um ponto ao outro, seguindo hierarquias estabelecidas à priori. Não! Há imensos factores muito mais importantes, e que nem sempre estão ligados entre si, que entram na formação de uma ideia, ainda por cima em momentos diferentes. Tudo isso depende do temperamento de cada um, da sua formação, ou das circunstâncias da pesquisa. É por isso que o desenvolvimento do projecto assume, a um dado momento, a forma de uma nebulosa. É a partir dessa oportunidade de introduzir todas as possibilidades, consoante o grau de restrições e percepções que o projecto é elaborado, é dessa simultaneidade de abordagens, como chegamos a ordenar problemas, a criar uma escala de importância entre eles. É como puxar, pouco a pouco, a ponta que sai de um novelo." [63]

63. MACHABERT, Dominique e BEAUDOUIN Laurent, Álvaro Siza, uma questão de medida, Casal de Cambra: caleidoscópio, 2009.

Apresenta-se o processo como uma busca de soluções que, com base em determinado objecto, atinge um objectivo. A busca será a ponte, a ligação entre a ideia e a sua materialização, mas será também o que a fundamenta, alicerça.

Compõe-se de momentos de pura absolvição pela ideia, em que ela toma o caminho domina o indivíduo e se desenha, e de outros mais difíceis, hesitantes. Daí a necessidade de balançar proximidade e distância, alterar o método, conciliar estratégias, por vezes abandonar trajectos para seguir outros.

Constrói-se de dúvidas, muito mais do que certezas, de insistência e de perseguição.

SOBRE A ESCRITA, A FOTOGRAFIA E O DESENHO

A pessoa apodera-se do lugar pelo uso, habitando-o, sendo-lhe parte. Na tentativa de o dar a conhecer a outrem, não poderá dizer-lhe simplesmente que o habite para que o conheça, poderá, no entanto, transmitir-lhe com o seu discurso, que se constrói desenhado por imagens, palavras, esquemas, modelos, riscos, a sua imagem do lugar.

A ESCRITA (PERCORRER)

No acto de escrever um lugar procura-se a transmissão da experiência, da relação entre o corpo em movimento e o espaço, adicionando às dimensões concretas a dimensão do tempo. Escreve-se o espaço para que o leitor o imagine, para que relacione as palavras com as suas memórias e forme uma imagem mental, habitará o lugar como um visitante, conduzido por um discurso. Se em fotografias ou desenhos a imagem é real, no discurso/escrita a imagem é 'cosa mentale'.

O que se pretende é transportar o leitor, que não estando, esteja e pertença, que imagine através do fio condutor das palavras, e que se torne parte do espaço. Tão activo será o discurso que o escreve como a interpretação que o constrói.

Escrever um espaço é aproxima-lo à escala do Homem.

A FOTOGRAFIA (PARAR)

Fotografar um determinado sítio, determinada perspectiva, é um exercício de reconhecimento, o acto de congelar uma imagem, congelar o tempo, evidenciando determinada atmosfera, indiciando (apenas) a noção do movimento.

Não se prende com pequenos detalhes isolados, ou com o mero retrato da beleza, representam-se espaços e acontecimentos, pela luz e a sombra, elementos primordiais na composição da fotografia.

O olhar percorre o lugar, e por ele se deixa seduzir, deixando que este indique os pontos de vista, fotografa-se como se desenha, como uma projecção do pensamento, um espelho.

As fotografias servem, principalmente, para que se construa um pequeno museu do lugar, que se visita em momentos de dúvida ou de hesitação, um ensaio que conduza a leitura procurando afinar o equilíbrio entre o que é o real e o discurso.

Se pela escrita se procura a construção de um percurso, com a fotografia o desejo evoca a paragem, a estadia.

"É evidente que nem uma nem cem fotografias poderão esgotar a representação de um edifício, e isso, pelas mesmas razões pelas quais nem uma nem cem perspectivas desenhadas podiam fazê-lo [...] Cada fotografia é uma frase separada de um poema sinfónico ou de um discurso poético, cujo valor essencial é o valor sintético do conjunto. A cinematografia é altamente representação dos espaços arquitectónicos, se percorrermos um edifício com uma filmadora e, em seguida projectarmos o filme, revivemos os nossos passos e uma grande experiência espacial." [64]

O DESENHO (PENSAR)

Acredita-se no desenho como método, não só de transmissão, mas fundamentalmente de reflexão, como um exercício de certificação da ideia que se tem.

Num primeiro momento fazem-se os desenhos de reconhecimento, uma incursão ao lugar que permite que se estabeleça uma relação entre o indivíduo e o espaço, de modo a que se compreenda a escala, que se conheça o geral, ou o recanto, para que se forme uma imagem mental do lugar - pelo reconhecimento a apreensão.

Se os desenhos de reconhecimento já indiciam acções até pela escolha do enquadramento os seguintes já são totalmente interventivos, numa associação da apreensão ao pensamento crítico. São desenhos que testam possibilidades e já encerram em si a ideia, nas palavras de Alberto Carneiro *"Riscar [...] não é desenhar se a esse acto não corresponder a articulação mental como vontade de representação, como síntese dum momento de aprendizagem projectual, que comporte o pensamento e a crítica daquilo que se quer apreendido e optado".* [65]

"Desenhar, fazer desenhos, significa captar uma relação do real que se auto-constitui enquanto processo, expressão e ideia das imagens. O processo exige o tempo, a relação temporal, a memória e o presente da acção; a expressão implica a relação emotiva, o pathos e a duração da sua potência e necessidade; a ideia existe como multiplicidade do real, como o devir de uma nova experiencia das formas, das figuras e representações: o impulso e o atrito da sua construção imagética. [...] um 'modo' de intuir e de conjecturar formas e espaços." [66]

64. ZEVI, Bruno, Saber ver a arquitectura, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 2009 p.*50*

65. Alberto Carneiro, Quatro mesas redondas sobre o ensino da arquitectura

66. Silva, Vitor

Os desenhos à mão levantada ou rigorosos não valem pelo que são, mas pelas perguntas a que respondem, as soluções que apresentam, mas admite-se, que por vezes, se desenha por vício, desenha-se sem pensar para que seja possível desenhar para pensar.

Acredita-se que o conhecimento que se retira através do desenho será exponencialmente maior do que o que se tem apenas olhando, os olhos tiram medidas, procuram relações, vêem pequenos detalhes que à mão são fixados no e pelo desenho. Fixam-se as intenções.

Se desenhar é tomar decisões e revelar preferências, é escrever por símbolos numa escrita, marcadamente pessoal, mas incisiva.

Mistura-se o real com o imaginário, os esquemas sobre os desenhos rigorosos, linhas finas e precisas em contraste com a agressividade das correcções que lhe são sobrepostas.

A consciência é de que a ideia se constrói e se revela desenhando.

DA MEMÓRIA AO ESPELHO, FAZER CIDADE

Entende-se fazer cidade, espaço do colectivo, como um acto que se baseia nas especificidades físicas e mentais que nela coexistem, num pensamento capaz de lhe abordar heterogeneidade e que, portanto, não pode ser criado apenas a uma voz. Assim corrobora-se a perspectiva de Marcel Poéte - *"Admiro a ousadia dos técnicos actuais do urbanismo... consideram antes de tudo a aparência das coisas, como se a consideração dos habitantes que formam a cidade não se impusesse previamente. É através destes que a cidade precisa ser vista, ao invés de ser observada simplesmente do ponto de vista dos espaços cheios e vazios que ela forma sobre o solo. Para compreender uma cidade, é preciso conhecer seus habitantes, uma cidade é um conjunto de almas."* [67] Um conjunto de almas, será, dentro do léxico utilizado no decurso do texto, um conjunto de memórias, e são essas que se pretendem, de seguida, apresentar.

A questão da participação na arquitectura que há muito vem sido abordada, desde os processos como o SAAL, aos mais recentes, no atelier elemental de Aravena, ou o ateliermob, por exemplo, e acredita-se ser fundamental. Se em projectos particulares acontecem conversas entre arquitecto e cliente, em situações públicas o contacto deve ser possível, não só com as entidades de poder, mas também com a população. Se a população tiver um poder activo na cidade, sentirá uma mais forte responsabilidade. Também no que respeita ao (re)conhecimento geral da arquitectura, dizia Fernando Távora, anos atrás, que *"a arquitectura é uma coisa tão importante, tão importante, tão importante, que até é importante como o ar. É uma coisa que nos envolve completamente, é uma espécie de segunda natureza. E daí como segunda natureza que é, é uma coisa na qual toda a gente participa. Daí que tenha de ser, e seja realmente um acontecimento natural. Daí tenha de ser muito generalizada uma espécie de cultura arquitectónica que hoje está, suponho eu, perdida [...]tem de haver uma grande sensibilidade ao espaço no qual todos nós participamos"* [68], hoje ainda se mantém esse desconhecimento e terá que ser o arquitecto a 'dar o primeiro passo' para que se aproxime uma solução. Daí a ideia de aproximar o acto de fazer cidade à cidade e não a 'elites' de cidade.

No caso de estudo a participação não se relaciona com o acto projectual, já que este se pretende apresentar não enquanto objecto concretizado, mas como base para uma efectiva solução mais próxima e mais atenta à população e à cidade. É um exercício e não um acontecimento. Não se pretende iludir os habitantes, que já se mostram receosos apenas com a nossa presença, assustados pelos cadernos e máquinas fotográficas, com receio de que lhes sejam retiradas as habitações ou terrenos, e que só quando se lhes explica tratar-se de um trabalho académico desvinculado do poder local descansam. Assim, aqui participação relaciona-se com a definição da estratégia, e resulta de pedidos que se fizeram a habitantes da área de estudo, na busca de moldar, ajustar, a estratégia já definida.

Assim conseguiram-se três respostas, de realidades diferentes.

67 CHOAY, Françoise, O urbanismo, Editora perspectiva, São Paulo, 1992 p. 281

68 TÁVORA, Fernando, em Uma porta pode ser um romance_encontro | para edifícios, entrevista por Manuel Mendes, RODRIGUES, José Miguel, MENDES, Manuel, RAMOS, Rui, Fernando Távora "Minha Casa", Dezembro, 2013 p.5 -6

José Granja, ex-habitante Centro Histórico de Amarante

Os meus avós paternos viviam na Cândido dos Reis, e os maternos viviam na Rua do Amieiro por isso grande parte da minha infância foi passada por aí. Conhecíamo-nos todos! Andávamos em grupo para todo o lado, corríamos, atravessávamos os terrenos dos vizinhos, sempre em busca do melhor atalho. Ao passar nas escadas do Amieiro corríamos ainda mais, porque o muro podia cair-nos em cima. Montávamos uma baliza onde fosse possível, quem vem do Amieiro na Cândido dos Reis, ou no parque de estacionamento de Santa Luzia, que não era como é hoje, e era o sítio onde mais brincávamos.

No Verão passávamos semanas a juntar pedras para construir uma pequena 'piscina' na praia das Azenhas, ou a passear de guiga. Hoje os miúdos não podem andar assim na rua, é mais perigoso, e também não há grande coisa, está tudo ocupado ou fechado, ou cheio de carros. Até na margem, dá para andar de bicicleta, passear os cães e assim, mas...

Carlos Gallo, habitante do Centro Histórico de Amarante

Corria o ano de 2010 quando vim viver para o largo de São Pedro, bem no coração do centro histórico, mais precisamente na rua Miguel Bombarda n8. A casa era um T1 sem frente, e já havia sido visitada por compradores que não se entusiasmaram com a pequena casa virada para um morro. Assim que entrei nesta casa senti que era aqui que queria viver. Senti esse chamamento. Habitar o centro histórico é uma questão de química, ou se tem ou não se tem. Temos que estar preparados para todas as dificuldades que estas velhas ruas nos impõem: falta de estacionamento, ruas desabitadas, inclinações que não convidam a grandes passeios, e o principal, a maior dificuldade em realizar obras de reabilitação. No entanto, quando existe a tal química, todos estes defeitos passam a ser «feitios».

Cada vez que venho à janela, há em mim um deslumbramento inaugural.

A rua durante muitos anos deixou de ser um espaço de pessoas moradoras e deu lugar a um circuito de comércio ou serviços e de pessoas que nele coabitavam até às 19.00 horas de cada dia. Depois disso, a rua ficava deserta, escura e fria. Triste.

Esse tempo passou. Já nada é como era e assisto todos os dias ao renascer do centro histórico enquanto bairro onde se vive bem! Sinto me um privilegiado!

Na verdade, vivo no centro da autenticidade da cidade. Conheço-lhe o cheiro e o som que todos os dias vai sendo cada vez mais participado e alegre. Palpita aqui nesta rua, o pulsar livre do coração da cidade, e eu gosto desse som.

Aqui são tantos os vizinhos, as pombas, os turistas... o cabeleireiro que tem a chave de casa do vizinho, a esteticista que conhece cada palmo da nossa pele, a junta de freguesias e a tia Maria. Os putos do ATL e os maduros alunos da universidade sénior. Os músicos e os pintores, os designers e os doutores, cabemos todos aqui!

O cheiro a pão quente e a buzina do peixeiro, o sino da igreja e o piropo da vizinha que viu a rua rejuvenescer. Ao fundo, junto ao rio, o Rossio é especial, quase um refúgio de encantos, mesmo no Centro histórico, o Tâmega impõe aqui uma beleza única que engradece o ego cá da rua.

Assim é a minha rua, habitada, livre e alegre.

Assisto a uma mudança do tipo de pessoas que aqui habitam. A população está a renovar-se e a trazer nova vida a esta rua a cada dia que passa.

As ruas começam a ter uma nova vida e sente-se no ar a força da juventude, fruto de todas as ofertas comerciais e de diversão existentes com uma agradável escala de rua. O melhor de todo este novo movimento é que nunca precisou de riscar com o passado, e pelo contrário, vê nele a sua

maior inspiração. Aqui os novos residentes, os turistas, os que vieram para beber um copo e ficaram, vivem a par e em harmonia com quem nunca desistiu de aqui viver. Esses sim, os grandes heróis da cidade.

É tempo agora de fazer o meu papel com a mesma dignidade daqueles que me deixaram esta história toda para habitar. Relacionar-me a mim a aos meus filhos com esta rua e os seus recantos, receber bem, informar bem, dizer um grande e convincente «bom dia!» a quem passa, e ter sempre um abraço pronto para o vizinho. Este é o meu papel. Habitar o centro histórico é um privilégio que não se esgota e se renova todos os dias.

Kiriaki Mamatsiou, habitante temporária do Centro Histórico de Amarante
-voluntária da Casa da juventude – SVE (Serviço Voluntário Europeu), Grega, viveu em Amarante por um ano. (Visitou a cidade em 2015, num projecto de voluntariado de curta duração e decidiu regressar)

I had a great time living for a year in the city center of Amarante. Life in Amarante is really easy-going, the city is small and the city center is offering many interesting events and activities during the year. As an example i could give the MIMO festival, bike/marathon/ kayak races, Festas do Junho, Festa Amarantina in a central narrow street, concerts, markets etc.

The city was helping a lot the good quality of my lifestyle, i was able in a daily basis to have long walks or run by the river. I even had the opportunity to practice kayak for few times during the summer. I was swimming in the river and also had many picnics on the beach. The hills right around this area are offering a great experience to those that like climbing and mountain biking in a green land full of trees and vineyards. The landscape is objectively beautiful in all seasons. The river was really changing levels; the path, which is connecting the two sides of the river, was appearing and then disappearing. It was interesting to observe daily the view of the sky, the river and the trees by it.

Amarante is a city, which can keep all the generations, families, youngsters and old people. It is also a touristic city. Many initiatives of the Municipality are helping all of that. I could say that it is an open-minded place. Things that were missing to me as a young person (23-24 years old) was maybe more cafes or more options for going out, meeting points with the young people. I admired the mentality of older people giving space and really trust the youngsters. There were this kind of competition for start-ups. I've seen the cultural part, painting, music, architecture, and design flourishing. All those things compering to my country were all well appreciated. According to my previous observations and ideas i saw that it was missing a place where all young people of the city independently of a cafe, ONG, Club, could organize many kind of events like exhibitions, concerts or even parties, by the river. One more thing I've noticed was missing, and it is really difficult to be missing from a city of my country, it is the theater. A theater space can even be outdoors with a view to the river (I remember the noise in the city center from the concerts and (those traditional instruments in Festa do Junho super noisy, they make competition with that) it was really annoying) but especially in this area where houses are not that close, it would be helpful for a stage which the municipality could use for the needs of the city.

PROCESSO /

APROXIMAÇÃO

À primeira fase não se poderia dar outro nome, já que concilia os momentos iniciais de investigação, de reconhecimento do lugar, com os primeiros pensamentos de projecto. Percorriam-se-lhe as ruas, contando os passos, os pisos do edificado, e a posição das árvores. Conheciam-se ainda os materiais e dinâmicas. Desenhava-se e fotografava-se o lugar. Terá sido o momento de menor produção projectual, mas o que estabeleceu o maior vinculo com o lugar.

Os desenhos iniciais revelam-se parcelares, focados na zona entre a Fonte da Quelha e o Hostel, procuravam com o edificado o desenho de dois espaços exteriores diferenciados, um que se acreditava ser 'mais' da cidade e outro um grande jardim, os dois por transparência desenhariam o interior do 'bar'. Este era configurado por um prisma rectangular que se implantava perpendicular ao rio, num movimento que se desejava ser de avanço sobre a água. Unia-se a Norte, com um volume longitudinal onde se desenhariam espaços de trabalho e uma sala comum, a ser ocupados por uma associação de cariz cultural. Acreditava-se que estes espaços podiam funcionar como montras, exibindo-se à cidade por meio de grandes painéis envidraçados.

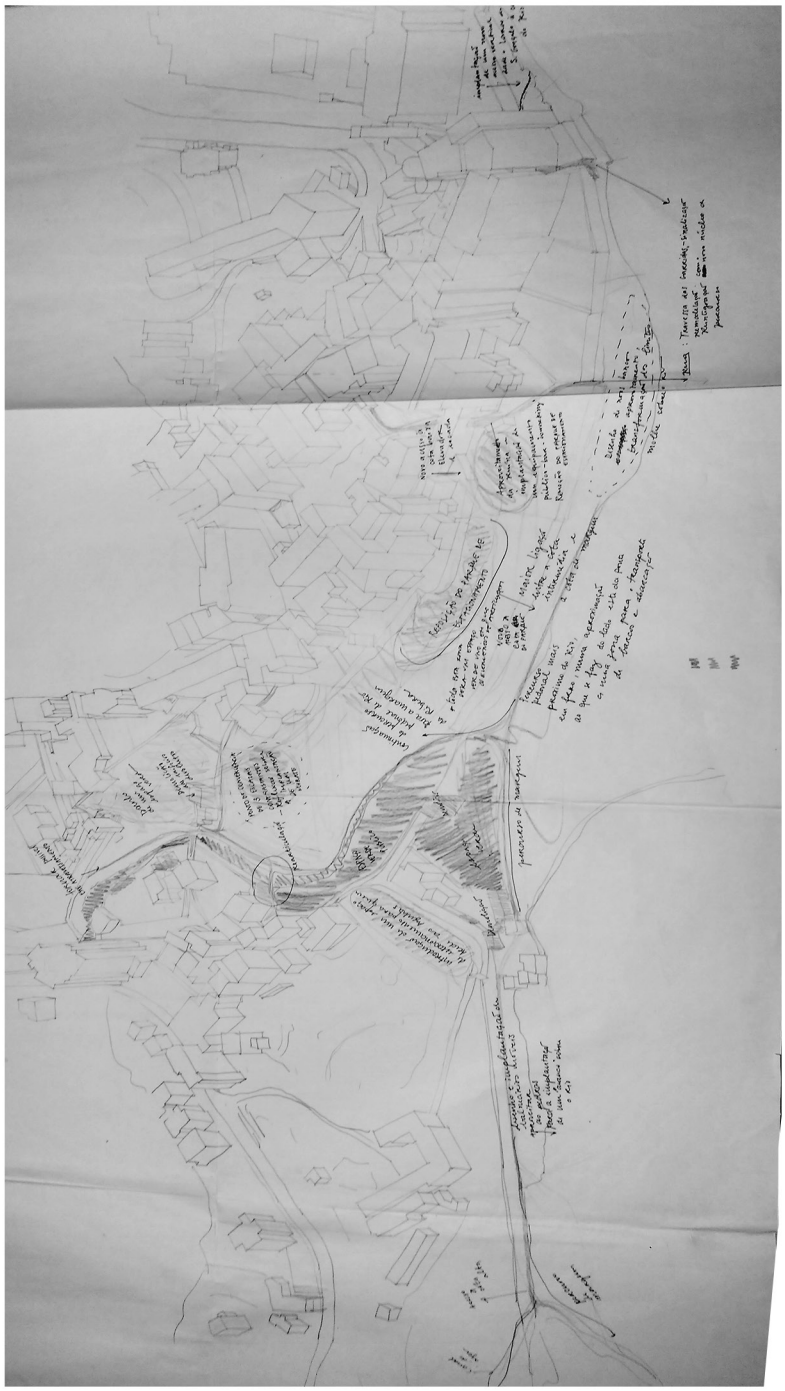
Dos acessos, pensava-se maioritariamente num elevador de exterior, localizado nas imediações de uma ruína existente. Acreditava-se que seria fundamental a manutenção de toda a vegetação da área, assim como dos muros, a ruína e o tanque.

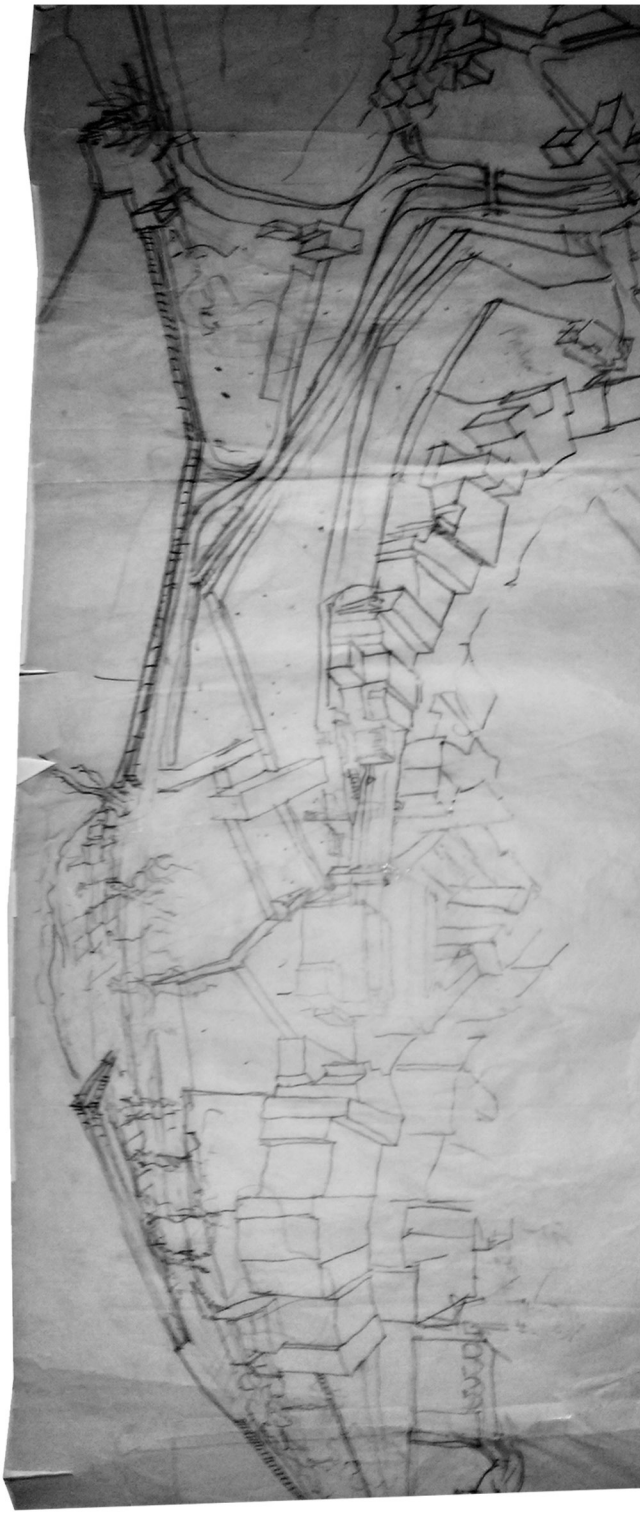
Na margem, pretendia-se a implantação de passadiços metálicos em toda a extensão da área de estudo.

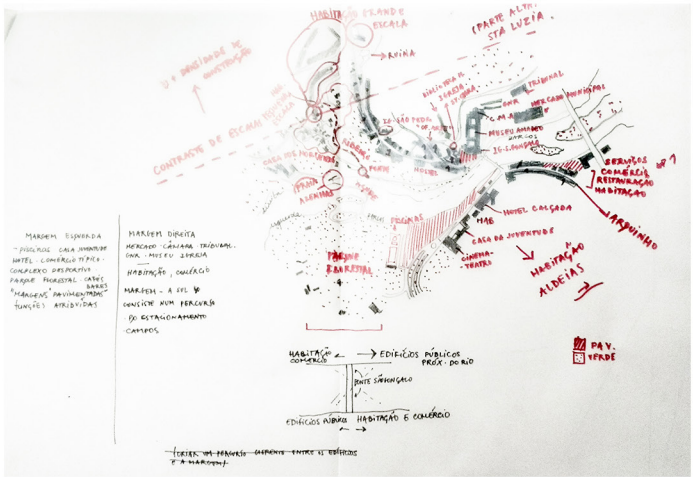
Compreendeu-se que a procura de manter inalteráveis todos os elementos do lugar contrastava com a ocupação que se lhe pretendia fazer, um desenho que parcelava o espaço, impositivo, incapaz de ter força para se justificar e que mantinha irresoluta grande parte da área de estudo.

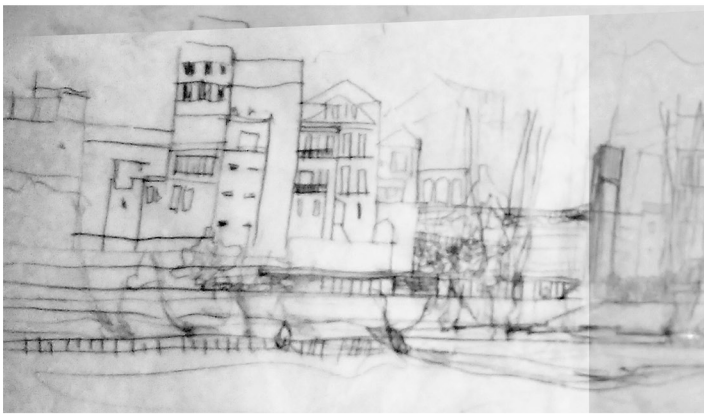
Era um desenho hesitante, composto por dúvidas, que não se conseguia conformar por não se terem ainda assentado as intenções.

FIG[86] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA

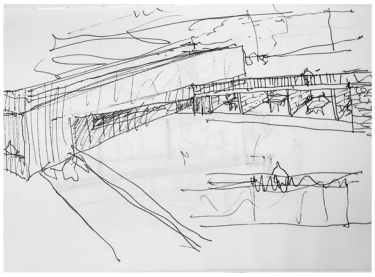


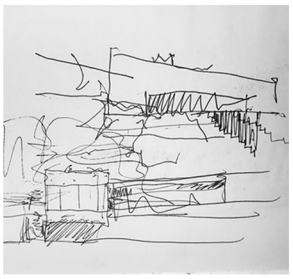


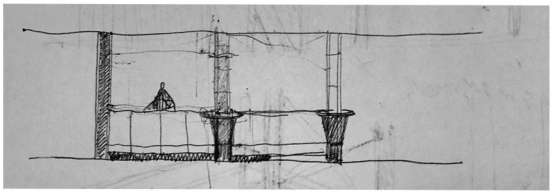


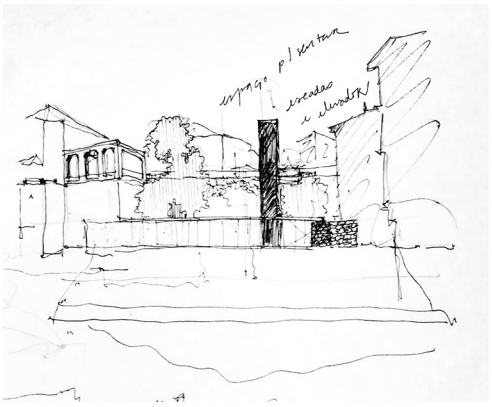


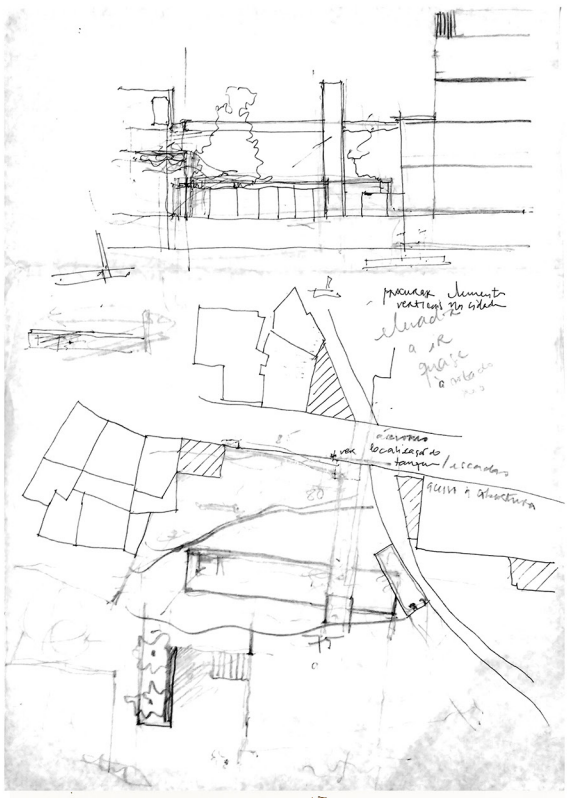


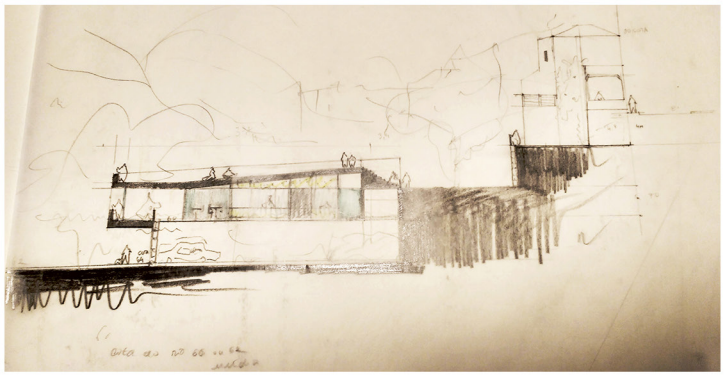


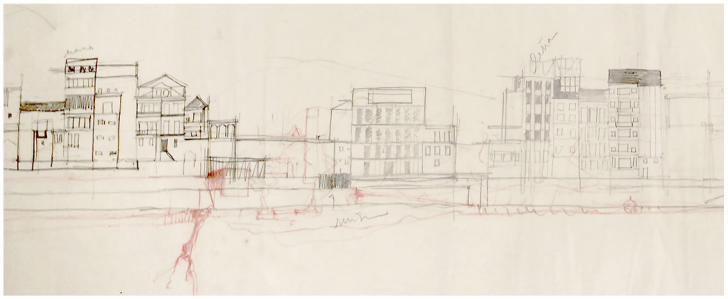


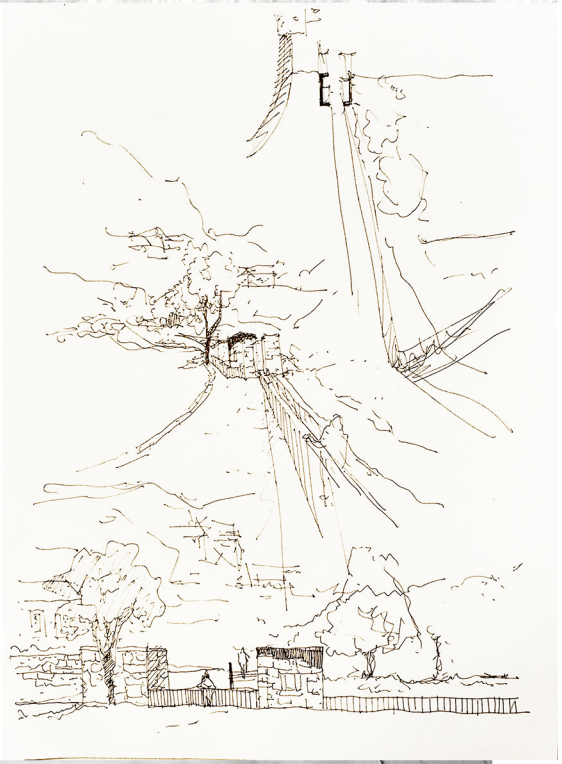


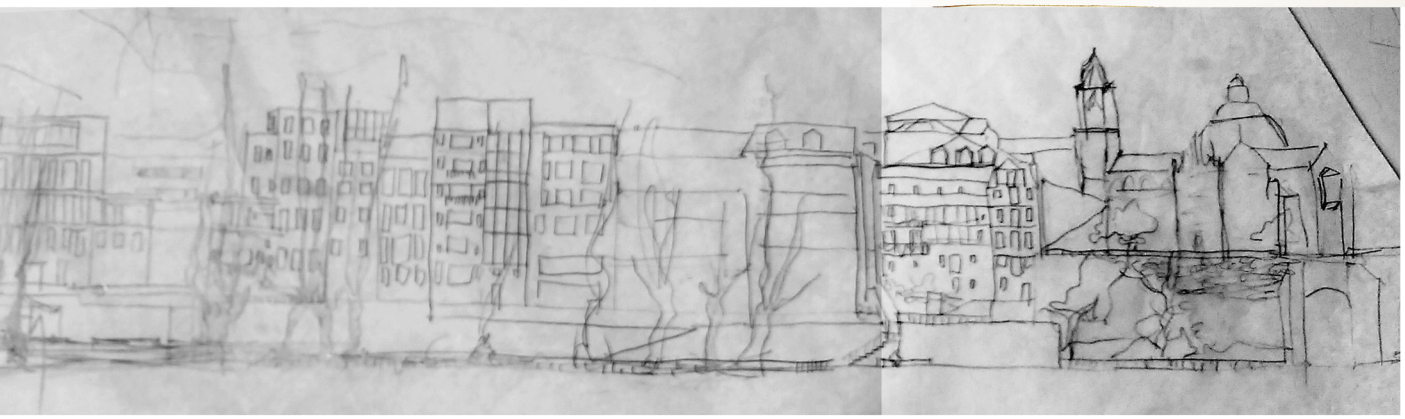












TENTATIVA

A segunda fase é uma procura de resposta às questões que compunham a primeira.

Das falhas da primeira fase, depreendeu-se a necessidade de um olhar geral sobre a área de estudo, que não procure focar-se demasiado em partes, mas no desenho do conjunto.

Assim, a procura centra-se num desenho focado no desenho de plataformas ajardinadas, que conciliam as diferenças de cota e procuram relacionar os elementos da cidade. Visa-se a conformação de espaços verdes na proximidade daqueles que se consideram os pontos mais afectados por um certo 'ruído', zonas de cidade que apesar da localização geográfica ser muito próxima, não têm uma relação pacífica entre elas - será exemplo a relação da área adjacente à Rua Pedra d'Era com a Ribeira e o remate da área de estudo com o Parque de estacionamento de Santa Luzia.

Centra-se esta fase na tentativa de desenho de uma nova via, capaz de se afirmar como o meio de chegada principal à margem, e que teria como função principal a redução do número de carros a circular na Rua Manuel de Barros – um acesso que funciona com a circulação alternada entre os dois sentidos, coordenada por um semáforo - procurava-se, ao mesmo tempo, facilitar o movimento automóvel, e devolver a Calçada Eduardo Teixeira Pinto e a Manuel de Barros aos peões e habitantes. Para esta rua não se encontrava o desenho mais acertado, seria sempre uma rua sem qualidade de rua, um eixo viário que se limitava à ligação de pontos. Acreditava-se que o ideal seria o desenho de uma via paralela à Rua Pedra d'Era, uma vez que se direccionava, directamente, com a Rua Cândido dos Reis, e fazia a transição para a margem, sem haver a necessidade de contorno total da área de estudo. No entanto esta ideia era inviável, uma vez que as habitações existentes na Rua Pedra d'Era determinam a impossibilidade desta opção. Assim, todas as restantes opções para o desenho da rua requeriam um desvio, e passagem pelo parque de estacionamento de Santa Luzia.

Procurava-se ainda o desenho de um equipamento relacionado com as plataformas ajardinadas, associando, como na primeira fase, uma área de trabalho a uma área social. O edifício diferia na implantação agora, longitudinal, condicionada pelos desenhos dos muros e da ruína, que se procurava integrar no projecto. O elevador, surgia como um elemento de excepção que se soltava de tudo o resto, imaginava-se-lhe a materialização, como uma caixa de vidro.

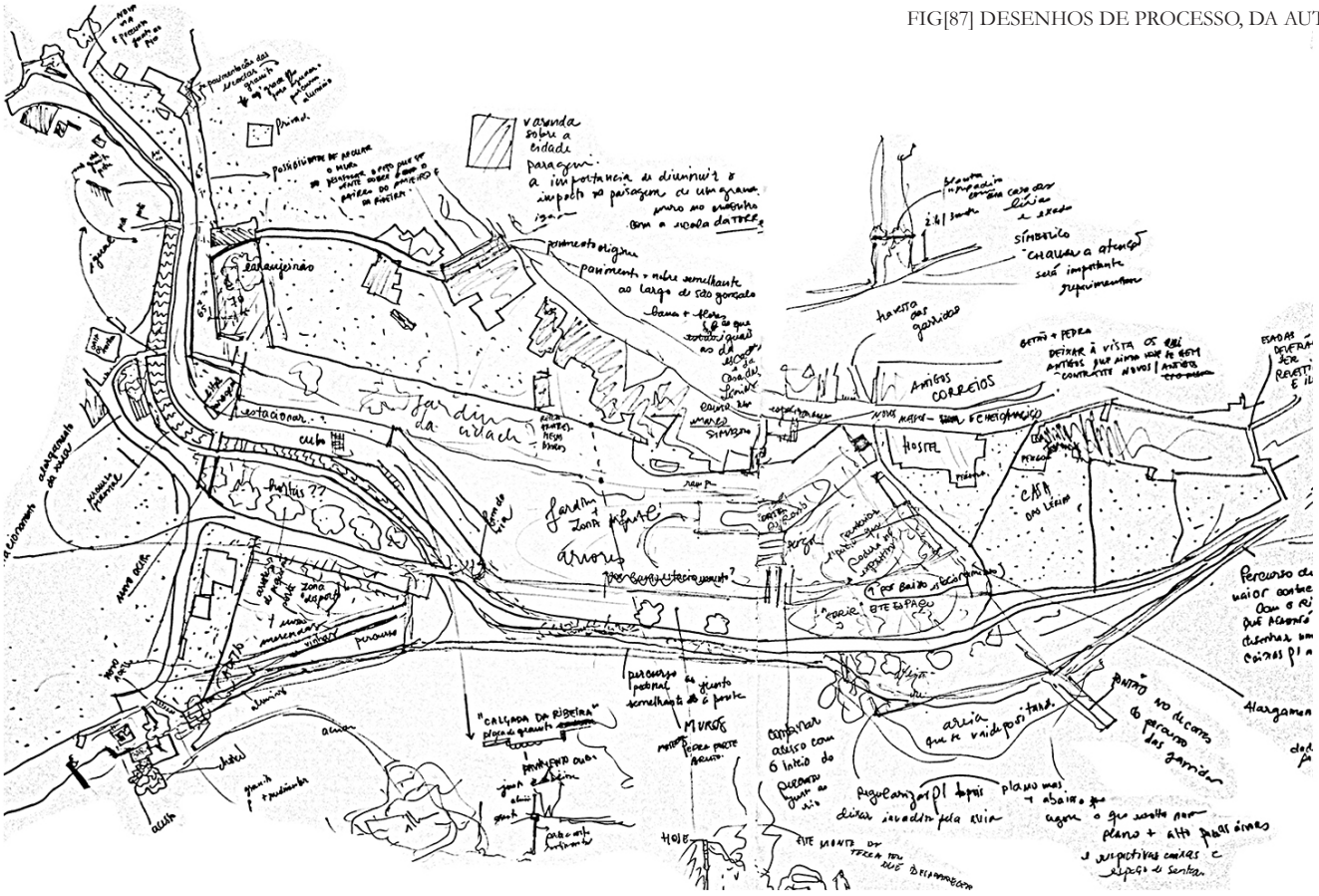
Na margem libertava-se o 'campo', permitindo que na proximidade da rua se sucedessem pequenos espaços ajardinados, para do outro lado se desenhar, junto às árvores, uma zona de estar que se desmaterializava na aproximação à água, num desenho semelhante ao que se via acontecer junto às azenhas, com as pedras, a gradualmente alternarem a altura até desaparecerem na água ou, como no desenho da base que Carlo Scarpa faz para a 'Partigiana' (escultura de Augusto Murer) em Veneza.

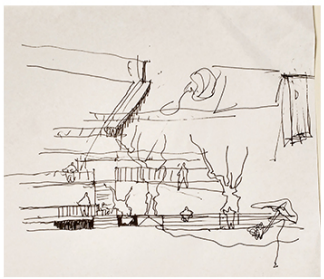
Desenhavam-se, de novo, passadiços metálicos junto ao rio, que no acesso às azenhas se uniam à terra, dando acesso a uma zona desportiva, para posteriormente conduzirem às Azenhas. Aqui procurava-se um desenho do espaço, que sem grandes alterações à morfologia actual, tivesse uma postura mais atenta aos acessos e à oferta

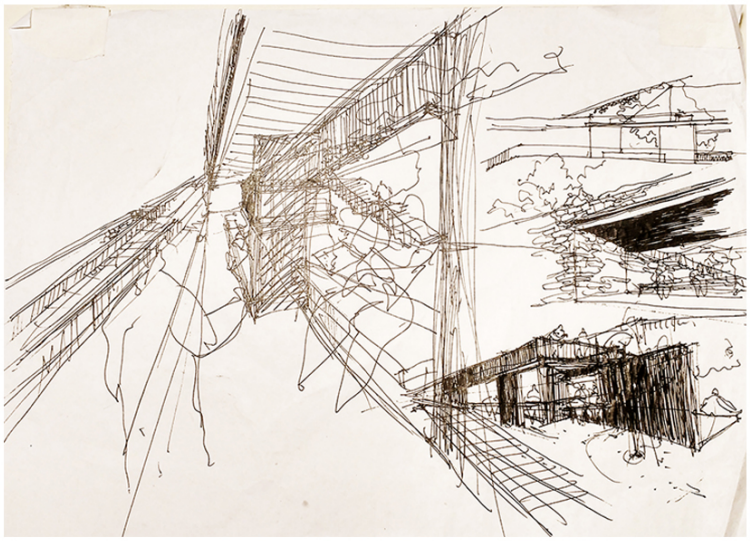
de espaço de estar com qualidade.

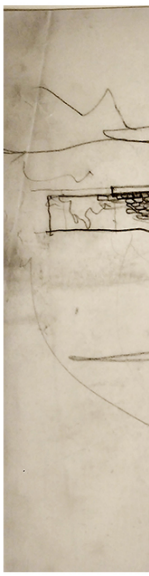
Impunha-se a necessidade de repensar a vegetação, definindo áreas a replantar. Pensava-se o estacionamento com uma solução subterrânea capaz de abrigar um grande número de carros.

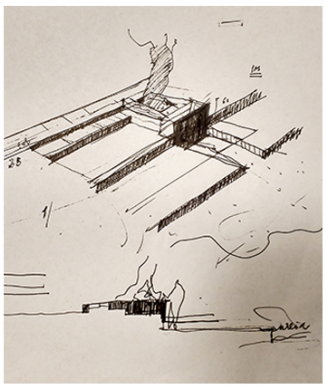
FIG[87] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA

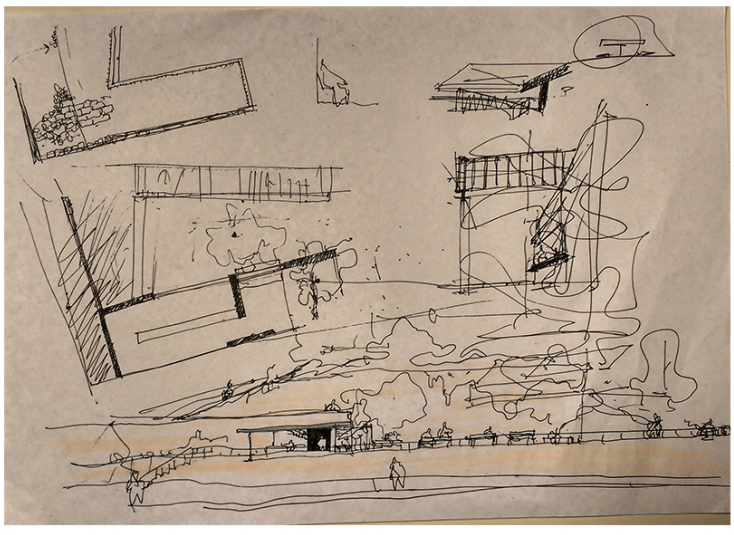


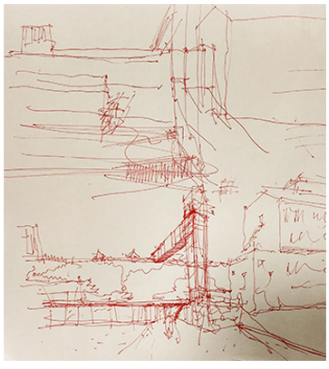




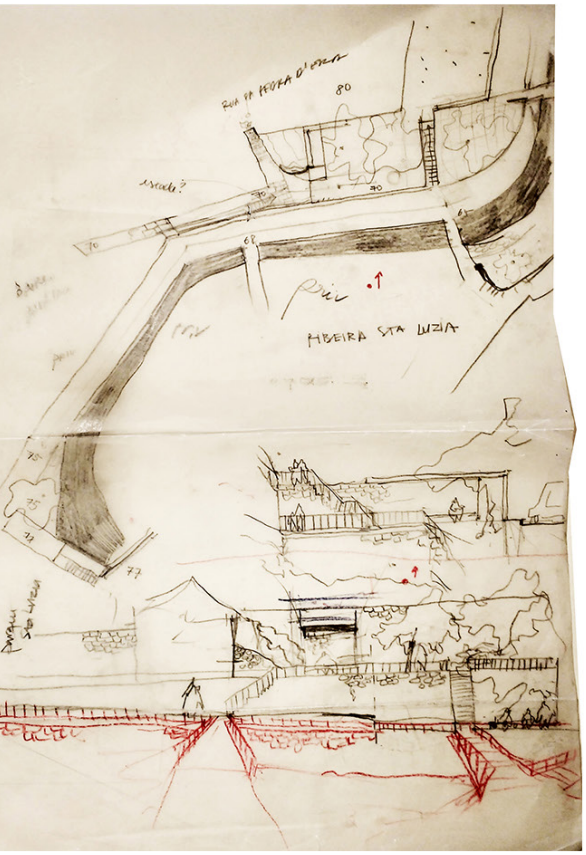




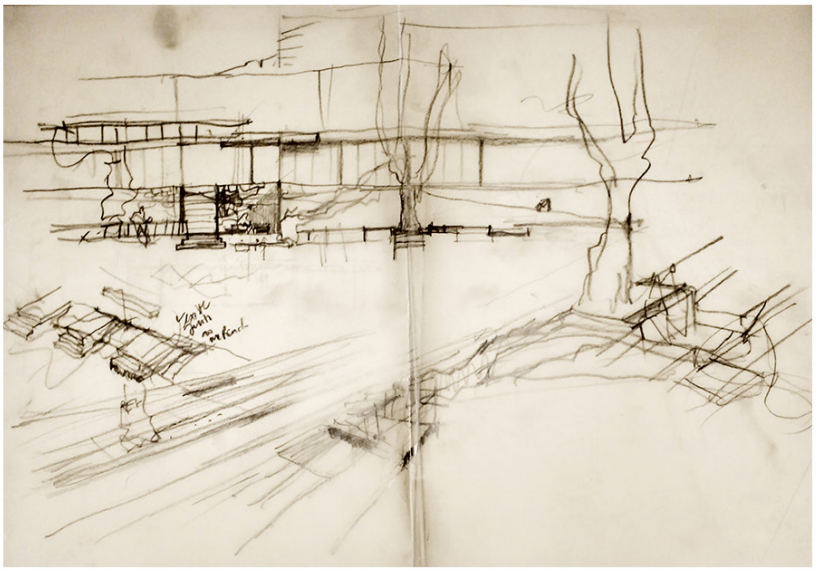


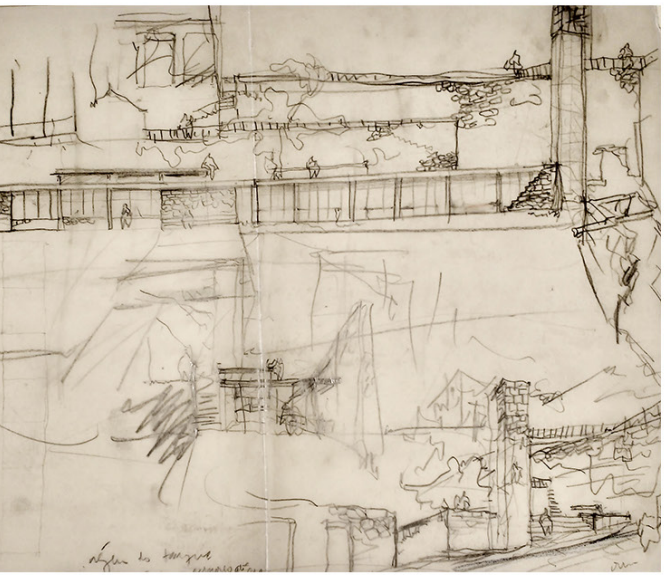


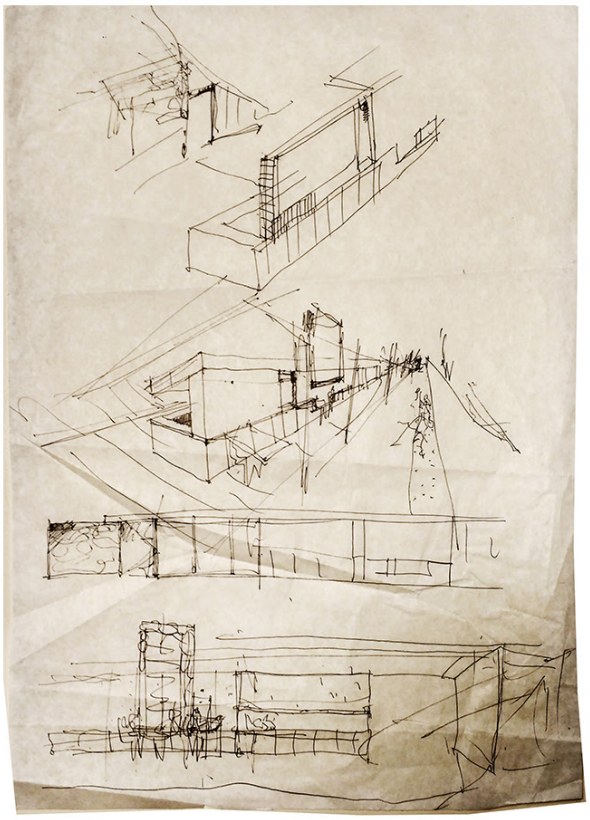


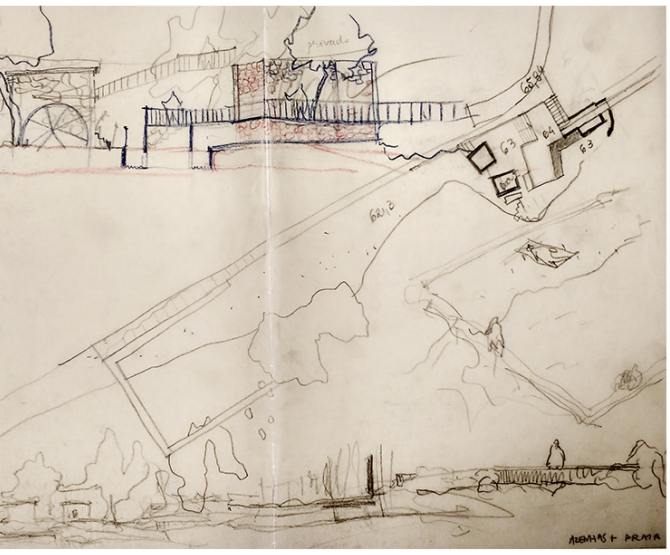

RIBEIRA STA LUZIA










ARENAS + PRAIA

CONSTATAÇÃO

A terceira fase é um momento muito próximo do resultado final. Procura-se a simplificação da estratégia, a procura do essencial. Abandona-se a ideia do desenho de uma nova rua, e de um equipamento cultural, substituindo-a por um alargamento do segmento final da Rua Manuel de Barros, associado a uma nova ponte sobre o Ribeiro, e um bar que, em conjunto com o elevador, funciona como um meio de transição entre o movimento da cidade e a estadia que se pretende em proximidade com o rio.

A chegada a esta fase coincide com o acesso a uma nova planimetria diferente da que previamente havia sido cedida pela Câmara Municipal, uma planta com todas cotas do terreno, que vem revelar que a que anteriormente se utilizava estava deformada. É necessário redesenhar a proposta, já que o desenho que se propunha não se adaptava à morfologia que esta planta vem indicar. Esta nova planimetria vem justificar as dúvidas que anteriormente se sentiam nomeadamente a sensação de desvinculo do real, assim, este momento revela uma fase muito mais vinculada e assertiva.

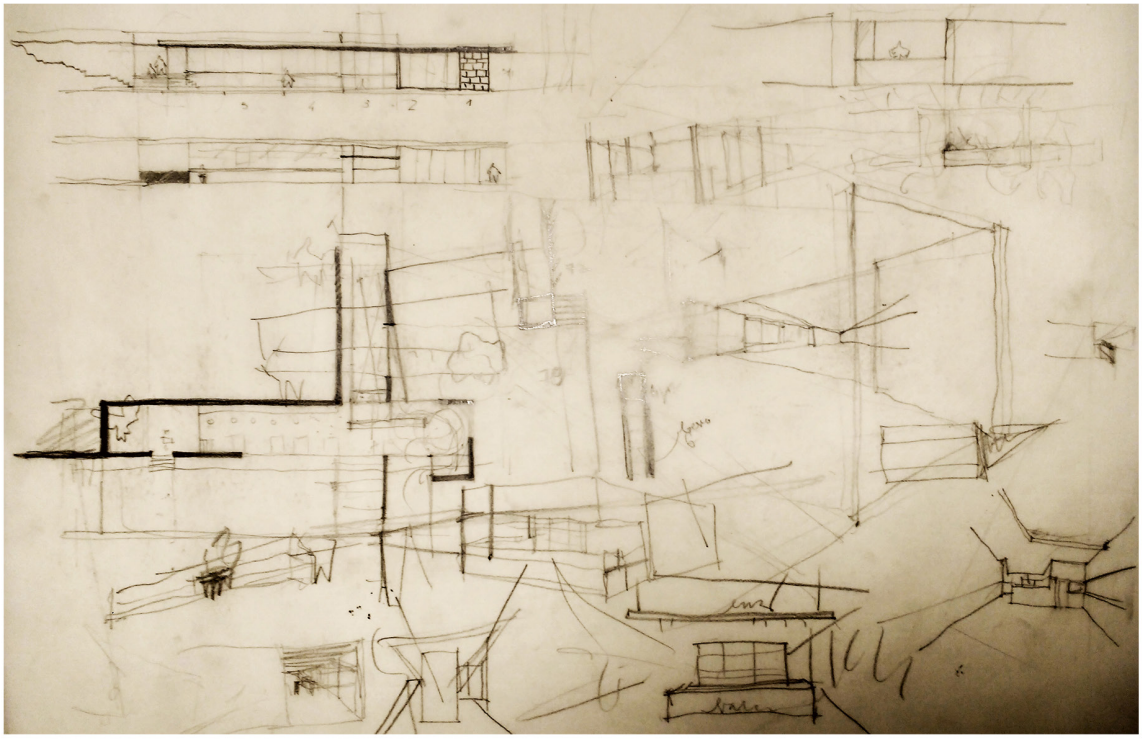
Inicia-se o desenho pela conformação das plataformas de jardim, que se estendem por toda a área de estudo, afirmando-se como o elemento de maior importância da estratégia. De seguida, pensam-se os acessos, privilegiando a continuidade do percurso da margem e a relação com o núcleo da Cândido dos Reis. Acredita-se, agora, que ruína não terá relevância no desenho do plano e decide-se pela sua demolição.

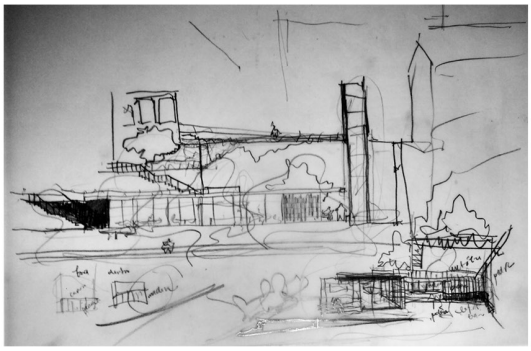
Da abolição da necessidade de uma nova via, assume-se a necessidade de encontrar um espaço possível de estacionamento, mais próximo da Rua Cândido dos Reis, uma vez que se acredita que o maior numero de veículos estacionados no Parque de estacionamento do Rossio, se relaciona com o uso da cidade à cota alta. Encontra-se na proximidade da Igreja de S. Pedro, no segmento inicial da Rua Pedra d'Era, um terreno privado, que seria uma mais valia na resolução este grande problema da cidade. Porém considera-se ainda importante, mais por condições futuras, o desenho de um parque subterrâneo junto à margem.

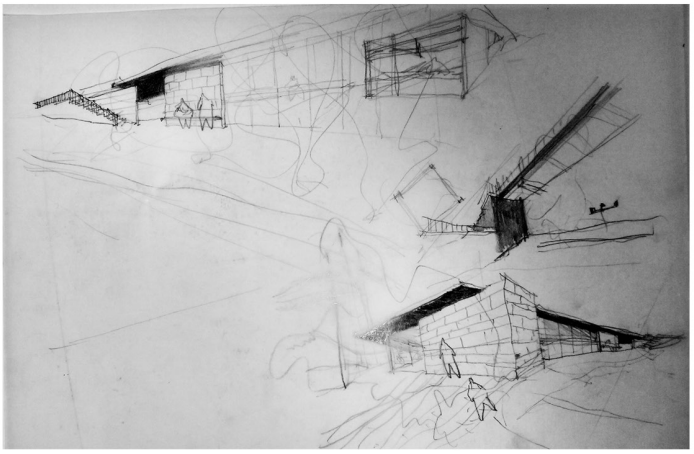


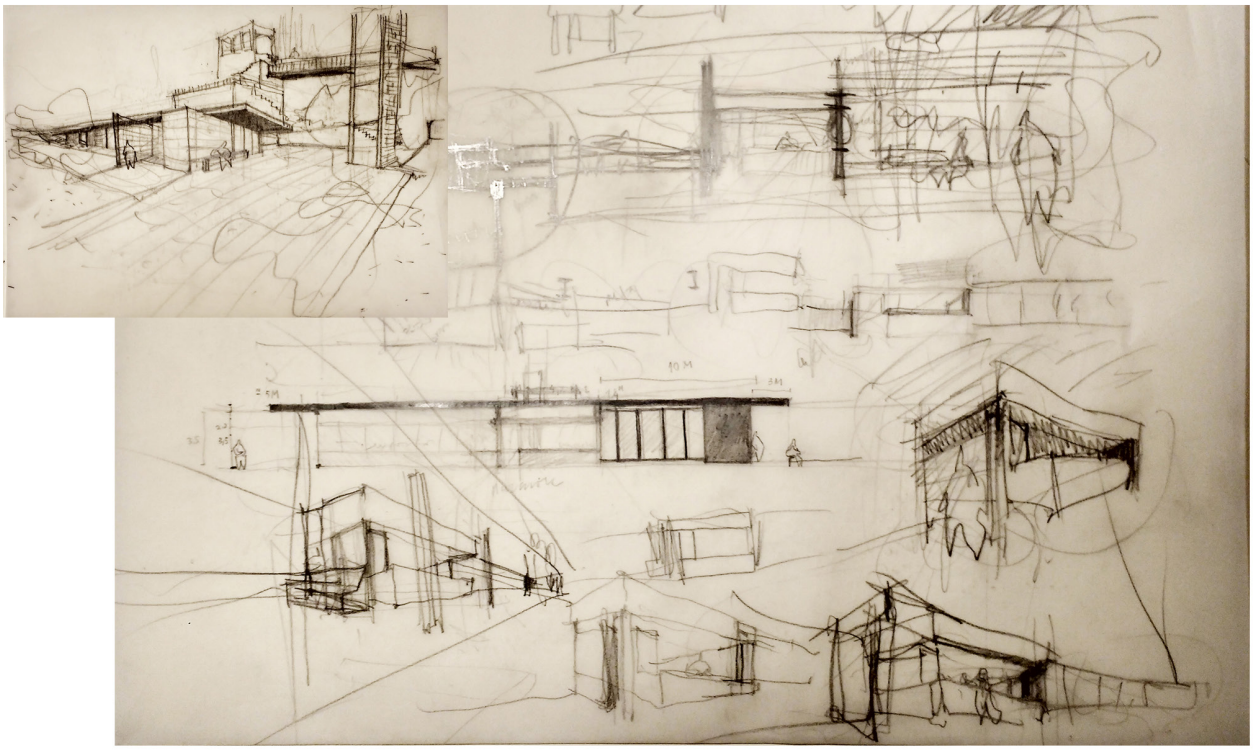
FIG [88] HIPÓTESE DE PARQUE DE ESTACIONAMENTO PÚBLICO EXTERIOR , DA AUTORA

FIG[89] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA

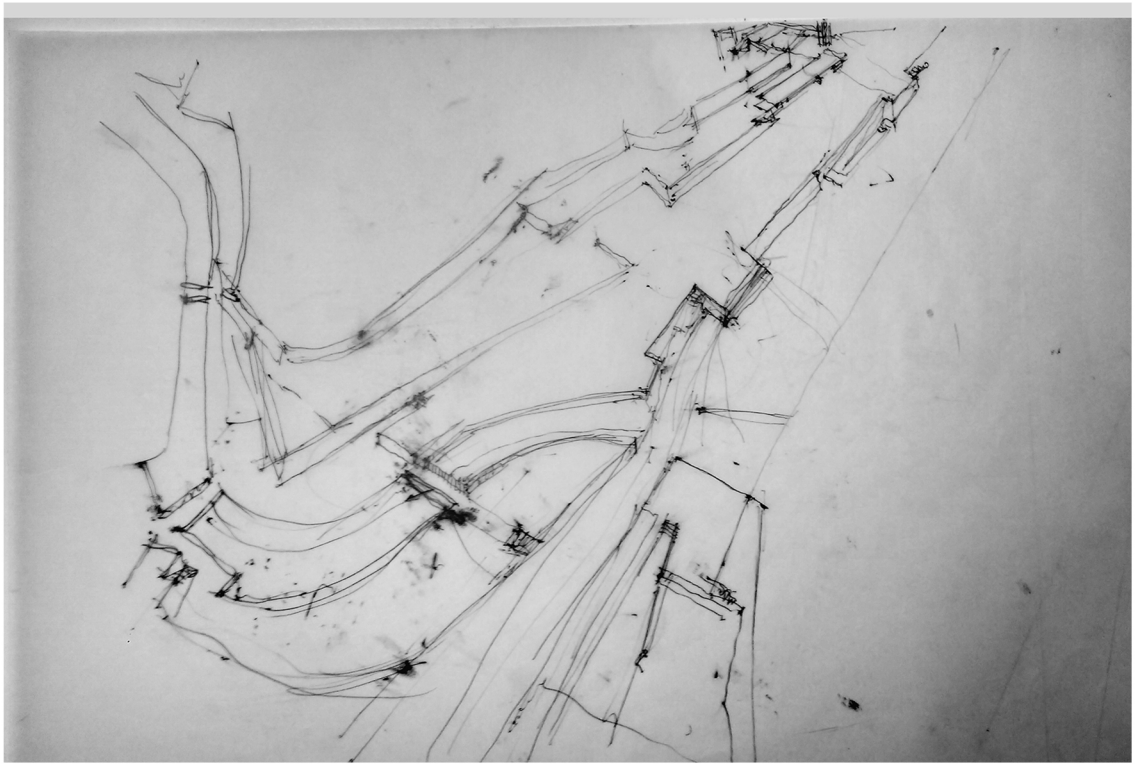






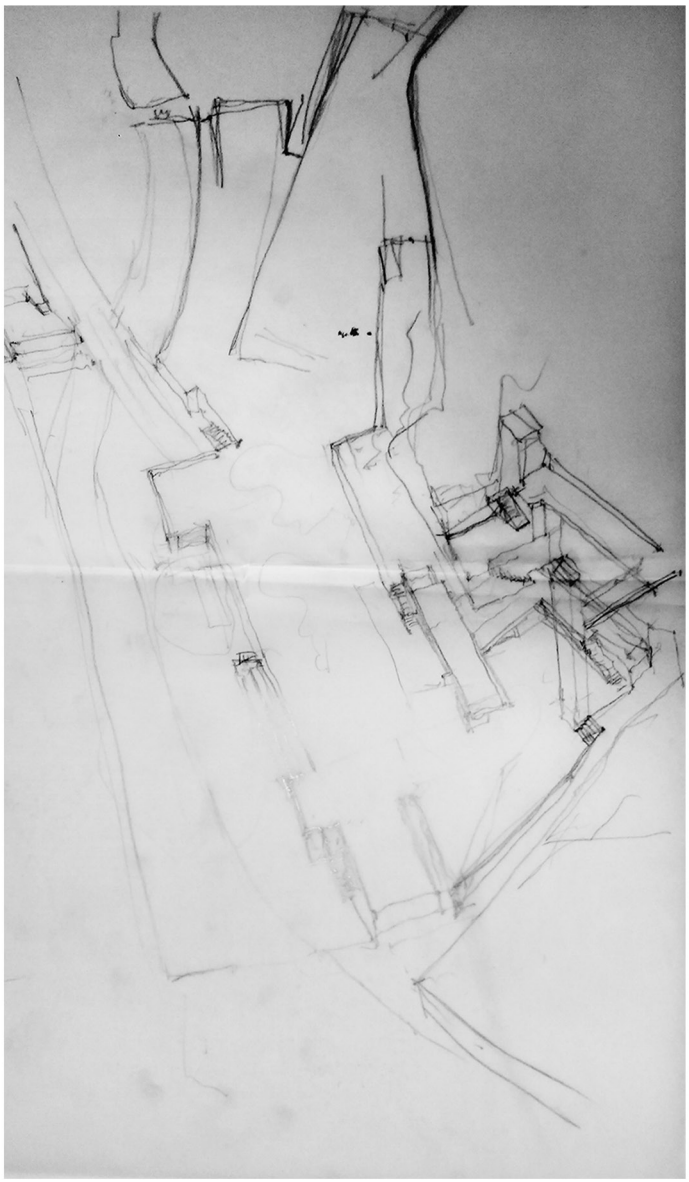


FIG[89] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA



FIG[89] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA





A CIDADE, O ESPELHO E A MEMÓRIA /

Pretende-se, agora, apresentar a proposta, a materialização de um desejo de cidade.

MEMÓRIA DESCRITIVA

Naquele lugar de encontro entre água e cidade, procura-se uma reconciliação de uma relação que se crê perdida.

Numa topografia caracterizada por grandes desníveis procura-se adaptar-lhe o traçado evitando grandes conflitos com a paisagem. Redesenham-se os socalcos conformando-os enquanto espaços de estar e de transição, numa gradação entre o que é privado e o que é público.

As grandes linhas de desenho são lançadas pelo rio, o limite a Sul, por longitudinais que o acompanham e ortogonais que para ele caminham.

Do limite entre a terra e o rio surge aquele que é o movimento mais importante da proposta, o de maior relação com a linha de água. Desenha-se um percurso paralelo à água que se prolongará ao longo de toda a área de intervenção e que condicionará a existência de um movimento perpendicular, de ligação entre cota alta de cidade e rio, estabelecendo um vínculo não só visual mas físico, entre a Rua Cândido dos Reis, eixo estruturador de cidade, e a zona ribeirinha.

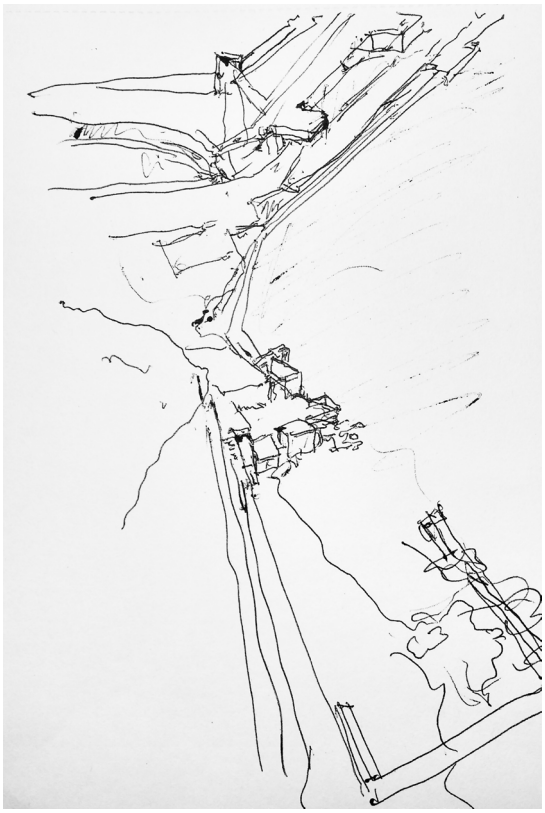
A configuração dos espaços trabalha com a topografia existente, articulando intervenções de grande escala com as de pequena escala que se relacionam com a preexistência, serão exemplo o terraço que se idealiza para o Amieiro, ou o alargamento da 'varanda' sobre o rio. É objectivo que cada parte se relacione com o que a rodeia nunca esquecendo o valor do conjunto.

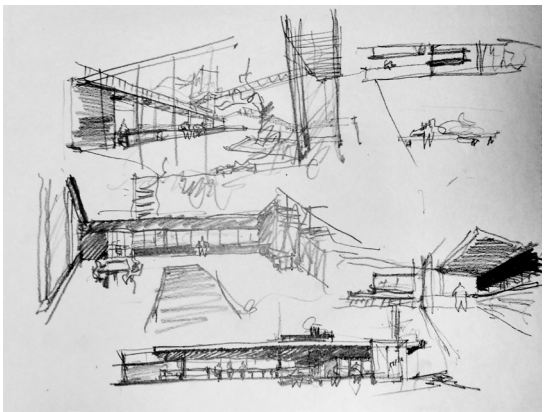
Em três momentos se poderá dividir a intervenção. Na relação com o rio associam-se percursos e zonas de estar, na relação com a cidade, os acessos e o bar, e na relação com o ribeiro, organizam-se zonas maioritariamente verdes.

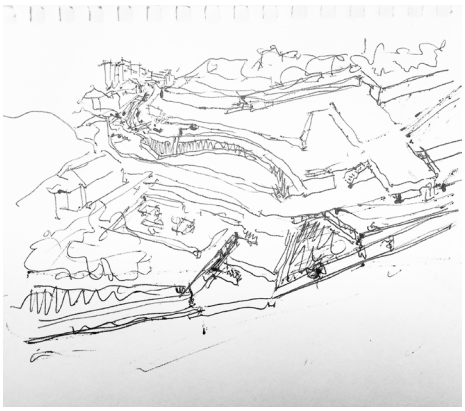


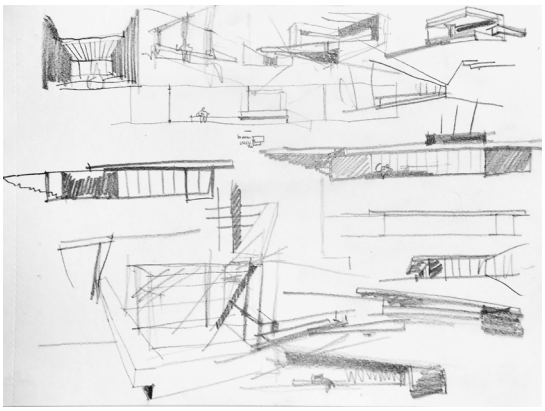
FIG[90]
ESQUEMA DE MOVIMENTOS NA PROPOSTA, *A VERMELHO OS MAIS IMPORTANTES, A LARANJA OS SECUNDÁRIOS, A AMARELO OS VIÁRIOS, A AZUL, OS DE CONEXÃO COM A RIBEIRA*, DA AUTORA

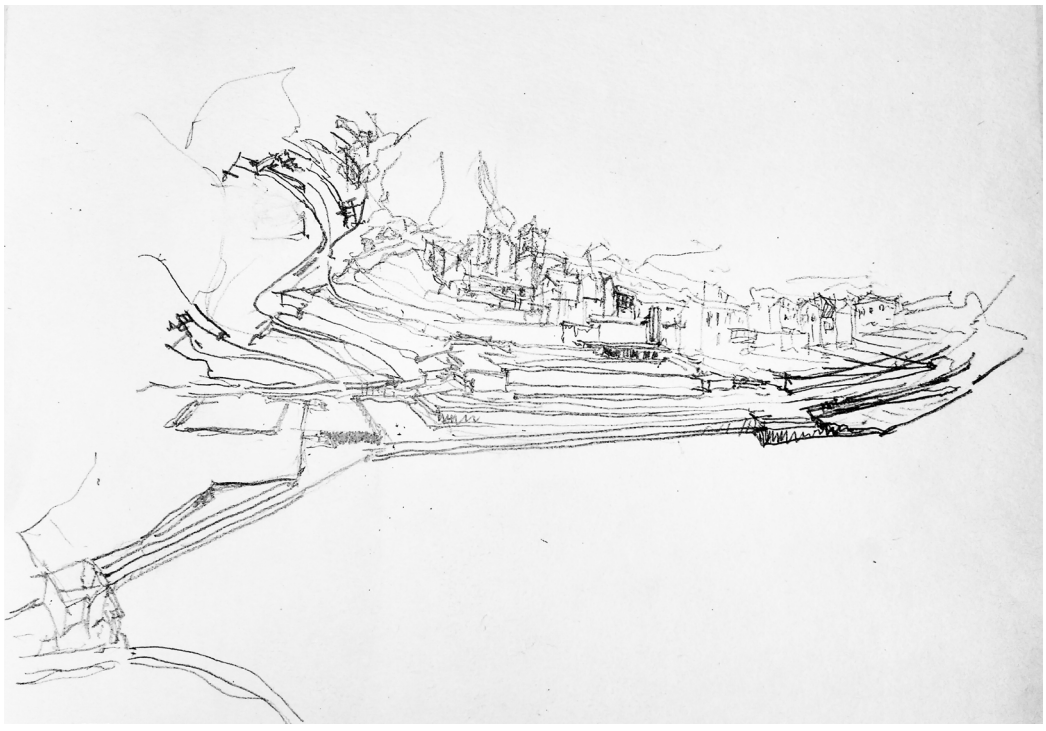
FIG[91] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA











nota /
AS PLANIMETRIAS SEGUINTES REPRESENTAM A PREEXISTENCIA

PLANTA
- ESPAÇO PÚBLICO \ ESPAÇO PRIVADO
ESCALA 1/1000

\
espaço público
edifícios públicos
espaço privado
edifícios privados
rio



PLANTA
- CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS
ESCALA 1/1000



PLANTA
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
ESCALA 1/1000

\

espaço público

espaço público verde
(prado / relvado)

espaço público verde
(denso / arborizado)

espaço público
(area / terra)

espaço público
(estacionamento exterior)

espaço privado

espaço privado verde
(prado / relvado)

espaço privado verde
(denso / arborizado)

rio

área de intervenção

edifícios a demolir



nota /
A PLANIMETRIA SEGUINTE REPRESENTA A PROPOSTA



PLANTA
- **IMPLANTAÇÃO**
ESCALA 1/1000

espaço público

espaço público verde
(prado / relvado)

espaço público verde
(denso / arborizado)

espaço público
(areia / terra)

espaço público
(estacionamento exterior)

espaço privado

espaço privado verde
(prado / relvado)

espaço privado verde
(denso / arborizado)

rio

IMPLANTAÇÃO

espaço verde
(prado / relvado)

espaço verde
(denso / arborizado)

pavimento
-cubo de granito

pavimento
-lajetas de granito 40 x 1

passadiço metálico

Organiza-se um sistema de espaços de estar e percurso junto à linha de água continuando a preexistência. Considera-se que a margem deve ser percorrida em toda a sua extensão, pelo menos no centro histórico da cidade, daí o desenho de um passadiço metálico (similar ao existente) interrompido por duas zonas de paragem; a de maior dimensão evoca um maior sentido de 'estar' e a menor, enquanto espaço transitório entre cotas.

Acima, na relação com a Rua Manuel de Barros / Calçada Eduardo Teixeira Pinto (para a qual de propõe uma repavimentação e à qual se associa um banco a todo o comprimento lembrando que se propõe que a rua seja cortada ao trânsito a não-residentes) sucedem-se os espaços ajardinados, que poderão abrigar inúmeras ocupações temporárias (feiras, exposições ao ar livre, espectáculos. O mesmo poderá acontecer com os da cota 69/70). É importante ressalvar a vontade (não desenhada) de que parte seja ocupada por um playground.

Resolve-se o desenho dos passeios irregulares condicionados pelos plátanos existentes, com um novo desenho de 'caixas de árvore' às quais se associa um banco em toda a extensão.

Ainda seguindo o mesmo eixo surgem, na proximidade às Azenhas, três terraços, se os inferiores se entendem como espaços de estar de relação com o rio, o superior deseja-se como uma espécie de zona de merendas, abrigado pela vegetação que o rodeia e filtra a paisagem.

nota /
AS PLANIMETRIAS SEGUINTES REPRESENTAM A PROPOSTA

PLANTA
- MAPA DE LOCALIZAÇÃO
ESCALA 1/ 500



- espaço público
- espaço público verde (prado / rvinado)
- espaço público verde (denso / arborizado)
- espaço público (areia / terra)
- espaço público (pavimento exterior)
- espaço privado
- espaço privado verde (prado / rvinado)
- espaço privado verde (denso / arborizado)
- rio
- MAPA DE LOCALIZAÇÃO
- espaço verde (prado / rvinado)
- espaço verde (denso / arborizado)
- pavimento -cubo de granito
- pavimento -lajeado de granito -60 x 1
- passadiço metálico

Ladeando o decurso do ribeiro de S. Lázaro, organizam-se maioritariamente espaços verdes de estar, de dimensões diversas. Pretende-se com o desenho deste vazio conciliar um certo ruído que se fazia sentir pela confluência de elementos de escalas muito diversas. Assim, situado na proximidade do Bairro da Torre, Amieiro, e não muito distante do parque de estacionamento de Santa Luzia, poderá ser um espaço capaz de receber quem aqui mora e quem visita.

No segmento final do percurso entre as três pequenas pontes que atravessam o ribeiro, organiza-se um pequeno terraço junto ao bairro do Amieiro, e ao fundo resolve-se o acesso ao parque de estacionamento de Santa Luzia.

nota /
AS PLANIMETRIAS SEGUINTES REPRESENTAM A PROPOSTA





PLANTA
- **IMPLANTAÇÃO**
ESCALA 1/500

espaço público

espaço público verde
(prado / relvado)

espaço público verde
(denso / arborizado)

espaço público
(areia / terra)

espaço público
(estacionamento exterior)

espaço privado

espaço privado verde
(prado / relvado)

espaço privado verde
(denso / arborizado)

rio

IMPLANTAÇÃO

espaço verde
(prado / relvado)

espaço verde
(denso / arborizado)

pavimento
-cubo de granito

pavimento
-lajetas de granito 40 x 1

passadiço metálico

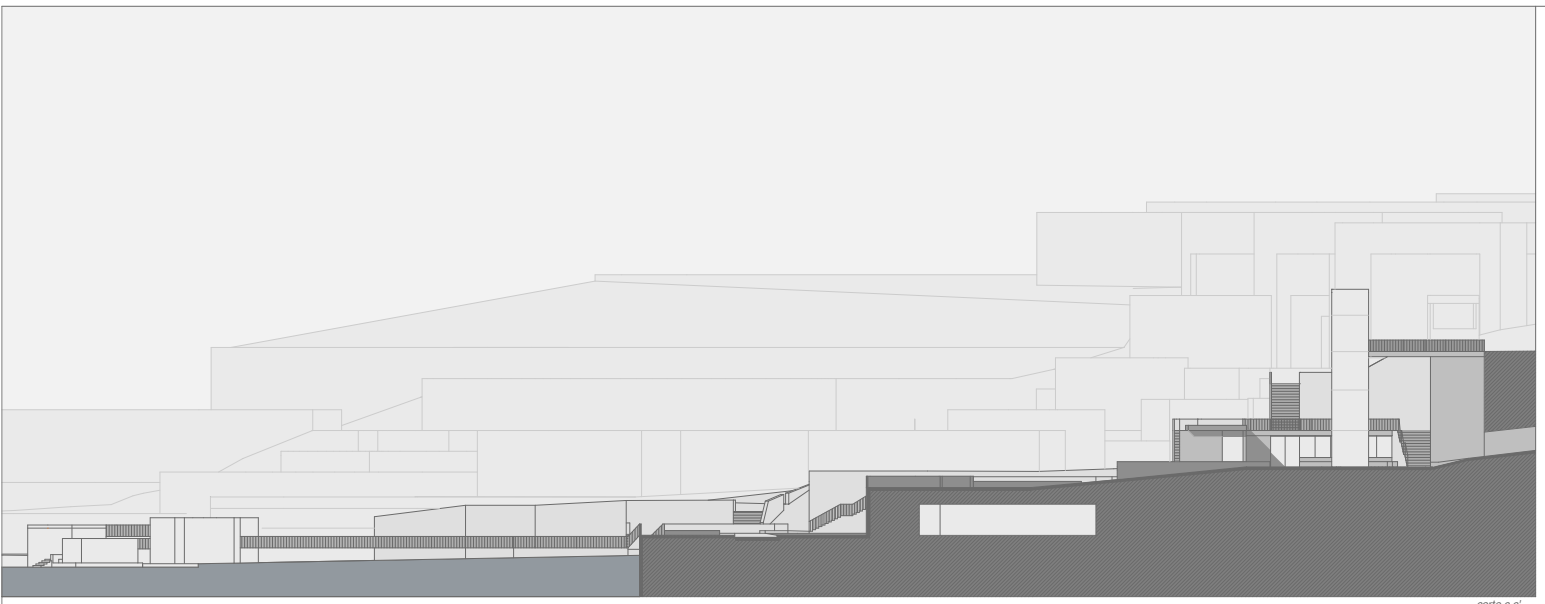
Decide-se a implantação do edifício do bar pela possibilidade de, em associação com os acessos, conformar um espaço exterior de menor dimensão, lugar de chegada. Pretende-se que o volume não seja maciço, mas transparente, como uma desmaterialização do muro granítico de contenção. E que, também ele, pelo movimento que se impôs à cobertura e muros, seja capaz de direccionar e abrigar o utilizador.

A sua organização pauta por uma clara divisão entre a área de serviços e a zona de estar, sendo as mesmas articuladas pelo balcão.

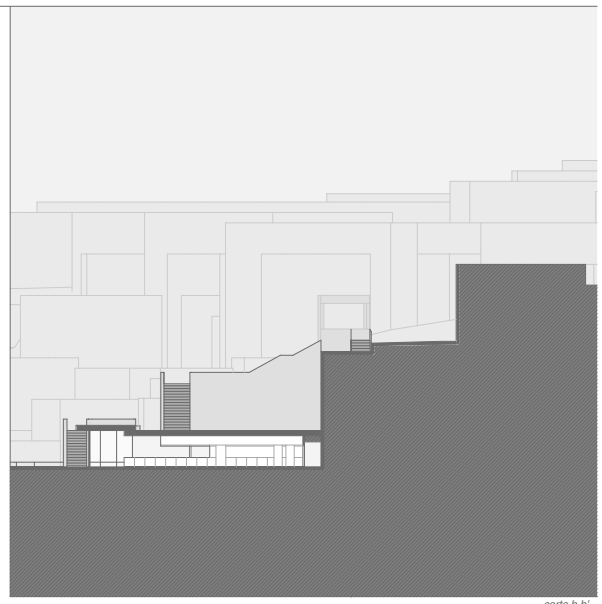
Aponta-se que o elevador de exterior foi idealizado como uma 'caixa' de vidro e metal.

A oeste organizam-se umas instalações sanitárias públicas que deverão servir toda a área.

nota /
AS PLANIMETRIAS SEGUINTES REPRESENTAM A PROPOSTA

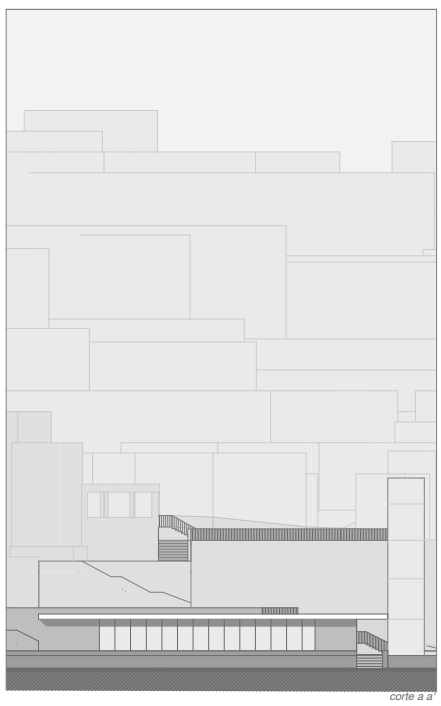


corte c c'



corte b b'





corte a a'



PLANTA
- INTERIORES
ESCALA 1/ 500
COTA 73

rio

IMPLANTAÇÃO

espaço verde
(prado / relvado)

espaço verde
(denso / arborizado)

pavimento
-cubo de granito

pavimento
-lajetas de granito 40 x 1

passadiço metálico

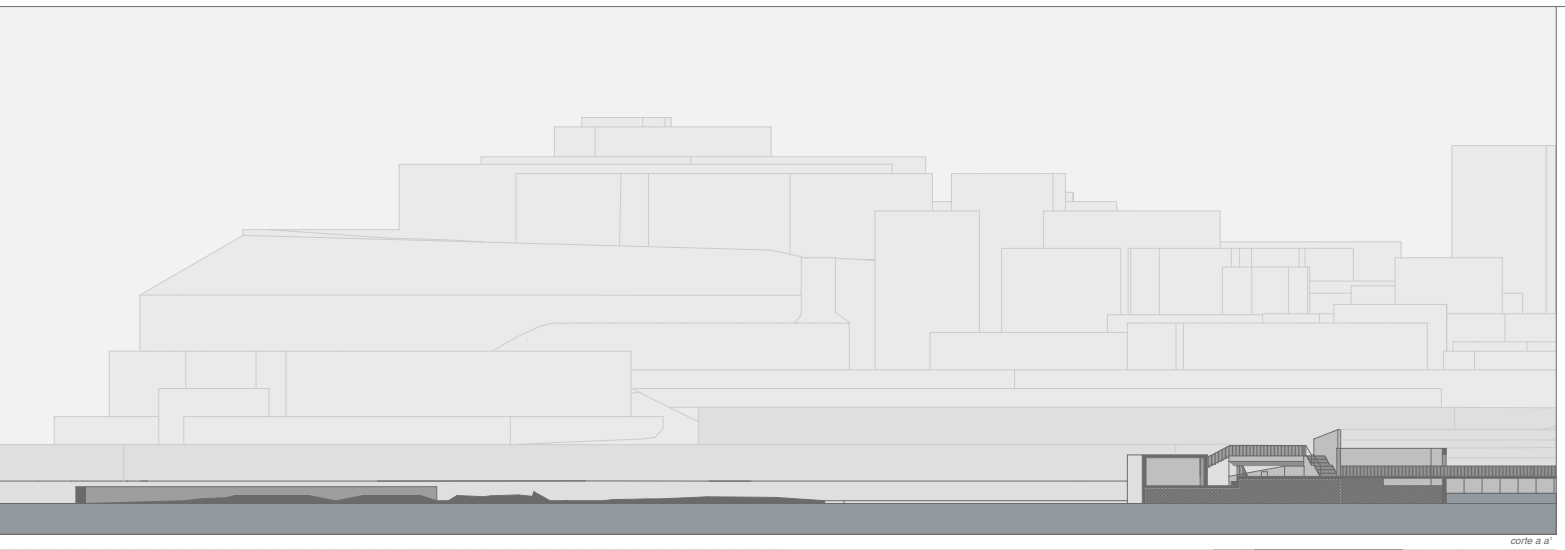
linha em vista

Nas Azenhas estabilizam-se os desníveis do espaço entre o edificado e melhoram-se os acessos. Conforma-se duas escadarias, umas servirão a quem se dirige às azenhas, outras para quem se dirige à praia. Implanta-se sob a 'varanda', que acolhe estes acessos, umas instalações sanitárias de apoio aos utilizadores.

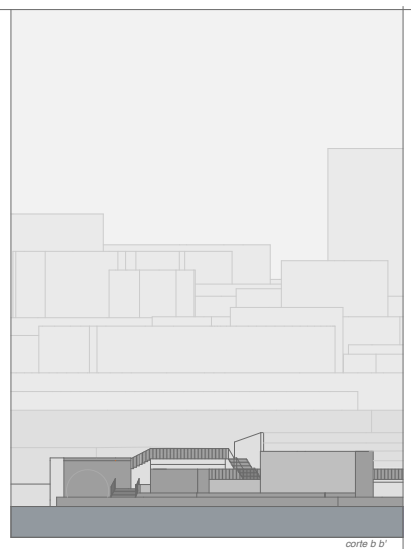
O espaço interior à ruína, a Este, configurará o ponto de chegada do passadiço metálico, que ao longo da margem se estende.

Para o areal, pensa-se um passadiço junto ao muro da Quinta dos Morleiros que permita um percurso mais acessível e a impedição de acumulação de lixo sob a vegetação. No segmento final, desenha-se um espaço de sentar que possa cautelosamente ser percorrível aquando do avanço sobre a água e as rochas.

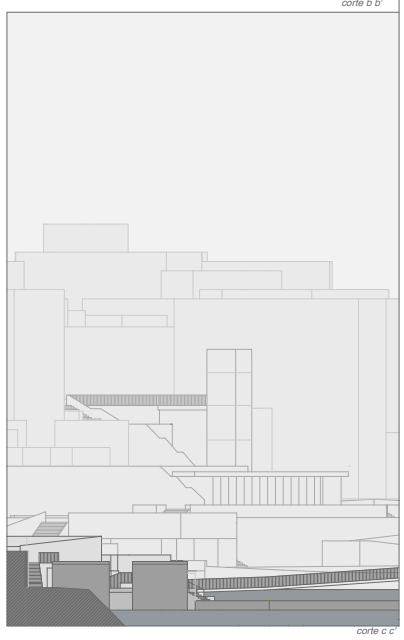
nota /
AS PLANIMETRIAS SEGUINTES REPRESENTAM A PROPOSTA



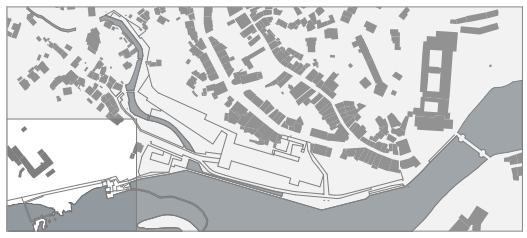
corte a a'

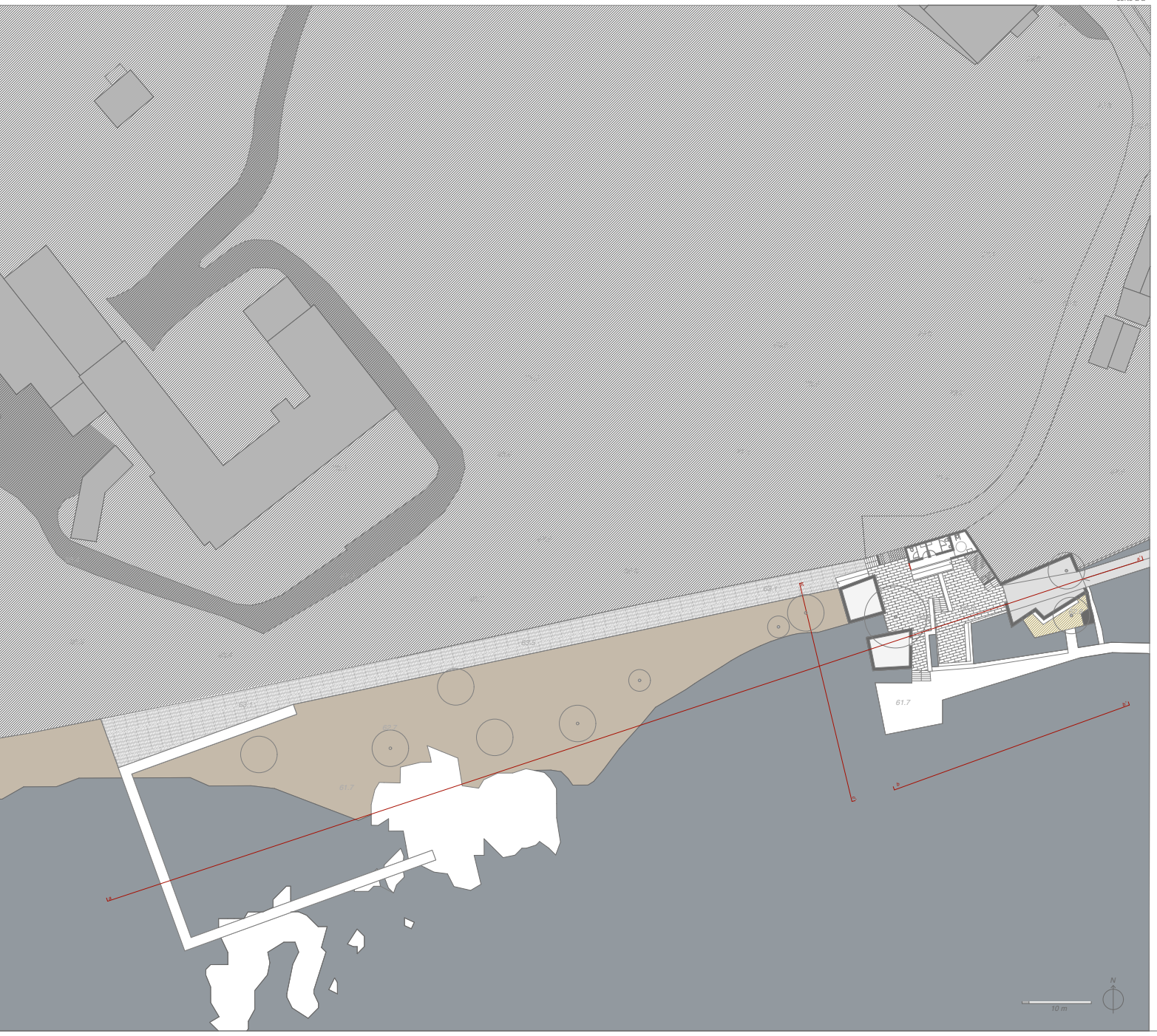


corte b b'



corte c c'





PLANTA
- **INTERIORES**
ESCALA 1/ 500
COTA 64

rio

IMPLANTAÇÃO

espaço verde
(prado / relvado)

espaço verde
(denso / arborizado)

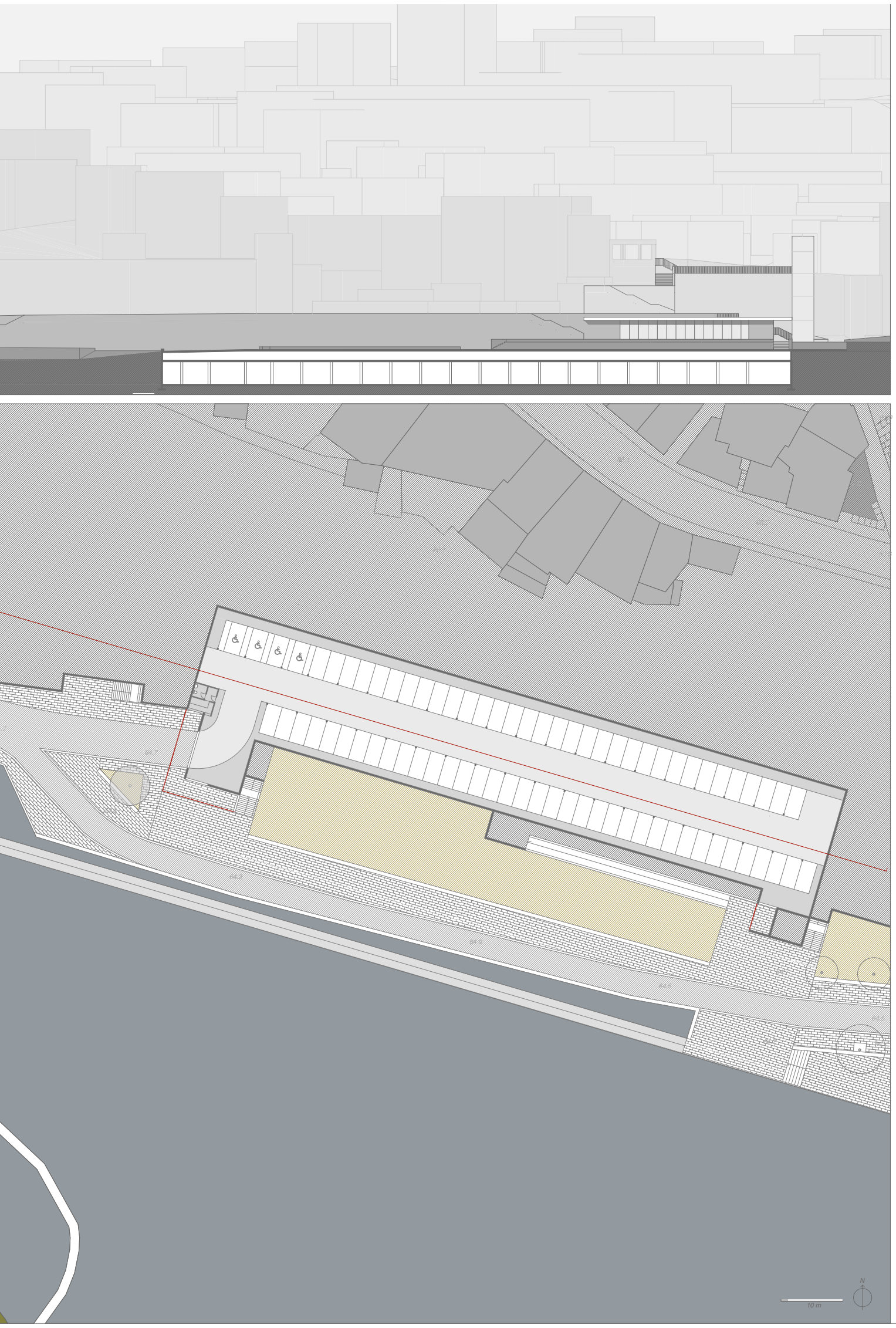
pavimento
-cubo de granito

pavimento
-lajetas de granito 40 x 1

passadiço metálico

linha em vista

nota /
AS PLANIMETRIAS SEGUINTES REPRESENTAM A PROPOSTA





PLANTA
- **INTERIORES**
ESCALA 1/ 500
COTA 67

\

rio

IMPLANTAÇÃO

espaço verde
(prado / relvado)

espaço verde
(denso / arborizado)

pavimento
-cubo de granito

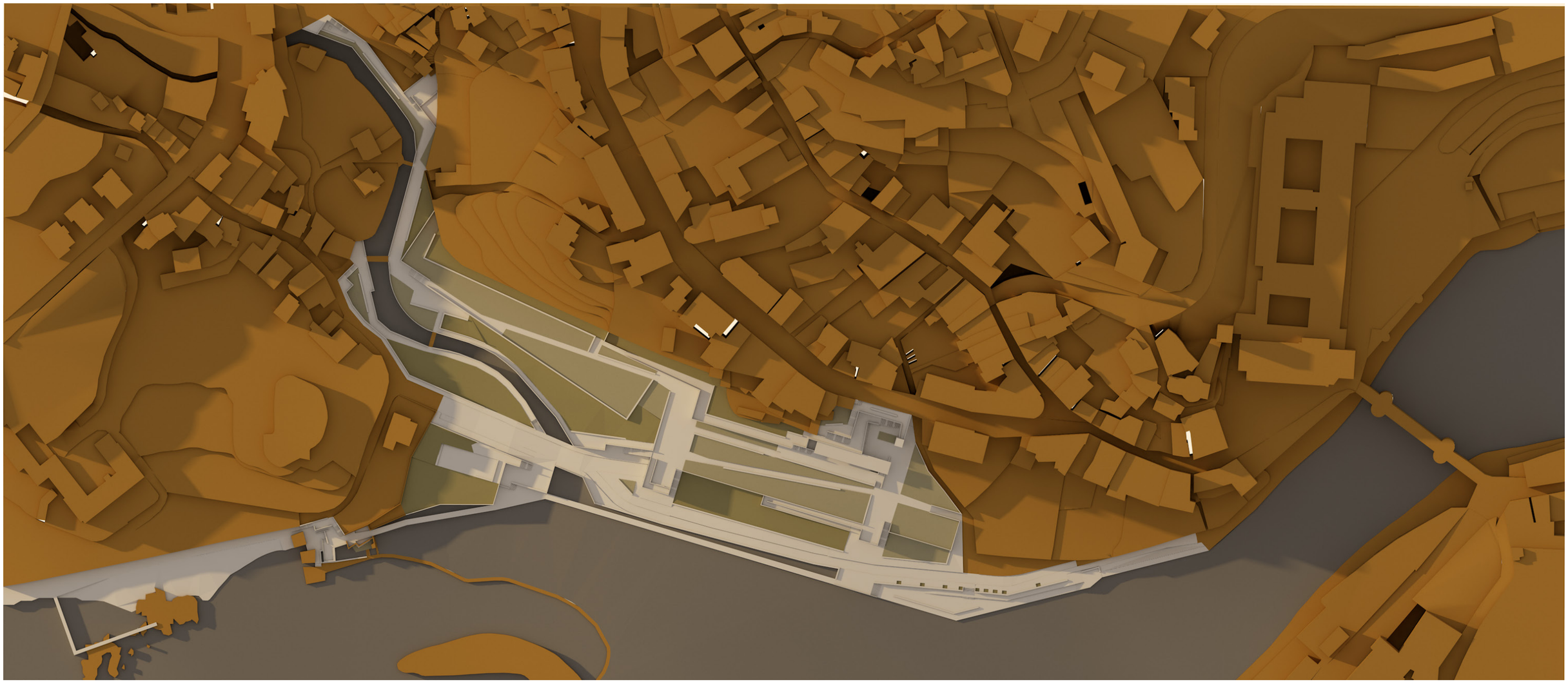
pavimento
-lajetas de granito 40 x 1

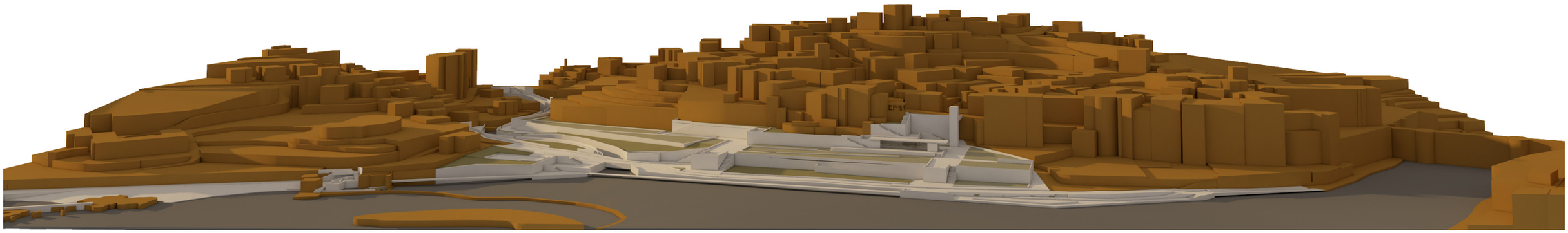
passadiço metálico

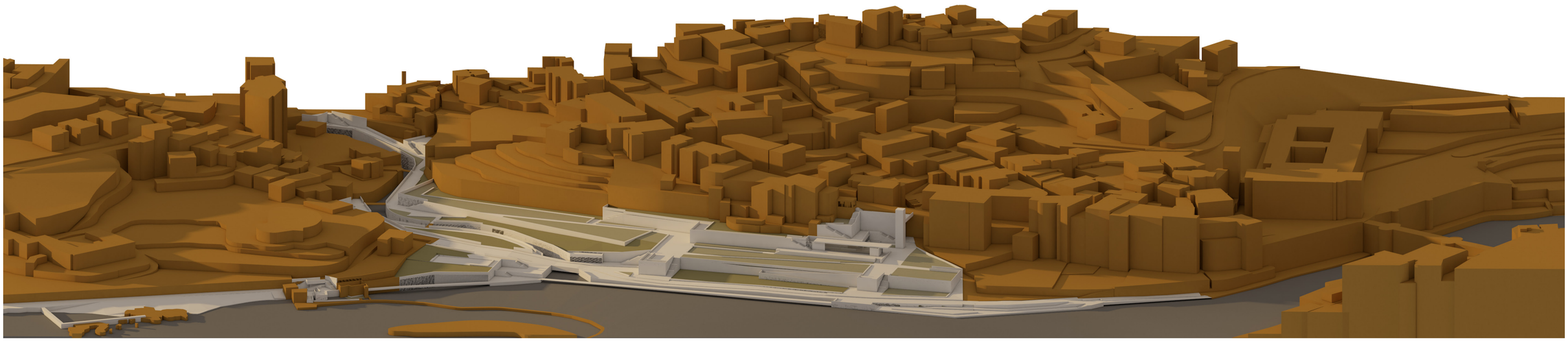
linha em vista

nota /
O 3D ESQUEMÁTICO É UMA REPRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

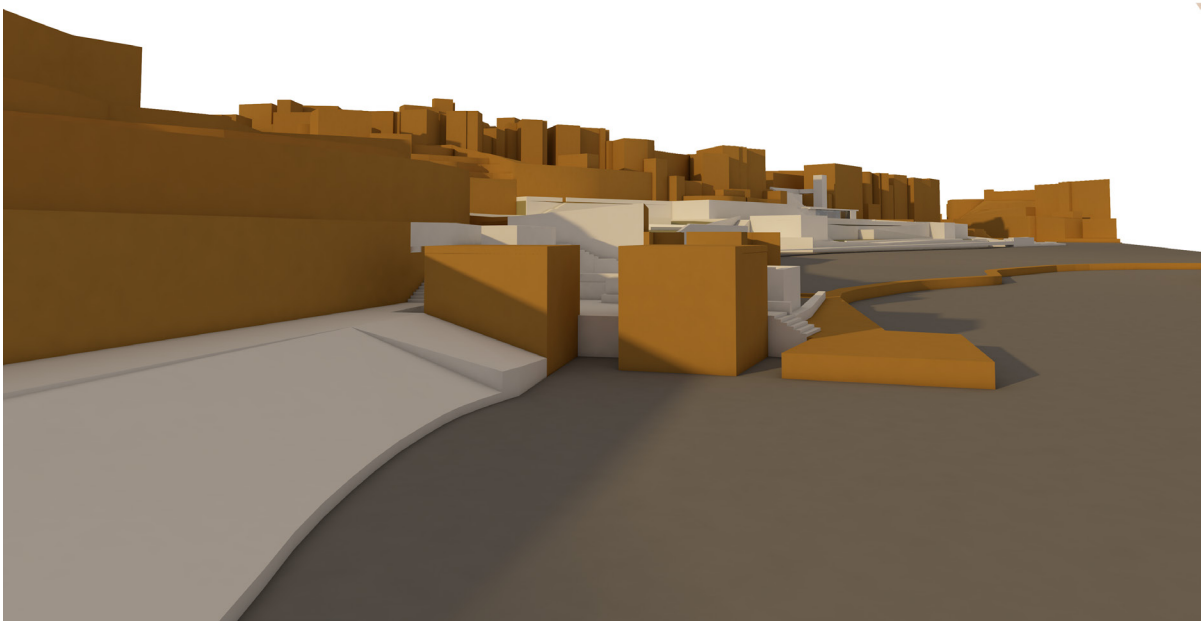
Em tons de tijolo reprenta-se a preexistência, o restante representa a proposta

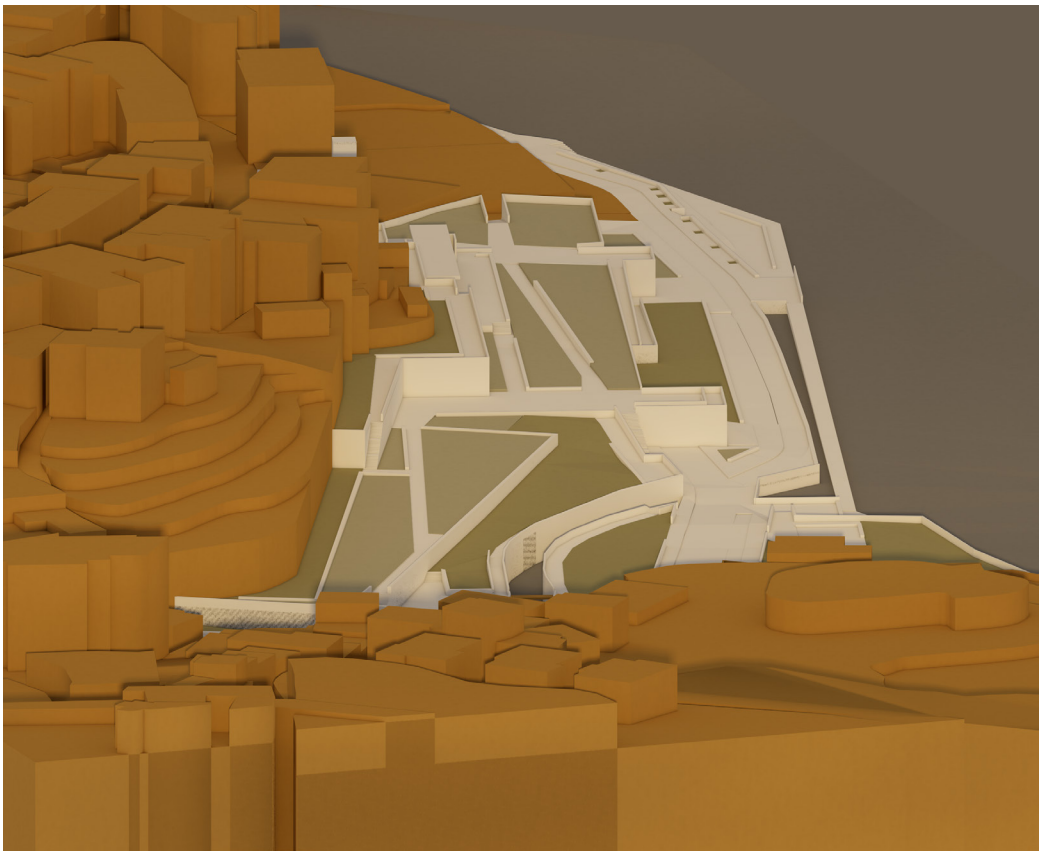


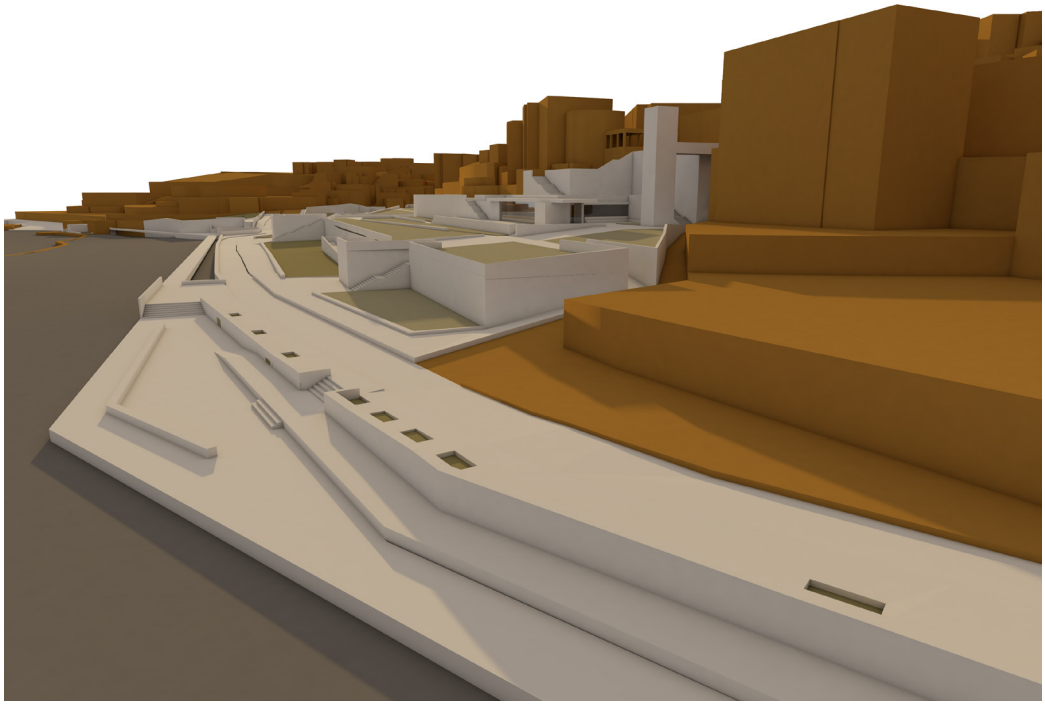


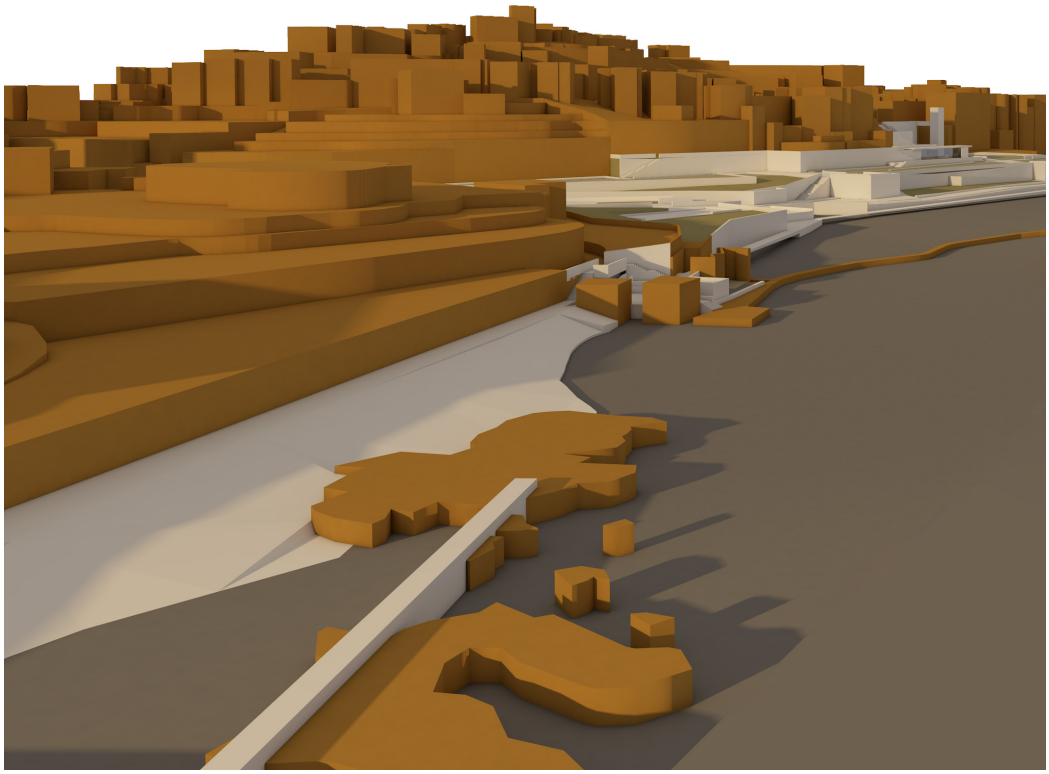


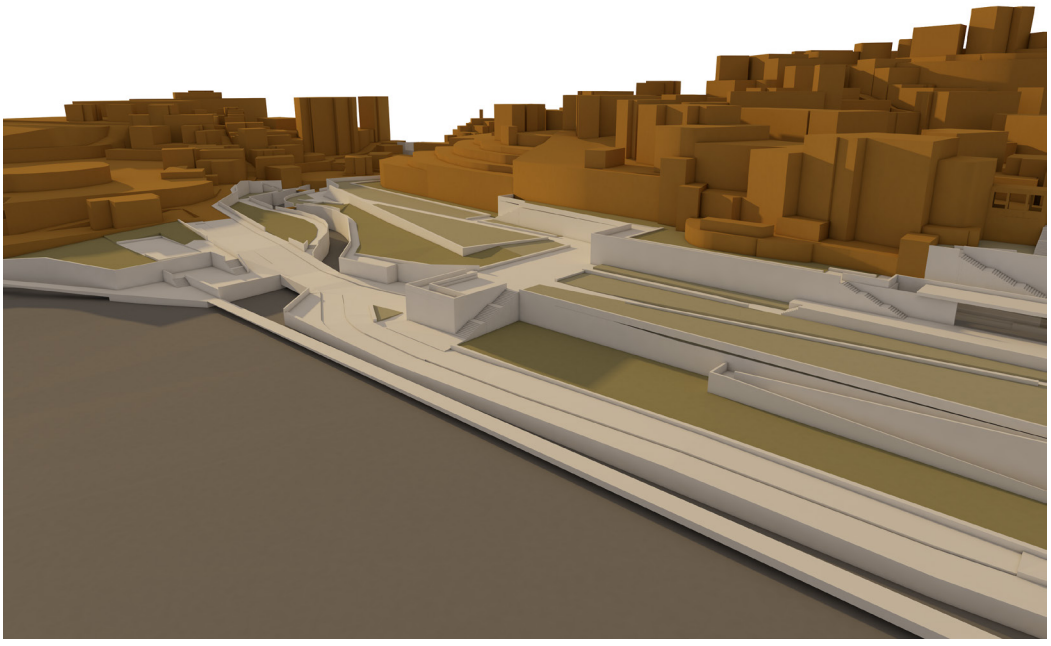


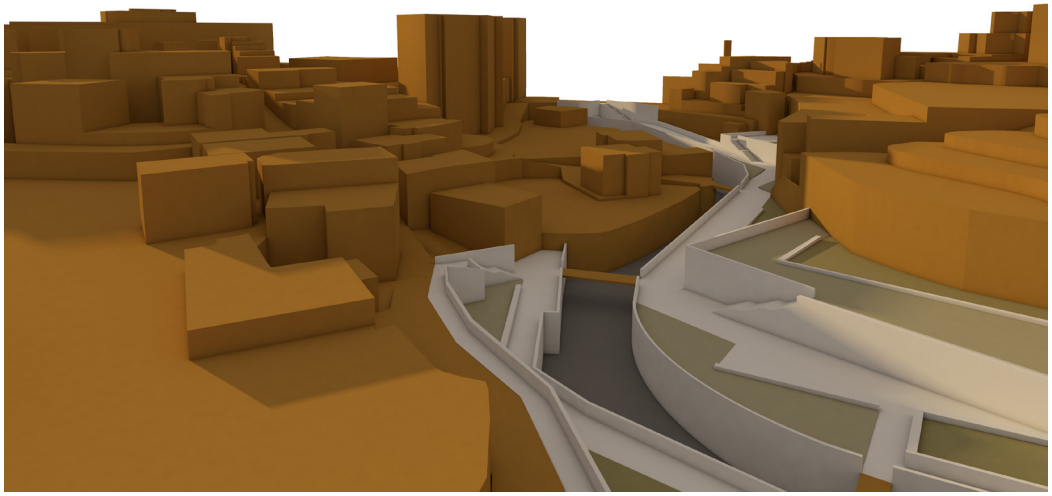


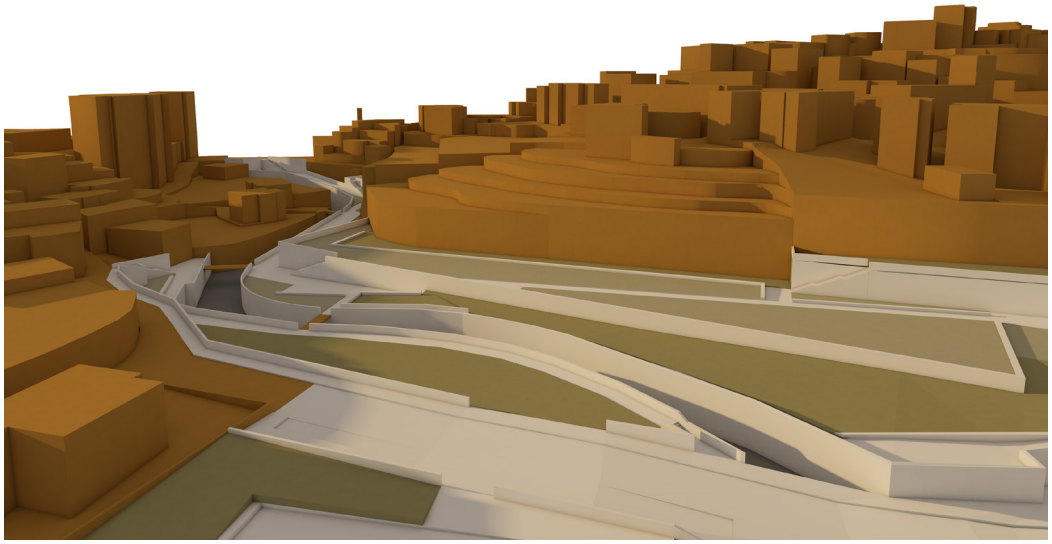


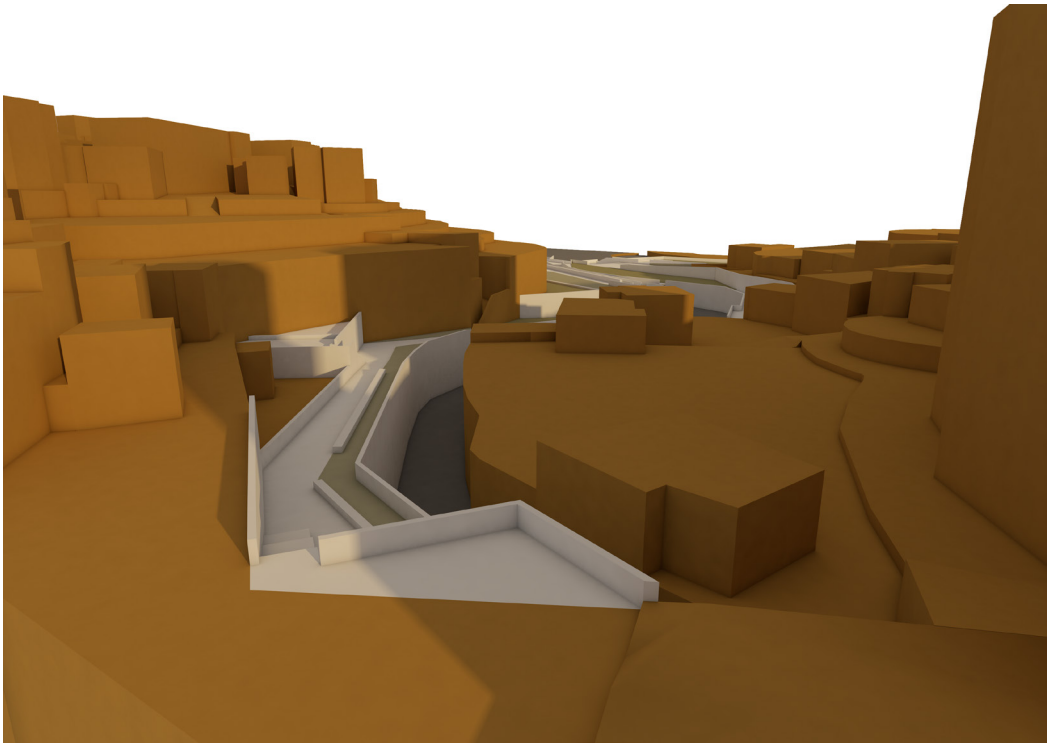


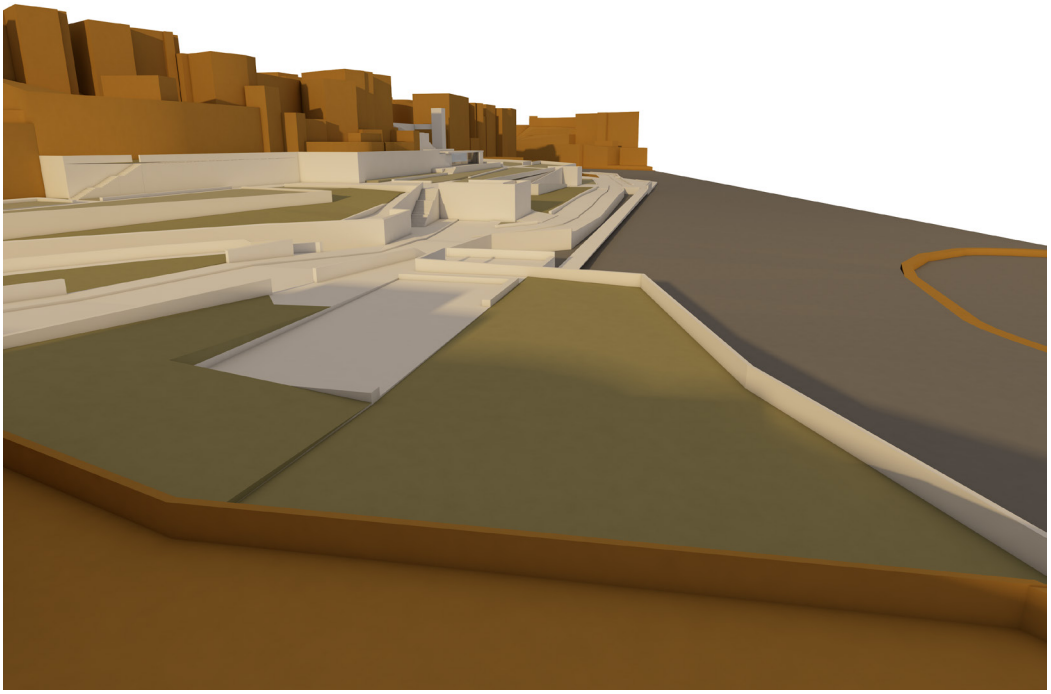


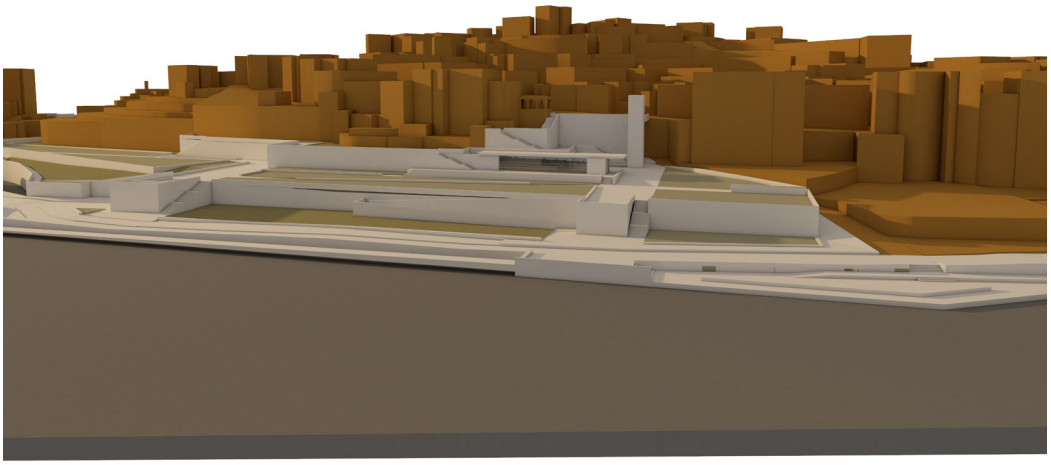


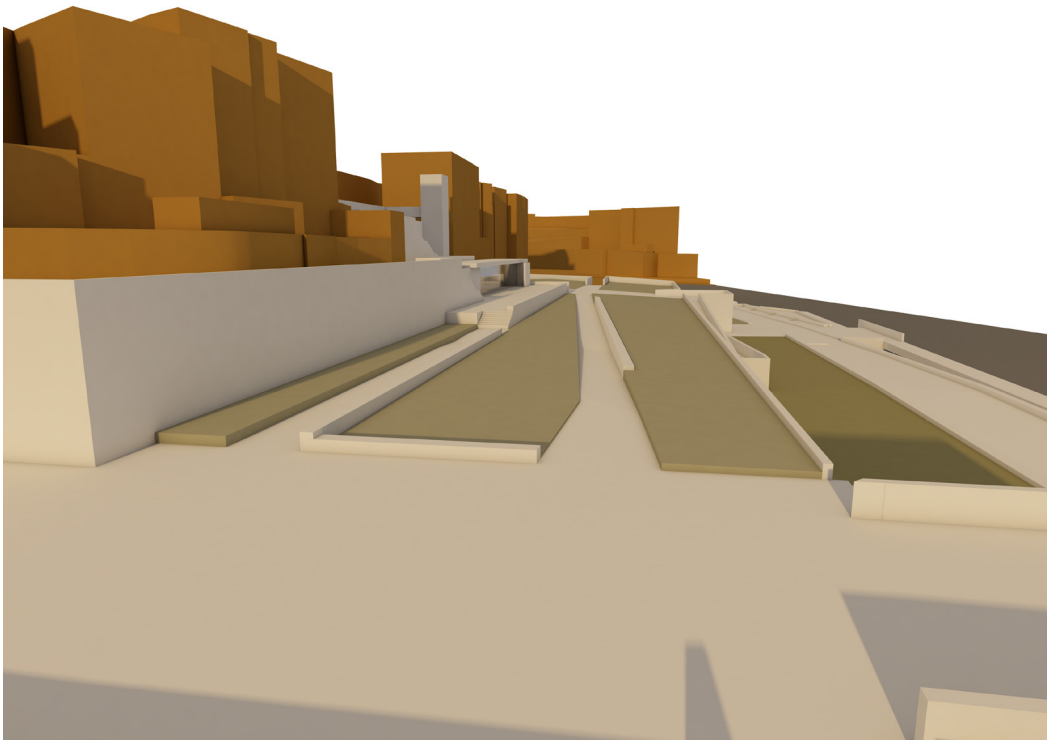












"De uma forma ou outra, todas as cidades são a minha cidade.
O fascínio de cada cidade – o sempre diferente fascínio – irresistivelmente nos obriga a adoptá-la, ou ela nos adopta.

Em cada cidade há algo que tudo liga, em justificação recíproca; simultaneamente, há algo que tudo distancia, por múltiplas influências e exotismos evidentes.

Em antiquíssima alquimia surge, quase inexplicável, a essência da cidade, para lá da Geografia e da História registada, do peso das matérias próprias.

Ecos de cruzamentos transformam as cidades, lenta e progressivamente, ou de súbito. Entrechocam-se dissolvem-se nos interstícios das origens, impressionam-nos, a nós que arrastamos outras ondas.

Tudo isto acontece por igual na cidade onde vivemos; só assim não morre.

O peso das raízes põe-se por isso de igual modo onde quer que nos seja dado a trabalhar; a possibilidade contemporânea de chamamento a largas viagens estimula através dos olhos e da mente.

Se por inteiro perdermos as amarras, arriscamo-nos a um desprendimento que roça o vazio e se aproxima do gratuito. A alternativa é a de uma receptividade universal capaz de despertar as raízes de cada cidade, prolongando-as em caule, ramos, folhas, flores, frutos, em qualquer lugar.

Todas as cidade são a minha cidade, à qual sempre regresso.

Tudo é então diferente, pois conheço o que é diferente. Os olhos abrem-se à minha frente, sou de novo um estranho maravilhado, capaz de ver: de fazer." [69]

69 SIZA, Álvaro, 01 textos, Civilização Editora, Porto, 2009 p.175-176

BIBLIOGRAFIA /

LIVROS

AUGÈ, Marc. Não-Lugares Introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Bertrand Editora, 1994
BACHELARD, Gaston, A poética do espaço, Martins Fontes, São Paulo, 1998
BENJAMIN, Walter, Imagens de Pensamento, Assírio e Alvim, Lisboa, 2004
BRANDÃO, Ludmila Lima, A casa subjectiva, Editora perspectiva, São Paulo, 2002
CALVINO, Italo, As cidades invisíveis, Editorial Teorema, Lisboa, 2008
CARDOSO, António, Marânus – antologia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes, Rocha/artes gráficas, Vila Nova de Gaia, 1979
CARROL, Lewis, Alice do outro lado do espelho, Relógio d'Água Editores, Lisboa, 2007
CHOAY, Françoise, O urbanismo, Editora perspectiva, São Paulo, 1992
DIAS. Manuel Graça, Manual das cidades, Relógio d'água editores, Novembro, 2006
ELLYS, Cântico da Alma – Teixeira de Pascoaes, Editora Fonte da Palavra, 2001
KAHN, Louis, Conversa com estudantes, Gustavo Gili, Barcelona, 2002
KOOLHAAS, Rem, Três textos sobre a cidade, Gustavo Gili, Barcelona 2010
LÉVI-STRAUSS, Claude, Olhar Ouvir Ler, Edições ASA, Porto, 1995
LE CORBUSIER, conversa com os estudantes das escolas de arquitectura, Edições Cotovia, Lisboa 2009
LE CORBUSIER, Por uma arquitectura, Perspectiva, São Paulo, 2006
LÉVI-STRAUSS, Claude, Olhar Ouvir Ler, Ediçoes ASA, Porto, 1995
LYNCH, Kevin, A imagem da Cidade, Edições 70, Lisboa, 1999
LOPES, Diogo Seixas, Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi, Orfeu Negro, Lisboa, 2016
MONTANER, Josep, MUXÍ, Zaida, Arquitectura e Política, Gustavo Gilli, Barcelona, 2014
PALLASMAA, Juhani, Conversaciones con Alvar Aalto, GG, Barcelona, 2010
PALLASMAA, Juhani, The eyes of the skin, John Wiley & Sons, West Sussex, 2005
PASCOAES, Teixeira de, Anjos e Fantasmas, Assírio e Alvim, Lisboa, 2002
PASCOAES, Teixeira de, A Arte de ser português, Assírio e Alvim, Lisboa, 1991
PASCOAES, Teixeira de, As Sombras, Circulo de Leitores, Lisboa, 1973
PASCOAES, Teixeira de, O bailado, Livraria Bertrand, Amadora, 1973
PEREC, Georges, Especies de espacios, Literatura y Ciencia, S. L, Barcelona, 2001
PESSANHA, Matilde, Siza - Lugares sagrados – Monumentos, Campo de Letras, 2003
PINTO, Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
PINTO, Eduardo Teixeira, a poética da imagem, Mota-Engil, Porto, 2010
PORTAS, Nuno, A cidade como arquitectura, Livros horizonte, 2011
QUARONI, Ludovico, Proyectar un edificio ocho lecciones de arquitectura, Xarait ediciones, Madrid, 1980
RODRIGUES, António Brochado, Tempo sem horas, Gráfica Universal, Lisboa 1978
RODRIGUES, José Manuel, Teoria e Crítica de Arquitectura – Século XX, Ordem dos arquitectos – Secção Regional Sul e Caleidoscópio, Lisboa, 2010

RODRIGUES, José Miguel, MENDES, Manuel, RAMOS, Rui, Fernando Távora "Minha Casa", Dezembro, 2013
ROSSI, Aldo, A arquitectura da Cidade, Edições Cosmos, Lisboa, 2001
SANTOS, Carlos Nelson F. dos, Projeto Editores, São Paulo, 1988
SARAMAGO, José, As pequenas memórias, Porto Editora, Lisboa, 2014
SARAMAGO, José, Viagem a Portugal, Porto Editora, Lisboa, 2016
SARAMAGO, José, Manual de Pintura e Caligrafia, Porto Editora, Lisboa, 2014
SARDOEIRA, Ilídio, Pascoaes um poeta de sempre, Cruz e Cardoso, Figueira da Foz, 1951
SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência, Edições 70, Lisboa, 2013
SIZA, Álvaro, 01 textos, Civilização Editora, Porto, 2009
STRECHT, Pedro, Uma certa harmonia, Assírio e Alvim, Lisboa, 2011
TAVARES, Gonçalo M., O Senhor Calvino, Editorial Caminho, Lisboa, 2005
TÁVORA, Fernando, Da organização do Espaço, Faup publicações, Porto, 2006
TÁVORA, Fernando, Diário de "bordo", Associação Casa da Arquitectura, Porto, 2012
URSPRUNG, Philip, LOPES, Diogo Seixas, BANDEIRA, Pedro, Eduardo Souto Moura Atlas de parede Imagens de Método, Dafne Editora, Porto, 2011
ZEVI, Bruno, Saber ver a arquitectura, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 2009
ZUMPHTOR, Peter, Atmosferas. Gustavo Gili, Barcelona, 2009

REVISTAS E CATÁLOGOS

Revista Unidade 4, Porto, Maio 1995
Revista Unidade 6, Porto, Setembro, 1998
Jornal dos Arquitectos nº163
Revista Faculdade de Letras, O rio e a Cidade: Contributo para o estudo da qualidade ambiental do Rio Tâmega na sua passagem pelo centro de Amarante
Cadernos do Tâmega 11
Cadernos do Tâmega 3, Junho 1990
Cadernos do Tâmega 4, Dezembro 1990
Revista Entremuros, Amarante 1990
Amarante de Novo o Centro
UPORTO, Aprender a ver – uma entrevista com Álvaro Siza, Outubro, 2003

DOCUMENTÁRIOS

MOURÃO, Catarina, Lourdes Castro – pelas sombras, Colecção Arte & Artistas, Midas Filmes, Lisboa, 2010
MOURÃO, Catarina, A toca do lobo
OLIVEIRA, Manuel de, O pintor e a Cidade, https://www.youtube.com/watch?v=zHf7rUhUPOw

TRABALHOS ACADÉMICOS

dissertação de mestrado, CORREA, Adriana, Imagens de uma Casa em Espera Construção de um processo de habitação, 2015, FAUP
dissertação de mestrado, SOARES, Ana Luísa, A matéria das ideias, 2014, FAUP
dissertação de mestrado, FARIA, António, Cidade|Arquitectura|Política, 2015, FAUP
dissertação de mestrado, SÁNCHEZ, José Manuel Pagés,Frente Ribeirinha e Cidade. Equipamentos culturais públicos como solução de conexão e regeneração, 2011, FAUTL
dissertação de mestrado, FRAZÃO, Joana, Lourdes Castro: Apontamentos para a compreensão da obra, 2012, FLUP
dissertação de mestrado, SILVA, Ana Carina, Para uma Cartografia Imaginária Desfragmentação de "As Cidades Invisíveis" de Italo Calvino, 2013, UM-Escola de Arquitectura
dissertação de doutoramento, BARBOSA, José Manuel, Associação e articulação das imagens do desenho no projecto, 2014 FAUP

WEB

anacatarinaantunes.com/ind, consultado a 15/03/2016
cm-amarante.pt
ex.php?/planeamento/pp-amarante/
1faup.blogspot.pt consultado a 20/06/2017
artigosediscussao.blogspot.pt/2011/01/testemunho-o-rio-tamega-visto-por-luis.html
fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf consultado a 12/07/2016
http://lauraroldaocosta.com/gabinete/equipa.html consultado a 15/03/2016
https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/39800 consultado a 15/03/2016
https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/

TEXTOS

FERNANDES, Albino Gonçalves, S. Gonçalo de Amarante, seu culto entre portugueses e luso-descendentes do nordeste brasileiro, Recife, 1979
https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/217
RODRIGUES, José Carlos Meneses. O legado residual franciscano em Penafiel e em Amarante
http://docplayer.com.br/31554291-O-legado-residual-franciscano-em-penafiel-e-em-amarante.html
Joelho 03, Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura coordenação Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares, Abril 2012, EDARQ
https://digitalis.uc.pt/artigos.php?id=52979
Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral, 2003, Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
revistas.rcaap.pt/cct/article/download/9194/6641

COSTA, Francisco, O rio e a cidade: contributo para o estudo da qualidade ambiental do rio Tâmega na sua passagem pelo centro urbano de Amarante, Revista da Faculdade de Letras – Geografia, volume XV/XVI, porto 1999-2000
ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1620 -consultado em 22/2/2016
COSTA, Francisco, O risco de inundação na cidade de Amarante (norte de Portugal): Contributo metodológico para o ser estudo, territorium 16
http-/www1.ci.uc.pt/nicif/riscos/downloads/t16/risco_inundacao -22/2/2016
ANTUNES, C.R, COUTINHO, M. A., A água no ordenamento do território, VII Congresso Ibérico sobre Gestión y Planificicación del Agua, Talavera de la Reina, 2001
fnca.eu/images/documentos/VII%20C.IBERICO/Comunicaciones/A3/01-Antunes.pdf 16/
MENDES, Manuel, Porto – cultura da cidade, paisagem doméstica, morfologias da casa, 1895-1969
http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3200.pdf
BABO, Maria Augusta, Algumas considerações prévias sobre a cidade como espaço escritível, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n.” 11, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pp. 287-298 http://hdl.handle.net/10362/7425

ICONOGRAFIA /

FIG[01] LOURDES CASTRO, SOMBRA,
http://observador.pt/wp-content/uploads/2015/07/lc-sombra2 CONSULTADO A 2/12/2016
FIG[02] DREAM CITY, PAUL KLEE http://totallyhistory.com/dream-city CONSULTADO A 10/08/2017
FIG [03] ORTOFOTO DE AMARANTE, GABINETE DE URBANISMO DA CMA
FIG [04] O MARÃO, FOTOGRAFIA DE GUILHERME BASTO
FIG [05]LITOGRAFIA DE GREGÓRIO FRANCISCO ASSIS DE QUEIRÓS https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 2/12/2016
FIG [06] PLANIMETRIA 1809, GABINETE DE URBANISMO CMA
FIG [07] PLANIMETRIA 200 ANOS DA DEFESA DA PONTE DE AMARANTE, GABINETE DE URBANISMO CMA
FIG[08]PLANIMETRIA, REEDIFICAÇÃO DE AMARANTE, GABINETE DE URBANISMO CMA
FIG[09]PLANIMETRIA, PONTE E VILA DE AMARANTE, GABINETE DE URBANISMO CMA
FIG[10] CAPA DO LIVRO MARANUS, FOTOGRAFIA DA AUTORA
FIG[11] GRAVURA 1843 https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 2/12/2016
FIG[12] GRAVURA DE BAILY, DO LIVRO MARANUS
FIG [13] LITOGRAFIA POR T. CADELL E W. DAVIS, DO LIVRO MARANUS
FIG [14] LITOGRAFIA DE MENESES, DO LIVRO MARANUS
FIG [15] FOTOGRAFIA ANTIGA HOMENS JUNTO AO RIO, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 16/07/2017
FIG[16] POSTAL ANTIGO DE AMARANTE, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 16/07/2017
FIG[17] POSTAL ANTIGO DE AMARANTE https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 16/07/2017
FIG[18] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DE JOAQUIM TEIXEIRA PINTO, CEDIDA POR GUILHERME BASTO
FIG[19] DO PASSADO, FOTOGRAFIAS DE EDUARDO TEIXEIRA PINTO, CEDIDAS POR GUILHERME BASTO
FIG [20] POSTAIS ILUSTRADOS DE AMARANTE CIRCA 1974, COLECÇÃO DA AUTORA
FIG [21] DO PASSADO ,NÉVOA E ESPELHO, JOAQUIM TEIXEIRA PINTO, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 2/12/2016
FIG [22] DO PASSADO, POSTAL DE AMARANTE, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 2/12/2016
FIG [23] DO PASSADO ,RETRATOS DE FAMÍLIA, ANABELA MAGALHÃES http://anabelapmatias.blogspot.pt CONSULTADO A 3/12/2016
FIG [24] DO PASSADO ,FOTOGRAFIA DE JOAQUIM TEIXEIRA PINTO (1903-1986) https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 16/07/2017

FIG [25] DO PASSADO, ÁLBUM DE FAMILA, DA AUTORA
FIG [26] DO PASSADO, ÁLBUM DE FAMILA, DA AUTORA
FIG[27] [28]DO PASSADO, FOTOGRAFIAS DE EDUARDO TEIXEIRA PINTO (1933-2009)
FIG [29] MAPA, DA AUTORA
FIG [30] DESENHOS DA AUTORA
FIG [31] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DE EDUARDO TEIXEIRA PINTO (1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [32] DESENHOS DA AUTORA
FIG[33] DO PASSADO, FOTOGRAFIA AO BAIRRO DO AMIEIRO, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG[34] DESENHOS DA AUTORA
FIG[35] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DA MARGEM, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG
FIG[36] DESENHO DA AUTORA
FIG [37 DESENHO DA AUTORA
FIG [38] DO PASSADO, POSTAL, RUA CANDIDO DOS REIS
FIG [39] DO PASSADO, FOTOGRAFIA DE EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [40] DO PASSADO, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [41] DO PASSADO, SOLAR DOS MAGALHÃES, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/
FIG[42] TEIXEIRA DE PASCOAES NA RUA DA CADEIA, https://informaticahb.blogspot.pt
FIG [43] DO PASSADO, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [44] DESENHOS DA AUTORA
FIG[45] DO PASSADO, POSTAL DE AMARANTE, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ ONSULTADO A 16/07/2017
FIG[46] DO PASSADO, POSTAL DE AMARANTE, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ ONSULTADO A 16/07/2017
FIG[47] HERABARIUM, SALGUEIROS, AMIEIROS, PLÁTANOS, ÁCER, TILIAS, RECOLHIDAS NA ÁREA DE ESTUDO, DA AUTORA
FIG [48] DO PASSADO, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 16/07/2017
FIG [49] DO PASSADO, CHEIAS DO TÂMEGA, https://www.facebook.com/ruadesaogoncalo/ CONSULTADO A 16/07/2017
FIG [50] DO PASSADO, CHEIAS DO TÂMEGA, https://www.facebook.com/

ruadesaogoncalo/
FIG [51] DO PASSADO, CAMPOS AGRÍCOLAS DA MARGEM, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [52] DO PASSADO, CAMPOS AGRÍCOLAS DA MARGEM, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [53] CODA MARIO MORAIS SOARES, https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/39800 CONSULTADO A 15/03/2016
FIG [54] O PLANO DE PORMENOR DO ROSSIO anacatarinaantunes.com/ind14-2-1933 CONSULTADO A 15/03/2016
FIG[55] INTERCEPTOR DO TÂMEGA http://lauraroldaocosta.com/gabinete/equipa.html CONSULTADO A 15/03/2016
FIG [56] PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO ROSSIO E CAMPOS AGRÍCOLAS, DA AUTORA
FIG [57] DESENHOS DO ROSSIO, DA AUTORA
FIG [58] FOTOGRAFIAS DO ROSSIO, DA AUTORA
FIG[59] VISTA OESTE DO PARQUE DO ROSSIO, DESENHO DA AUTORA,
FIG [60] O PARQUE DE ESTACIONAMENTO DAS BUCAS, DA AUTORA
FIG [61] O RIBEIRO DE S. LÁZARO, DA AUTORA
FIG [62] AS AZENHAS DOS MORLEIROS, DA AUTORA
FIG [63] AZENHAS, DESENHO DA AUTORA
FIG [64] DO PASSADO, AZENHAS, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [65] DO PASSADO, AZENHAS, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [66] DO PASSADO, AZENHAS, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [67] FOTOGRAFIA AÉRA, DE GUILHERME BASTO
FIG [68] FOTOGRAFIA AÉRA, DE GUILHERME BASTO
FIG [69] ÁREA DE ESTUDO, DA AUTORA
FIG [70] SOBRE A POSSIBILIDADE DE ENCERRAR QUARTEIRÕES, DA AUTORA
FIG [71]ACESSOS À MARGEM, DA AUTORA
FIG [72]PARQUE FLORESTAL E COSTA GRANDE, DA AUTORA
FIG [73] PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO ARQUINHO, DA AUTORA
FIG [74] CONTRASTE DE ESCALAS, DESENHO DA AUTORA
FIG [75] CONTRASTE DE ESCALAS, DESENHO DA AUTORA
FIG [76] FRAGMENTOS, DESENHO DA AUTORA
FIG [77] ESPAÇOS PÚBLICOS, DA AUTORA
FIG[78] EQUIPAMENTOS PÚBLICOS, DA AUTORA
FIG[79] RUA TEIXEIRA DE VASCONCELOS, DA AUTORA
FIG [80] FACHADAS DA 31 DE JANEIRO, DESENHO DA AUTORA
FIG [81] AXONOMETRIA, DESENHO DA AUTORA

FIG [82] MAQUETE, CURVAS DE NÍVEL DO TERRENO
FIG [83] MAQUETE
FIG [84] DO PASSADO, NÉVOA SOBRE O TÂMEGA, EDUARDO TEIXEIRA PINTO(1933-2009), Eduardo Teixeira, Aos olhos de Eduardo, Fundación Vicente Risco, 2014
FIG [85] COLLAGEM DIGITAL DO AUTOR, HERBARIUM (RECOLHA DA ÁREA DE ESTUDO) + "LEAF-TREE, HOUSE-CITY", ALDO VAN EYCK, https://www.jstage.jst.go.jp/article/aija/68/574/68_KJ00004226991/_article 12/07/2017
FIG[86] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA
FIG[87] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA
FIG [88] HIPÓTESE DE PARQUE DE ESTACIONAMENTO PÚBLICO EXTERIOR , DA AUTORA
FIG[89] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA
FIG[90] ESQUEMA DE MOVIMENTOS NA PROPOSTA, A VERMELHO OS MAIS IMPORTANTES, A LARANJA OS SECUNDÁRIOS, A AMARELO OS VIÁRIOS, A AZUL, OS DE CONEXÃO COM A RIBEIRA, DA AUTORA
FIG[91] DESENHOS DE PROCESSO, DA AUTORA

ANEXOS

PLANTA DE USOS





PLANTA DE ALTIMETRIAS



U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

A Cidade, o Espelho e a Memória

Compêndio Fotográfico

Joana Torgal Pinheiro

M

2017

A CIDADE, O ESPELHO E A MEMÓRIA /

Compêndio Fotográfico

1. A Cidade e o Território 4
2. A Cidade e o Espelho 9
3. Um percurso 17
    I. Quelha das Garridas 18
    II. Rua da Pedra d'Era 29
    III. Rua do Amieiro 40
    IV. Rua Manuel de Barros 51
    V. Rua Cândido dos Reis 73
    VI. Rua Francisco Sá Carneiro 84
    VII. Rua Teixeira de Vasconcelos 96
    VIII. Rua 5 de Outubro 104

4. À Margem 112
5. A sombra de um lugar 131
6. Eudóxia 148

Todas as fotografias foram tiradas pelo autor

A Cidade e o Território

"Chegando à cidade, ser-se-á recebido pelas serras, o Marão e a Aboboreira [...] e o Rio que lhe condiciona o desenho e a organiza"















A Cidade e o Espelho

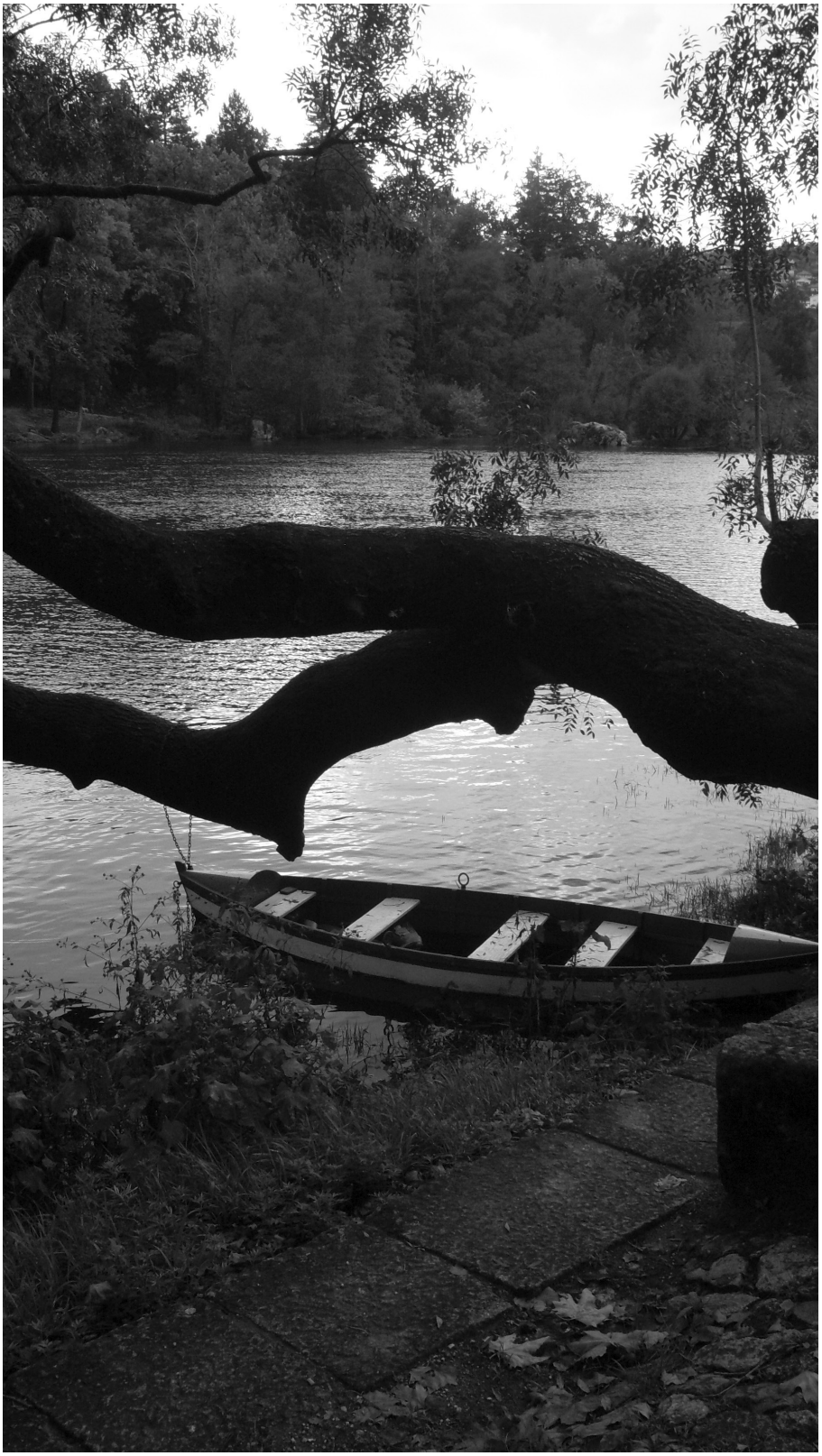
"Se lhe fosse atribuído o poder de falar, o Rio poderia contar todas as memórias da cidade e das pessoas"

















Um Percurso

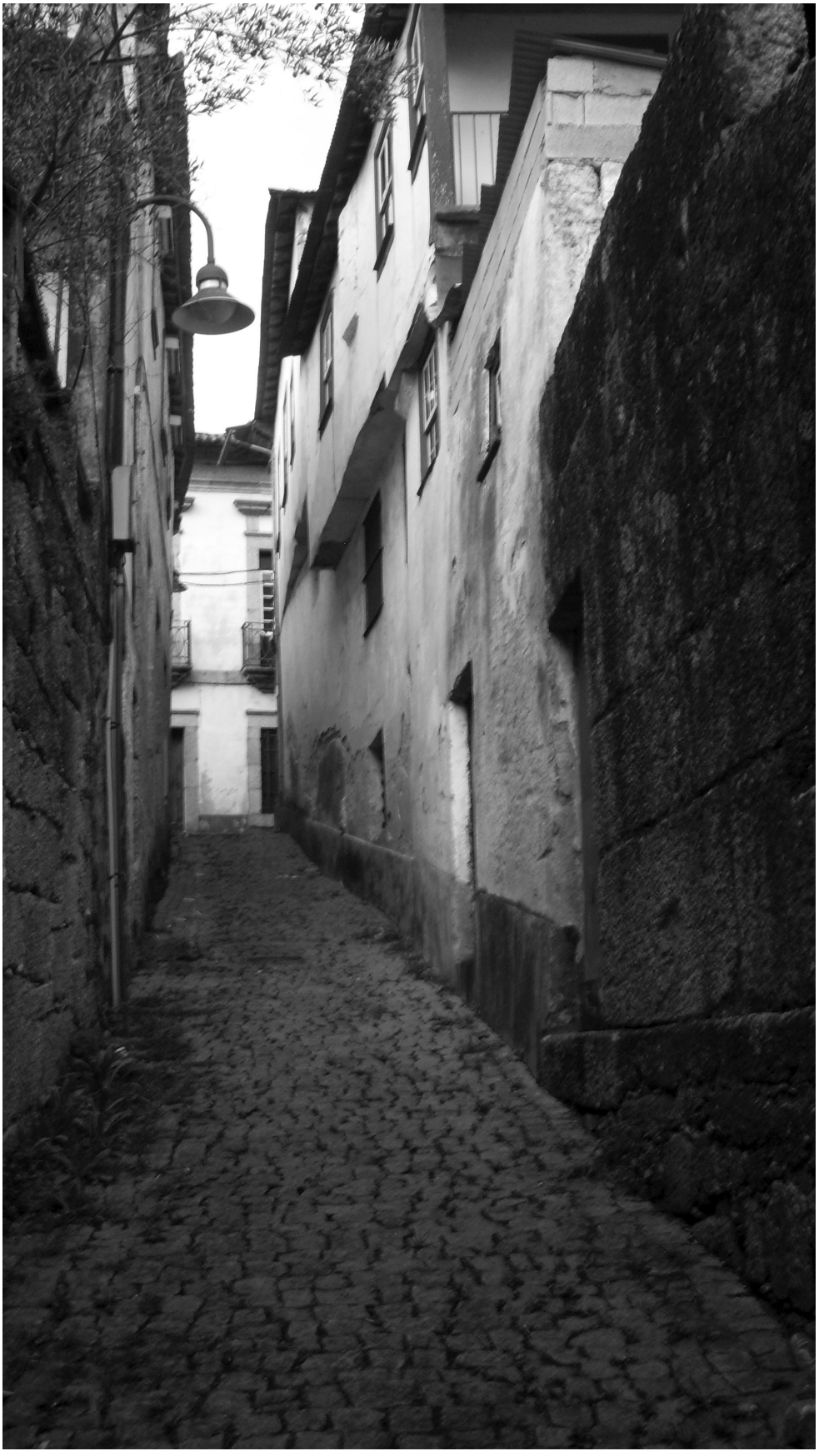
"Será importante percorrer as ruas, vivê-las [...] a cristalização do momento em que alguém percorre o espaço e com ele se funde"

I. Quelha das Garridas

"Avista-se uma rampa acentuada [...] onde os edifícios empoleirados espreitam quem passa"





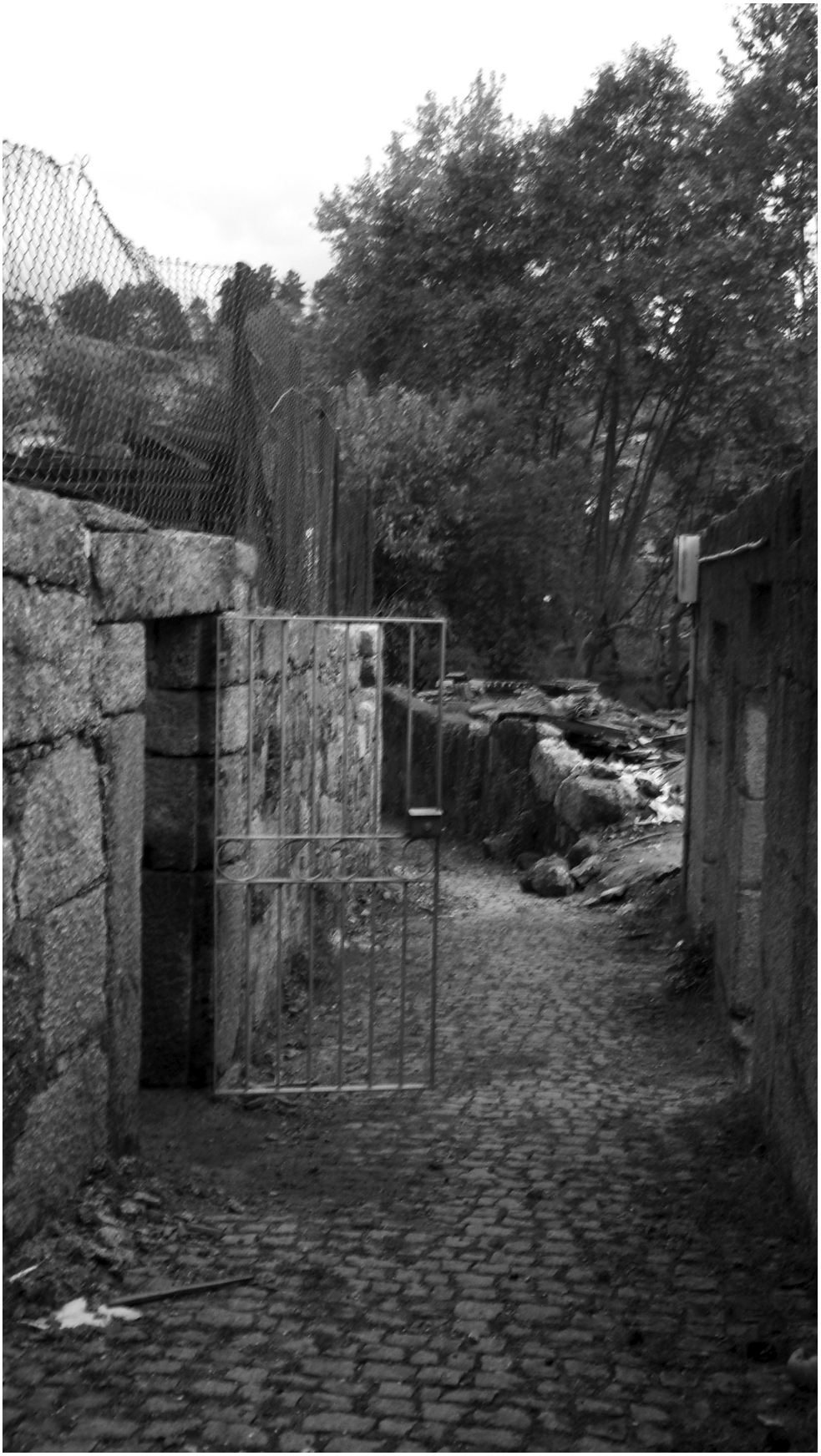
















II. Rua da Pedra d'Era

"Chega-se [...] num espaço cuja escala não deixa adivinhar o que se segue [...] um percurso que transporta quem o percorre, para o passado"




TURISMO













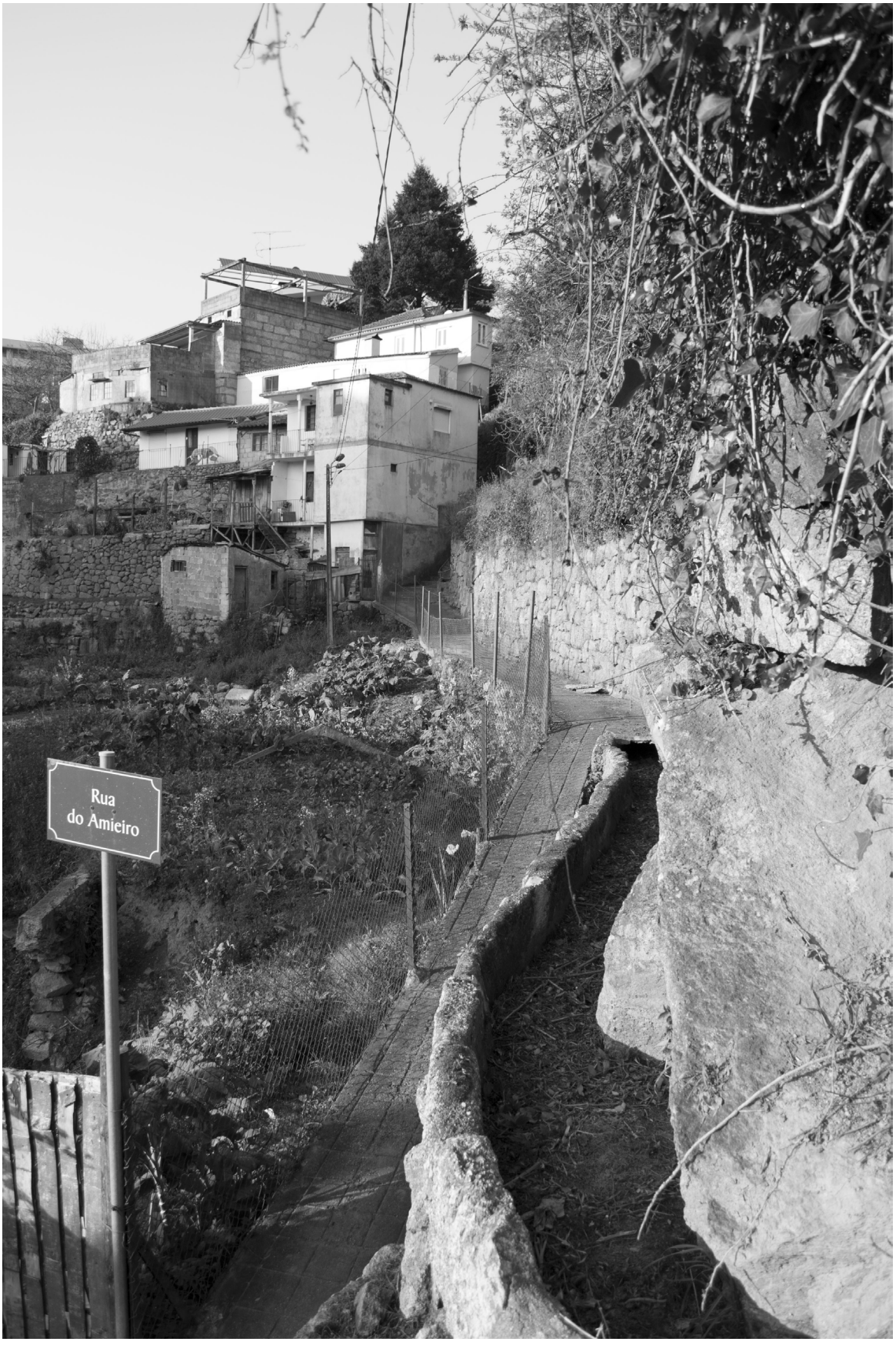






III. Rua do Amieiro

"Desenhada por quem a percorre, calcando as ervas daninhas, tornando-a num percurso de terra batida [...] que se transforma numa escadaria que se deslocará como uma serpente"


Rua
do Amieiro












38

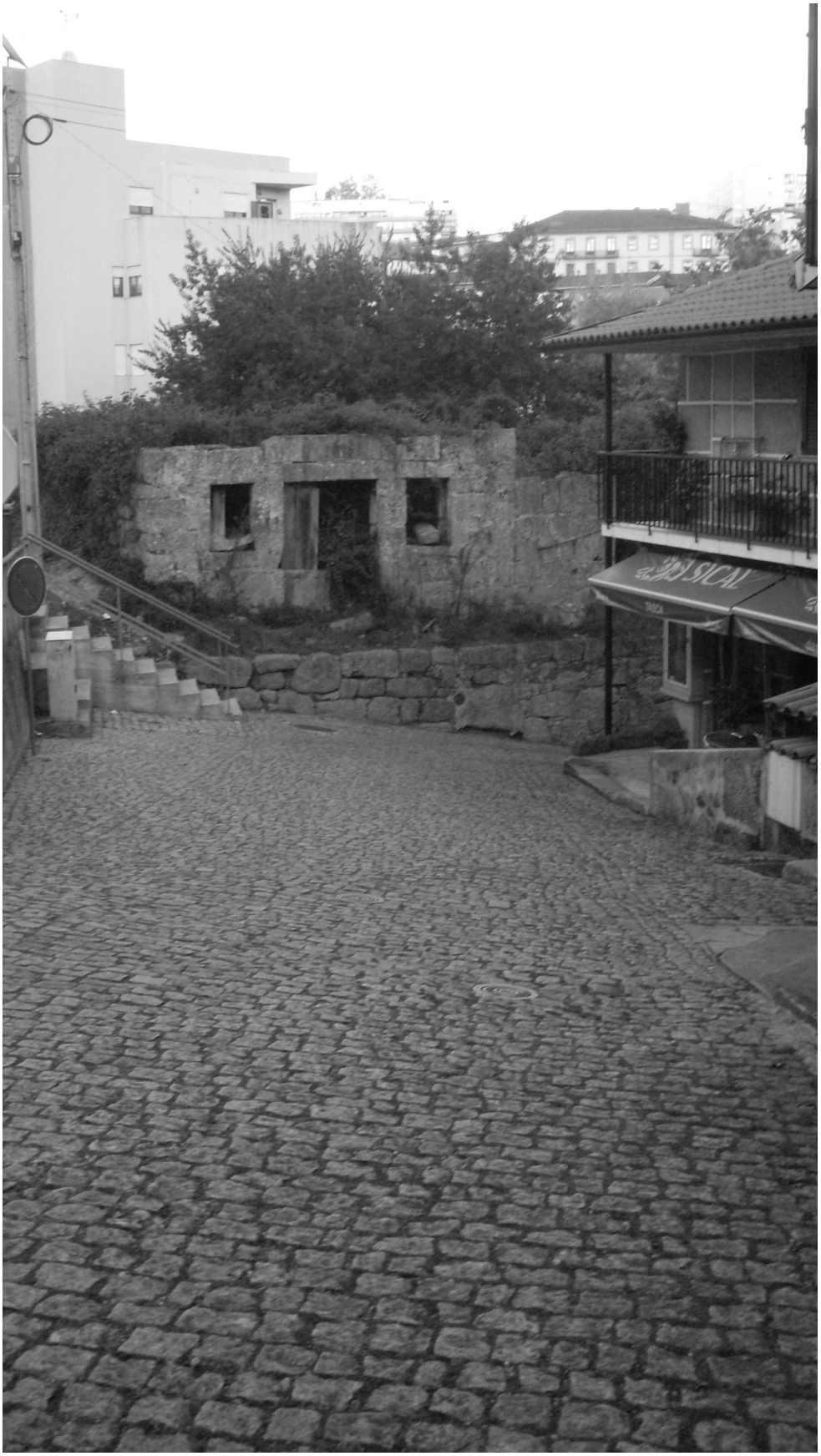

LIVRARIA ZE
05·18·TR





IV. Rua Manuel de Barros

"A recepção é feita por uma ruína, e a rua que desce quase até à cota de água, revela todas as casas que configuram o bairro da Torre, [...] à medida que as árvores vão adensando sabe-se que o percurso se aproxima do fim"























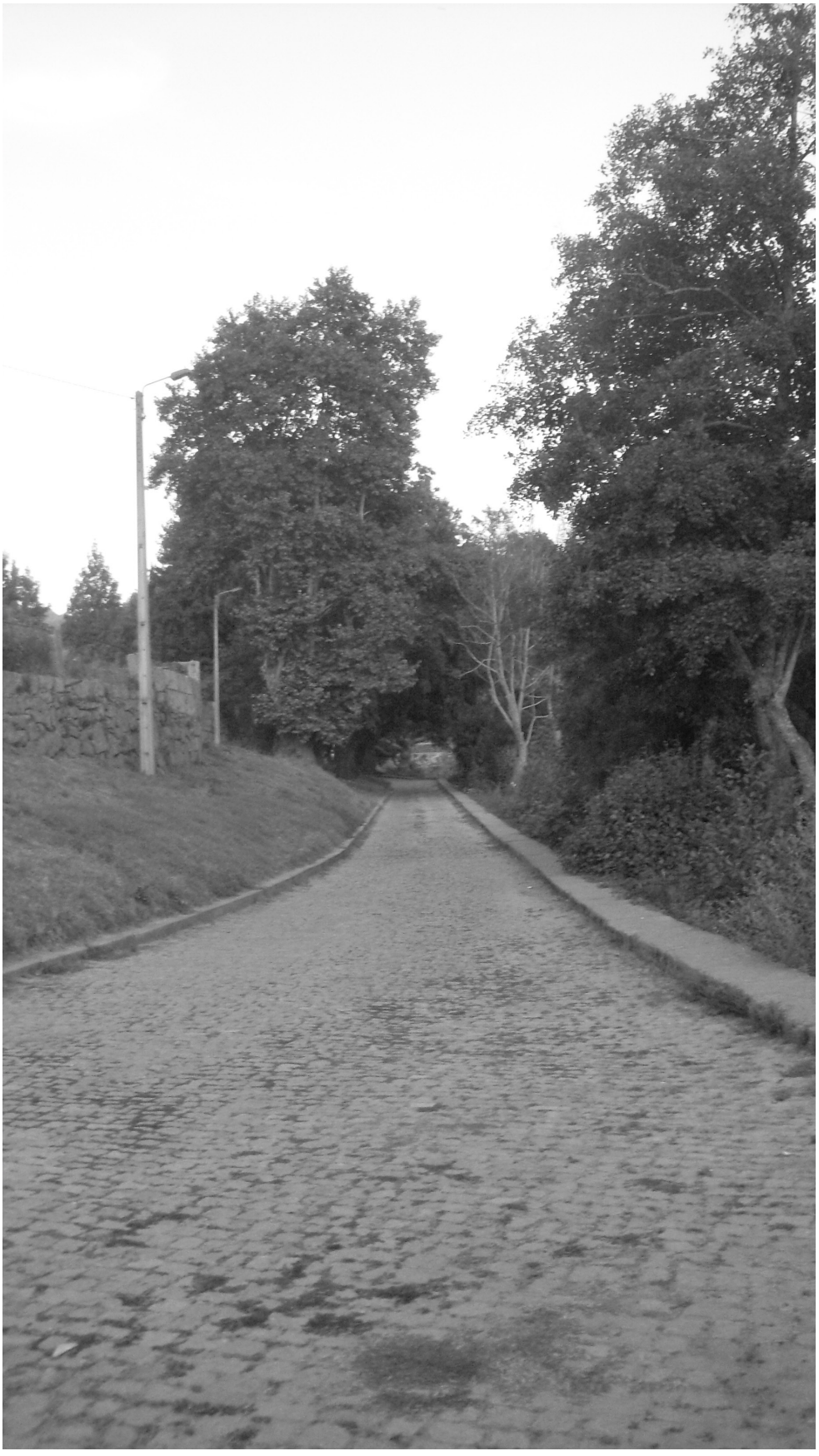






















V. Rua Cândido dos Reis

"A rua que articula toda a sucessão de ruas por onde já se esteve"












P


MB
zona
P




meo
abreu
VIAGENS · TURISMO






VOTA
BLOCO

VI. Rua Francisco Sá Carneiro

Rua das Bucas

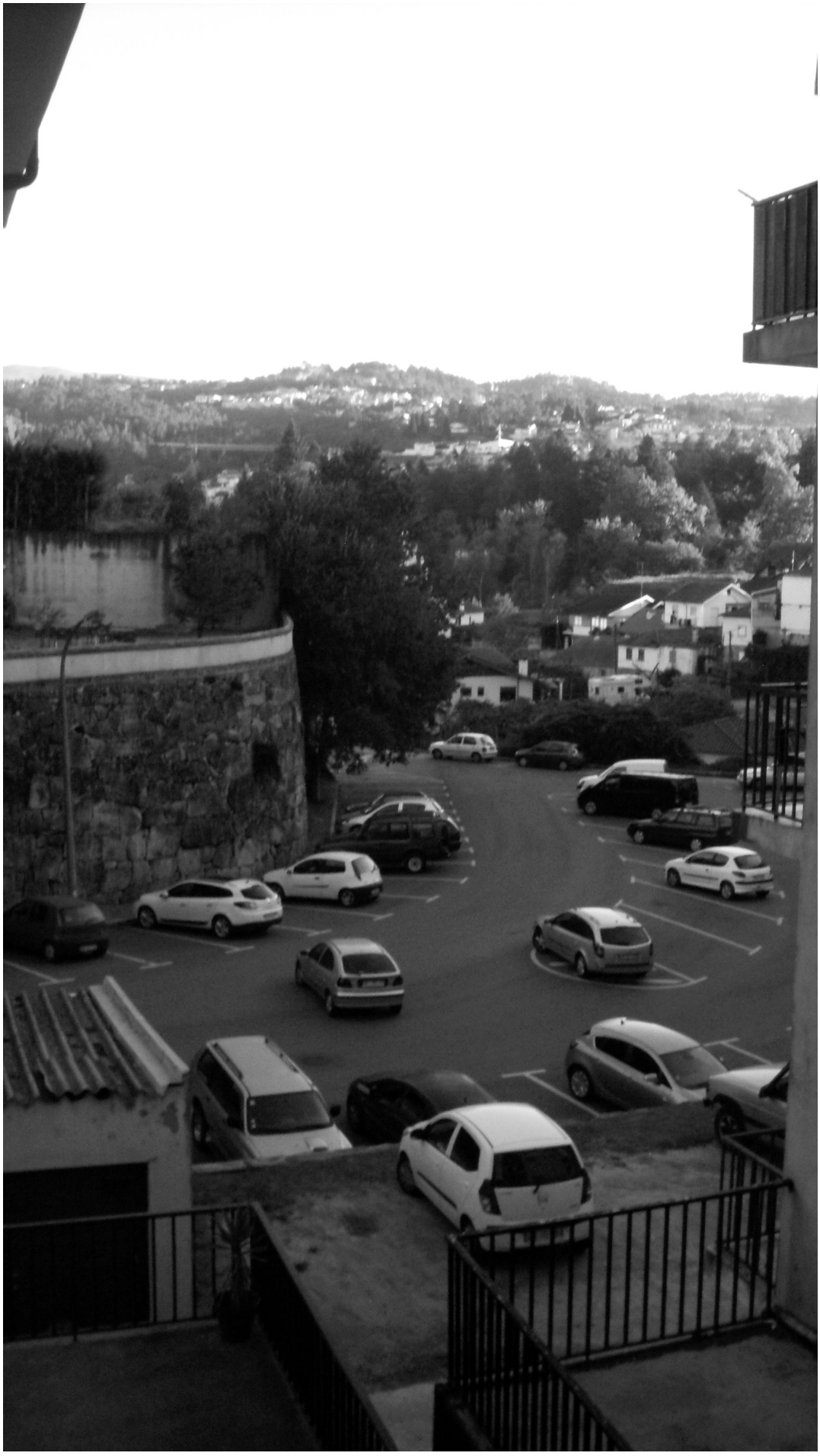
"Tivesse que se atribuir um objecto que caracterizasse a Rua, escolher-se-ia o automóvel."


STOP



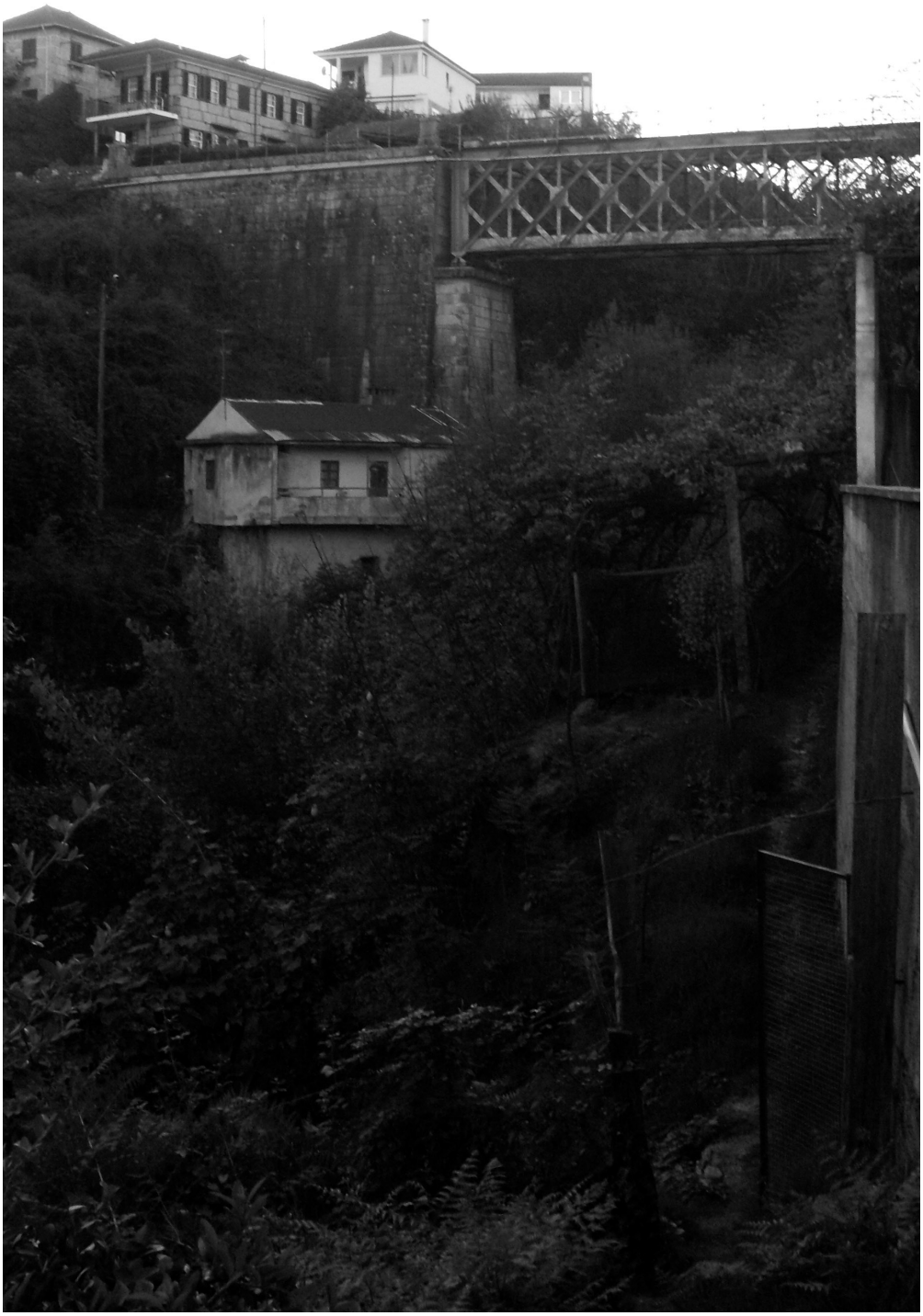


















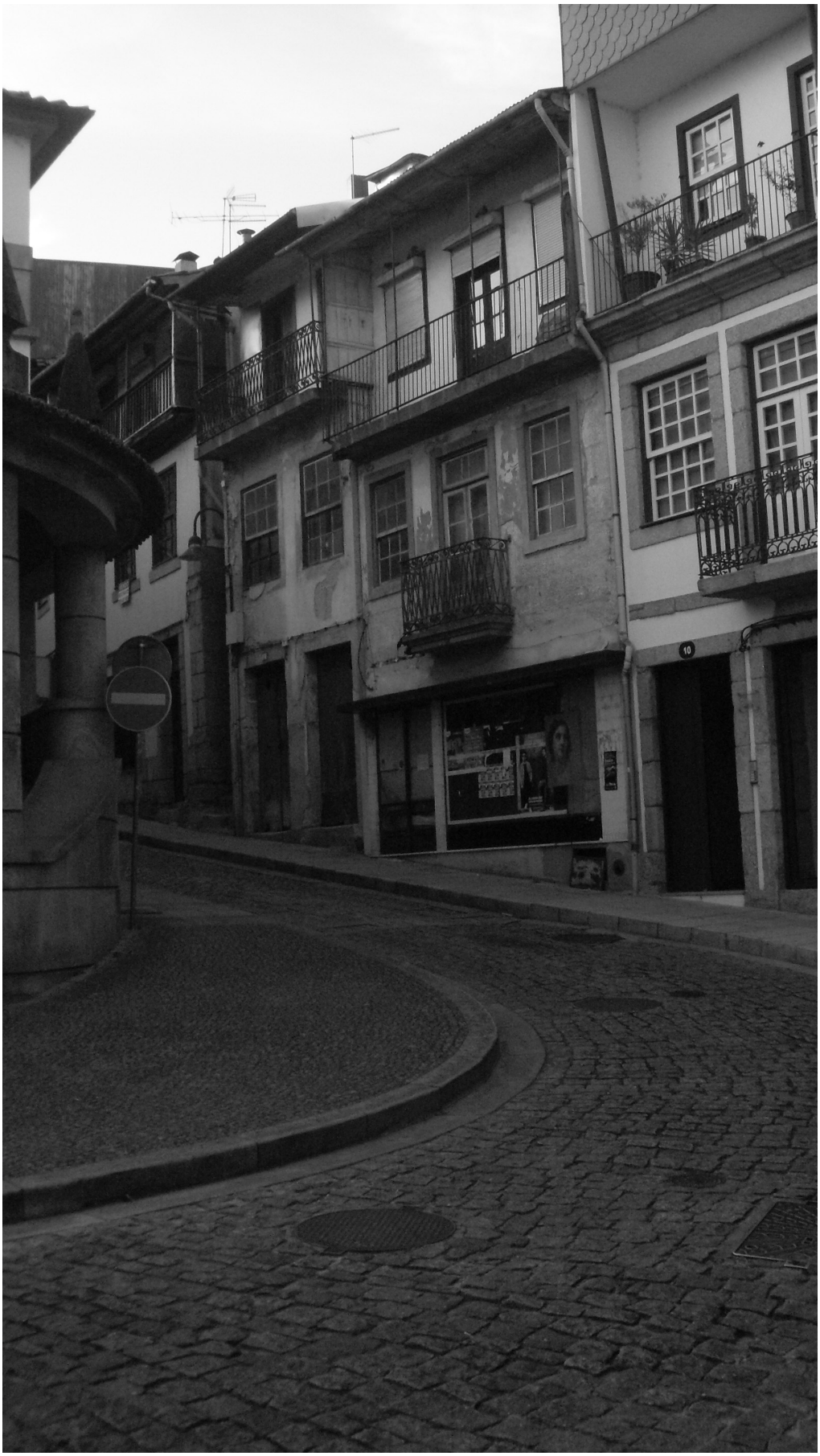




VII. Rua Teixeira de Vasconcelos

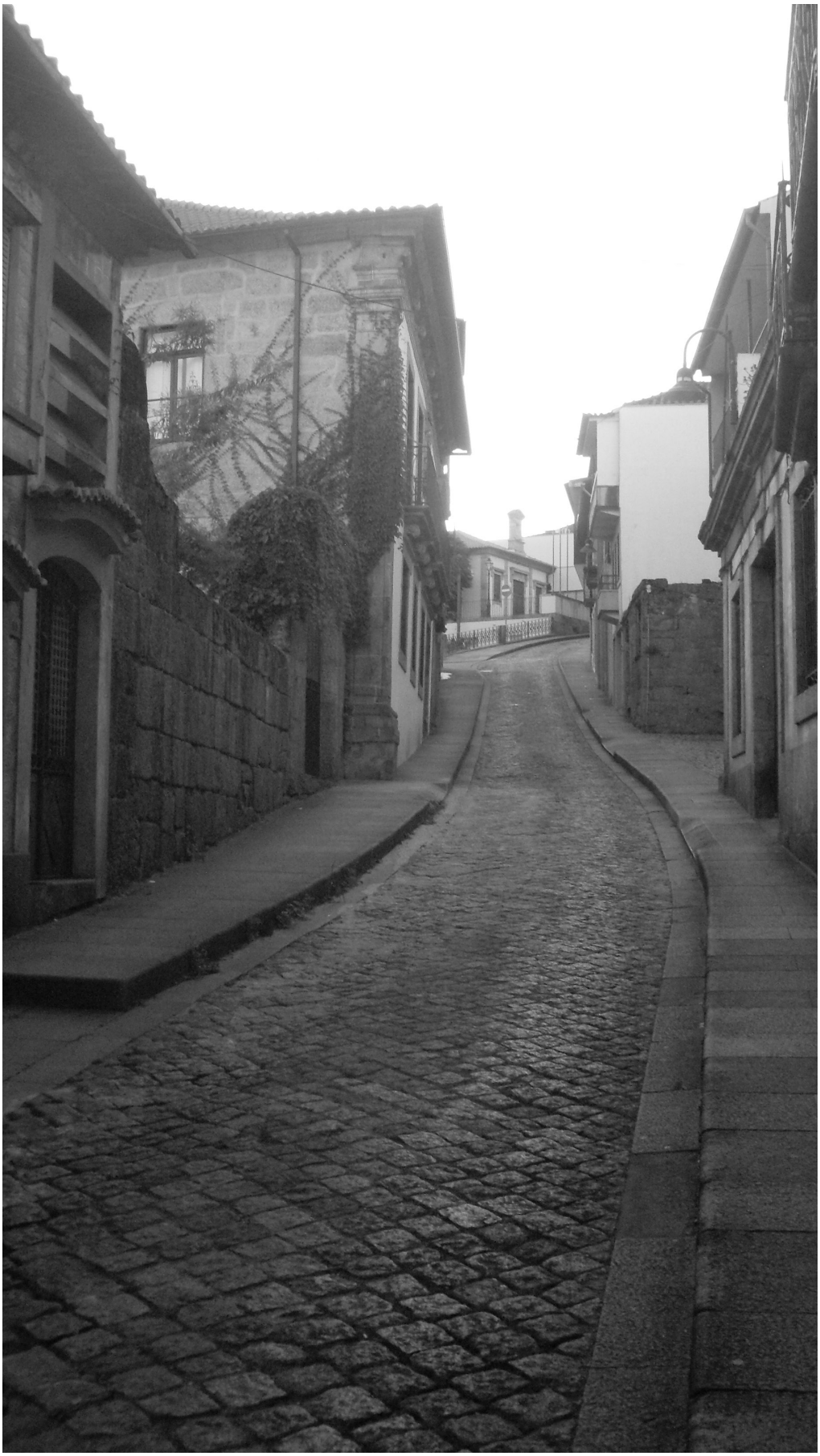
Rua da Cadeia

"Nesta rua que se desenha estreita pelo edificado [...]
a atmosfera é familiar"
















OPTICALI

VIII. Rua 5 de Outubro

“O que lhe falta em extensão tem em unidade...”


C A F






ERA
Millennium


A FORÇA DO BLOCO
FAZ A DIFERENÇA

À Margem

"Lugar de fronteira entre cidade e espelho"











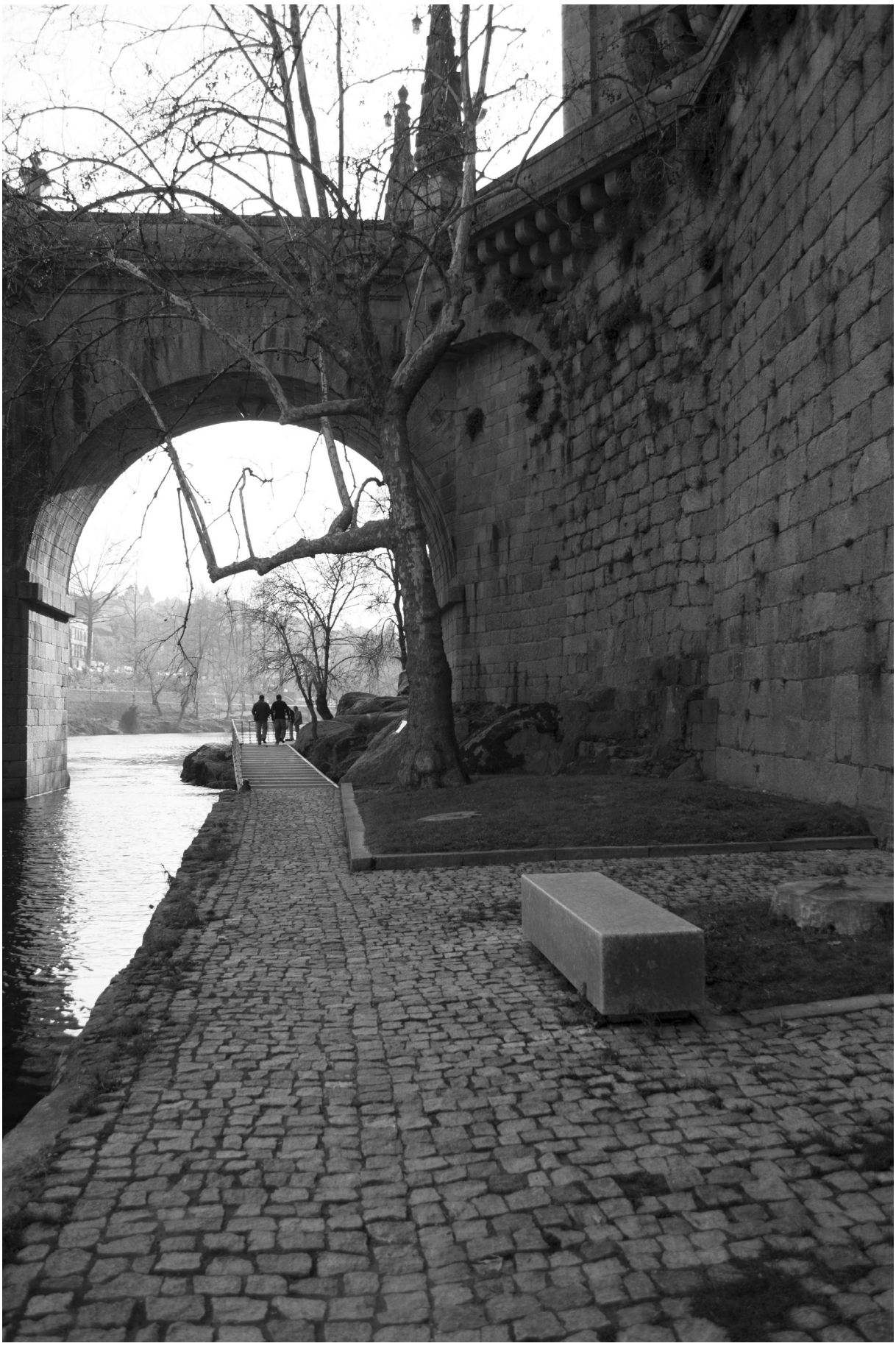
















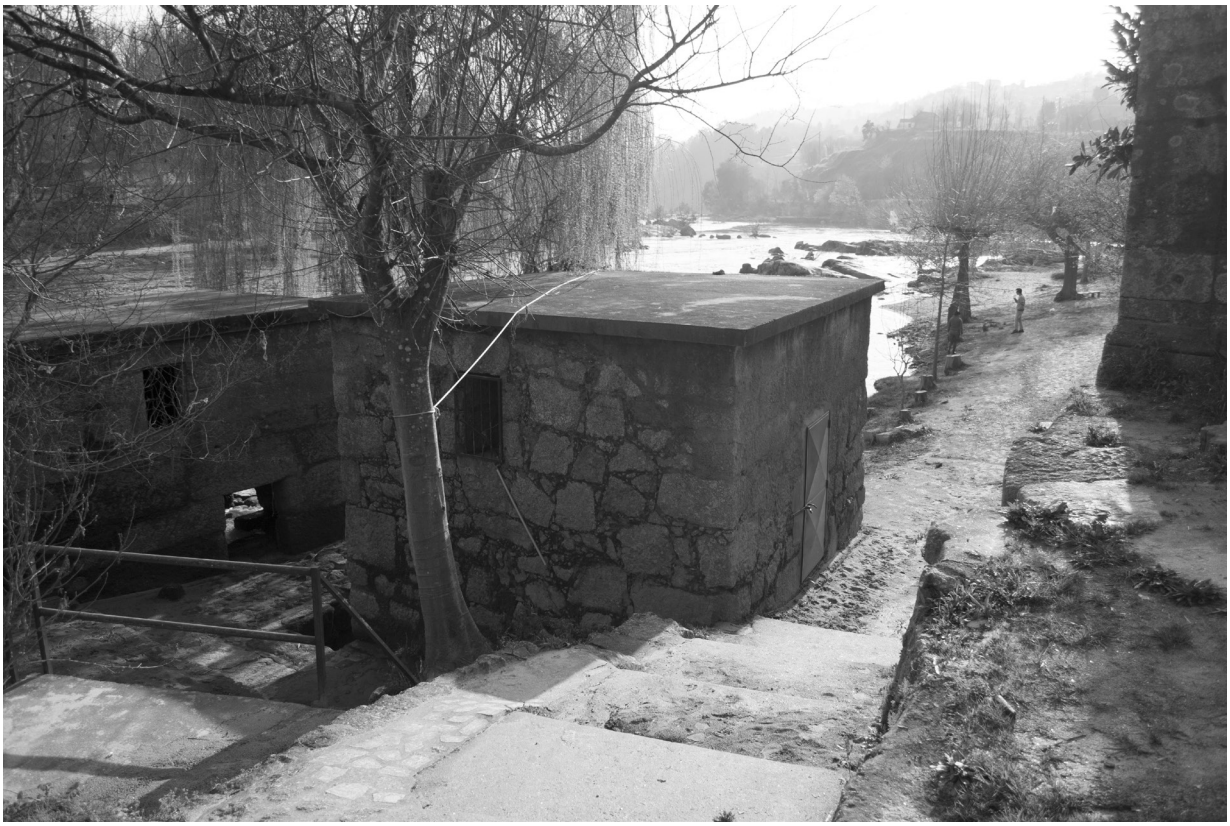

S. JOSÉ
RESTAURANTE







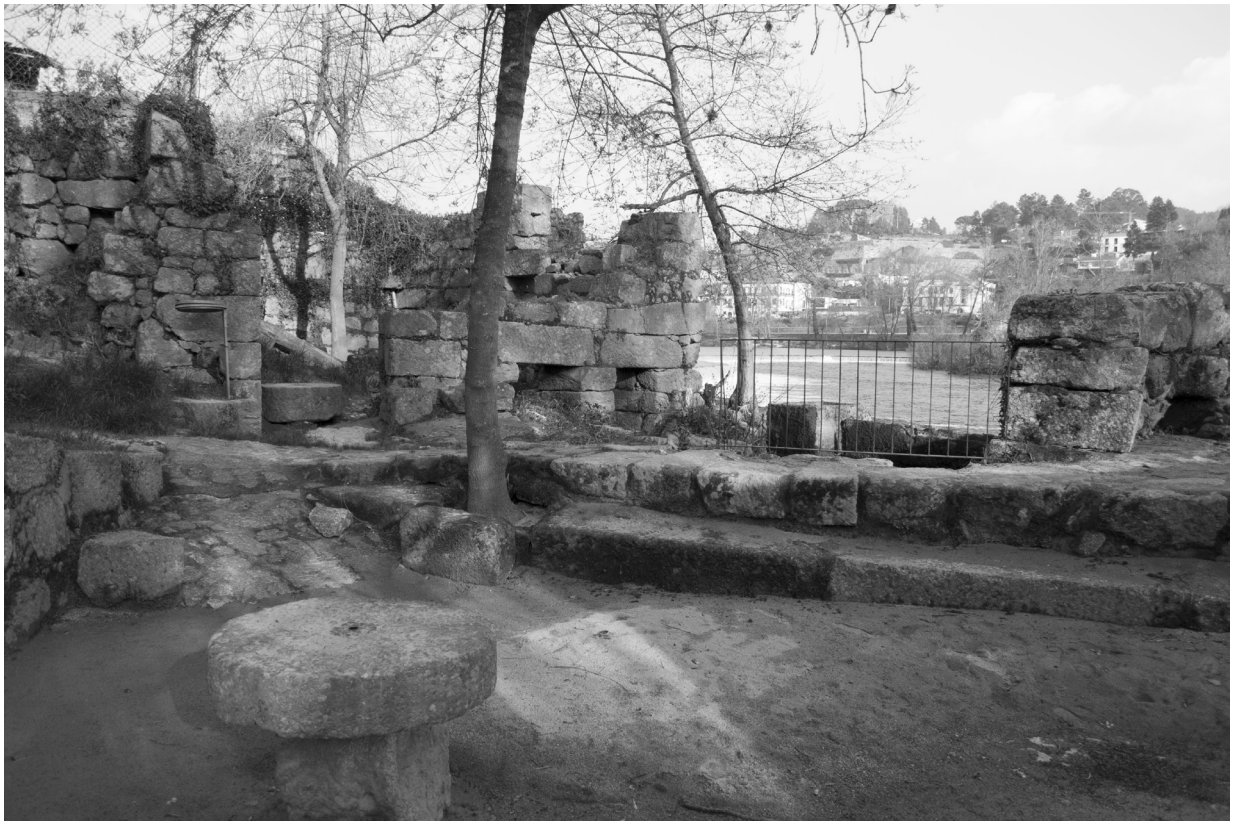


















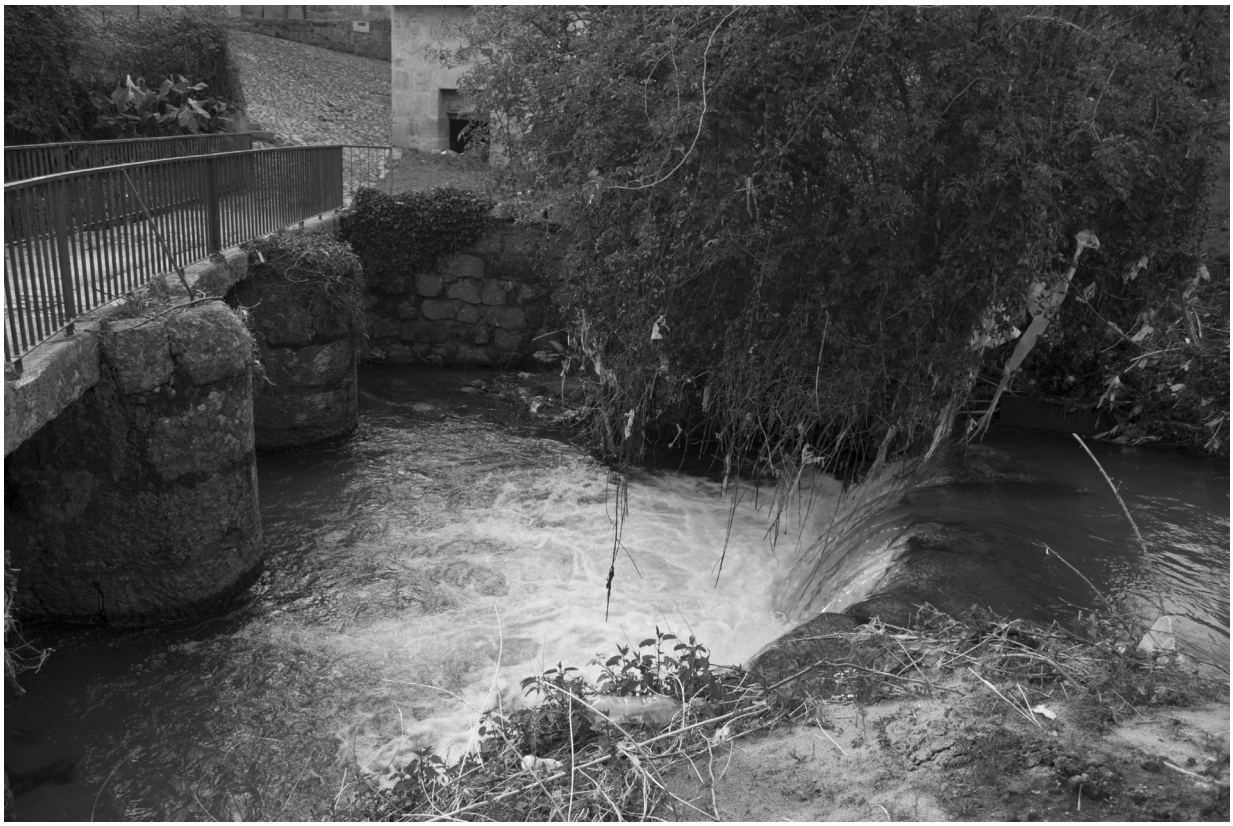






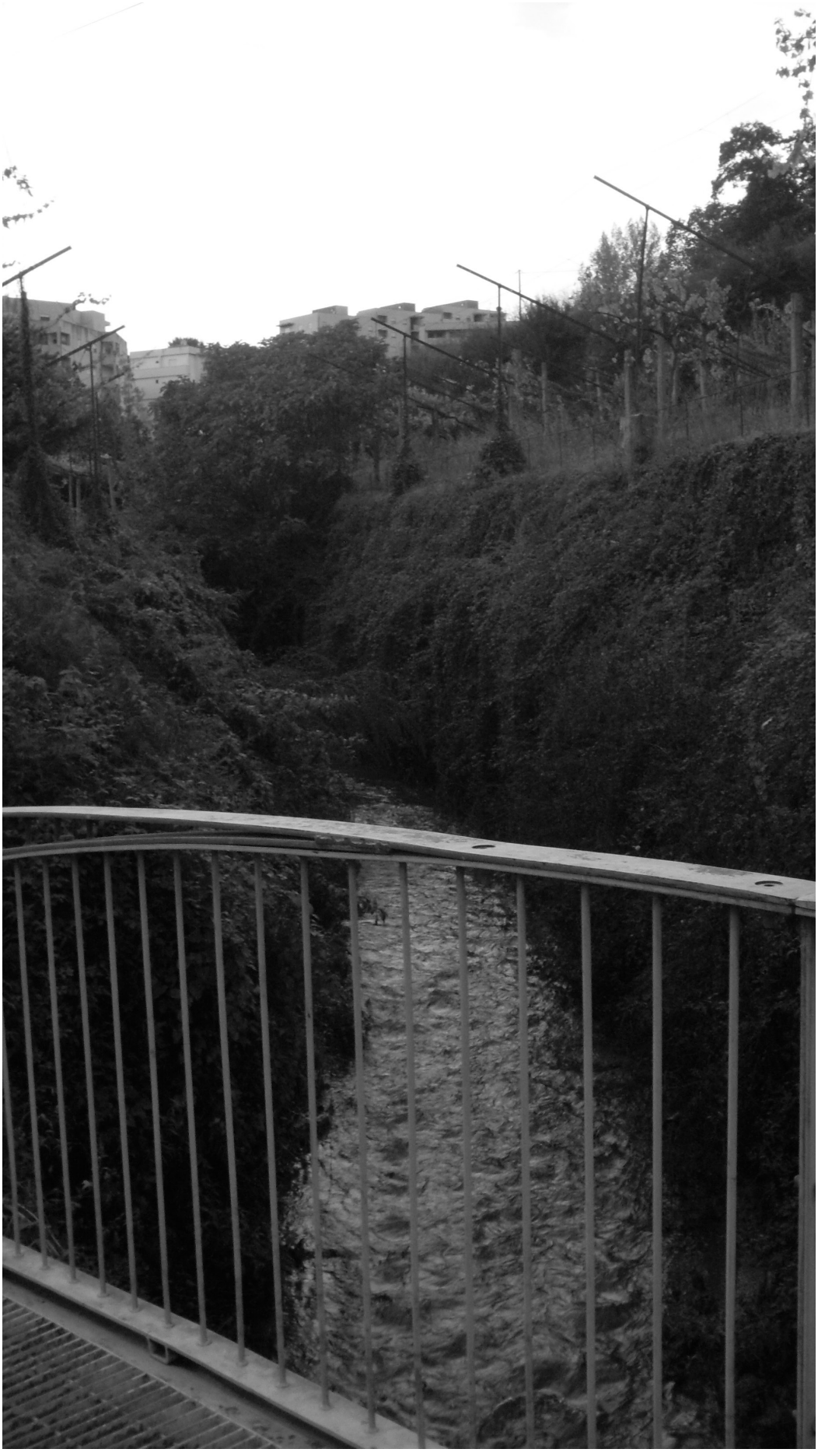
A sombra de um lugar

"convivem as ruas novas com as antigas, os edifícios novos com os históricos, igrejas e ruínas, numa topografia marcada pelas subidas íngremes e descidas acentuadas"





Ribeiro de São Lázaro



Ribeiro de São Lázaro



Ínicio da rua Manuel de Barros



Pormenor: Bairro da Torre





Bairro da Amieiro



Bairro da Amieiro



Bairro da Amieiro



Bairro da Amieiro

Azenhas dos Morleiros - Linha de água





Azenhas dos Morleiros - Vista do areal

Areal - Praia das Azenhas





Azenhas dos Morleiros - Vista do areal



Vista para o Rossio





Vista para o Rossio

Vista para o Rossio





Vista do parque de estacionamento



Vista do Rossio

Vista do Rossio





Parque de estacionamento do Rossio

Fonte da Quelha e Edificado da Cândido dos Reis





Antigos terrenos agrícolas entre o Rossio e o bairro da Torre

Eudóxia

“Em Eudóxia, que estende para cima e para baixo, com becos tortuosos, escadinhas, vielas e pardieiros, conserva-se um tapete em que se pode contemplar a verdadeira forma da cidade.”

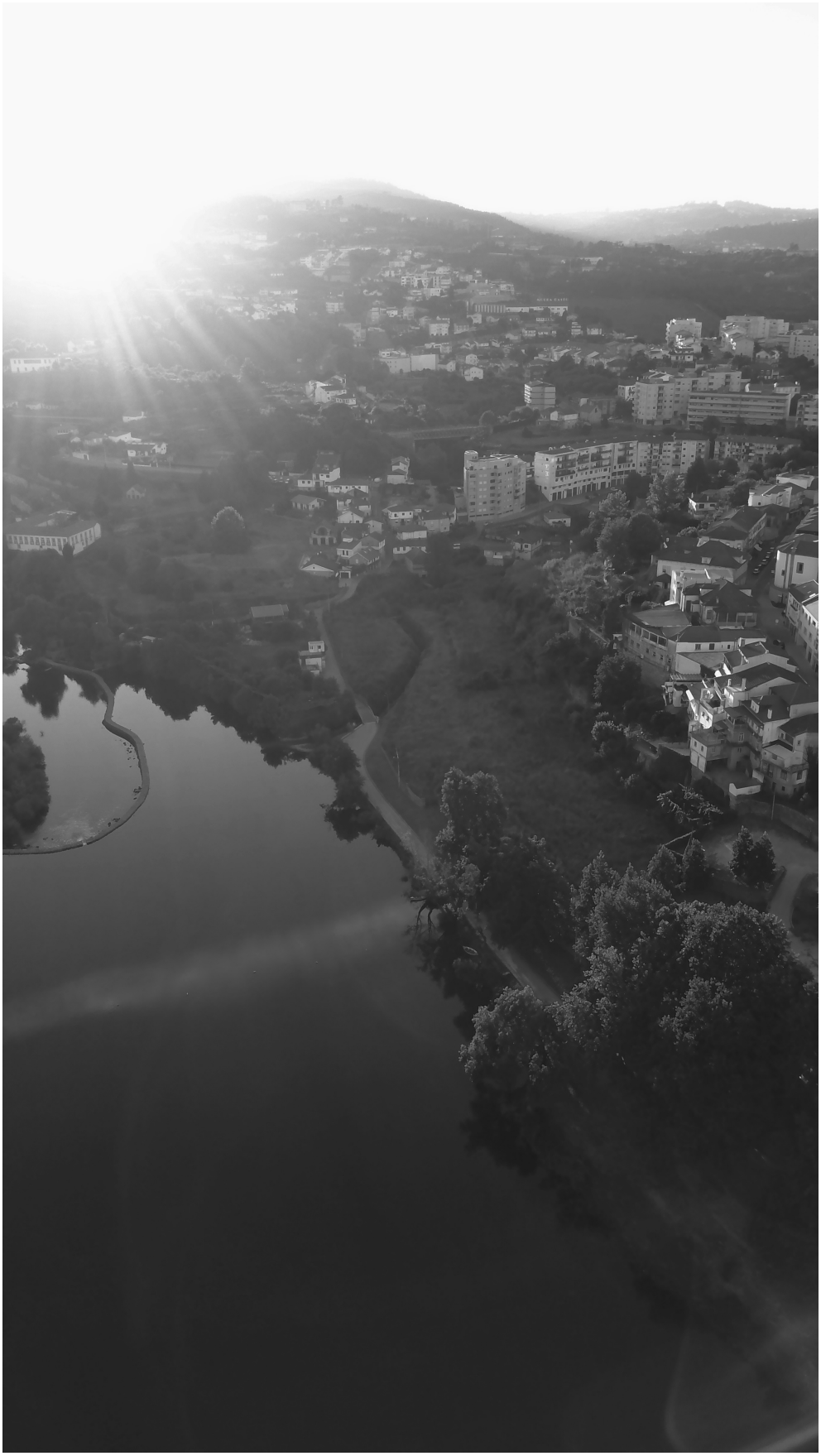
●



Vista aérea geral do centro histórico de Amarante 1/3



Vista aérea geral do centro histórico de Amarante 2/3



Vista aérea geral do centro histórico de Amarante 3/3

Vista aérea do parque de estacionamento do Rossio

Vista aérea da Rua Cândido dos Reis (Varanda sobre a cidade)





Vista aérea da Rua Cândido dos Reis e Rossio

Vista aérea da ponte e calçada Eduardo Teixeira Pinto





Vista aérea das três pontes sobre o Ribeiro





Vista aérea do parque de estacionamento de Santa Luzia e bairro do Amieiro

Vista aérea do ponto final do Ribeiro de São Lázaro e bairro do Amieiro





Vista aérea do bairro da Torre





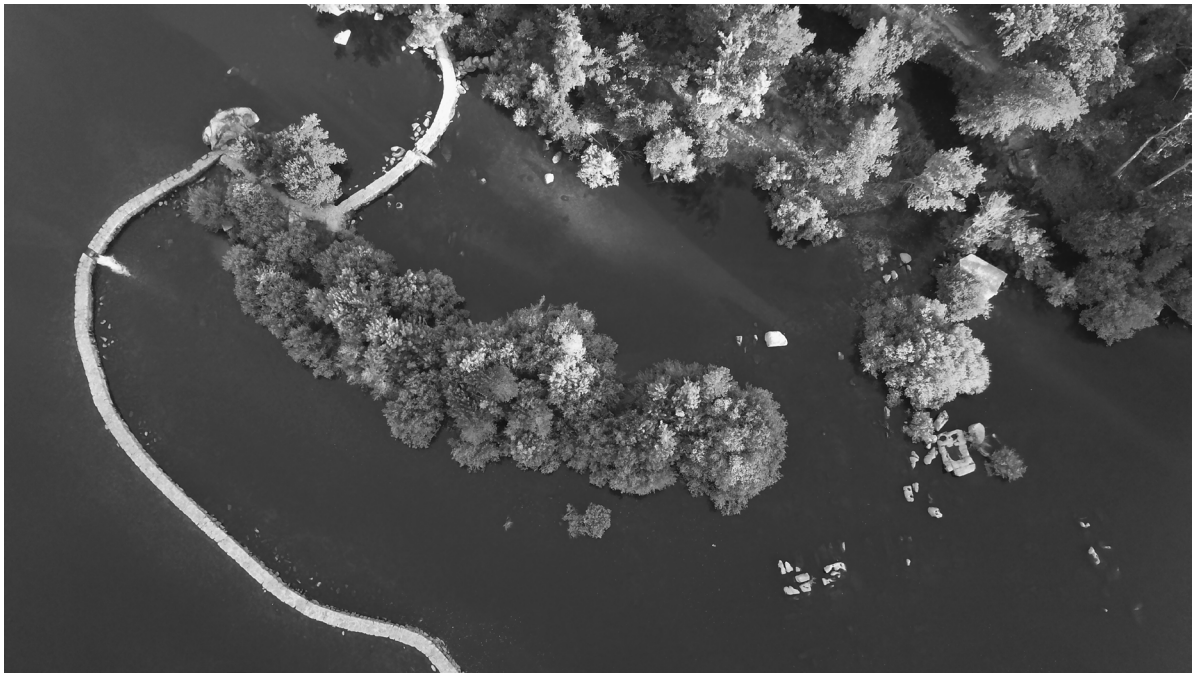
Vista Oeste da área de intervenção





Vista aérea das Azenhas

Vista aérea da Açude e Ilha





Vista aérea Oeste

Vista aérea das duas margens





Vista aérea da margem esquerda

Vista aérea das duas margens

